BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.1/407

348

PROC.-
LIV.- 01
FOLH.- 09
247

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

PEÇA: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

	DISTRIBUIÇÃO
AUTOR: PEDRO BLOCH	
PROTOCOLOS Nºs:	
08888/82-DCDP	

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412, p.2

2

Ao
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PUBLICAS DO
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
BRASILIA - DF-

Senhor Censôr:

O GRUPO EXPERIMENTAL RIBEROPRETANO DEAMADORES (GERA), com séde à rua São Sebastião, 478, 2º andar, sala nº 22, telefone 2002, caixa postal, 665, na cidade de Ribeirão Prêto, Estado de São Paulo, pretendendo encenar o texto anéxo, em três cópias, "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES", de autoria de Pedro Bloch, vêm respeitosamente, solicitar o competente Certificado de Censura, da peça referida.

Agradecendo a atenção que fôr dignada à esta nossa solicitação, apresentamos os protestos de nosso elevado apreço e distinta consideração, com as nossas

respeitosas saudações.

-Alcides Soares-
Diretor

-Silvio Carlos Kroll-
Diretor

Ribeirão Prêto, SP., 02 de abril de 1969.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p 3

Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PEÇA: "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES"
AUTOR: Pedro Bloch

Sr. Chefe da TCTC,

Lidos os scripts - o já censurado e o constante do presente pedido - desta peça, verificamos a perfeita identidade entre os mesmos. Trata-se do mesmo tema, sob a mesma forma de apresentação: a história de Geraldo e Sílvia, um casal desajustado, em que a espôsa hàbilmente dominava o marido, fazendo-o crer justamente o contrário. Esta atitude decorria da frustação e do recalque de Sílvia que não era bela e não possuía outros atrativos além da sua inteligência.

O desfêcho do drama se dá quando Sílvia, levada por uma atitude de inconformismo e de vingança, denuncia a verdadeira atividade do marido à polícia e êste vai se entregar, uma vez que a sua emprêsa de produtos de beleza era apenas uma capa sob qual se escondia uma ilícita atividade, o contrabando. Antes de sair, porém, Geraldo declara o seu amor à espôsa e justifica algumas atitudes, ratificando mais ainda êste amor. Sílvia, então, descobre o verdadeiro significado dêste sentimento.

Esta peça já foi liberada anteriormente por êste Serviço, com a impropriedade de 14 anos, tendo sido expedido certificado 247/68, com validade até maio de 1969. Dada a temática do entrecho, achamos por bem sugerir uma impropriedade superior, ou seja, 16 (DEZESSEIS) anos, deixando, entretanto, a critério da Chefia, a opção entre esta classificação ou a manutenção da classificação anterior.

-IMPRÓPRIA ATÉ 16 (DEZESSEIS) ANOS-

Brasília-DF, 16 de abril de 1969

Antonio de Pádua Carvalho Alves
Credenciado- Cart.058-DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.4

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo, encaminho a peça abaixo especificada com o voto do Técnico de Censura Credenciado Antonio de Pádua, que a reexaminou.

TÍTULO: "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES"
AUTOR: Pedro Bloch
RESTRIÇÃO: A critério da Chefia: 16 ANOS ou manutenção da classf.anterior,14 ANOS.

Brasília, 17 de abril de 1969

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
Chefe da TCTC

Ao Sr. Chefe do S.C.D.P.

Chefe da Seção de Censura

Expedir o Certificado com base na impropriedade anterior, de 14 anos.

Em: 18/4/69.

Chefe do SCDP

0412.p.5

Coleção

TEATRO NACIONAL

Número 22

15/150

Os Inimigos Não Mandam Flores!

COMÉDIA EM TRES ATOS
DE
PEDRO BLOCH

EDITORA TALMAGRAFICA
41, RUA PEDRO I, 41
RIO DE JANEIRO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.6

O MANUAL PRÁTICO DE CARACTERIZAÇÃO

(TECNICA)

Do Prof. OLEGARIO AZEVEDO

Êste compêndio de Técnica, único do gênero no Brasil, tem ensinamentos claros da especialidade para amadores, artistas principiantes e até mesmo para profissionais.

Obra profusamente ilustrada será auxiliar indispensável nas mãos de todos os que cultivam a arte no Teatro.

São seus capítulos principais:

PARTE TEÓRICA: O que é caracterização. Conhecimentos gerais. Coloração da Pele. Formas de Nariz. Os Olhos. Os Sabelos. O Queixo. Rormas da Cabeça. Maçãs do Rosto. Conformação da face. Estudo sôbre Fisionomia.

PARTE PRÁTICA: O material de caracterização. Como aplicar o "geral" ou "base". O vermelho das faces. Como o "galã" ou a "ingênua" deve se caracterizar. Crepes. Para esconder bigodes. Caracterização das atrizes. Damas centrais. Caricatas. Os narizes. Efeitos de luz. Tipos de velhos. Palhaços. Caipiras. Como pintar os olhos. As côres dos olhos. Como pintar os lábios. Como fazer as rugas. Como simular o rosto cavado (magresa). Falhas de dentes. Cabeleiras. Como colocar as cabeleiras. As sobrancelhas. Os cílios. Os óculos. Como colocar os bigodes e as barbas. Barba aplicada. Como fazer tipos de negros, mulatos, índios, chineses, etc.. Para tirar a pintura do rosto.

Êste Manual contêm ainda o excelente capítulo intitulado: COMO OS GRANDES ARTISTAS SE CARACTERIZAM, ilustrado com retratos de tipos criados por diversos atores e atrizes.

O "MANUAL PRÁTICO DE CARACTERIZAÇÃO — (Técnica) — é profuzamente ilustrado com desenhos, o que torna os ensinamentos nele contidos, claros e muito compreensíveis.

Preço — Cr$ 20,00

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p.7

"OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES!"

COMÉDIA EM 3 ATOS

de

PEDRO BLOCH

ALMAGRÁFICA
DISTRIBUIDORES - PRODUTORES
DE LITERATURA TEATRAL
MATERIAL TEATRAL
IMPRESSOS EM GERAL e MAQUILLAGEM
R. PESSÔA DE BARROS, 8 - Fone 32-5350

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p-8.

COLEÇÃO TEATRO NACIONAL

A "Coleção Teatro Nacional" tem a satisfação de editar um dos mais interessantes e aplaudidos trabalhos de Pedro Bloch: — "Os inimigos não mandam flores!", peça em 3 atos para dois personagens.

O Teatro de Pedro Bloch alcança, hoje, amplitude mundial.

Sua "As mãos de Eurídice" foi apresentada em Boston, Filadelfia, New York e outras cidades dos Estados Unidos.

Chapman, um dos maiores críticos norte-americanos, do "Daily News", disse que "As mãos de Eurídice", de Pedro Bloch, é uma interessantíssima novidade teatral e que como peça e interpretação merece a atenção de todos os que se devotam sèriamente ao teatro".

Pedro Bloch já foi aplaudido por críticos de Buenos Aires, Montevidéu, Santiago do Chile, Lisboa, Pôrto, Tel-Aviv, Jerusalém e muitas outras cidades.

"As mãos de Eurídice" obteve, por unanimidade de votos o primeiro prêmio de Teatro **(Prêmio Artur Azevêdo)** da Academia Brasileira de Letras.

Por grande maioria de votos foi Pedro Bloch eleito o **"melhor autor brasileiro de 51"**, pela Associação Brasileira de Críticos Teatrais, merecendo a medalha de ouro por ela instituida.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.9

PEÇAS DE PEDRO BLOCH

"AS MÃOS DE EURÍDICE" — Em dois atos para um só ator. Criação de Rodolfo Mayer, em português; de Maurice Schwartz, em inglês; de Zygmunt Turkow, em idish e hebraico.

"IRENE" — Comédia em três atos. Criada no Teatro Regina pela companhia Dulcina-Odilon, Rio. Apresentada pela mesma companhia em Portugal.

"OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES!" — Comédia em três atos. Criada no Teatro Serrador, do Rio, por Samaritana Santos e Flávio Cordeiro. Em São Paulo, por Ludí Veloso e Armando Couto.

"A MANCHA" — Comédia em três atos. Criada por "Eva e seus artistas", no Teatro Serrador do Rio.

"UM CRAVO NA LAPELA" — Comédia em três atos. Criação dos "Artistas Unidos" com Madame Morineau, no Teatro Copacabana.

"DE VOLTA À VIDA" — Em três atos para um só ator. Na primeira versão foi representada por Graça Melo com o título de "Esta noite choveu prata". A segunda versão, a definitiva, adaptada para o "idish" por Zygmunt Turkow, foi por êle representada, no Rio, em São Paulo, na Argentina, no Uruguai, no Chile e em Israel.

"MORRE UM GATO NA CHINA!" — Comédia em três atos. Criação de Procópio no Teatro Serrador.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p.10

"LEONORA" — Comédia em três atos. Criação da Companhia Dulcina-Odilon.

"UM ANÃO CHORA BAIXINHO" — Comédia em três atos. Criação da companhia Milton Carneiro.

"A XÍCARA DO IMPERADOR" — Comédia em três atos. O terceiro ato com cinco finais em cinco estilos diferentes. Comp. Sandro, Teatro Colombo, São Paulo.

"A CAMISOLA DO ANJO" — Comédia em três atos. (Parceria com Darcy Evangelista). Criação de Aimée, no Teatro Rival.

"O GRANDE ALEXANDRE" — Comédia em três atos. (Parceria com R. Ruiz). Criação da Companhia Déa-Cazarré, no Teatro Boa[illegible]ta de São Paulo, e pela Companhia Brasil[illegible] de Comédias em Portugal.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p-11

"OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES!"

Comédia em três atos

PERSONAGENS:

GERALDO — Um homem jovem, belo e elegante. Tem um diploma de engenheiro mas não exerce a profissão. Dá a impressão de ser totalmente dominado pela sua espôsa, Sílvia.

SÍLVIA — Uma mulher feia e deselegante. De comum com Geraldo só parece ter a juventude, mas a amargura lhe aumenta a idade implacàvelmente. Sua fealdade não é bem física. Não se poderia localizá-la. Ela dá a impressão de que sua alma, derramando-se pelo rosto, é que lhe empresta aquela máscara.

——::——

Época: — Atualidade. O conflito, porém, é de qualquer tempo.
Ação: — Rio de Janeiro. Poderia acontecer em outro lugar qualquer.

——::——

Esta peça foi representada, pela primeira vez, no dia 12 de março de 1951, no Teatro Serrador do Rio de Janeiro, pelos atores Samaritana San-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412p.12

tos e Flávio Cordeiro. Direção de Graça Melo. Cenário de Darcy.

A seguir passou para o Teatro Cultura Artística, de São Paulo, alcançando mais de cem representações, com Ludí Veloso e Armando Couto, dirigida por Armando Couto e com cenário de Thiré. Seguiu-se, pelo mesmo elenco, uma temporada popular no Teatro São Paulo, numa apresentação da Sociedade Paulista de Teatro. S. Santos e Rodolfo Arena apresentaram esta peça no Norte do Brasil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p.13.

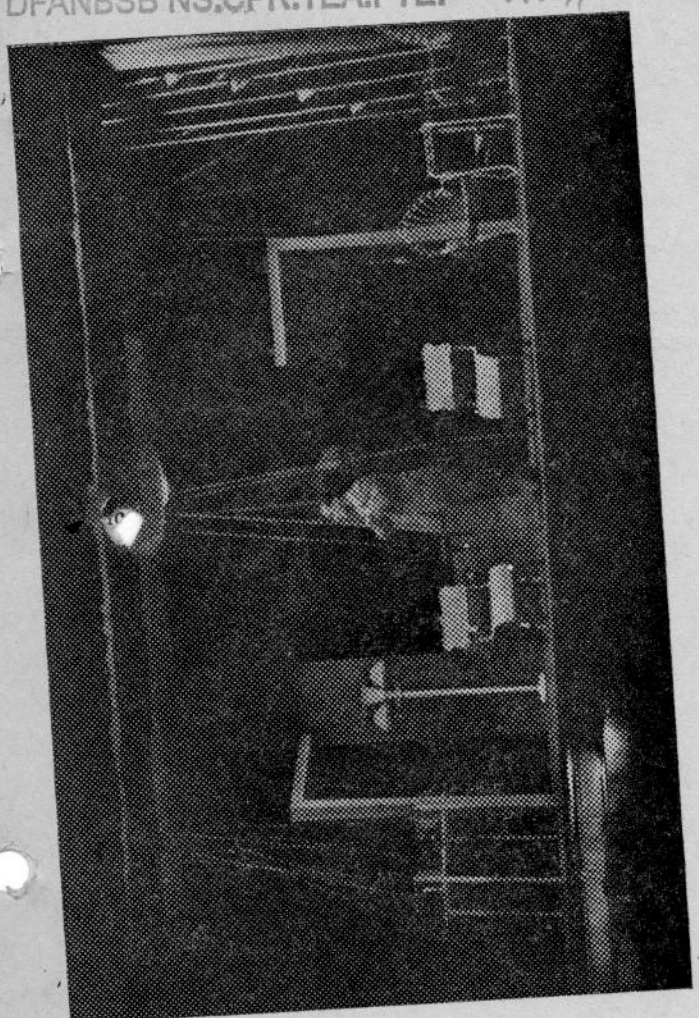
DUAS PALAVRAS

Esta peça tem apenas dois personagens. Porisso as condições em que ela está escrita e em que ela deve ser representada são muito particulares. Num conflito em que só existem duas pessoas há necessidade, além do conteúdo humano, além da substância da peça, além da seiva que ela contém, há necessidade — dizia — de recursos de TEATRO. O conflito precisa caminhar, precisa desenvolver-se dentro de um ritmo próprio, dentro de um ritmo que prenda o espectador e que o faça olvidar que está diante de um trabalho em que só atuam dois artistas.

Cabe à direção dar-lhe riqueza de marcações, ritmo de representação, movimento cênico expressivo. À música deverá caber um papel acessório, mas importante, pois ela é usada na apresentação, nos entreatos, no final e durante as "hipnotizações" do primeiro ato. Dentro de pouco tempo a peça terá música especialmente escrita por um grande compositor brasileiro. Enquanto esta partitura não se apronta caberá ao diretor escolher música que exprima "angústia". Ao cenário também cabe um papel importante, pois o ideal seria reduzir as dimensões do palco para criar mais "ambiente" para os dois intérpretes.

P. B.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412,p.14



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0912 p.15.

PRIMEIRO ATO

Música expressiva durante 2 minutos.

Antes de abrir-se o pano SÍLVIA aparece no proscênio e recebe uma "corbeille" de flores que um mensageiro, vindo da platéia, lhe traz. Faz um sinal para que êle espere e quando volta para o palco o pano vai-se abrindo lentamente. O cenário nos dá idéia de um teatro de marionetes, graças a uma concepção moderna de fios que se cruzam e que a luz ressalta. Alí no palco está GERALDO como que paralisado, como se fôsse um boneco sem vida. SÍLVIA deposita numa cômoda as flores e dirige-se a GERALDO. Tira-lhe a carteira do bolso detrás das calças, gratifica o mensageiro, e quando vai repôr a carteira percebe que o público deve estar admirado com tudo aquilo.

SÍLVIA

(A platéia) Meus senhores! Êste aqui é o meu marido. Um belo homem conforme vêm. **(A uma espectadora).** A senhora não acha? Saudável, **(Mostra-lhe os dentes como quem movesse a cabeça de um manequim)** trinta dentes, **(Bate-lhe no abdome)** sem banhas excessivas e funcionando, perfeitamente, com certificado de garantia. Anda, respira, come,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p-16

bebe e fala. Para que um homem como êste goste de uma criatura feia como eu é necessário, antes de mais nada, cultivar-lhe o orgulho como quem cultiva orquídeas. Cultivar-lhe a vaidade com chuva apropriada, sol apropriado, tudo no seu devido momento. Êle olha tanto para dentro de sua vacuidade, para dentro de sua imensa vaidade, que não me vê. Porisso ainda não descobriu que eu sou tão feia. Bom, não é?

Estas flores quem comprou fui eu. O florista, de vez em quando, manda uma "corbeille" que eu pago com um cartão apaixonado que eu escrevo. Quero ver se lhe desperto um pouquinho de ciúme. Mas qual! Êle nem repara nas flores, nem repara nos cartões. Mal tem tempo para alisar o cabelo. **(Ela ordena estalando os dedos)** Alisa o cabelo, Geraldo! **(Êle alisa o cabelo como se fôsse um autômato)** Para ajeitar a gravata e o lenço. **(Diante de dois estalos, êle endireita a gravata e o lenço).** — Vocês, naturalmente, ainda não compreenderam porque êle está assim, como hipnotizado. Qualquer mulher é capaz de fazer isto, com qualquer homem. O homem nas mãos de uma mulher é um marionete, um fantoche, um boneco de dar corda. E nas mãos de uma mulher inteligente!... Oh-oh-oh-oh!... Nas mãos de uma mulher inteligente! **(A campainha do telefone toca. Geraldo faz menção de ir atender, pois o ruído o acorda. Ela torna a hipnotizá-lo e atende o telefone.)** — Alô, Juliana querida! Êle está aqui. Ainda não foi para o escritório..... Não. Esteja tranquila. Êle vai já. Um beijinho p'ra você. **(Desliga o telefone. Ao público)** Juliana pensa que eu não sei que ela foi escolhida para secretária de meu marido por certas qualidades estéticas independentes de seus pendores taquigráficos e datilográficos. A essas bone-

BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p.17

quinhas de porcelana eu sei aparar as asinhas. E' só dizer displicentemente: — "E', Geraldo. Ela é bonitinha. Pena ser tão burrinha!" — Aí êle muda, completamente, porque sua vaidade só lhe permite ser amado por mulheres bonitas E INTELIGENTES. Simples, não é? **(Estala os dedos diante de Geraldo que "acorda". Êle senta, folheia uma revista e o diálogo começa).**

SÍLVIA

As flores chegaram.

GERALDO

Que flores! **(Repara indiferente).** Ah, sim! **(Pausa).** Telefonaram para mim?

SÍLVIA

Não. Ah, sim!... Juliana.

GERALDO

A esta hora?!

SÍLVIA

Você prometeu serão no escritório hoje?

GERALDO

Foi o que ela disse.

SÍLVIA

Foi.

GERALDO

Então ela deve saber. Ela toma conta de tudo que é meu.

SÍLVIA

Eu já tinha notado isso.

GERALDO

A Juliana é muito eficiente. Muito boa menina.

SÍLVIA

Sem a menor dúvida! E bonitinha! **(Pausa)** Pena ser tão burrinha!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p-18.

GERALDO

(Desnorteado). Você acha?

SÍLVIA

(Envolvendo-o). Não vai me dizer que você, Geraldo, conhecendo psicologia como conhece ainda não tinha notado. Ela é de uma vulgaridade assustadora! Para a próxima vez arranje uma secretária que seja bonita e inteligente. Classe, Geraldo.

GERALDO

Pois olhe que eu pensei...

SÍLVIA

Avalio o que você deve ter pensado. Você só lhe analisou a superfície... Não lhe conheceu a alma... a maneira de ser...

GERALDO

Confesso que não. Pois olhe que assim, à primeira vista...

SÍLVIA

(Impaciente). À primeira vista! Hoje em dia tudo é maravilhoso à primeira vista. Analisando-as bem elas usam uma verdadeira máscara de "pancake", tingem os cabelos e moldam o corpo com cintas apropriadas.

GERALDO

Ela não usa.

SÍLVIA

(Espantadíssima). Cinta?!

GERALDO

(Manso). "Pancake".

SÍLVIA

Por favor, Geraldo! Eu queria pedir uma coisa a você. Nunca se apaixone por suas secretárias. Apaixone, aliás, é fôrça de expressão. Um homem como você...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p.19.

GERALDO

(Com falsa modéstia). Oh, por favor!

SÍLVIA

As mulheres do Rio andam caídas por você. Têm uma inveja infinita de mim. Imagine se elas descobrem, de um momento para outro, que você tem um caso com uma secretária burrinha qualquer.

GERALDO

E' verdade. Mas pelo amor de Deus, Sílvia!... Não vá agora imaginar que eu seria capaz de traí-la com uma...

SÍLVIA

Deus me livre e guarde! Seria tão repugnante... tão... que eu prefiro nem pensar nisso. Possuir essas criaturinhas deve ser o mesmo que brincar com um objeto, uma coisa... Talvez uma gata. Às vêzes uma gata Angorá. Elas transpiram sexo por todos os poros. Mas sexo não é isso, Geraldo! Sexo só se valoriza associado à riqueza espiritual, à ternura de alma, ao calor humano verdadeiro. Por favor, Geraldo! Nunca ame uma criatura vulgar. Você sabe por que eu amei você?

GERALDO

Não.

SÍLVIA

Porque você é um homem raro, Geraldo! A gente vê em seus olhos o seu caráter, a sua ombridade, a sua classe de homem fino e de bom gôsto! Um homem como você, Geraldo, jamais trocaria uma espôsa por uma gata. **(Aproxima-se da "corbeille").** São bonitas estas flores, não é verdade?

GERALDO

Que flores? Ah, sim!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p.20.

SÍLVIA

Parece que vêm acompanhadas de um cartão... **(Pausa)** ...azul...

GERALDO

Por falar em cartões... Você me lembra que amanhã é aniversário do Pimentel. Preciso mandar-lhe um cartão. Juliana sempre esquece.

SÍLVIA

(Triunfante). Há pouco ela era muito eficiente, não era? **(Cautelosa).** Eu estou aqui pensando numa solução interessante. Geraldo. Você não acha que eu devia trabalhar com você?

GERALDO

(Como quem tivesse tomado óleo de rícino). No escritório?!

SÍLVIA

No escritório. Não se pode confiar nessas secretárias de hoje.

GERALDO

Por Juliana eu ponho a mão no fogo.

SÍLVIA

Elas ficam armadas contra nós. Tomam conhecimento de tudo o que se passa. Lêm as cartas. Expedem telegramas. Podem até descobrir o gênero de negócios a que você se dedica... Geraldo... Que palavra se pode usar em vez de... contrabando?

GERALDO

Juliana seria incapaz.

SÍLVIA

Não confiemos em excesso. De burra é que ela não tem nada.

GERALDO

Foi você mesma quem disse.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.042p.21

SÍLVIA

As mulheres só são burras para aquilo que lhes convém. Imagine se a pol... se descobrem o gênero de negócios a que você se dedica. E' preciso despedir Juliana o mais depressa possível. Eu não poderia mais dormir descansada. Eu teria mêdo, Geraldo!

GERALDO

Mas despedí-la como! A título de que?!

SÍLVIA

(Rápida). A título de nada. Se você não quiser eu mesma a despeço. **(Pausa. Transição).** Eu estou ficando mais magra?

GERALDO

(Amolado). Sei lá!

Transição musical. Tôda vez que Sílvia se dirige ao público e o marido fica paralisado, hipnotizado, a música faz uma passagem rápida e expressiva e as luzes se modificam. Quando a cena recomeça, evidentemente as luzes voltam.

SÍLVIA

(Ao público). As cenas aqui em casa se sucedem de maneira curiosa. Imaginemos, por exemplo, uma cena depois do jantar. Acabamos de jantar e sentamos, aqui, cada qual em sua poltrona. **(Ela estala os dedos e Geraldo senta. De repente êle começa a caminhar agitado).**

GERALDO

Eu acho que aquêle peixe me fez mal. Mas — também — você tem a mania de mandar preparar peixe sabendo que eu sou alérgico!

SÍLVIA

Mas Geraldo! Foi você mesmo quem pediu!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p22

GERALDO

(Comprando briga). E que tem isso? Não é motivo para viver satisfazendo todos os meus caprichos. Você, parece, que já faz essas coisas só para me irritar.

SÍLVIA

(Cândida). Oh, benzinho! Você sabe que eu seria incapaz de...

GERALDO

Há dois meses que eu pedi a você para mandar fazer o doce de pêcegos que mamãe fazia.

SÍLVIA

O doce de pêcegos que sua mamãe fazia está pronto. Eu propús a você ainda agorinha mesmo. Você disse que não queria.

GERALDO

(Explodindo). Não ouvi direito! Estava pensando em outra coisa! Aqui em casa estou sempre pensando em outras coisas. Por que é que em casa do Dr. Malheiros as coisas andam sempre bem? Lá sim! A gente sente o pulso de uma dona de casa.

SÍLVIA

Aquilo tudo vem pronto de fora, meu amor. A madame Malheiros só conhece cozinha de fotografia de revista americana.

GERALDO

(Desesperado, caminhando a passos largos). Ah, meu Deus, meu Deus! Com os nervos no estado em que eu ando não se pode trabalhar, não se pode produzir. Você sabe perfeitamente que eu tenho um diploma. Um dia eu mando tudo às favas e vou construir pontes, construir edifícios, fazer alguma coisa.

SÍLVIA

Você acha que não tem feito nada?

BR DFANBSB.NS.CPR.TEA.PTE. 0 412, p-23

GERALDO

Tenho. Tenho feito uma série de coisas que não deveria ter feito.

SÍLVIA

Como... por exemplo...

GERALDO

Como... casar com você. Você não vê que isto não dá certo? Que isto não pode dar certo? Não vê?!

SÍLVIA

Não vi jamais um casamento mais certo que o nosso. Não somos felizes?

GERALDO

(Com asco). Nós?!

SÍLVIA

O que chama você de felicidade?

GERALDO

(Com desprezo). Felicidade!

SÍLVIA

(Agarra-se ao desprezo como se fôsse ignorância). Está vendo? Você nem sabe o que é felicidade! Olhe que eu, às vêzes, tenho inveja da sua felicidade. **(Transição musical. Ao público).** Outras vêzes lhe dá a mania das viagens. Eu já sei. E' quando êle acende um cigarro... **(Êle acende)**... solta uma baforada... e se põe a olhar o infinito com um ar sonhador.

GERALDO

Todo mundo está indo aos Estados Unidos e a Europa.

SÍLVIA

(Ao público). Eu não disse? **(A Geraldo).** E' verdade, Geraldo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412, p. 24

GERALDO

E pensar-se que com todo o dinheiro que nós juntamos não fui ainda nem aos Estados Unidos, nem a Europa.

SÍLVIA

E' verdade, Geraldo. Com todo o dinheiro que nós juntamos **você** ainda não foi nem aos Estados Unidos nem a Europa.

GERALDO

Você não acha que eu devia viajar?

SÍLVIA

Acho.

GERALDO

Paris!

SÍLVIA

Paris. Você passaria momentos mara nosos. **(Pausa).** Pena os seus negócios.

GERALDO

Meus ne...

SÍLVIA

Aliás não tem nada demais. Eu poderia tomar conta dos negócios. Você iria a Paris... Salvo... **(silabando)** ...se fôsse descoberto o gênero de negócios a que você se dedica.

GERALDO

(Exaltado). Você anda falando muito, ùltimamente, em descoberto-descoberto-descoberto. Você soube de alguma coisa? Alguém procurou saber se...

SÍLVIA

Não é preciso ficar exaltado, nervoso. E' que, de vez em quando, surgem umas ameaças veladas pelo telefone.

GERALDO

Ameaças?! Como é que nunca telefonaram para mim?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412, p-25.

SÍLVIA

Para mim telefonam.

GERALDO

E, depois, ninguém, a não ser pessoa de absoluta confiança, conhece a história dêsses negócios.

SÍLVIA

Ninguém a não ser alguma daquelas bonecas empoadas que cercam você. Naturalmente abrem a sua correspondência...

GERALDO

E' mentira!

SÍLVIA

Naturalmente abrem os seus livros. Verificam certas coisas...

GERALDO

Ninguém conseguiria nada daquela sala. Eu ponho a mão no fogo. **(Sílvia, como por um passe de mágica, surge com uma carta na mão).** Que é isso?

SÍLVIA

Esta é uma das cartas que ninguém poderia ter conseguido. Eu a consegui sem ir ao seu escritório. Já vê você que não é tão difícil assim.

GERALDO

Como foi que você conseguiu essa carta?

SÍLVIA

Não importa. Serve apenas para alertar você... num momento em que você está pensando em viajar...

Transição musical.

(Ao público). E assim, geralmente, eu consigo encerrar seus arroubos de caixeiro-viajante. E a vida continúa. Continúa. Mas será isto vida? Para mim é. Que posso esperar mais da vida? Amor? Como? Felicidade? E' uma palavra vaga e sem sen-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.26

tido. Pode-se ser confortàvelmente infeliz, confortàvelmente desgraçado. Eu procuro sê-lo. Cada qual usa as armas que tem. Ninguém faz nada para merecer a beleza ou a fealdade. A gente nasce bela ou feia sem ter feito nada por merecê-lo. Se elas usam a beleza para conseguir o que querem por que não posso usar as outras armas? Mas o triste é quando êle começa a ter inveja dos outros casais.

GERALDO

O casal Ramos é tão feliz!

SÍLVIA

(Ao público). Estão vendo?

GERALDO

Vivem tão alegres!

SÍLVIA

(Ao público). Eu não disse?

GERALDO

Tão satisfeitos da vida!

SÍLVIA

(Ao público). Vocês vão ver só uma coisa. **(Rompe num risinho).**

GERALDO

De que é que você está rindo?

SÍLVIA

(Fazendo o risinho crescer). De nada.

GERALDO

(Irritado). Ninguém ri de nada.

SÍLVIA

(Agora rindo francamente). Eu estava rindo da felicidade do casal Ramos. Êle, por um lado, tem duas amantes conhecidas. Ela já passou pelas mãos de todos os conquistadores de salão do Rio de Janeiro. E dizem até que... **(Explosão de riso).**

GERALDO

(Desnorteado). Pois olhe que à primeira vista...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.042,p.27.

SÍLVIA

Você precisa convencer-se de uma coisa, Geraldo. O mundo está perdido. Felizes, mesmo, só nós dois. Entre nós há sinceridade, há humanidade, há sentimento. Você não vê que os outros casais se detestam, se entredevoram, sem calor e sem piedade? Nós somos diferentes. Graças a Deus!

GERALDO

Você quer dizer que...

SÍLVIA

Eu quero dizer que a vida de um casal resulta de um equilíbrio consciente, de um equilíbrio inteligente. E' preciso colaboração. Renúncias mútuas. Por exemplo... eu renuncio a uma série de coisas. **(Cautelosa).** Você renuncia a uma viagem... a Europa... De fato, muitas vêzes, é penoso, mas daí resulta a compreensão, o equilíbrio...

GERALDO

Mas basta o equilíbrio? E o amor?!

SÍLVIA

Equilíbrio é amor, Geraldo! Equilíbrio é prudência, cuidado, resistência, amor. Você é um homem, Geraldo. Você deve compreender a vida. Você não pode ser, eternamente, aquêle garôto, filho único, ridicularizado, eternamente, na escola...

GERALDO

Cale-se...

SÍLVIA

Objeto de zombaria.

GERALDO

Sílvia. Eu...

SÍLVIA

Eu fico felicíssima quando você me compreende, Geraldo. Prometa-me que seremos felizes e que você me amará sempre.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.28

GERALDO

(Arrazado). Sempre. **(Noutro tom).** Amanhã devo ir a São Paulo.

SÍLVIA

Amanhã não podemos.

GERALDO

(Pirracento). Você é que não pode. Eu posso.

SÍLVIA

E você pretende ir só?

GERALDO

Pretendo.

SÍLVIA

(Com simulada indiferença). Que quer que eu ponha na mala?

GERALDO

(Assombrado). Você não está zangada?!

SÍLVIA

(Plácida). Zangada por que?

GERALDO

Com a minha viagem.

SÍLVIA

Seria ridículo.

GERALDO

Você sabe, perfeitamente, o que eu vou fazer em São Paulo.

SÍLVIA

Um homem como você, Geraldo, deve descansar, de vez em quando, de sua espôsa.

GERALDO

Mas você não vai protestar, não vai gritar, não vai dizer nada?!

SÍLVIA

Você me julga igual a essas mulheres **ridículas** que você conhece?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412, p.29

GERALDO

(Fulo). Pois eu quero que você seja ridícula! Eu quero que você seja igual a elas. Você me encurrala dentro de sua amabilidade, dentro de sua tolerância e não me deixa respirar. Não me dá ocasião para protestar. Não me dá ocasião para me libertar. Eu preciso ser livre, Sílvia! Eu preciso fazer o que quero, o que tenho vontade. Você não pode estar de acôrdo com a minha viagem a São Paulo. Qualquer mulher protestaria.

SÍLVIA

(A estátua da placidez). Eu não sou uma mulher qualquer.

GERALDO

Qualquer mulher gritaria, faria escândalo, proibiria.

SÍLVIA

Eu não sei fazer escândalo.

GERALDO

(Desesperado). Pois eu vou a São Paulo para respirar. Não tenho nada me esperando em São Paulo. Nem a amante, nem a mulher que você pensa que me espera. E' de ar que eu preciso!

SÍLVIA

Que quer que eu ponha na mala?

GERALDO

(No auge do desespêro e da indignação). Mas você não pode estar aí parada fazendo esta pergunta idiota! Você não pode estar sentindo o que finge que está sentindo! E' impossível que você não grite, não proteste!

SÍLVIA

Eu não estou fingindo nada.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 30

GERALDO

(Com raiva). Está. Eu sei que está. Você tem vontade de explodir, de gritar, de acabar com essas viagens, mas tem mêdo. Mêdo de brigar, mêdo de criar uma situação que me faça deixar esta casa para sempre.

SÍLVIA

As portas estão abertas.

GERALDO

(Alucinado). As portas estão abertas mas eu não posso sair por elas. Com que pretexto? Você sabe que eu teria remorsos sem fim que eu me torturaria loucamente. Eu preciso de um motivo para fazer as coisas. Você não me dá êsse motivo! Você está sempre de acôrdo! Eu quero que você um dia sinta de verdade. Proteste! Grite! Condene! Fale! Vamos! Vamos!

Transição musical...

SÍLVIA

(Ao público). Não se preocupem. Estas coisas se repetem, diàriamente, desde a nossa lua de mel. Até a nossa lua de mel foi diferente. Eu tive de usar de sutilezas sem fim para convencê-lo de que êle era feliz. O método da auto-sugestão consciente... Eu sou feliz. **(Com raiva).** Eu sou feliz! **(Desesperada).** Eu sou feliz... **(Com riso amargo).** Simples, não é?

GERALDO

(Acorda diante de um estalar de dedos de Sílvia. Creio inútil frisar que cada vez que Sílvia se dirige ao público, Geraldo é hipnotizado). Vamos! Proteste! Grite! Condene! Fale! Vamos!

SÍLVIA

(Nova técnica. Humilde chorosa). Geraldo. Eu sei que não mereço você. Eu sei que não faço a sua

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p. 31

felicidade mas, por favor, não me humilhe dessa maneira! A única coisa que me resta de consolador é a minha sinceridade. Eu sou capaz até de lhe dar um pretexto para deixar esta casa. Que quer você que eu faça? Eu juro que farei. Eu já não peço mais que você me ame. Quero que você me tolere.

GERALDO

Você pensa que me ilude com as suas atitudes, com as suas palavras? Eu não suporto mais êsse contrôle. Você controla o telefone, controla as cartas, controla até meus pensamentos. E o pior é que você concorda comigo mesmo quando eu não tenho razão, mesmo quando você sabe que eu sei que não tenho razão. Que é que você tem contra as outras mulheres? Que é que você tem contra elas?

SÍLVIA

E não tenho nada contra ninguém.

GERALDO

Então não fique me perseguindo, não fique me torturando, me controlando, fingindo que não controla e que não persegue. Afinal de que é feita a nossa vida?

SÍLVIA

(Angelical). Do nosso amor.

GERALDO

Amor?! Oh, Sílvia! Amor onde? Como? Um dia nos encontramos e você me venceu com os seus argumentos. Você provou por A mais B, matemàticamente, que eu devia casar com você. A cada ameaça de rompimento você me comprova novos teoremas, lança mão de novos argumentos. A sua argumentação está sempre certa. Os meus sentimentos é que não estão.

SÍLVIA

Então, Geraldo. O que é amor?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p-32

GERALDO

(Sufocado de desesepêro). Eu sei, Sílvia. Eu sei o que é amor para mim. Mas também já sei que você vai vencer com os seus argumentos. Você vai provar que amor é aquilo que você quer que êle seja e vai me convencer de que é exatamente isso que eu sinto por você.

SÍLVIA

Mas claro!

GERALDO

Você sabe, perfeitamente, que você não me ama.

SÍLVIA

E' você quem diz isso.

GERALDO

Você sabe, perfeitamente, que você não casou por amor. Eu gostaria de saber por que você casou comigo. **(Grita).** Por que você casou comigo?

SÍLVIA

(Paralisa-o e fala). Hoje, meus amigos, êle está perigoso, sabem? Tôda vez que lhe dá essa crise de liberdade eu preciso envaidecê-lo, estimulá-lo, desenhar-lhe em tecnicolor. Nós vivemos, realmente, num inferno. Um inferno colorido. Eu controlo o telefone, controlo as cartas, controlo até seus pensamentos. Ontem eu estive analisando meus sentimentos. Por que teria eu casado com um homem como Geraldo? E cheguei a várias conclusões. Em primeiro lugar porque nenhum dos outros homens quis casar comigo. Depois... eu precisava vingar-me, vingar-me das outras, daquelas que são amadas como mulheres mesmo, das que são amadas como carne, como sexo, como amor.

GERALDO

(Acorda com o estalar dos dedos de Sílvia). Por que você casou comigo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 33.

SÍLVIA

Porque eu amava você.

GERALDO

Não se ama assim.

SÍLVIA

Cada qual ama como sabe.

GERALDO

Perdoe, Sílvia. Eu tenho essas explosões, de vez em quando, mas a minha intenção não é feri-la, não é torturá-la, nunca. Perdoe.

SÍLVIA

Eu compreendo, Geraldo.

GERALDO

Não guarde rancor, Sílvia.

SÍLVIA

Não guardarei nada.

GERALDO

Obrigado.

SÍLVIA

(Num tom sem côr). Que é que você quer que eu ponha na mala?

GERALDO

Já não vou mais a São Paulo.

SÍLVIA

(Meiga, doce, terna, humilde). Mas você deve ir, meu bem! A viagem vai fazer bem a você.

GERALDO

Não creio.

SÍLVIA

Estou certa disso.

GERALDO

Não tenho mais vontade.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.34

SÍLVIA

Deixe por minha conta. Providenciarei tudo. Arrumarei a mala, reservarei passagem, tudo. Afinal das contas sou a nova secretária, não é mesmo?

GERALDO

Sim.

SÍLVIA

Sendo sua nova secretária poderemos estar juntos o dia inteiro...

GERALDO

(Com amargura). O dia inteiro.

SÍLVIA

(Aproxima-se dêle e a cada "juntos" que profere aperta-lhe mais a gravata que está quase aberta a princípio). Eu poderei afastar de você os importunos e aquelas idiotinhas que infestam o seu escritório. Vai ser uma maravilha! **(Ela saboreia com sadismo).** Iremos "juntos" de automóvel... Almoçaremos "juntos"... Voltaremos "juntos"... Sempre "juntos"... Vai ser uma maravilha.

GERALDO

(Alarmado). Vai?!

SÍLVIA

(Aproxima-se das flores). Como são lindas estas flores! **(Tira o cartão).** Você conhece algum Reinaldo?

GERALDO

(Sêco). Não.

SÍLVIA

Foi êle quem mandou as flores.

GERALDO

(Amolado e indiferente). Deve ser algum amigo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.35.

SÍLVIA

Mas hoje não é nenhuma data especial. Não é a primeira vez que eu recebo flores dêsse indivíduo. Isto já está se tornando desagradável.

GERALDO

Deve ser um imbecil qualquer.

SÍLVIA

Nenhum imbecil se atreveria a cortejar-me.

GERALDO

Flores. Não vejo nada demais.

SÍLVIA

Pois eu vejo. A primeira vez que encontrar êsse sujeito eu não sei...

GERALDO

Quem sabe se é algum parente?

SÍLVIA

Não temos nenhum parente com êsse nome.

GERALDO

Você comprou pasta de dentes?

SÍLVIA

(Desalentada). Está no banheiro.

GERALDO

Bem.

Transição musical.

SÍLVIA

À platéia, enquanto Geraldo se mantém alheio). Vocês estão vendo? Nada em comum. Dois enxadristas. Uma ótima jogadora como eu e um péssimo jogador como êle. Sem nada. Sem fé. Sem esperança. Eu poderia renunciar a tudo. Seria o único caminho. Mas não. Agora isto irá até o fim. Não permito que aquelas gatas tenham tudo da vida. Também sou gente, também tive um coração terno e doce que foi espezinhado, não foi? Que foi maltratado. Também sonhei com tudo com que as outras mulheres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.36

sonham, não sonhei? Com tudo. As gatas são donas do mundo, com seu "pancake", seus vestidos colantes, suas curvas, seu sexo. Elas tomaram conta do amor. Mas consegui vingar-me, consegui mais do que tôdas elas. Tôdas as gatas andaram tentando envolvê-lo e eu o consegui para mim, só para mim. Agora eu só espero uma coisa, eu anseio uma coisa com tôda a minha alma, com todo o meu coração. Eu quero envelhecer depressa. A velhice será a paz, a tranquilidade, o sossego definitivo, quase a felicidade, a libertação dêsses sustos permanentes, dessas angústias sem fim. A velhice será minha, só minha. Sem sustos, sem temores, sem ódios, sem receios, sem rancores. Eu gostaria que os anos passassem num dia, num minuto. E então êle será meu, definitivamente. Para sempre... **(Com raiva)** ...Para sempre... **(Com angústia)** Para sempre!

FIM DO PRIMEIRO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 042 p. 37.

SEGUNDO ATO

Música durante meio minuto.

Ao erguer-se o pano SÍLVIA está pondo a mesa para dois. Parece que algo está para ser comemorado. Pratos, talheres, taças e até champanha. Um candelabro ao centro da mesa. Esta mesa ela a põe, aos poucos, enquanto dialoga com GERALDO, até o início do seu grande monólogo. O desinterêsse de SÍLVIA se acentua com êsse vai-vem, pois GERALDO quer por fôrça que ela sinta, que ela participe d[illegible]eu drama. GERALDO acabou de entrar a[illegible]tido, alquebrado. Senta-se desalentado.

GERALDO

(Quase suplicante, depois de uma pausa). Sílvia!

SÍLVIA

(Sempre preparando a mesa). Sim?

GERALDO

Você... você não pergunta nada?

SÍLVIA

Perguntar o que?

GERALDO

Você, então, não sabe de onde eu vim?

SÍLVIA

Sei.

GERALDO

E não tem, ao menos, a curiosidade de saber em que pé estão as coisas?

SÍLVIA

Tenho.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.38.

GERALDO

(Explodindo). Então pergunte!

SÍLVIA

(Tranquila). Em que pé estão as coisas?

GERALDO

(Desesperado). Não é assim que se pergunta uma coisa dessas.

SÍLVIA

Você quer que eu ponha uma cara trágica?

GERALDO

Não é a cara. E' a voz. E' a indiferença! Sílvia. Como você mudou!

SÍLVIA

Eu era diferente?

GERALDO

Eu nunca me imaginei um covarde, Sílvia. Você sabe que eu sou covarde?

SÍLVIA

Sei.

GERALDO

Nunca me imaginei um imbecil. Você sabe que...

SÍLVIA

Também sei.

GERALDO

(Impaciente e suplicante). Sílvia!

SÍLVIA

Que é?

GERALDO

Você ainda não perguntou nada.

SÍLVIA

(Plácida). Estou esperando que você fale.

GERALDO

Mas em outros tempos você ficaria desesperada por saber!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.39.

SÍLVIA

O desespêro cansa.

GERALDO

Em outros tempos você estaria ansiosa esperando na porta a minha chegada para saber o que êle disse.

SÍLVIA

Em outros tempos.

GERALDO

O Dr. Castro me examinou. Êle está ocultando alguma coisa. Eu devo estar muito mal, Sílvia.

SÍLVIA

Você deve encarar isto com calma.

GERALDO

(Agita-se muito). Eu devo ter algo de muito grave, tremendamente grave. Quando êle me examinou franziu a testa.

SÍLVIA

Os médicos sempre franzem a testa.

GERALDO

Custou a fazer o diagnóstico e não quis me dizer nada.

SÍLVIA

Talvez êle não tivesse chegado a um diagnóstico.

GERALDO

Chegou. Depois tirou a pressão. Êle ficou pálido quando viu a minha pressão. Também não me disse nada. Eu já não consigo mais respirar direito. Já não consigo mais andar pela rua sem sentir palpitações. Qualquer esfôrço para mim é uma tortura. Sílvia! Estou perdido!

SÍLVIA

Você nem siquer sabe o que tem. Vamos aguardar os acontecimentos com calma. Êle receitou alguma coisa?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.40.

GERALDO

Aí é que está! Não receitou nada! Diz que só poderá receitar depois dos exames de laboratório.

SÍLVIA

Hummmm!

GERALDO

Talvez seja necessário extrair os dentes.

SÍLVIA

(Feliz). Ah, sim?!

GERALDO

Tenho a impressão de um desmoronamento. E tudo tão de repente! Tudo tão inesperado! Eu não mereço um castigo dêsses, Sílvia. Sempre fui um sujeito tão correto, tão direito! De repente me veio a necessidade de também ser bom. Sílvia. Hoje, pela primeira vez, em minha vida, dei uma esmola.

SÍLVIA

E' grave.

GERALDO

De vinte cruzeiros.

SÍLVIA

Gravíssimo.

GERALDO

Quando aquêle pobre se aproximou eu me senti colega dêle. Eramos companheiros de uma infelicidade comum. O Dr. Castro anda me escondendo alguma coisa. Êle já começou a me preparar o espírito.

SÍLVIA

Ah!

GERALDO

Não sei mais o que fazer de minha vida, Sílvia. Você seria capaz de se dedicar a mim... tendo-me... como um... inválido?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.41

SÍLVIA

(Séria). Quem sabe, não é? Essas coisas só vendo.

GERALDO

E' verdade, Sílvia, que eu não lhe tenho proporcionado grandes alegrias.

SÍLVIA

Não tem.

GERALDO

Às vêzes tenho sido até egoista.

SÍLVIA

Ah, sim?!

GERALDO

Mas será que eu tenho culpa, Sílvia? Desde pequeno só me ensinaram a pensar em mim. Eu era o centro do mundo.

SÍLVIA

Cada qual é centro do seu próprio mundo.

GERALDO

Mas eu queria ser o centro do mundo dos outros também. Em casa era fácil, mas na escola êles riam...

SÍLVIA

Você era um retardado men...

GERALDO

Não, Sílvia!... Telefone ao Dr. Castro. Pergunte-lhe a verdade. Tôda a verdade.

SÍLVIA

Eu já telefonei, Geraldo.

GERALDO

(Ansioso). E o que foi que êle disse?

SÍLVIA

Ainda não sabe. Está esperando os resultados. Está esperando, Geraldo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.42

GERALDO

(Desesperado). Mas eu não posso esperar. Você não vê, não percebe, não sente que eu não posso esperar?

SÍLVIA

Eu poderia lhe dar um curso completo da arte de esperar. Um curso de especialização. Eu passei a minha vida tôda esperando'.. esperando... Noites inteiras esperando que você viesse, Geraldo. Noites inteiras olhando o despertador. Noites inteiras adivinhando os seus passos. Eu esperei anos, Geraldo. Você vai esperar apenas alguns minutos. O Dr. Castro vai telefonar-me o resultado.

GERALDO

(Apavorado). Mas se eu tiver algo de muito grave não me diga, Sílvia. Não me digam, não me contem. Enganem-me, por favor! Mas procurem enganar-me direito para que eu acredite, Sílvia. Você promete?

SÍLVIA

Prometo.

GERALDO

Você promete que me cuidará? Eu preciso de alguém em quem possa depositar tôda a confiança.

SÍLVIA

Você confia em mim?

GERALDO

Cegamente. Por favor, Sílvia. Dentro de alguns minutos o Dr. Castro nos dirá a verdade, mas você só me diga a verdade se ela for boa.

SÍLVIA

Está bem.

GERALDO

Como eu tenho sido egoista, Sílvia! Eu juro, eu prometo, Sílvia. Se eu sair desta, você não se

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p.43.

arrependerá. Você precisa ajudar-me. Você precisa tratar-me. Precisa ser minha amiga.

SÍLVIA

Eu sou sua amiga, Geraldo.

GERALDO

Mas ainda será minha amiga quando eu estiver estendido no leito?

SÍLVIA

Não sei.

GERALDO

Quando você teve aquela pneumonia... eu não parei um minuto em casa. Você já esqueceu?

SÍLVIA

Não, Geraldo. Não esqueci.

GERALDO

Mas você é nobre, Sílvia. Você não é como eu. Você é feita de uma outra massa. Você não cometeria a baixeza de me deixar só num momento de dor, num momento difícil. Deixaria?

SÍLVIA

Só na hora é que a gente sabe as reações que tem.

GERALDO

(Vai deixar a sala. Para diante da mesa posta e diz ao sair). Hoje, Sílvia, não é um dia como os outros. **(Sai).**

SÍLVIA

Êle se lembrou! Êle se lembrou! Hoje não é um dia como os outros. E' aniversário do nosso casamento. Para nós êste é o dia em que se comemora o ódio. Êle me odeia. Eu sei que êle me odeia, mas eu o odeio também. Agora êle precisa dos meus cuidados. **(Quase feliz em seu rancor).** Agora êle está doente. Eu o odeio. Odeio-o do fundo de minha alma. Odeio-o como ninguém jamais odiou na

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.44

face da terra. E os próximos anos da vida em comum terão o sabor doce da vingança. Vingança nas palavras, nos gestos, nas atitudes. **(Ela pegou de uma taça).** Êle não poderá mover-se, não poderá reagir. Não poderá protestar. Êle se limitará a ouvir e obedecer... a ouvir e obedecer... a ouvir e obedecer!... **(Quebra a taça na mesa com ódio. Toca a campainha da porta. Ela se dirige para a porta e traz uma "corbeille").** Hoje esta "corbeille" vai dar resultado. Hoje, com certeza, êle notará que chegou uma "corbeille" para mim. **(Ajeita a "corbeille").** Assim... Assim... O cartão bem visível. Assim'.. Ótimo! Oh, meu Deus! Se êle, ao menos, se lembrasse um dia, um único dia, da minha existência. Se êle num dia qualquer se lembrasse de que eu existo e me mandasse uma "corbeille". Nem seria preciso que fôsse uma "corbeille". Podia ser um ramo de rosas comuns. E nem seria necessário que fôssem rosas. Poderia ser uma flôr qualquer. E nem um ramo. Poderia ser uma única flôr. Uma única flôr talvez bastasse para começar a sentir. Uma única flôr... **(Alarmada de repente).** Oh, meu Deus! Meu Deus! Esperem! Esperem! Meu Deus! Aconteceu uma coisa tremenda! Uma coisa tremenda, senhores! Essas flores! Essas flores! Mas eu não encomendei essas flores! **(Começa a agitar-se, nervosíssima, de um lado para outro).** Eu não encomendei essas flores. Será que... Oh, meu Deus, meu Deus! Que bom se isso acontecesse! Que bom se êle se lembrasse de mim! Hoje êle deu uma esmola porque sentiu a necessidade de ser bom. Esta "corbeille" êle a comprou para mim... porque sentiu a necessidade de um apêgo, uma amiga, uma companheira, num momento em que está caindo, num momento em que está descendo. Oh, meu Deus!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p 45.

Meu Deus! Se êle se lembrasse de mim! Vem com um cartão... Não. Eu não tenho coragem de abrir o envelope. **(A uma espectadora).** A senhora faria isto para mim? A senhora sobe... Lê o cartão... Não sendo dêle não me diga nada, por favor. Não. Eu saberia. Eu adivinharia. E' melhor deixar assim. Irrevelado. Sem saber. Êste cartão... E' melhor. **(Ri nervosa).** Ah, mas está tudo claro! E eu me iludindo desta maneira! Está tudo claro! O florista mandou estas flores por engano. Claro que houve engano! Como eu encomendo estas flores todos os dias... **(Disca o telefone aflita).** Alô! Alô! E' do florista? Por obséquio... O senhor terá mandado, por acaso, hoje, as flores para dona Sílvia?... Não?... Tem certeza?... Pergunte ao gerente, por favor. Não mandou? Obrigada... **(Desliga o telefone alagada de felicidade).** Então foi êle mesmo! **(Ri muito, como louca).** Então foi êle mesmo! Foi êle mesmo quem mandou as flores. Mas por que estou tão nervosa? Como se isso tivesse importância agora! Por que? Por que êsses nervos? Estou nervosa como uma tola qualquer. Claro! Mandou a "corbeille" porque está doente, porque precisa de mim. Não da mulher, mas da enfermeira, da idiota que vai cuidar dêle durante tôda a vida, da grande boba que criou esta ratoeira de luxo para sofrer, para se torturar entre pesadelos. Não. Êle não se lembrou do nosso casamento. Talvez se tenha lembrado, mas não foi porisso que mandou as flores. Mandou as flores porque foi ao médico e descobriu que... **(Toca o telefone).** Dr. Castro?... Sim... Sou eu... Sei... Hmmmm... Hmmmmm... Sei... Adeus. **(Desliga o telefone, enquanto Geraldo entra aflito).**

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412p.46

GERALDO

Era o Dr. Castro.

SÍLVIA

Era.

GERALDO

Que foi que êle disse?

SÍLVIA

Que você vai ficar bom. Depende só de cuidado, dedicação.

GERALDO

Sílvia. Você está me enganando.

SÍLVIA

Estou não, Geraldo. Você fica bom.

GERALDO

Você garante?

SÍLVIA

Garanto.

GERALDO

Que foi que êle disse?

SÍLVIA

Sistema nervoso.

GERALDO

(Quase feliz). Sistema nervoso, hein? Bem... E eu já tinha começado a dar esmola de vinte cruzeiros! E eu que já... **(Esfregando as mãos já dono de si novamente).** Sistema nervoso... Então é uma coisa simples. Curável...

SÍLVIA

E' uma questão de cuidado e dedicação.

GERALDO

(Bem humorado, olhando a mesa posta). Temos festa hoje?

SÍLVIA

Não. E' para nós.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.47.

GERALDO

Para nós! Que novidade é essa?

SÍLVIA

Comemoração.

GERALDO

De que?

SÍLVIA

Geraldo. Que dia é hoje?

GERALDO

Sei lá. Nunca sei que dia é.

SÍLVIA

Estamos em outubro, Geraldo.

GERALDO

E daí?

SÍLVIA

15 de Outubro.

GERALDO

Sim. E daí?

SÍLVIA

Aniversário do nosso casamento.

GERALDO

(Espantadíssimo). Nós casamos em outubro?

SÍLVIA

Sim, Geraldo. Eu casei em outubro. Felicidades, meu bem.

GERALDO

Obrigado. E champanha! Muito bem!

SÍLVIA

Eu sei que você está brincando, Geraldo. Eu sei que você não está falando a sério. Você se lembra, perfeitamente, que hoje é o nosso dia. E obrigada.

GERALDO

Obrigada por que?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p.48.

SÍLVIA

Pelas flores.

GERALDO

(Sem perceber). Que flores? **(Repara nas flores).** Ah, sim!

SÍLVIA

(Percebendo a verdade). Geraldo. Então... não foi...

GERALDO

Eu não mandei flores.

SÍLVIA

Geraldo. Não brinque assim, por favor!

GERALDO

Claro que não mandei flores! Você acha, então, que num dia em que o médico me diz... eu vou perder tempo e...

SÍLVIA

(Desolada dirige-se à "corbeille", abre o envelope e lê o cartão). Leôncio. Você conhece algum Leôncio?

GERALDO

Não.

SÍLVIA

Extranho!

GERALDO

Deixe de representar. Você pensa que eu não sei que é você mesma quem compra as flores e escreve os cartões? O florista já me deu conta dessa idéia genial. Perguntou se você era louca. Não podia compreender tanta "corbeille".

SÍLVIA

E' verdade. Mas, desta vez, você está enganado, Geraldo. Desta vez estamos ambos surpresos. Não fui eu quem encomendou as flores. Estas flores vie-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p.49.

ram para cá e não foram encomendadas por mim. Você pode perguntar ao florista.

GERALDO

Naturalmente você arranjou outro florista.

SÍLVIA

Não, Geraldo. Alguém nêste mundo me quer. Alguém nêste mundo se lembrou da minha existência. Há alguém no mundo que perdeu tempo em entrar num florista para mim, comprar flores para mim, escrever um cartão para mim. Sentir... Talvez sentir algo por mim. Você sabe o que isto significa? Você sabe o que isto significa para mim? Para uma pessoa como eu? Você sabe o que isto representa de emoção e sensibilidade? Eu estou sentindo gratidão, Geraldo! Gratidão por uma pessoa que se lembrou da minha existência.

GERALDO

Você não espera que eu acredite nisso, espera?

SÍLVIA

Não. Agora eu não preciso mais que você acredite. Agora eu não preciso mais que ninguém acredite.

GERALDO

Depois de velha vai dar para isso? Namorar um Leôncio qualquer?

SÍLVIA

Não, Geraldo. Não vou fazer nada. Não quero conhecê-lo. Nem quero vê-lo. Quero apenas guardar a lembrança dêste momento, a recordação destas flores. Alguém mandou estas flores... Para mim! Não importa quem seja. Alguém. Um ser humano! Um ser vivo! Um ser que sofre, que sente, que ri, que chora, que fala, que anda! Alguém!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.042,p.50.

(Toca a campainha da porta. Ela se dirige para lá e volta acabrunhada. Pega da "corbeille" e arrasta-a até a porta ficando com uma única flôr que arrancou, na mão. Enquanto Geraldo permanece alheio a tudo ela ri e chora amargamente).

SÍLVIA

Agora você pode rir, Geraldo! Ria, Geraldo!... Vamos! Ria! **(Ri sempre muitíssimo nervosa).** As flores não eram para mim!...

(O riso e as lagrimas crescem e ela se deixa cair numa cadeira, deixa pender a cabeça, deixa pender o braço, deixa cair a flôr... e o pano também cai porque aqui termina o "Segundo ato".)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p. 51

TERCEIRO ATO

Música durante um minuto.

Ao abrir-se o pano SÍLVIA caminha de um lado para outro desesperada, torcendo as mãos aflitas e olhando em tôrno assustada. Sùbitamente o telefone soa. Ela corre a atendê-lo, precipitadamente, como se tivesse pavor de que tornasse a tilintar. Pega do fone, olha assustada para onde deve estar GERALDO e atende.

SÍLVIA

(Falando baixo, assustada e furtivamente). Alô!... Sim... Sei... Não está. **(Com ênfase, desasperada).** Estou dizendo que êle não está! Não... Não sei... Não sei... **(Vai desligar o fone, mas acaba preferindo deixá-lo fora do gancho).**

Nêste momento GERALDO vem entrando. Olha desconfiado SÍLVIA e reprova com a cabeça.

GERALDO

(Com suspeita, hostil). Quem era?

SÍLVIA

(Rápida). Ninguém!

GERALDO

Você estava falando!

SÍLVIA

Era engano.

GERALDO

Outra vez? **(Pausa).** Da primeira vez que êsse telefone tocar eu quero atender.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 412,p-52

SÍLVIA

(Aflitíssima). Não. Não atenda o telefone.

GERALDO

(Explodindo). Afinal de contas que se passa com você? Por que êste mêdo?

SÍLVIA

(Com desespêro). Não é mêdo, Geraldo!

GERALDO

....Você corre desesperada para atender o telefone. Parece que você vê fantasmas em cada canto! **(Vê o fone fora do gancho).** Por que o telefone está desligado?

GERALDO se dirige para repor o fone no gancho, mas SÍLVIA se antecede e o faz apavorada.

GERALDO

(Assombrado). Isto eu não esperava de você.

SÍLVIA

O que é que você não esperava? O que é que você sabe?

GERALDO

Mas transparece em tudo que você diz, em tudo que você faz!

SÍLVIA

Quem foi que lhe disse?

GERALDO

Seus gestos, suas atitudes. Você parece uma adolescente apaixonada.

SÍLVIA

(Atônita, ri muito, um riso nervoso, histérico). Apai... Apaixonada....Então é disso que você... Adolescente apaixonada!

GERALDO

Que outra razão pode existir para essa transformação?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412, p. 53.

SÍLVIA

Você não compreenderia.

GERALDO

Eu... não... compreenderia. Você não precisa provar-me por atos que também pode ser querida, que também pode ser desejada. Eu acredito. Êsses telefonemas misteriosos, essa inquietação, êsses olhares assustados!... Não sei bem se é doloroso ou se é ridículo!

SÍLVIA

Ridículo! Você me considera ridícula!

GERALDO

Não transforme as minhas palavras. Não foi isso que eu disse.

Toca o telefone. Ela o atende desesperada. Êle a analisa.

SÍLVIA

(Desesperada). Alô!... Não... Agora, não... Não sei... Não sei... Não sei... **(Desliga e diz com voz apagada).** Não sei.

GERALDO

Da primeira vez que êste telefone tocar "eu quero" atender.

SÍLVIA

Mas é para mim!

GERALDO

Como é que você sabe que **será** para você?

SÍLVIA

Eu não sei, mas...

GERALDO

(Explode). Que é que você está me ocultando? Que é que você está escondendo, Sílvia?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.54

SÍLVIA

Nada. Geraldo. Nada.

GERALDO

O que é que você está evitando que eu saiba?... O que é...

Toca o telefone. Ela corre a atendê-lo. Êle tenta arrancar-lhe o fone à fôrça.

SÍLVIA

(Aos gritos, desesperada). E' p'ra mim!... Eu atendo!... Por favor, Geraldo! E' para mim... Não!... Não!... Não!... Eu juro que é para mim! Largue!... Laaaaaargue!... Não. Não!

A esta altura êle lhe arranca o fone.

SÍLVIA

(Repete desalentada). Não.

GERALDO, lentamente, leva o fone ao ouvido, enquanto a analisa espantado, mas tranquilo. A cada palavra de GERALDO ela vai recuando milimètricamente.

GERALDO

Alô!... Sou eu... Sim... Sim!... **(Assombradíssimo)** .Como?!...

Pausa longa. Fica com o fone na mão alguns segundos. Depois o repõe no gancho, enquanto analisa SÍLVIA como se esta fôsse um marciano.

SÍLVIA

(Vai recuando e clamando). Sim. Eu o faria outra vez. Mil vêzes mais. Você não sabe o que é o desespêro. Sim, Geraldo. Eu o fiz! O desespêro. O desespêro fecha todos os caminhos. O desespêro encurrala, asfixia, transtorna, transforma, enlouquece! Eu o fiz. Eu descobri, Geraldo! Descobri tôda a verdade. Quem poderia imaginar a verdade? Sim. Eu denunciei você. E o faria outra vez. Quantas vêzes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p.55.

fôsse preciso, para encarcerá-lo, para prendê-lo. "Eu denunciei você." Você será preso, encarcerado, você ficará só. Não poderá mais olhar para nenhuma outra mulher. Você poderá odiar-me ali. Mas odiar a mim. Só a mim. Todos os seus pensamentos estarão ocupados comigo. Só comigo. E eu estarei com você e você não terá memória para mais nada, para mais ninguém!

GERALDO

(Atônito, consternado, triste). O que foi que eu lhe fiz, Sílvia? O que foi que eu lhe fiz?

SÍLVIA

Eu preferiria que você contrabandeasse entorpecentes, venenos, tudo. Tudo menos isso. Por que você nunca me contou? Os produtos...

GERALDO

Os produtos?! Mas que diferença faz?

SÍLVIA

Eu não sabia, Geraldo. Eu não sabia que você importava produtos de beleza. Tudo menos isso, Geraldo. Era como se você me traísse com a própria beleza. Tôdas eram belas, menos eu. E você, você contribuia para que elas fôssem mais belas. Era como se você, só você, fôsse o responsável pela beleza de tôdas as mulheres que passavam por mim, que cruzavam comigo na rua.

GERALDO

(Assombrado). Você está louca, Sílvia. Você não sabe o que fez.

SÍLVIA

Agora estou tranquila. Você estará só, encerrado, encarcerado, aprisionado. Dentro de uma cela. Sim. Estou louca. Mas a louca dedicou a você tôda a sua vida. Perdeu tôda a sua vida com você.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p-56.

GERALDO

Você... perdeu... a sua vida... comigo! Quando foi que você me deu algo de você mesma? Quando foi que você me deu algo de sua vida? A minha, sim! Sempre esteve em suas mãos. Você sempre fez dela o que quis. Deveríamos ser uma só vida... Ah, Sílvia! Que vida a nossa! E como ela poderia ter sido! Nem siquer, seria importante que fôssemos felizes juntos. Poderíamos ser desgraçados, mas unidos na desgraça por uma desgraça comum.

SÍLVIA

E é você quem diz isso!

GERALDO

Você não me conhece, Sílvia. Você queria manejar-me, manipular-me, balouçar-me, como quem lida com bonecos, fantoches ou marionetes. Mas os donos dos marionetes tornam-se, ao menos, escravos dêles, para tratá-los, para cuidá-los, para dar-lhes vida. Em suas mãos eu não sou, siquer, um fantoche.

SÍLVIA

Você nunca usou estas palavras comigo.

GERALDO

Você nunca permitiu que eu as usasse. A gente nunca sabe o que se oculta nas almas alheias. O que uma palavra, um olhar, um riso, pode fazer às almas alheias. Até à minha!

SÍLVIA

Você nunca falou assim.

GERALDO

Porque você nunca me quis ouvir. Você jamais perderia tempo em ouvir o que "eu" pudesse pensar ou sentir. Você me denunciou, Sílvia! A mim, Sílvia! Você a quem dediquei tôda a minha vida.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.57.

Você que me torturava, eternamente, com a sua fealdade. Você que só vivia para você mesma. Você que só tem olhos para ver espelhos e só tem alma para destruir. Você me denunciou, Sílvia. Sim. Eram produtos de beleza. Eram, "apenas", produtos de beleza. Feia! Feia, Sílvia! Em sua alma não havia lugar para mais nada. Você era feia. Que importava isto? As mulheres que você julgava feias como você são as grandes mulheres da história do mundo! Por que, Sílvia? Impérios foram destruídos, reis abandonaram os tronos pelas mulheres mais feias. Por que, Sílvia? E' que elas tinham algo dentro de si. Elas eram amadas pelo que se irradiava delas, pelas suas almas, Sílvia. Elas permaneceram sempre ao lado do homem amado. Sofriam juntos, sentiam juntos, palpitavam juntos, respiravam juntos, riam juntos e juntos choravam. Elas só não denunciavam, não traíam, não delatavam.

SÍLVIA

Geraldo. O desespêro...

GERALDO

O egoismo, Sílvia! Você vive enclausurada e não vê o desespêro que existe à sua volta. Você nem siquer conseguia compreender-me, compreender a simulada indiferença, compreender o que se passava dentro dêste boneco. E você me denunciou!

SÍLVIA

O amor...

GERALDO

Não, Sílvia! Definições, não! As suas definições estavam tôdas erradas. Você sabe, Sílvia, porque eu casei com você?

SÍLVIA

Por que você casou comigo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.58.

GERALDO

(Explodindo). Por amor, Sílvia! Por amor!

SÍLVIA

Não.

GERALDO

Por amor.

SÍLVIA

Você casou comigo porque eu venci com os meus argumentos.

GERALDO

Que argumentos? Eu sempre achei uma graça infinita nêles. Seus argumentos sempre me despertaram uma pena sem fim. Sua mente não descansava. Você vivia forjando novos mundos, novas definições. Você contrabandeava mundos inteiros...

SÍLVIA

Mundos melhores.

GERALDO

Mundos em que você não precisasse ser bela. Mas para mim você era bela, Sílvia. Para mim você tinha tudo o que eu procurava numa companheira, numa amiga, numa espôsa, numa amante. Você ficava esperando que eu lhe mandasse uma "corbeille." Grande tola! Eu, se pudesse, lhe mandaria tôdas as "corbeilles" do mundo. Eu lhe daria tôdas as flores da terra. Você não queria as flores. Você queria as homenagens que elas representam. Você não queria amor. Você queria sentir-se amada.

SÍLVIA

Eu soube vencer tôdas as outras.

GERALDO

Sim, Sílvia. Você soube vencê-las. Sim. Eu estava habituado à inconsequência daquelas carinhas convencidas que pensavam ter o mundo nas mãos,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.59.

certas de sua beleza, confiantes em seu poder. De repente surgiu você. Tão feia! Tão feia, Sílvia! Tão humilde! Tão humilhada consigo mesma, tão certa de que ninguém no mundo poderia amá-la que eu comecei a sentir por você uma ternura infinita.

SÍLVIA

(Começa a rir histèricamente).

GERALDO

De que você está rindo? **(O riso dela cresce).** De que é que você está rindo?

SÍLVIA

(Sempre rindo). Eu já estava começando a acreditar em suas palavras. Por um momento cheguei a pensar que fôsse verdade...

GERALDO

E' verdade.

SÍLVIA

Por um momento consegui iludir-me. Não minta, Geraldo. Eu o denunciei. Pode matar-me, pode torturar-me, pode fazer comigo o que quizer, mas não minta. Não use essas palavras comigo.

GERALDO

Estas são as palavras que eu sempre usei quando você me permitia falar.

SÍLVIA

(No auge da fúria). Quem ensinou você a sentir desta maneira fui eu. Você não sente o que diz que está sentindo. Você está usando as minhas palavras. Eu nunca fui humilde, nem nunca fui humilhada. Você diz tudo isto porque está muito doente. Você precisa de mim porque está doente. Só por isso.

GERALDO

Não, Sílvia. Eu já não preciso de mais nada.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412,p. 60

SÍLVIA

Mas então... então... você diz isso por piedade. Você teve pena de mim, Geraldo. Mas eu não quero que ninguém tenha pena de mim! Você quer me fazer crer em coisas absurdas. Você nunca me deu a menor prova de nada... Nem as comemorações... Nem os aniversários...

GERALDO

Ah, sim! Os aniversários. As comemorações. Eu não queria participar dêles.

SÍLVIA

Porque eram nossos. Porque você nunca se lembra de nada.

GERALDO

Nossos? Eram seus. Para comemorar? [illegible]e? Comemorar por que, se você nada sentia, [illegible] você estava esperando pela primeira oportunidade para me denunciar, para se vingar do que eu não fiz. As comemorações! Muitas vêzes chorei, Sílvia!

SÍLVIA

Você?!

GERALDO

Eu. Muitas vêzes chorei sòzinho. Comemorei sòzinho. Comemorar sòzinho. Consolar-se sòzinho. Um dia olhei minha cara no espêlho. E' a coisa mais triste do mundo. Um homem chorando sòzinho. Consolar-se sòzinho! "Para o ano não será mais assim. Coragem, Geraldo! Ela mudará. Paciência, Geraldo! Ela não tem culpa de nada. Aguenta, Geraldo!" Eu casei com você porque você era feia. Não foi pena. Não foi piedade. Eu queria, eu precisava que você fôsse feia. Porque eu tinha mêdo. O garôto acovardado de ontem, o garôto retardado de quem todos riam, depois de homem tinha mêdo de competir com

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p.61

os outros homens. Uma mulher bonita é uma ameaça constante. E' preciso disputar, lutar, dominar, vencer. E eu, tinha mêdo Sílvia. Mêdo de competir. A doença me tem feito pensar muito, sentir muito. Não, Sílvia. Eu não sou o imbecil que você imagina. Todos sempre viveram explorando a minha imaturidade. Até o contrabando! Agora compreendo até isso! Eu precisava provar a mim mesmo que podia ludibriar os outros, que podia enganar o resto da humanidade. Eu poderia coñstruir pontes, edifícios, estradas. Mas não queria, não podia fazê-lo. Eu queria ser o mais esperto, o mais sagaz, o mais inteligente, para vingar-me de todos os que se tinham rido de mim, quando eu era um garôto tolo, enganado por todos, ridicularizado por todos. Êles riram. Êles [illegible]riam. Se eu construísse edifícios, se erguesse pontes, se abrisse estradas, êles continuariam rindo. Mas ninguém ri de um contrabandista. **(Sai).**

SÍLVIA

(Ao público). Vocês acreditam no que êle disse? Eu não. Deve haver algum motivo. Deve existir alguma razão. Mas evidente! Clarissimo! Como é que eu não tinha pensado nisso? Vejam do que um homem é capaz! Enleia-nos com palavras e se a gente não percebe a verdadeira intenção... Tudo que êle diz soa falso. Tudo aquilo só tem, só pode ter um motivo. Êle estará preso. Precisa de alguém que cuide de sua fortuna. De nossa fortuna. Entre nós só existe uma comunhão. A comunhão de bens. Mas a mim não se engana assim. Eu vejo sempre o que se oculta entre as palavras. Mas se êle sentisse mesmo alguma coisa por mim? Será que alguém sente mesmo algo por alguém? As pessoas sentem mesmo ou fingem que sentem? Mas se fôsse verdade tudo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p.62

o que êle acaba de dizer? Nem seria preciso que tudo fôsse verdade. Bastaria uma frase. E nem sequer seria preciso que fôsse uma frase. Poderia ser uma palavra doce. Uma palavra qualquer. Uma única palavra. E se sendo verdade eu tivesse deixado passar tôda a minha vida, sem sentir nada, sem perceber que o amor estava tão perto! E se eu tivesse vivido esperando flores sem perceber que tinha todo um jardim? Mas por que terá casado comigo um homem como Geraldo? Dinheiro? Eu não tinha. Beleza... Inteligência!... Mas será que alguém casa... Não. E' a fortuna. Êle precisa de alguém que lhe guarde a fortuna. Êle precisa de alguém que tome conta de tudo. Êle precisa. E' a fortuna.

GERALDO

(Que havia entrado com as últimas palavras). Que fortuna, Sílvia? Já não existe mais nenhuma fortuna. De tudo o que eu possuía só me resta você.

SÍLVIA

Você mente!

GERALDO

E tendo você não preciso de mais nada, Sílvia! De mais nada. Adeus!...

SÍLVIA

Espere, Geraldo. **(Pausa).** Onde você vai?

GERALDO

Entregar-me. **(Faz menção de sair).**

SÍLVIA

Espere! Espere, Geraldo!

Ela se aproxima lentamente, quer pousar a mão nêle, mas retira-a, incapaz que se sente de uma demonstração de ternura. Sente-se que ela está fazendo um esfôrço sobrehumano para sentir.

GERALDO

(Está parado e olha-a interrogativamente).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412.p.63.

SÍLVIA

(Ainda desnorteada, ainda hesitante). Então é verdade! E' verdade mesmo! As pessoas sentem mesmo! As pessoas sentem de verdade! Esquecem delas totalmente, para viverem num outro ser? Então você me quer mesmo? A mim, Geraldo?

A música-tema da peça vem, suavemente, e colabora até o final, quando cresce violentamente com as últimas palavras de Sílvia. Nas frases seguintes os dois vão se aproximando lentamente.

GERALDO

A você.

SÍLVIA

(Com angústia). E você sente falta de mim? Eu lhe faço falta?

GERALDO

Muito, Sílvia.

SÍLVIA

E você precisa de mim! Precisa mesmo de mim?

GERALDO

Mesmo.

SÍLVIA

E você não se importa que eu seja assim como sou?

GERALDO

Eu "quero" que você seja assim.

SÍLVIA

Oh, meu Deus! E você não me odeia! **(Abraça-o chorando).** O que eu fiz. O que eu disse...

GERALDO

Eu amo você. Adeus.

SÍLVIA

(Numa angústia deslumbrada). Então é verdade! **(Abraça-o de cabeça baixa, chorando em convulsões).** Então é verdade! E' verdade!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 042 p.64.

GERALDO

(Sai pela platéia, por uma escadinha e diz longe). E' verdade, Sílvia.

(Naquêle momento ela começa a olhar deslumbrada o fundo da platéia, como em êxtase. A alma de Sílvia parece ir se iluminando gradativamente).

SÍLVIA

Deve ser isto. Esta angústia, esta ternura, estas lágrimas, êste mêdo... Deve ser isto. Então amor é isto!... Obrigada, meu Deus!... Então amor é isto!

(Sua fisionomia está deslumbrada. Ela consegue, nêste momento, ser quase bela. Ri e chora, docemente feliz enquanto a música chega ao auge e a peça chega ao FIM).

F I M

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p65

Opiniões da crítica sôbre

"OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES!"

"Magnífica obra de Pedro Bloch". *Jornal do Comércio".*

——::——

"E' obra de alto mérito a nova peça de Pedro Bloch". *"Jornal do Brasil".*

——::——

"Vale a pena assistir uma, duas, três vêzes a "Os inimimos não mandam flores." *"Diário Popular".*

——::——

"E' mais complexa que "As mãos de Eurídice." *"Tribuna da Imprensa".*

——::——

"Um autor cheio de talento. A segurança de uma nova vitória." *"O Mundo".*

——::——

"Os inimigos não mandam flores!" é um novo triunfo de Pedro Bloch e que faz surgir no teatro nacional dois grandes intérpretes." *"A Noite".*

——::——

"Pedro Bloch é uma das melhores aquisições feitas pelo teatro nacional nêstes últimos anos." *"A Tribuna".*

——::——

"Trata-se de uma peça bem interessante." *"Jornal dos Sports".*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p. 66

"E' uma peça que merece e deve ser vista porque constitui por si e pela interpretação um excelente espetáculo." *"Diário da Noite"*.

———::———

"Uma coisa é certa: — O teatro nacional incorporou em Pedro Bloch um autor de primeira classe." *"O Cruzeiro"*.

———::———

"Um autor de talento." *"O Globo"*.

———::———

"Entre as poucas apresentações de bom gôsto em cartaz na cidade." *"Diário Carioca"*.

———::———

E muitas outras críticas abonadoras [illegible] peça de Pedro Bloch, da interpretação, da direção e [illegible] cenário de Darcy.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p.67.

COLEÇÃO TEATRO BREVE

1 — 1 VENDEDORA DE RECURSOS — Gastão Tojeiro — Com., 1 ato — 1 M. 2F.

2 — VISITA DE CERIMÔNIA — Miguel Santos — Com., 1 ato — 2 M. 1 F.

3 — PROTEÇÃO DE DEUS — Peça sacra — Anibal de Freitas — 1 ato — 2 M. 1 F.

4 — COMO SE FEZ NOSSA BANDEIRA — Sainete cívico coreográfico E. Wanderley.

5 — SE NÃO FOSSE O TELEFONE (2) - Esquete 1 M. e FAZE O QUE EU DIGO E... Esquete 2 M. 1 F — Gastão Tojeiro.

6 — UMA LIÇÃO CONJUGAL (2) - Com. 1 ato — 2 M. 2 F. e A SORTE GRANDE — Esquete, 2 M. 2 F. — De Teixeira Pinto.

7 — CARTÃO DE VISITA — Com., 1 ato — 2 M. 3 F — J. Ribeiro.

8 — ALUG[illegible]E ESTA CASA — Com., 1 ato — Miguel Santos — 5 M. 3 F.

9 — ENTROU DE CAIXEIRO E SAIU DE SÓCIO — Com., 1 ato — Abadie F. Rosa — 2 M. 2 F.

10 — APUROS DE UM CORONEL — Com., 2 atos — Teixeira Pinto — 4 M. 3 F.

11 — MORENA DE CAXAMBU — Com., 1 ato — Teixeira Pinto — 4 M. 2 F.

12 — SANTA CECILIA — Dra. sacro, 3 atos — Ferreira Neto.

13 — A CEIA DOS CAIPIRAS — Paródia — Santos Júnior — 4 M.

14 — INIMIGO DAS MULHERES — Oswaldo Rosas com 2 atos 5M. 3F.

15 — PRESIDENTE ANTES DE NASCER — Mauro Almeida com 1 ato 1M. 1F.

Coleção constituída de peças ligeiras, com reduzido número de personagens, cenários, montagem, endumentária e "mise-en-scene" própria de qualquer grupo do interior, e com oportunidade para nova revelações artísticas.

Ex. Cr$ 6,00

~~BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.~~ 0412.p.68

COLEÇÃO TEATRO NACIONAL

(Comédias em 3 atos)

1 — PERTINHO DO CEU — De Mário Lago e J. Wanderley (Exgotada).
2 — O MARIDO N.º 5 — Paulo Magalhães — (Exgotada).
3 — O TROFEU — Armando Gonzaga — 5 M. 5 F.,
4 — O GARÇON DO CASAMENTO — C. Bittencourt e M. Santos — 6 M. 6 F.
5 — MULHERES MODERNAS — L Coutinho 3 M. 4 F.
6 — CHUVAS DE VERÃO — Luiz Iglesias (Exgotada).
7 — A FELICIDADE PODE ESPERAR — Eurico Silva — 6 M. 5 F.
8 — AS PRECIOSAS RIDÍCULAS (Moliére) — Transp. C. Silva.
9 — ALVORADA — Paulo Magalhães — 5 M. 4 F.
10 — A VIDA BRIGOU COMIGO — J. Wanderley e D. Rocha — 6 M. 6 F.
11 — O PRINCIPE ENCANTADO — Luiz Leandro — 4 M. 4 F.
12 — OS HOMENS... QUE HORROR!... — Felippe Messina — 6 M. 4 F.
13 — SAI DA PORTA, DEOLINDA — Gastão Tojeiro — 5 M. 5 F.
14 — MANIA DE GRANDEZA — Joracy Camargo — 7 M. 7 M.
15 — PENSÃO DE D. STELLA — Gastão Barroso — 5 M. 5 F.
16 — O BEIJO QUE ERA MEU — J. Wanderley e M. Lago — 5 M. 4 F.
17 — OPERETA SEM MÚSICA — Luiz Leandro — 5 M. 4 F.
18 — O MARIDO DA DEPUTADA — Paulo Magalhães — 5 M. 5 F.
19 — O Pivete — Luiz Iglesias e M. Santos — 5 M. 4 F.
20 — SEGREDO DE FAMÍLIA — Mateus da Fonte — 5 M. 4 F.
21 — OS SONHOS DO TEODORO — Gastão Tojeiro — 7 M. 5 F.
22 — OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES — Pedro Bloch 1M. 1F.
23 — LOUCURAS DO IMPERADOR — P. Magalhães 4M 4F
24 — MORRE UM GATO NA CHINA — Pedro Bloch

Preço — Exemplar Cr$ 10,00

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p-69

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 1150/69

PEÇA - / : : : OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES : : : / -

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO ATÉ 14 ANOS

VÁLIDO ATÉ 22 de ABRIL de 19 74

Brasília, 22 de ABRIL de 19 69

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUNIZ THALER DE SOUZA

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.70.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 36, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de GRUPO EXPERIMENTAL RIBEROPRETANO DE AMADORES-GERA-RIBEIRÃO PRÊTO

Tendo sido censurada em 17 de ABRIL de 19 69 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÒMENTE SERÁ VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPTS DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 22 de ABRIL de 19 69

JOSÉ SAMPAIO BRAGA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

DPF.SAv.7034-PES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p.71

22/04/69

Chefe do SCDP
Sr. Delegafo Regional do DPF/SP
Providências (SOLICITA)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pelo Chefe da TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico dêsse/ Serviço:

1. Assistir ensaio geral da peça "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES", de autoria PEDRO BLOCH;

2. Enviar a êste SCDP, relatório minucioso a respeito do espetáculo e,

3. Entregar a documentação anexa e certificados ao interessado - Grupo Experimental Radiofônico pretano de Amadores (GERA) - Sòmente após autorização desta Chefia, via Rádio.

Atenciosamente,

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP

Recebi
22-11-69

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p - 72.

7,

ILMO.SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BRASILIA - DF.

Com o presente, temos a honra de emcaminhar a V.S. para fins de CENSURA, 3 exemplares impressos da peça OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES, comédia em 3 atos de autoria de Pedro Bloch, para próxima apresentação da companhia YMCA, (Yoná Magalhães e Carlos Alberto), no Teatro Serrador no dia 25 de Agosto de 1969, Rio de Janeiro, Estado da Guanabara.

Rio de Janeiro, 5 de Agosto de 1969.

Luiz Claudio

Pela Empresa YMCA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412p.73.8

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3° andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

ILMO.SR.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
BRASILIA- DF.

Saudaçoẽs.

Com o presente, encaminhamos a V.S., para os devidos fins, o incluso requerimento da empresa YMCA, pedindo censura da peça OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES, comédia em 3 atos original de nosso associado sr. Pedro Bloch, para próxima apresentação dessa empresa no dia 25 de Agosto de 1969, no Teatro Serrador, Rio de Janeiro Estado da Guanabara.

Sem outro Assunto, subscrevemo-nos com a maior consideração.

Djalma Bittencourt
Diretor Administrativo da SBAT

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412, p. 74

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º
Data

Do Técnico de Censura Credenciado

Para Chefe da T.C.T.C.

Assunto: Recensura de peça teatral.

A peça teatral "Os Inimigos Não Mandam Flôres", vista e censurada por êste Serviço já algumas vezes com impropriedade à menores de 14 anos, a meu ver deve permanecer com a mesma restrição / para o novo pedido de recensura, por se tratar de script idênticos aos apreciados anteriormente.

Brasília, DF., 20 de agôsto de 1.969.

Tamar Fragoso de Oliveira.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 75.

Ministério da Justica
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

10

Sr.Chefe da Seção de Censura.

LUIZ CLÁUDIO, representante da Companhia de Teatro YMCA (Yoná Magalhães e Carlos Alberto) da Guanabara, enviou para exame dêste SCDP, a peça teatral " OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÕRES" de Pedro Bloch.

A referida obra já foi liberada por êste Órgão, com parecer do Técnico de Censura credenciado ÃNTONIO DE / PÁDUA CARVALHO ALVES e pelo Certificado nº 1150/69, válido até 22 de abril de 1974, classificando-a IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 ANOS.

A comparação dos escritos, coube ao Técnico de // Censura credenciado TAMAR FRAGOSO DE OLIVEIRA, que em pemorando anexo, informa-nos da identidade dos escritos.

Assim sendo, à vista do exposto , sugerimos que se expeça os certificados requeridos naquelas mesmas condições, conforme a Lei 5536/68. s.m.j.

À consideração superior.

Em,20/agosto/1969

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
TCTC-SC/SCDP

Ao Sr. Chefe do
SCDP para decisão.
Em 21/8/69

Em 21/Ago/69
Expeçam-se os certificados.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.76.

CENSURA FEDERAL

TEATRO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

Certificado Nº 1624/69

PEÇA -/::: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES :::/-

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 22 de ABRIL de 1974

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO ATÉ 14 ANOS

Brasília, 21 de AGOSTO de 1969

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

ap/

M.J.- D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.77

Certifico constar no livro nº -01- folha nº -51-, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES-

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de COMPANHIA YMCA (YONÁ MAGALHÃES E CARLOS ALBERTO)- GUANABARA

Tendo sido censurada em 20 de AGOSTO de 19 69 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS :::: CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME § 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.

O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 21 de AGOSTO de 19 69

JOSÉ SAMPAIO BRAGA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412,p.78.

12

126-TCTC

21-8-69

Chefe do SCDP

Sr. Delegado Regional do DPF/GB

Providências (solicita)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico dêste Serviço:

1. assistir ensaio geral da peça "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES";

2. enviar a êste SCDP relatório minucioso a respeito do espetáculoc,

3. entregar a documentação anexa (script e certificado) ao interessado - qualificado no verso do certificado - sòmente após autorização desta Chefia, via rádio, à vista do constante do ítem 2 (dois).

Atenciosamente,

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 79.

MINISTERIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

COPIA PARA CONTRÔLE DO D. C. T.

13

GEN. LUIZ CARLOS REIS DE FREITAS
DELEGADO REGIONAL DO DPF- GUANABARA

243-TCTC 5 9 69

À VISTA RELATÓRIO ENSAIO GERAL, AUTORIZO ENTREGA PELA TCDP DOS CERTIFICADOS PEÇA " OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES" INTERESSADO PT SDS ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA CHEFE SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 80.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL – GB

14

Senhor Chefe da T.C.D.P.

Parecer de Peça Teatral

"Os Inimigos Não Mandam Flores"

De: Pedro Block.

Peça teatral de fundo psicológico, mostranda a vida conjugal em todas as nuances, com seus dramas íntimos, vividos pela maioria dos casais.

Com grande facilidade de comunicação popular, o autor soube com habilidade, situar o espectador, dentro do contexto, tornando o resultado geral imensamente positivo.

Mantenha-se a impropriedade para crianças até 14 anos.

Rio de Janeiro, 1 de Setembro de 1969.

Maria Ribeiro de Almeida
Maria Ribeiro de Almeida
Técnica de Censura
Mat. 1.939.756.

Encaminhe-se para Brasília
2-9-69
Marina M. Ferreira

R. Rd 243
junte-se ao
processo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 81

ILMº SR;

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PUBLICAS

A CIA DE TEATRO DIRCEU DE MATOS, vem, mui respeitosamente, submeter à apreciação de V.Sª, o texto de Pedro Bloch, " OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES", peça que tem estréia marcada para 10 de maio corrente, abindo as comemorações do 10º aniversário da TV Rádio Nacional, encenada / pela Cia ora solicitante.

Nêstes têrmos,

P. deferimento.

Dirceu de Matos
CIA DE TEATRO DIRCEU DE MATOS

P R O G R A M A Ç Ã O

De 10 a 30/5/68

às 21.15 horas.

Recebi o certificado de Censura

Dirceu de Matos
10-5-68

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412p-82.

17

ILMº SR;

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PUBLICAS

A CIA DE TEATRO DIRCEU DE MATOS, vem, mui respeitosamente, submeter à apreciação de V.Sª, o texto de Pedro Bloch, " OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES", peça que tem estréia marcada para 10 de maio corrente, abindo as comemorações do 10º aniversário da TV Rádio Nacional, encenada / pela Cia ora solicitante.

Nêstes têrmos,

P. deferimento.

Dirceu de Matos

CIA DE TEATRO DIRCEU DE MATOS

PROGRAMAÇÃO

De 10 a 30/5/68

às 21.15 horas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412p. 83.

Cia. de Teatro Dirceu de Mattos
Brasília - D. F.

18

Submetemos à apreciação deste Departamento o texto de Pedro Bloch, "Os Inimigos Não Mandam Flores", peça que tem estréia marcada para 10 de maio corrente, abrindo as comemorações do 10º aniversário da Rádio e TV. Nacional, encenada pela dia ora solicitante.

Nestes Têrmos
P. Deferimento

p/ Cia de Teatro Dirceu de Mattos
Dirceu de Mattos.

SQ 208 - Bloco D - Apt. 107

27622 - R. 122.
(T. F. Rearsin)

Reconhecida como de Utilidade Pública
pelo Decreto n. 4.892, de 4 de agôsto
— de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das
Sociedades de Autores e Compositores,
— de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p.84.

19

Direitos de Representação — Autorização Nº 139791

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: OS INIMIGOS NÃO MANDAM

FLÔRES

Original de PEDRO BLOCH

Música de —

Tradução de —

No Teatro T. V. NACIONAL Cidade P. PILOTO

Emprêsa — Pela Cia. DIRLEU DE MATOS

nos dias 10 a 30 de maio de 1968

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de 15% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ — por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Brasília, 23 de Abril de 1968

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412p. 85.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama ,comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes do sautores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, runiões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 194[illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 86.

2/

Senhor [illegible] da Censura

[illegible] abaixo indicada, com o vot[illegible]

do Censor *[illegible]*, que procedeu o exame [illegible]

mesma.

NOME DA PEÇA: *Os inimigos não mandam flôres*

AUTOR: *Pedro Bloch*

RESTRIÇÃO SUG[illegible]: *14 (catorze) anos c/ cls. [illegible]*

OBS:

07.01.68

Em

[signature]

Chefe [illegible]

VISTO :

[illegible] processo à apreciação do Se-
nhor Chefe do SCDP [illegible].

Em

Chefe [illegible]

DESPACHO

Expedir [illegible] de Censura de acôrdo com voto
do Censor

Em

[signature]

CHEFE [illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412,p.87

056/GB

Recebi o certificado e a peça "Os Inimigos não Mandam Flores"

056/GB -1-

" OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES "

XXXXXXXXXXX AUTOR : PEDRO BLOCH

XXXXXXXXXXXXXXXXXXX PRODUTOR : EMP. FABIANO CANOSA

XXXXXXXXXXXXXXXXX 01 27 JUNHO 67

a a XXXXX PEÇA

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX ITEM 7, PARÁGRAFO 1º DA PORTARIA SCDP-11/67, FÔSSE LIBERADA PARA REPRESENTAÇÃO COM A PROIBIÇÃO PARA MENORES ATÉ 14 ANOS.

ESTADO DA GUANABARA XXXX 27 JUNHO 67

JOSÉ LEITE OTTATI
CHEFE DA SCF/DR/GB/DPF

2

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p-88.

056-CB

XXXXXDA PEÇA-OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

XXXXX AUTOR - PEDRO BLOCH

PROIBIDO PARA 27 JUNHO 68

MENORES ATÉ 27 JUNHO 67

14 ANOS --

A. ROMERO LAGO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.042,p.89

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

22

CENSURA FEDERAL

TEATRO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

Certificado Nº 247/68

PEÇA -/ OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES/-

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS

VÁLIDO ATÉ 07 de MAIO de 19 69

Brasília, 07 de MAIO de 19 68

MANOEL FELIPE DE SOUZA LEÃO NETO
Chefe do S. C. D. P.

apca/

M. J. – D. P. F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p,90

Certifico constar do livro nº -01- fôlha nº -09-, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -/OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES/-

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de COMPANHIA DIRCEU DE MATOS

Tendo sido censurada em 07 de M A I O de 19 68 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL – S.C.D.P

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 07 de MAIO de 19 68

- CARLOS LÚCIO MENEZES -
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412p.91

23

Ministério da Justiça
Departamento de Polícia Federal
Serviço de Censura de Diversões Públicas
Turma de Censura de Teatros e Congêneres

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

A U T O R I Z A Ç Ã O

A CIA. DE TEATRO DIRCEU DE MATOS ficam pela presente, AUTORIZADA a interpretar, no palco da TV-Rádio Nacional de Brasília, no período de 10 a 20 de maio em curso, a peça teatral intitulada"OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES", de Pedro Bloch.

Brasília-DF. 10.maio.1968

Carlos Lúcio Menezes
Chefe T.C.T.C.
SCDP - DF.

BR DFANBSB NS CPR.TEA.PTE. 0412, p. 92.

24

9 de outubro de 1968

AO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL.

EXMO. Sr. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA

Prezado Senhor

Solicitamos a essa Chefia autorização para a exibição da peça "Os Inimigos Não Mandam Flôres", de Pedro,Bloch, no auditório da TV. Brasília, Canal 6, nos dias 19,20,21,22 e 23 de outubro de 1968, em benefício das obras sociais da Unidadade de Cardiologia do Hospital Distrital do D.F., com início as 21,00 horas.

Outrossim, pede, com a devida vênia pela perda, da 2a via do Certificado da referida peça.

N.T.

Pede deferimento

CIA. DE TEATRO ITACEU DE MATTOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412p.93.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

Certificado Nº 247/68 -2ª VIA-

PEÇA -/::: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES :::/-

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 07 de MAIO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO ATÉ 14 ANOS

Brasília, 10 de OUTUBRO de 19 68

Chefe do S. C. D. P.

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

AP/

M. J. – D. P. F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 94

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 09, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES-

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de COMPANHIA DIRCEU DE MATOS (DF)

Tendo sido censurada em 07 de M A I O de 19 68 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) / ANOS.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 10 de OUTUBRO de 19 68

Serv. de Censura de Diversões Públicas – D. P. F.

JOSÉ SAMPAIO BRAGA-
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF SAv 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 95.

26

Cia. de Teatro Dirceu de Mattos

Brasília - D.F. 11 de maio de 1970

AO
SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS
Ministério da Justiça
Departamento de Polícia Federal

N e s t a

prezados senhores:

Assunto:- PROGRAMAÇÃO

solicitamos o obséquio da aprovação do programa teatral, peça " Os Inimigos Não Mandam Flôres", de Pedro Bloch, comédia em três atos, a ser encenada na Escola Parque, nos dias 26/27/28/29/30 e 31 de maio corrente, montagem sob a responsabilidade de nossa companhia.

A peça consta de dois atôres, Dirceu de Mattos e Yonne Storni e contra-regra de quinças, todos registrados nesse departamento.

O espetáculo foi laureado no VIII Festival Internacional de Teatro, realizado em novembro último, (melhor atriz do festival) e a peça está devidamente censurada, dentro da última orientação da validade de cinco anos. Anexamos a segunda via, quando da nossa representação.

Igualmente juntamos os bilhetes, para a turma da censura, como de lei (quatro por espetáculos), e guia da SBAT.

sendo o que se nos apresenta para o momento, subscrevemo-nos,

Aprovo 20/05/70

respeitosamente

Dirceu de Mattos
Cia. de Teatro Dirceu de Mattos

sq. 208 - Bloco D - Apt. 107
tel 427622 R. 122

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, — de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 96.

27

Direitos de Representação Autorização Nº 139827

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: Os Inimigos não mandam flores

Original de Pedro Bloch

Música de —

Tradução de —

No Teatro Escola Parque Cidade P. Piloto

Emprêsa — Pela Cia. Dirceu de Matos

nos dias 26 a 31 de Maio / 1970

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de 15% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ — por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Brasília, 12 de Maio de 1970

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p 97

Ilmo. Sr.

Chefe de censura do Departamento de Polícia Federal.

Brasília.

29

Geny Borges, abaixo assinada, responsável pelo Teatro Esperança de Porto Alegre, vem respeitosamente requerer a V. S. a liberação da peça "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES" de Pedro Bloch. A ser encenada no Colégio Normal LA SALLE. no dia 20 de junho de 1970.

NÊSTES TÊRMOS

PEDE DEFERIMENTO

Porto Alegre 3 de junho de 1970.

Geny Borges

GENY BORGES

DIRETORA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 98.

PEDRO BLOCH

OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

COMÉDIA EM TRÊS ATOS

S. B. A. T.
Peça liberada exclusivamente para
Geny Bonbes
e para fins de Censura. Sua apresentação em teatro, rádio, televisão, e outros meios de comunicação, dependerá do pagamento prévio dos direitos autorais.
P. Alegre, 3 de junho de 1970
S. B. A. T.
R. G. SUL SBAT

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p. 99.

M.J.- DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

31

17 de Junho de 1970

Do:- Censor Carlos Rodrigues
Para:- Chefe do TCTC
Ass:- Comparativo de peça (faz)

Senhor Chefe:-

Atendendo determinação, procedi ao exame bem como comparativo da peça " OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES " de autoria de Pedro Bloch.

Verificada a justeza da referida peça no seu contexto, bem como as diversas liberações anteriores, conforme processos anexos, nada impede a sua liberação com a mesma impropriedade já atribuida:- 14 ANOS.

Limitando ao assunto, sou.

Cordialmente

Carlos Rodrigues
-Censor-

AO SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

ANEXO ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA COM O PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA CARLOS RODRIGUES, QUE A EXAMINOU: =A DOCUMENTAÇÃO ESTÁ EM ORDEM=

TITULO: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES
AUTOR : PEDRO BLOCH
REST : 14 ANOS - EM 18.06.70

MANOEL MIRANDA FERREIRA
CHEFE DA T C T C -

De acôrdo.
18.6.70

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p.100.

32

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 2697/70

PEÇA -:::/ OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES /:::-

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH -

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 18 de JUNHO de 1975

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 18 de JUNHO de 1970

IMPRÓPRIO ATÉ 14 ANOS

Chefe do S. C. D. P. PROF. WILSON A. DE AGUIAR -

M.J.- D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412.p.101

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 85, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -/ OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES/-

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de GENY BORGES - PORTO ALEGRE- ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.-

Tendo sido censurada em 17 de JUNHO de 19 70 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS - -CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL-

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SO TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.-

Brasília, 18 de JUNHO de 19 70

Serviço de Diversões Públicas D.P.F.

MANOEL MIRANDA FERREIRA -

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA -

DPF. SAv. 7034-FFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 102. 33

309

18.06.70

CHEFE DO S C D P

SR. CHEFE DA TCDP - DR/RS

PROVIDÊNCIAS (SOLICITA)

SR. CHEFE,

SOLICITO SUAS PROVIDÊNCIAS, NO SENTIDO DE QUE SEJAM CUMPRIDAS POR ESSA TCDP, AS SEGUINTES DETERMINAÇÕES DE CARÁTER TÉCNICO DÊSTE SERVIÇO:

1. ASSISTIR AO ENSAIO GERAL DA PEÇA "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES", AUTORIA DE PEDRO BLOCH ,

2. DEVERÁ SER ENVIADO A ÊSTE SCDP, RELATÓRIO MINUCIOSO A RESPEITO DO ENSAIO GERAL, PORÉM OS CERTIFICADOS PODERÃO SER ENTREGUES E A PEÇA LIBERADA PARA A EXIBIÇÃO, CASO A CLASSIFICAÇÃO CONCEDIDA POR ÊSTE SERVIÇO ESTEJA DE ACÔRDO COM O OBSERVADO DURANTE A ENCENAÇÃO.

ATENCIOSAMENTE,

PROF. WILSON A. DE AGUIAR
CHEFE DO SCDP -

CEO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412, p.103.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CÓPIA PARA CONTRÔLE DO D. C. T.

347

TCDP/RS U U

245/SCDP 18 06 70 PEÇA ASPAS OS INIMIGOS NÃO MANDAM / FLÔRES FECHASPAS CENSURADA ÊSTE SCDP VG IMPROPRIEDADE 14 ANOS VG CERT Nº 2697/18/06/70 PT AUTORIZO ENSAIO GERAL ET VG SE IMPROPRIEDADE / COINCIDIR LAUDO CENSOR VG PERMITIR SUA APRESENTAÇÃO PELO COLÉGIO NORMAL LA SALLE VG RESPONSÀVEL GENY BORGES PT CERTIFICADOS SEGUEM HOJE MALOTE PT CH SCDP BSB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.104.

D.F.S.P.
027919 11 AGO 70

36

Excelentíssimo Senhor
DIRETOR DA CENSURA FEDERAL,
Edifício B.N.D.E.
BRASÍLIA DF.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
1399/70
S.C.D.P
25/8/70

Senhor Diretor.

LOURIVAL PEREIRA, abaixo assinado, vem requerer a V. Excia. se digne mandar proceder a censura da peça "Os Inimigos Não Mandam Flores", de autoria de Pedro Bloch, da qual envia treis (3) exemplares.

Qualquer solução poderá ser encaminhada à Associação Comercial e Industrial de Novo Hamburgo, nesta cidade.

N. Termos.
P. Deferimento.

Lourival Pereira

SCDP
24/8/70
CEL. EGMONT BASTOS GONÇALVES
DIRETOR/DPF, EM EXERCÍCIO

DPF - DA - SRA
Recebido 11/8/70

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.105.

37

PEDRO BLOCH

OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES

Comédia em Três Atos

S. B. A. T.
Peça liberada exclusivamente para
Louival Pereira
e para fins de Censura. Sua apre-
são em teatro, rádio, televisão,
os meios de comunicação, en-
do pagamento prévio dos di.itos
torais.
P. Alegre, 31 de Julho de 1970
S. B. A. T.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 106.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

38

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

b) Título original:

c) Autor: PEDRO BLOCH

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia:

h) Classificação da Censura: 14 anos

II) Análise

a) Gênero: Drama

b) Argumento: Um homem jovem, formado em Engenharia, o que, entretanto, não exerce. Cansado de caras bonitas e meninas fúteis, casa-se com uma mulher feia e deselegante, porque esperava preencher o vazio de seu íntimo. A fealdade da mulher, entretanto, não era só física. Tomada de angustia, egoismo e incompreensão, por mêdo de perder o belo marido, esquecia-se de que êle era gente, era humano, era uma pessoa que vivia ao seu lado e tanto precisava de atenção, de carinho e ternura.

c) 1 - Mensagem: Negativa. Mostra o conflito existente entre casais que não se compreendem

2 - Impressão final: Positiva. Fim do desencontro e a certeza de que o amor existe.

d) Diálogos: Adequados ao conteúdo da peça.

e) Cenas: Sòmente à vista do ensaio geral

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.107

f) Personagens: O casal

g) Valor educativo: Muito bom. Apresenta uma forma de dirimir certos conflitos existentes entre casais.

III) Conclusão

Considerando que em sua substância, a peça retrata uma realidade atual, sugerimos liberação para maiores de 14 anos, vez que o assunto esteja ao alcance dessa idade.

Brasília, 15 de setembro de 1970

Técnico de Censura - Cart. nº 487

Teresa Paternostro

TERESA GUIMARÃES PATERNOSTRO

Sr. Chefe da S.Censura:

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com co voto do T.Cens Teresa Guimarães, que a examinou.

Título: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES
Autor : Martins Penna
Clasf. : 14 ANOS

OBS: Peça já liberada várias vezes c/idêntica classf.

DF, 21 de setembro de 1970

Manoel Miranda Ferreira

De acôrdo
21-9-70

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 412, p. 108.

59

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 3022/70

PEÇA ==="OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES"==

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELO S. C. D. P. VÁLIDO ATÉ 22 de SETEMBRO de 19 75

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 22 de SETEMBRO de 19 70

PROIBIDO
PARA MENORES DE
14 ANOS

Chefe do S. C. D. P.
PROF. WILSON A. DE AGUIAR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 042 p-109

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 95, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES "

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de LOURIVAL PEREIRA - NOVO HAMBURGO/RS.

Tendo sido censurada em 15 de SETEMBRO de 1970 e recebido a seguinte classificação: IMPROPRIO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS - CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

OBS. O PRESENTE CERTIFICADO SÓMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 22 de SETEMBRO de 1970

MANOEL MIRANDA FERREIRA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF-SAv.150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p.110.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

MEMº Nº 676/70-TCTC DATA: 23/ 9/1 970

DO: CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
AO: SR. CHEFE DA TCDP/DR/RS
ASSUNTO: PROVIDÊNCIAS (SOLICITA)

Sr. Chefe,

Solicito suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo indicada, podendo ser entregue tôda a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por êste Serviço esteja de acôrdo com o observado no ensaio geral, devendo, posteriormente, ser remetido o respectivo relatório.

PEÇA : OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES
AUTOR : PEDRO BLOCH
INTER.: LOURIVAL PEREIRA
ENDER.: NOVO HAMBURGO/RS

Atenciosamente,

PROF. WILSON A. DE AGUIAR
CHEFE DO SCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 111

42

Ilmo.Sr. Dr. Delegado de Censura da Policia Federal em Brasilia.

A Emprêsa de Espetáculos do Povo Ltda, vem mui e respeitosamente, solicitar à V.S. Censura da péça " Os Inimigos não mandam flôres " de " Pedro Bloch", que deverá ser encenada no recinto do " O Circo do Povo" de sua propriedade, em todo o Estado de São Paulo.

Em anexo a autorização da S.B:A.T.

Sem mais

P. Deferimento.

Empresa de Espetaculos do Povo

José Oscar

Endêreço

R. Veridiana, 547

1106

São Paulo

M. J. D. P. F.

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Protocolo N.º 11207

Em 2 / 2 / 19 9

Protocolista

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 112.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

43

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA
REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 - SP № 15744

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: Os Ministros mandam flores

Original de Pedro Bloch.

Música de

Tradução de

No Teatro Circo do Povo Cidade S. Paulo

Emprêsa Pela Cia.

nos dias Para censura da Peça

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de —% da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

São Paulo, 1 de Setembro de 19 71

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SUCURSAL SÃO PAULO

(pela SBAT)

Visto:

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0462 p-113.

44

" O Circo do Povo ".

"Os inimigos não mandam flôres"
De Pedro Bloch

AUTORIZAÇÃO S. B. A. T. Nº 15-444

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
1 FEV 1971
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 114

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

45

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES

b) Título original:

c) Autor: PEDRO BLOCH

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia:

h) Classificação da Censura: I4 Anos

II) Análise

a) Gênero: COMÉDIA

b) Argumento: Uma jovem casada com um rapaz de boa posição social, tem ~~como constante preocupação a sua convivência com~~ o marido.
Esta se preocupa muito com seu marido e as pessoas que o rodeiam, temendo perdê-lo para outras.
Tôda a sua vida é uma sucessão de mentiras, numa tentativa de mostrar-se superior, para que o espôso não pense em trocá-la por outra.
Numa das suas cenas de ciúme denuncia o espôso á polícia como contrabandista

c) 1 - Mensagem As pessoas devem saber distinguir o verdadeiro valor das coisas.

2 - Impressão final: Boa.

d) Diálogos: Bons, reais, próprios ao tema.

e) Cenas: Subordinadas á ensaio geral.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p.115.

f) Personagens: Principais:Geraldo e Silvia.

g) Valor educativo: Bom.Alerta contra a preocupação exagerada de um cônjuge pelo outro.

III) Conclusão Peça bem feita ,diferentec, podendo ser liberada para maiores de I4 anos.

Brasília, 6 de fevereiro de 1971

Técnico de Censura - Cart. nº 043

Therezinha de Toledo Neves

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo encaminho a peça abaixo indicada, com o parecer do Técnico de Censura THEREZINHA NEVES, que a examinou.

Título: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES

Autor : Pedro Bloch

Restr.: 14(QUATORZE) ANOS

Obs: Peça liberada anteriormente c/a mesma classificação

Em 08 de fevereiro de 1971

MANOEL MIRANDA FERREIRA
CHEFE DA TCTC

José Pedro Gonçalves 08.02.71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 116.

46

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 3476/71

PEÇA ===" OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES "===

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 08 de FEVEREIRO de 1976

Brasília, 08 de FEVEREIRO de 1971

Chefe do S. C. D. P.

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

PROIBIDO
PARA MENORES DE
14 ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412-p-117

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 09, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES "

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de EMPRESA DE ESPETÁCULOS DO POVO LTDA. /SP.

Tendo sido censurada em 06 de FEVEREIRO de 19 71 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDA PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL ---

O PRESENTE CERTIFICADO SÒMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 08 de FEVEREIRO de 19 71

MANOEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

DPF-SAv.150

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 118.

Mem. nº 070/71-SCDP Brasília, 09 de fevereiro de 1971

DO : Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
PARA : Sr. Chefe da TCDP-
ASS. : Providências (s DR/SP ta).

Senhor Chefe,

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo indicada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por êste SCDP esteja de acôrdo com o observado no ensaio, devendo ser remetido, posteriormente, minucioso relatório a respeito.

Peça: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES

Autor: PEDRO BLOCH

Inter.: EMPR. DE ESPETÁCULOS DO POVO LTDA

Ender.: SÃO PAULO//SP

Atenciosamente,

GONÇALVES LEMOS CAVALCANTE
Chefe do SCDP.

AP/ap.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 012, p.119

KARIM

46

ILMO. SR. DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA FEDERAL. BRASILIA

D.P.F.
012714 12 ABR 71

RUBENS FERRAZ, vem requerer se digne V.S., mandar proceder a Censura do texto abaixo qualificado. para o que junta os documentos de Lei.

NOME ; OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES.
AUTOR; PEDRO BLOCH
LOCAL; Abril de 1971. São Paulo.

Nestes Termos.
P. Deferimento.

Rubens Ferraz.

São Paulo. 5 de Abril de 1971.

DPF - DA - SRA
Recebido 12/4/71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412, p.120.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA
REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 - SP Nº 16422

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: Os Inimigos Não Mandam Flôres

Original de Pedro Bloch

Música de —

Tradução de —

No Teatro Diversões Cidade S. Paulo

Emprêsa Rubens Ferros Pela Cia. —

nos dias Para Censura da Peça

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de —% da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

S. Paulo, 5 de Abril de 1971

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
5 ABR 1971
(pela SBAT)

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 121

51

OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES

(Pedro Bloch)

-- primeiro ato --

ANTES DE ABRIR-SE O PANO, SILVIA APARECE NO PROSCÊNIO? E RECEBE UMA "CORBEILLE" DE FLÔRES, QUE UM MENSAGEIRO, VINDO DA PLATÉIA LHE TRAZ. FAZ UM SINAL PARA QUE ÊLE ESPERE E, QUANDO VOLTA PARA O PALCO, O PANO VAI SE ABRINDO LENTAMENTE. LÁ NO PALCO, ESTÁ GERALDO, COMO QUE PARALIZADO, COMO SE FOSSE UM HOMEM SEM VIDA. SILVIA DEPOSITA NUMA CÔMODA AS FLÔRES E DIRIGE-SE A GERALDO; TIRA-LHE A CARTEIRA DO BOLSO, GRATIFICA O MENSAGEIRO QUE SE RETIRA E, QUANDO VAI REPÔ-LA, PERCEBE QUE O PÚBLICO DEVE ESTAR ADMIRADO COM O QUE VÊ.

SILVIA- (AO PÚBLICO) Meus senhores! Senhoras! Êste aquí, é meu marido. Um belo homem, conforme vêem. (A UMA ESPECTADORA) A senhora não acha? Saudavel, gordo, forte, muito bem tratado e funcionando perfeitamente, com certificado de garantia. Anda, respira, come bebe e fala. Para que um homem como êste, gosta de uma criatura com eu, é necessário, antes de mais nada, cultivar-lhe o orgulho, como quem cultiva orquídeas, cultivar-lhe a vaidade, com chuva apropaiada, sol apropriado, tudo no seu devido momento. Êle olha tanto para dentro de sua vacuidade, para dentro de sua imensa vaidade, que não me vê. Por isso ainda não descobriu que eu sou tão feia. Bom não é? Estas flôres quem comprou, fui eu. O florista, de vez em quando, manda uma "corbeille" que eu pago, juntamente com um cartão apaixonado, que eu mesma escrevo. Quero ver se consigo lhe despertar um pouquinho de ciume... Mas qual...Êle nem repara nas flôres, nem repara nos cartões. Mal tem tempo para alisar o cabelo! (ELA ORDENA, ESTALANDO OS DEDOS) Alisa o cabelo, Geraldo! (ELE ALISA O CABELO COMO SE FORA UM AUTÔMATO) Para ajeitar a gravata e o lenço. (DIANTE DE DOIS ESTALOS, ELE ENDIREITA A GRAVATA E O LENÇO). Vocês naturalmente, ainda não compreenderam, porque êle está assim, como que hipinotizado. Qualquer mulher é capaz de fazer isso com qualquer homem... Não é verdade, madame? O homem nas mãos de uma mulher, é um marionete, um fantoche, um boneco de dar cordas. E nas mãos de uma mulher inteligente... Oh-Oh-Oh-Oh-Oh-!...Nas mãos de uma mulher inteligente!... (A CAMPAINHA DO TELEFONE TOCA. GERALDO FAZ MENSÃO DE IR ATENDER, POIS O RUIDO O ACORDA. SILVIA TORNA A HIPINOTIZÁ-LO E ATENDE O TELEFONE). Alô! Juliana querida!... Êle está aquí sim. Não. Ainda não foi para o escritório... Sei. Esteja tranquila. Êle vai ja, ja... Outro pra você (DESLIGA O TELEGONE. AO PÚBLICO) . Juliana, é a secretária de meu marido. Ela pensa que eu não sei que ela foi escolhida, por certas qualidades estética, independente de seus pendores taquigráficos e datilográficos. A essas bonequinhas de porcelana, eu sei como aparar as asinhas. É só dizer displicentemente:"É geraldo, ela é bonitinha... Pena se tão burrinha..." Aí êle muda, completamente, porque sua vaidade, só lhe permite ser amado por mulheres bonitas e i-n-t-e-l-i-g-e-n-t-e-s... Simples não é? (ESTALA OS DEDOS DIANTE DE GERALDO QUE ACORDA. ÊLE SENTA E FOLHEIA UMA REVISTA).

SILVIA- As flôres chegaram.

GERALDO-Que flores? (REPARA INDIFERENTE) Ah, sim!... (PAUSA) Telefonaram para mim?...

SILVIA-. Não. Ah, sim!,,, Juliana.

GERALDO-A esta hora?

SILVIA- Você prometeu serão no escritório hoje?

GERALDO-Foi o que ela disse?

SILVIA- Foi.

GERALDO-Então ela deve saber. Ela toma conta de tudo que é meu.

SILVIA- Eu já havia notado isso.

GERALDO-Juliana é muito eficiente, muito boa menina...

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
5 ABR 1971
AUTORIZAÇÃO S. B. A. I. Nº 16422

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 122.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

52

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: Os inimigos não mandam flôres

b) Título original:

c) Autor: Pedro Bloch

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia:

h) Classificação da Censura: Liberada para maiores de 14 anos

II) Análise

a) Gênero: Drama

b) Argumento: Esposa enciumada faz crer ao marido estar sendo assediada por um misterioso admirador que lhe remeteria diàriamente flôres. Sentido que sua tática não surtia efeito, principalmente após o próprio marido haver lhe revelado o seu jôgo, passa a ofendê-lo de tôdas as maneiras possíveis, inclusive ameaçando denunciá-lo à polícia pelas suas atividades extra-legais.e ilegais, isto é, o exercício do contrabando de perfumes e outras bijuterias; o que vem realmente a confirmar para as autoridades. Por fim êste resolve se entregar e responder pelos seus crimes, ocasião em que revela sua surprêsa e seu sincero amor que nutria pela mulher. Só então esta reconhece o amor do marido se arrependendo do que havia feito.

c) 1 - Mensagem: MENSAGEM: Conflito existente entre casais motivados por cenas de ciúme da mulher em relação ao marido.

2 - Impressão final: A de que apesar de defeitos existentes nas pessôas, o amor pode coexistir.

d) Diálogos: Adequados ao conteúdo da obra.

e) Cenas: Ficam condicionadas ao ensaio geral.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 123.

f) Personagens: Um casal. Geraldo e Silvia.

g) Valor educativo: Válidos, principalmente por enfocar formas de resoluções de problemas e conflitos entre casais.

III) Conclusão A presente obra já foi anteriormente liberada por êste Serviço com a impropriedade para menores de 14 anos. Após a confrontação dos "scripts" não notei alterações que possam implicar em modificações da censura anterior, motivo pelo qual opino pela manutenção do critério censório anterior.

Brasília, 19 de abril de 1971

Sebastião Minas Brasil Coelho
Técnico de Censura - Cart. nº

Sr. Chefe:
A presente peça, conforme processos anexos, foi liberada várias vêzes com a classificação de 14 anos ora sugerida pelo T. C. Brasil.
19-4-71
Olavalho

De acôrdo.
Em: 28/4/71.
Wilson Moni

Libere-se.
28.04.71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p. 124

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

53

MEM.º N.º
Data 30/4/71

Do CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA

Para CHEFE DA TCDP-DR-/SP

Assunto: PROVIDÊNCIAS / SOLICITA /

SENHOR CHEFE,

SOLICITO AS SUAS PROVIDÊNCIAS NO SENTIDO DE QUE SEJA ASSISTIDO O ENSAIO GERAL DA PEÇA ABAIXO DISCRIMINADA, PODENDO SER ENTREGUE A DOCUMENTAÇÃO AO INTERESSADO, CASO A CLASSIFICAÇÃO ESTABELECIDA POR ÊSTE SCDP ESTEJA DE ACÔRDO COM O OBSERVADO NO ENSAIO, POSTERIORMENTE, SER REMETIDO MINUCIOSO RELATÓRIO A RESPEITO.

PEÇA/ OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES
AUTOR/ PEDRO BLOCH
INTRS/ RUBENS FERRAZ.

ATENCIOSAMENTE,

WILSON DE QUEIROZ GARCIA.
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 125.

54

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 3677/71

PEÇA "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES"

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 29 de ABRIL de 1976

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO
PARA MENORES DE
14 ANOS

Brasília, 29 de ABRIL de 1971

Chefe do S. C. D. P.

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p-126.

M.J.-D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 15, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada

" OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES"

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de RUBENS FERRAZ- SÃO PAULO - SP-

Tendo sido censurada em 19 de ABRIL de 19 71 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 14 ANOS.

-CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL-

-O PRESENTE CERTIFICADO SÒMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.-

Brasília, 29 de ABRIL de 19 71

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
-chefe da seção de censura-

Chefe da Turma de Censura de Teatro e Congeneres

DPF-SAv.150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 127

Federação Bauruense de Teatro Amador - "FEBATA"

56

Exmo. Sr. Chefe da Censura Federal em BRASILIA

D.F.S.P.
032065 | 18 AGO 71

Acompanha a presente, a peça de Pedro Bloch, OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES, que o Grupo Teatral Anchieta, pretende levar para o próximo IX Festival de Teatro Amador, cuja Fase Eliminatória se realisará nesta cidade, de 27 à 31 corrente, excluindo dia 28, distribuidos entre as diversas peças.

Tenho a explicar a V. Excia., que estamos atrazados com o envio de nossas peças (as outras seguiram há dias) por motivo de fôrça maior.

Sem outro motivo, subscrevo-me muito

Respeitosamente

Bauru, 11 de agosto de 1 971

Celina Lourdes Alves Neves

Secretária da FEBATA

Rua Gerson França nº 6-66 ou 6-68

DPF — DA — SRA
Recebido 18/8/71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p-128.

57.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 - SP № 17986

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: Os Inimigos não mandam flôres

Original de Pedro Bloch

Música de

Tradução de

No Teatro Diversos Cidade Bauru = S. Paulo

Emprêsa Grêmio Teatral Pratininga = FEBATA = Pela Cia.

nos dias Para Censura da Peça

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de ..... % ..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

S. Paulo, 3 de Agosto de 1971

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
3 AGO 1971
SÃO PAULO

(pela SBAT)

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 129.

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

58

TÍTULO OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES

Pedro Bloch

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 anos.

Atendendo determinações da Chefia, procedi ao exame comparativo da Peça "Os inimigos não mandam flôres" de Pedro Bloch.

Verificada a igualdade do texto apresentado para ser feito o exame censorial com os ja arquivados neste SCDP, processos anexos, nada impede sua liberação com a mesma impropriedade já atribuida. Para maiores de 14 anos.

Sub-Censura.

Brasilia, 25 de Agosto de 1971

WILSON CAMARGO
Tec.Cens.008

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 130.

À Seção de Censura:
O texto já foi liberado várias vezes por êste Serviço com a mesma impropriedade.
30.8.71
[signature]
TCTC

Nada a opôr.
Em: 31/8/71.
Wilson [signature]

T Libere-se nos têrmos do parecer.
[signature]
1º.9.71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.131.

59

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 4 175/71

PEÇA * OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES *

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELO S. C. D. P. VÁLIDO ATÉ 02 de SETEMBRO de 1976

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO
PARA MENORES DE
14 ANOS

Brasília, 02 de setembro de 1971

Chefe do S. C. D. P. Geraldino
GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.132.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 31, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada

OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de GRÊMIO TEATRAL PIRATININGA (FEBATA)-Rua Gerson França,6-66-Bauru SP

Tendo sido censurada em 25 de agosto de 19 71 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS ::::: CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL:::::: O PRESENTE CERTIFICADO SÒMENTE TERÁ VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 02 de setembro de 19 71

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA

Chefe da Turma de Censura de Teatro e Congêneres

DPF - Sav. 150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.133.

60

716 6 9

SP

Ao: Sr. Chefe da SCDP-MJ-DPF/

Ao: Providências (solicita)

Senhor Chefe:

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo discriminada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por êste SCDP esteja de acôrdo com o observado no ensaio, devendo posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

Autor: PEDRO BLOCH

Intre: GREMIO TEATRAL PIRATININGA(FEBATA)

Endrç: RUA GERSON FRANÇA 6-66

BAURU-SP:

Atenciosamente,

PAULO LEITE DE LACERDA

-TCTC -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 134.

62

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS
17 NOV 113 45682
RECEBIDO POR:

Feira de Santana, 17 de setembro de 1971

Oficio.

De: Luiz Cunha Pimentel

Ao: SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PUBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

Ed. do BNDE

Brasilia , Distrito Federal

Ementa Solicitação.

Ilmos. srs.

Eu Luiz Cunha Pimentel, maior brasileiro, solteiro, residente à rua Intendente Abdom 622, na cidade de Feira de Santana, Estado da Bahia; venho por meio dêste, solicitar que VV.SS. se dignem a censurar os textos anexos da peça, "Os Inimigos não mandam flôres" original de Pedro Bloch. Peça que devera ser apresentada pelo grupo "Reforma" nos proximos dias nesta cidade.

Na certesa de que serei atendido despeço-me e agradeço antecipadamente.

Atenciosamente,

Luiz Cunha Pimentel

Anexo - Três Scripts

Sociedade Brasileira de Autores
(S B A T)
Agência de Feira de Santana
Rua Mal. Deodoro, ... Sala 102
AGENTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 135.

63

"OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES"

ORIGINAL DE: PEDRO BLOCH.

PERSONAGENS:

GERALDO - Um homem jovem, belo e elegante. Dá impressão de ser totalmente dominado por sua esposa Silvia.

SILVIA - Uma mulher feia e deselegante. De comum com Geraldo só parece ter juventude, mas a amargura lhe aumenta a idade implacavelmente. Sua Fealdade não é bem fisica. Não se poderia localiza-la. Ela dá a impressão de que sua alma, derramando-se pelo rosto, é que lhe empresta aquela mascara.

ÉPOCA :

Atualidade. O conflito, porém, é de qualquer tempo.

AÇÃO :

Rio de Janeiro. Poderia acontecer em outro lugar qualquer.

PRIMEIRO ATO.

Musica expressiva durante dois minutos.

Antes de abrir o pano SILVIA aparece no proscênio e recebe uma "corbeille" de flôres que um mensageiro, vindo da plateia, lhe traz. Faz um sinal para que êle espere e quando volta para o palco o pano vai se abrindo lentamente. O cenario nos dá uma ideia de um teatro de marionetes, graças a uma concepção moderna de fios que se cruzam e que a luz resalta. Ali no palco esta GERALDO como que paralisado, como se fosse um boneco sem vida. SILVIA deposita numa comoda as flores e dirige-se a GERALDO. Tira-lhe a carteira do bolso, gratifica o mensageiro que se retira e quando vai repo-la percebe que o publico deve estar admirado com o que vê.

SILVIA - (A plateia) - Meus senhores ! Senhoras ! Este aqui é o meu marido. Um belo homem conforme vêem. (A uma espectadora) A senhora não acha? Saudavel, (mostra-lhe os dentes como quem movesse a cabeça de um manequim) trinta dentes, (bate-lhe no abdome) sem banhas excessivas e funcionando perfeitamente com certificado de garantia. Anda, respira, come, bebe e fala. Para que um homem como este goste de uma criatura como eu é nessessario, antes de mais nada, cultivar-lhe o orgulho como quem cultiva orguideas. Cultivar-lhe a vaidade com chuva apropriada, sol apropriado e tudo no seu devido momento. Êle olha tanto, para dentro de sua imensa vaidade, que não me ver. Por isso ainda não descobriu que sou tão / feia. Bom não é ?

Estas flores quem comprou fui eu. o florista de vez em quando, manda uma "corbeille" que eu pago com um cartão apaixonado que eu mesma escrevo. Quero ver se consigo lhe despertar ciúme. Mas qual ! Êle não repara nas flôres, nem repara nos cartões. Mal tem tempo para alisar o cabelo. (Ela ordena estalando os dedos) Alisa o cabelo, GERALDO (êle alisa o cabelo como se fôsse um autômato). Para ajeitar a gravata e o lenço. (Diante de dois estalos, êle endireita a gravata e o lenço)

Vocês naturalmente, ainda não compreenderam porque êle / está assim, como hipnotizado. Qualquer mulher é capaz de fazer isso / com qualquer homem. Não é verdade madame? O homen na mão das mulheres é um marionete, um fantoche um boneco de dar corda. E nas mãos de uma

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412, p.136.

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

64

TÍTULO OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES peça teatral

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 anos, cond. ao ensaio geral

Peça já vista e revista por êste Serviço e liberada anteriormente para maiores de 14 anos, em vista do contexto focalizar alguns lances da vida conjugal e mostrar dramas íntimos vividos pela maioria dos casais.

Devido ao texto apresentado pelo "Grupo Reforma", conferir totalmente com os anteriores, opino pela expedição de certificado nas mesmas condições.

Brasília, 25 de novembro de 1971.

Lenir de Azevedo Sousa
Téc. Cens. Contr.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.137

Se avisa.
26.11.71
[illegible]

LIBERE-SE
com impropriedade para menores de 14 anos
Brasília, 29/XI/1971
Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PT.0412.p.138.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

65

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 4.485/71

PEÇA " OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES "

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO
PARA MENORES DE
14 ANOS

VÁLIDO ATÉ 06 de DEZEMBRO de 19 76

Brasília, 06 de DEZEMBRO de 19 71

Chefe do S. C. D. P.
ROGÉRIO NUNES

M.J.– D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412p-139.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 41, de registro de peç teatrais, o assentamento da peça intitulada

" OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES "

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de LUIZ CUNHA PIMENTEL - FEIRA DE SANTANA / BA

Tendo sido censurada em 25 de NOVEMBRO de 19 71 e recel

a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS... CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL /// O PRESENTE CERTIFICADO SÒMI TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMNETE CARIMBADO PELO SCDP.

PAULO LEITE DE LACERDA - SUI

Brasília, 06 de DEZEMBRO de 19 71

MVG/

CHEFE DA SEÇÃO DE CENSUI

Chefe da Turma de Cen

de Teatro e Congene

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412p.140.

66

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º 1014
Data 09.12.71

Do Chefe da Seção de Censura do SCDP
Para Sr. Delegado Regional do DPF/BA
Assunto: Providências -Solicita -

Senhor Delegado,

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo discriminada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por êste SCDP esteja de acôrdo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES
Autor: PEDRO BLOCH
Intrs: LUIZ CUNHA PIMENTEL
Endrç: R/Intendente Abdom 622
Feira de Santana-BA.

Atenciosamente,

[illegible] DE LACERDA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0412,p.141

(97)

D.P.F. S.P.
041545 17 NOV 70

SCDP 18/11/70

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL DO RIO GRANDE DO SUL
TURMA DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

67

Pôrto Alegre, DR/RS

Do: TÉCNICO DE CENSURA: DANILO M. CANARIM
Em: 16/11/7o
Ao: SR. CHEFE DA TCDP/DR/RS
Assunto: ENSAIO GERAL(RELATÓRIO APRESENTA)
Anexo:

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
1279/70
S.C.D.P
18/11/70

SC

Atendendo determinação contida no Memº nº 3o9/7o, do Sr.Chefe do SCDP assistí o ensaio geral da peça teatral em dois atos "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES" certificado nº 3o22/7o, impropriedade até 14 anos, expedido em 18/6/7o, autoria de Pedro Bloch.

A PEÇA

O enrêdo da peça versa em tôrno de um jovem casal. O marido - extremamente vaidoso, trabalha fora em seu escritório. A esposa acha que êle não mais a ama,e suspeita que êle a engana com a secretária, provocando cenas de ciúme com discussões sarcásticas. O marido inocente, por sua vez desconfia de que ela o trai com o florista que leva flôres em casa. Mesmo assim, procura mostrar-lhe quão grande é o engano que está cometendo. Ao final,êle resolve deixar da esposa para viver sua vida, mas esta reflete e repentinamente vê de que tanto as atitudes do comportamento dêle como as dela eram provas de amor recíproco.

ELENCO

O elenco é formado por Lourival Viana e Mara Silva, com um desempenho muito bom.

DURAÇÃO

A duração da peça é de aproximadamente uma hora e meia.

Em vista de terem sido observadas tôdas as instruções emanadas pela Censura, foi feita a entrega da documentação referente a peça " OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES". Era o que me cumpria informar a Vossa Senhoria.

Pôrto Alegre,16 de Novembro de 1970.

Danilo Mazzini Canarim
DANILO MAZZINI CANARIM- CENSOR

VISTO:
OTTO DIAS MACHADO FILHO
CHEFE DA TCDP/DR/RS

SRA
17

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0912, p. 142.

(97)

88

São Paulo,28 de maio de 1971

Sra. Chefe:

Assisti ao ensaio geral da peça "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES", de Pedro Bloch.

Trata-se de uma peça típica de Pedrp Bloch, onde se discutem problemas de relacionamento entre casais, com pretenções a análises filosóficas, mas que apenas ficam na superfície dos temas.

A encenação é muito modesta e não consegue superar a mediocridade do texto, mas é correta e honesta nada acrescentando ao texto aprovado nem em palavras e nem em intenções.

Opino pela aprovação do programa, bem como pela liberação do Certificado com a impropriedade para menores de 14 anos, conforme parecer de Brasília.

João Ernesto Coelho Neto
Técnico de Censura,nº561

ENC. 7/ OF. 286/71-SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 143.

(97)

São Paulo, de Setembro de 1 971

De Alvaro Adamo, Técnico de Censura 328-SP

Á Sra. Chefe da T.C.D.P.

Assunto: Ensaio geral.

De acôrdo com o respeitável despacho de V.S., assisti na Cidade de Baurú o ensaio geral da peça "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES", autoria de Pedro Bloch.

Trata-se da estória de um casal, que nunca / chegaram á um entendimento, motivado pelo constante ciumes.

O texto aprovado pelo S.C.D.P., com a impropriedade até 14 anos, não e alterado pela encenação.

Opino pela aprovação do programa e liberação do certificado.

Atenciosamente

Alvaro Adamo

T.Censura, 328-SP

Enc. 7/OF. 525/71-SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.144

Grêmio Dramático Santa Bárbara 71

Fundado em 6-8-62 — C. G. C. N.º 56 729 601/001

Rua Santa Bárbara N.º 680 (fundos) — SANTA BÁRBARA D'OESTE — SP

Santa Bárbara d'Oeste, 21 de Dezembro de 1971.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE RELAÇÕES PÚBLICAS
28 DEZ 1520 52079
RECEBIDO EM

Exmo. Sr.
Delegado da Policia Federal
Serviço de Censura Federal
Brasília -DF

Prezado senhor:

Anexo à presente estamos enviando a V.S. as peças: PAIXÃO, CRUXIFIÇÃO E MORTE DE JESUS - de Minott Del Picchia, A PRÓXIMA VÍTIMA de Marcos Rey e Os INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES de Pedro Bloch as quais deverão ser submetidas à apreciação de V.S. para a devida censura.

As referidas peças serão encenadas por este Grêmio no transcorrer do ano que se aproxima.

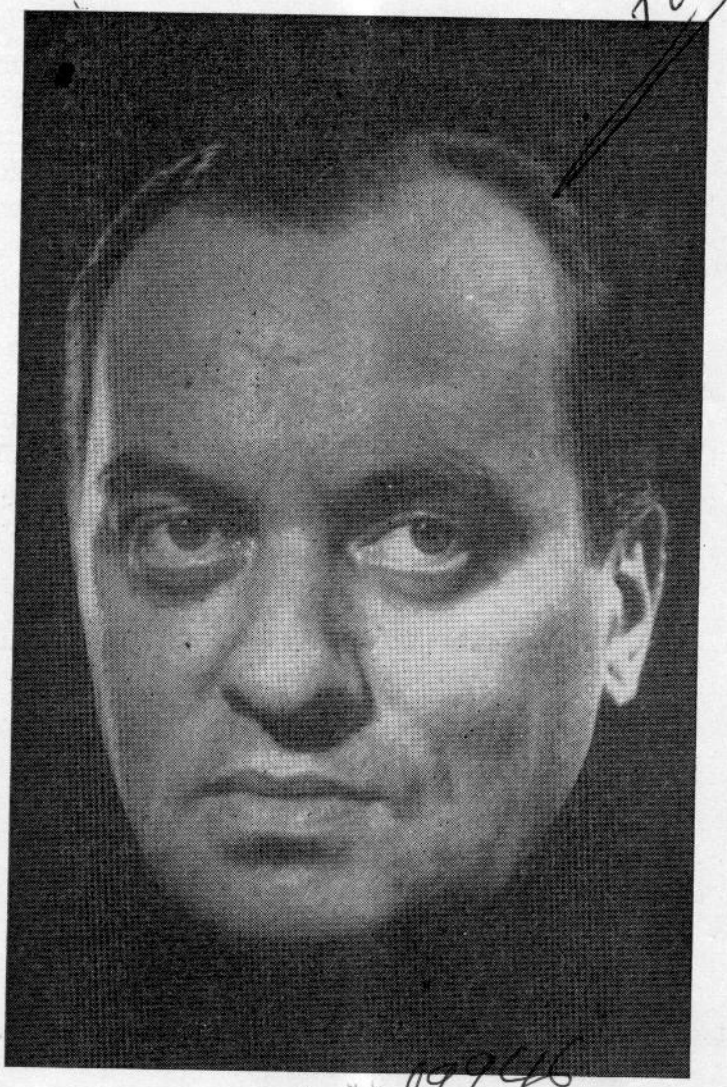
Contando desde já com a costumeira atenção dispensada por V.S. antecipadamente gratos subscrevemo-nos mui,

Atenciosamente.

Pedro Gomes
2º Secretário.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412p-145.

OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES



3 ATOS

DE

PEDRO BLOCH

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
20 DEZ 1971
SUCURSAL
EMANUELE PUIVIRENTI - COORDENADOR

AUTORIZAÇÃO S. B. A. T. N.º 99946

O linotipista que compõe a Revista de Teatro me dizia, sem qualquer intenção, quando terminou a composição de "Os Inimigos não mandam flôres": "Terminei a composição sem sentir, numa só arrancada e estou suando de emoção. Aliás, tôda vez que componho peça do Dr. Pedro Bloch, experimento a mesma sensação". De fato. Quando a peça agrada ninguém se apercebe do tempo. Não há tempo para bocejar nem para desviar o pensamento da ação que nos está sendo apresentada. O autor Pedro Bloch sempre conseguiu prender a platéia ao conteúdo humano de suas peças. Pedro Bloch leva para o palco o drama que êle observa no dia a dia de sua vida e do seu contacto com o ser humano. E os dramas são sempre os mesmos, em tôda parte do mundo. E daí o fato de Pedro Bloch ser, na realidade, o autor mais representado no estrangeiro. Os conflitos que êle apresenta, em suas peças, no Brasil, são os mesmos que afligem a tôda a humanidade. São diversas as suas peças estreadas no estrangeiro. Agora mesmo, enquanto nós estamos discutindo, há meses, sôbre LSD — se pode ou não pode ser dada sob êsse título — foi a peça estreada em Madrid, num dos maiores teatros, com sucesso absoluto. E o sucesso correu mundo chegando a outros países;

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 146.

e da Argentina já nos chega um pedido para tradução e montagem imediata. "PAIS ABSTRATOS" também foi estreada no estrangeiro, em Portugal, por elenco brasileiro, cenários de Pernambuco de Oliveira, numa produção do empresário brasileiro Orlando Miranda. Alcançou o merecido sucesso, a platéia vibrou, e a peça veio para o Brasil cumprir uma carreira vitoriosa. É muito vasto e variado o Teatro de Pedro Bloch, que reune as qualidades de um excelente escritor às de médico de nomeada, especializado em foniatria, corrigindo os sérios problemas da voz e dos defeitos de dicção. Sua ternura pelos seus clientes não é menor do que o seu carinho dedicado às obras que escreve com aquela maestria de estilo e grande poder de observação. Seus merecidos sucessos — e tôdas as suas peças agradam a valer — são produto de um trabalho intenso, dedicado e honesto. Pedro Bloch elabora a receita e êle mesmo a executa no laboratório de sua capacidade de produzir aquilo que vai agradar ao público. Numa oportunidade mais adequada faremos um trabalho eficiente sôbre êsse excelente autor.

D. B.

CARLOS ALBERTO e IONA MAGALHÃES numa das cenas de "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES", de Pedro Bloch, revivida recentemente no Teatro Serrador, Rio de Janeiro, onde permaneceu em cartaz durante meses.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p-147.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

73

AUTORIZAÇÃO PARA
REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL Série 3/70 - SP № 19946

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: Os Inimigos Não Mandam Flores

Original de Pedro Bloch.

Música de —

Tradução de —

No Teatro Sta Barbara Cidade S. Paulo

Emprêsa Irmãos Pereira Pela Cia. —

nos dias Para Censura da Peça

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de .....% ..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

São Paulo, 20 de 7 de 1971

20 JUL 1971

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

.....
(pela SBAT)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 148.

M. J. – DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

74

TÍTULO OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES DE PEDRO BLOCH

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L4 ANOS

LIBERADO com impropriedade para menores de 14 anos
Brasília 07 / 07 / 1972
Rogério Nunes

ESTA PEÇA JÁ FOI VISTA E LIBERADA POR ÊSTE SERVIÇO, VÁRIAS VÊZES, COM A IMPROPRIEDADA PARA MENORES DE L4 ANOS. COMPAREI OS "SCRIPT" E CONSTATEI SEREM IGUAIS PORISSO, SUGIRO QUE A IMPROPRIEDADE ANTERIOR SEJA MANTIDA.

BRASÍLIA, 6 DE JANEIRO DE 1972

Heloisa M. D. d'Oliveira

HELOISA M. D. D'OLIVEIRA

DE ACÔRDO
Bs. 7-2-72
(P/Ch. da SC, de ordem)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p.149

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

76

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 4572-72

PEÇA - OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES -

ORIGINAL DE - PEDRO BLOCH

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 10 de JANEIRO de 19 77

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO
PARA MENORES DE
14 ANOS

Brasília, 10 de JANEIRO de 19 72

Chefe do S. C. D. P.

- ROGERIO NUNES -

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p-150.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 44, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada

- OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES -

Original de - PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de -GREIO DRAMATICO SANTA BARBARA -SP

Tendo sido censurada em 06 de JANEIRO de 19 72 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 14 ANOS-CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

ÊSTE CERTIFICADO SÓ É VÁLIDO, QUANDO ACOMPANHADO DO SEU SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 10 de JANEIRO de 19 72

p/ PAULO LEITE DE LACERDA -

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

DPF - Srv. 150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.151

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

75)

MEM.º N.º 022/7
Data 10.01.7

Do Chefe da Seção de Censura do SCDP
Para Sr. Chefe da TCDP/DR/DPF/SP
Assunto: Providências - Solicita

Senhor Chefe:

Solicito suas providências no sentido de que seja assistido ao ensaio geral da peça abaixo discriminada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por êste SCDP esteja de acôrdo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES
Autor: PEDRO BLOCH
Intrs: GRÊMIO DRAMÁTICO STA BÁRBARA
Endrç: SÃO PAULO / SP

Atenciosamente,

P/ PAULO LEITE DE LACERDA
Ch.Subst. da S/Censura
de ordem

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.042,p-152.

78

MJ-DPF-SRA/BSB
25 JUL 1972 033812
RECEBIDO POR .....

Serv. de Censura de Diversões Públicas
D. P. F.

Ilmo. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal
Dr. ROGERIO NUNES

O Teatro Experimental de Rio Claro, representado neste ato pelo seu representante legal, João Palmeiro Sobrinho, RG nº 3.300.191., residente à rua 4-B nº 796 em cidade de Rio Claro Estado de São Paulo, vem mui respeitosamente solicitar a V. Sa. que se digne determinar a verificação censória da peça intitulada "OS INIMIGOS NAO MANDAM FLORES", de autoria de Pedro Bloch, anexando ao presente três textos da mesma, mais a Guia de autorização do SBAT nº 194597.

Nestes têrmos
P. Deferimento

Rio Claro, 20 de julho de 1.972.

(a) João Palmeiro Sobrinho

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p.153.

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores. — de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Serv. de Diversões Públicas — D. P. F.

Direitos de Representação — Autorização Nº 194597

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: Os Inimigos Não Mandam Flores

Original de Pedro Bloch

Música de

Tradução de

No Teatro Salão Soc Italiana Cidade Rio Claro

Emprêsa Pela Cia. Teatro Experimental Rio Claro

nos dias 19-8-1972

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de 10 % Mínimo da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ Mínimo por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem coom pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Rio Claro, 18 de Julho de 72

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isento de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 154.

Serv. de Censura de Diversões Públicas D. P. F.

D. C. T. C.

TÍTULO OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

GÊNERO PEÇA TEATRAL

1) S. ARQUIVO Anotado

Documentação EM ORDEM

Já liberada? SIM

Fls. etária anterior 14 anos

Praça SÃO PAULO - SP

D.F. 26/07/72

(Chefe do Arquivo)

2) PROGRAMAÇÃO

Téc. Censura BRASIL

Téc. Censura

Téc. Censura

Data p/exame: de 31/ a 02/08/72

OBS: CONFRONTO

D.F. 31/07/72

(Resp. Programação)

3) S.C.T.C.

De acordo. Emitir certificados: 14 anos.

Em 03/08/72

Chefe
p/TCTC

4) CHEFE S.C.

S. Dri. DCDP

De acordo

14 anos (DS 5)

4/8/72

5) DIRETOR D.C.

LIBERE-SE

com impropriedade para menores de 14 anos

Brasília, 4/8/1972

Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.155.

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

D. P. F. — Serv. de Censura de Diversões Públicas

81

TÍTULO OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES - Peça teatral.

PARECER

Autor: Pedro Bloch

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 anos.

Trata-se de peça já anteriormente examinada por esta DCDP, ocasião em que foi fixada a impropriedade para menores de 14 anos. Procedendo a devida comparação dos "scripts", observamos serem ambos, iguais, razão porque, opinamos pela manutenção da classificação anterior.

Brasília, 01 de agosto de 1.972

Sebastião Minas Brasil Coelho

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p-156

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º 699.
Data 02/08/72.

Do Chefe da TCTC/DCDP/DPF/DF.

Para Chefe da TCDP/SR/SP.

Assunto: Peça Teatral - (Encaminha).

Senhor Chefe,

Solicito providências de V.Sa., no sentido de que seja entregue ao interessado, a/ peça teatral intitulada "OS INIMIGOS NÃO MANDAM // FLÔRES", com impropriedade para menores de 14 (quatorze) anos, condidionada ao ensaio-geral, em 2 // (duas) vias, e seus respectivos certificados.

Atenciosamente,

CARLOS PEREIRA DE OLIVEIRA
Chefe da TCTC em exercício

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p-157.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

83

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 5266/72

PEÇA: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PALA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO
PARA MENORES DE
14 ANOS

VÁLIDO ATÉ 04 de AGÔSTO de 19 77

Brasilia, 04 de AGÔSTO de 19 72

- ROGÉRIO NUNES -
Diretor da DCDP

M.J-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p-158.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 66, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de TEATRO EXPERIMENTAL DE RIO CLARO - SP -

Tendo sido censurada em 01 de AGÔSTO de 19 72 e, recebido a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 04 de AGÔSTO de 19 72

- HUGO PÓVOA DA SILVA -
Chefe do Serviço de Censura

DPF-SAv.150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.159

DPF - SR/4
fl. n.º 02
Rub

84

São Paulo, 15 de setembro de 1072.

De: Técnico de Censura
Ao: Chefe da TCDP/DR/SP
Ass: Ensaio-Geral da peça "Os inimigos não mandam flores

Senhora Chefe,

Atendendo a despacho de V.S.,procedi dia 14 p.p. na Sociedade Italiana de Rio Claro ao ensaio-geral da peça "Os inimigos não mandam flores", levado pelo Teatro Experimental de Rio Claro, cujo responsável é PALMEIRO SOBRINHO.

Informo-lhe que o cenário se constitue numa sala de estar comum com poltronas, mesas, piano, telefone, etc.,onde os atores em nº de 2 se movimentam.

A iluminação é feita por meio de "spots" que lançam luzes coloridas em determinados momentos da peça, e a sonoplastia usa de músicas populares, também em momentos determinados.

O guarda-roupa se resume em vestes convencionais(vestidos, termos, camisola, "robe-de-chambre".

O texto foi obedecido na íntegra e nada de irregular foi constatado.

Em vista do que foi apresentado no ensaio-geral, opino pela liberação, em concordância com a impropriedade fixada por SCDP/Brasília: 14 anos.

Vera Lucia Utiyama

Vera Lúcia Utiyama
téc. de censura nº 330

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.160.

ILMO. SENHOR CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BRASÍLIA

DPF - SRA/BSB
31 AGO 1972 040313
RECEBIDO POR .....

85

COARTE-ASSESSORIA E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS-sediado nesta cidade do Rio de Janeiro, Esta do da Guanabara, à Rua Mexico nº41-sala 201 vem solicitar a V.Sª., que se digne mandar censurar a peça intitulada" OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES" de autoria de PEDRO BLOCH, com estreia prevista para o dia 10 de setembro de 1972.

Nêstes têrmos.

P. Deferimento.

Rio de Janeiro, 24 de agôsto de 1972.

Ofelia da Silva Santiago.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412p.161

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 24 de Agosto de 1972

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D.P.F.
Brasília, D.F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (TRES) cópias da peça:

OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

DE: Pedro Bloch

próxima apresentação da Empresa COARTE -ASSESSORIA E ADMINISTRAÇÃO de EMPRESAS no Teatro DA CHURRASCARIA RINCÃO GAUCHO com estréia marcada para o dia 10 de Setembro de 1972

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior consideração,

por Djalma Bittencourt
Superintendente

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS - RIO -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412p.162

S. C. T. C.

TÍTULO: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES

GÊNERO: PEÇA TEATRAL

1)S.ARQUIVO Liberado

Documentação: EM ORDEM

Já liberada?: SIM

Cls.Etária anterior: 14 anos

Praça: Rio de Janeiro GB

DF, 12/9/72

Chefe do Arquivo.

2)PROGAMAÇÃO

Técnico de Censura: Glauca

Técnico de Censura:

Técnico de Censura:

Data para Exame: de 06/9/72 a 08/9/72

OBS: Compareto. —

DF, 06/9/72

Resp.pela Programação

3) S.C.T.C.

Emitir certificados com a impropriedade para menores de 14 anos.

Em: 12/09/72

P/TCTC

4) CHEFE S.C.

Sr. Dir. D.C.D.P.

De acordo com o parecer de fls. 5. 14(quatorze) anos.

Em 15/09/72

p/ch. S.C.

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE com impropriedade para menores de 14 anos

Brasília, 11/9/72

Rogério Nunes

laba

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412p.163-85

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

TÍTULO " OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES"

PARECER autor: Pedro Bloch

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14(quatorze)anos

Nesta data procedi ao confronto da peça: "Os inimigos não mandam flores" de autoria de Pedro Bloch e nada constatei que impeça a sua exibição.

Brasília, 10 de setembro de 1972

Gláucia de Lima Baena Soares

Gláucia de Lima Baena Soares.
Tec. Cens. Cred.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.164.

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Nº881/72 DF, em 12/SETEMBRO/1972

Do Diretor da D.C.D.P.
Ao Sr.SUPERINTENDENTE REGIONAL /GB
Assunto: remessa de "scripts"- faz.

Referência:

"OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES"
(título da peça ou "show")

PEDRO BLOCH
(nome do autor)

Senhor **SUPERINTENDENTE,**

Apraz-me remeter a essa repartição, com este, os "scripts" do espetáculo acima referenciado, que deverá ser encenado **no T.da CHURRASCARIA RINCÃO GAUCHO** .

2. Peço mandar proceder ao ensaio-geral e providenciar a remessa dos relatórios dos técnicos designados para assistí-lo, por estar a validade do certificado 7 sujeita ao resultado desse ensaio, devendo ficar ciente o interessado, através do setor de censura desse órgão, do que preceitua o artigo 11 e seu parágrafo único da Lei nº5536, de 21 de novembro de 1968.

3. Recomendo a máxima atenção da Fiscalização para o desenrolar do espetáculo, com o fim de dar a esta DCDP meios de impor, se necessário, a medida preconizada para os casos de violação do indicado dispositivo legal.

Atenciosas saudações,

Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412,p.165.

91

5266/72

: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

: PEDRO BLOCH

04 AGOSTO 77

14 SETEMBRO 72

- ROGÉRIO NUNES -

PROIBIDO
PARA MENORES DE
14 ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 166

02 71

: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

: PEDRO BLOCH

COARTE - ASSESSORIA E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS - GB -

10 SETEMBRO 72

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

14 SETEMBRO 72

MH

- HUGO PÓVOA DA SILVA -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412p.167

93

ILUSTRÍSSIMO SENHOR

ROGÉRIO NUNES

DD. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D.P.F.

N E S I A

SRA/BSB
17 JUL 0902 037651

. ELISA BIONDI, RESIDENTE EM SÃO PAULO, POR SEU REPRESENTANTE ABAIXO ASSINADO, CONFORME PROCURAÇÃO ANEXA, VEM MUI RESPEITOSAMENTE SOLICITA À VOSSA SENHORIA, A ' CENSURA PRÉVIA DA PEÇA INTITULADA: " OS INIMIGOS NÃO MANDAM' FLORES ", DE AUTORIA DE PEDRO BLOCH.

EM ANEXO, SEGUEM 03 (TRÊS) CÓPIAS DO TEXTO, JUNTAMENTE COM A DECLARAÇÃO DA " SBAT " E PROCURAÇÃO' AUTORGANDO PODERES AO SR. PACIFICO VARGAS, PARA A OBTENÇÃO ' DO RESPECTIVO CERTIFICADO DE CENSURA.

N. TÊRMOS

P. DEFERIMENTO

BRASÍLIA, 16 DE JULHO DE 1 973.

PACIFICO J. VARGAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412p-168.

94

P R O C U R A Ç Ã O

ELISA BIONDI, residente e domiciliada em São Paulo, Capital, à Rua Haiti, 44, portador do RG de número, 2647688 e C.I.C. de numero 050155028, solteira, atriz, abaixo assinado, pelo presenta instrumento de procuração, nomeia e constitue se bastante procurador, o sr. Pacifico Jose Vargas, brasileiro, solteriro, despachante, domiciliado e residente em - Brasilia, a quem confere amplos poderes para representa-la, junto a Censura Federal, podendo praticar todos os atos destinados à obtenção de Certificados de peças teatrais, de seu interêsse.

São Paulo, 12 de julho de 1.973.

Elisa Biondi

Elisa Biondi

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412-p-169.

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

SÃO PAULO
~~Rio de Janeiro~~, 12 de JUNHO de 19 73

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D.P.F.
Brasília, D.F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (3) cópias da peça:
"OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES"

DE: PEDRO BLOCH

próxima apresentação da LISA NEGRI

no Teatro DIVERSOS

com estréia marcada para o dia

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos com a maior consideração,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
12 JUN 1973
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto: Dialma Bittencourt
Superintendente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.170.

S. C. T. C.

TÍTULO: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

GÊNERO: PEÇA TEATRAL

1) S. ARQUIVO

Documentação: EM ORDEM

Já liberada? : Sim

Cls. Estária anterior: 14 anos

Praça: BRASILIA - DF

DF. 17/7/73

Chefe do Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura: Marly

Técnico de Censura:

Técnico de Censura:

Data para Exame: de 23/07/73 a 25/07/73

OBS:

DF. 20/07/73

Resp. pela Programação

4) CHEFE S. C.

Sr. Diretor

De acordo com o, digo o parecer nº 5328/73. Quatorze (14) anos.

Em 1/8/73

3) S. C. T. C.

1. Encaminhe-se os certificados com impropriedade para menores de 14 anos de acordo com o parecer nº 5328/73.

2. Oficie-se à SR/SP.

Em 01/8/73

P/ F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SR/DCDP

5) DIRETOR DA D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em 1/8/1973
Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p-171

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Brasília, 25 de julho de 1973

5328/73

Senhor Chefe,

Examinando a peça "Os inimigos não mandam flores", de autoria de Pedro Bloch, em confronto com os textos anteriormente liberados para maiores de 14 anos, verificamos que há perfeita identidade nos diálogos e no roteiro apresentado presentemente, - razão por que sugerimos sua liberação com a mesma classificação etária.

Marly M. Cavalcanti de Albuquerque
Tec. Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412,p-172

0097

Divisão de Censura de Diversões Públicas D.P.

98

ILUSTRÍSSIMO SENHOR

ROGÉRIO NUNES

DD. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D.P.F.

N E S T A

MJ-DPF-SRA/DSR
17 JUL 09 02 73 037651
RECEBIDO POR

RECEBI, 3 COPIAS DO CERTIFICADO EM - 02/08/73

ELISA BIONDI, RESIDENTE EM SÃO PAULO, POR SEU REPRESENTANTE ABAIXO ASSINADO, CONFORME PROCURAÇÃO ANEXA, VEM MUI RESPEITOSAMENTE SOLICITA À VOSSA SENHORIA, A CENSURA PRÉVIA DA PEÇA INTITULADA: " OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES ", DE AUTORIA DE PEDRO BLOCH.

EM ANEXO, SEGUEM 03 (TRÊS) CÓPIAS DO TEXTO, JUNTAMENTE COM A DECLARAÇÃO DA " SBAT " E PROCURAÇÃO AUTORGANDO PODERES AO SR. PACIFICO VARGAS, PARA A OBTENÇÃO DO RESPECTIVO CERTIFICADO DE CENSURA.

N. TÊRMOS

P. DEFERIMENTO

BRASÍLIA, 16 DE JULHO DE 1 973.

PACIFICO J. VARGAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.173

01 09

: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

: PEDRO BLOCH

: LISA NEGRI - SP -

25 JULHO 73

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: PACÍFICO J. VARGAS

1º AGOSTO 73

PROIBIDO
MENORES
VOTADO
DEUSDETH BURLAMAQUI

mb

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.174

247/73

: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES - 89 -

: PEDRO BLOCH

04 AGOSTO 77

19 AGOSTO 73

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.175.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE POLÍCIA FEDERAL/GO.

Goiânia,

Of.nº 018/74-SCDP. Em, 30/maio/1974.

Do Diretor da Divisão de Polícia Federal em Goiás.

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas.

Assunto Peças Teatrais e Show (encaminha).

FICHADO
S. A. DCDP

Senhor Diretor:

Através do presente, estamos encaminhando a V. Sa., três (03) vias do SCRIPTS das Peças Teatrais: "RITUAL DOS CÃES", de autoria de Hugo E.M. Zorzettii; "PRESENÇAS' OCAS", de autoria do Grupo Terra; "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES", de autoria de Pedro Bloch; "O ASSALTO", de autoria de José Vicente de Paula e três (03) vias do SCRIPTS do "SHOW DO ESQUELETO", dos acadêmicos de Medicina da Universidade Federal de Goiás.

Na oportunidade, renovamos a V. Sa., nossos protestos de estima e distinta consideração.

MARCUS ANTÔNIO BRITO DE FLEURY
DIRETOR

Ilmo. Sr.
Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas do DPF
Brasília - D.F.

IRP/mac.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 176.

102

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Anápolis, 28 de maio de 1.974.

Ao
Serviço de Censura Federal
Brasília - DF.

Prezados senhores:

Sirvo-me da presente para solicitar junto à V.Sas. dignem autorizar representação das peças, em anexo, respectivamente, em três (03) vias:

1 - OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES - de Pedro Bloch;

2 - O ASSALTO - ~~de Ronald Radd~~ JOSÉ VICENTE DE PAULA.

Sem mais para o momento, agradeço-lhes, e no mesmo tempo em que apresento à V.Sas. os mais efusivos protestos de estima e real apreço.

Respeitosamente,

José Olímpio A. Morais

José Olímpio Alves Morais
Rep. da SBAT. em Anápolis

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412, p.177

103

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Anápolis, 23 de maio de 1.974.

Ao
Serviço de Censura Federal
Brasília - DF.

Prezados senhores:

Sirvo-me da presente para solicitar junto à V.Sas. dignem autorizar representação das peças, em anexo, respectivamente, em três (03) vias:

1 - OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES - de Pedro Bloch;

2 - O ASSALTO - ~~de Ronald Radd.~~ JOSÉ VICENTE DE PAULA.

Sem mais para o momento, agradeço-lhes, e no mesmo tempo em que apresento à V.Sas. os mais efusivos protestos de estima e real apreço.

Respeitosamente,

José Olimpio A. Morais
José Olímpio Alves Morais
Rep. da SBAT. em Anápolis

COPIA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 178.

, 25 de fevereiro de 1976

140/76-SCTC/SC/DCDP

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DCDP

: Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-SR/RJ

: Informação (faz)

Ref. Of.nº 111/76-SCDP-SR/RJ

Senhor Chefe:

De acordo com a Portaria nº 042/75-DCDP, de 26.11.75 e em atenção ao ofício em referência, informo a V.Sª. que a peça teatral intitulada "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES" de Pedro Bloch, acha-se registrada nesta Divisão de Censura sob o nº 247, com o certificado válido até 24 de outubro de 1.980 e com a classificação etária 14 (catorze) anos.

Na oportunidadek renovo a V.Sª.protestos de estima e consideração.

De ordem.

Chef

p/ ROGÉRIO NUNES
Diretor DCDP

Arquivo, para aguardar pronunciamento do SCDP-SR/RJ
25/02/76

rs/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p.179.

DPF-SRA
fl. n.º 01
Rub

MJ-DPF-SRA/BSB

22 OUT 1055 76 040229

FICHADO
S. A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

SRA/FICHADO

OF. Em, 21 de outubro de 1976.

Nº. 4715/76-SCDP/SR/SP

Ao SCDP para exame
Em 25/10/76
Coriolano de Loyola Cabral Fagundes
Dir. da Divisão de Censura
SUBSTITUTO

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75/DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto das peças teatrais "DELIRIO A DOIS" original de E.Ionesco, "AUTO DE INÊS PEREIRA" ou "MAIS QUERO ASNO QUE CARREGUE QUE CAVALO QUE ME DERRUBE" original de Gil Vicente ,"PRIMA DONNA" original de José Mª Monteiro, "CAMINHO DOS RATOS" original de Luiz Carlos Cardoso, "O HOMEM, A MULHER E A FLOR" diversos autores, "CUPIDO E STNISLAWSKI" original de Ricardo Gouveia, "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES" original de Pedro Bloch, "A FRONTEIRA" original de Menotti Del Picchia, "VEREDA DA SALVAÇÃO" original de Jorge Andrade, "O CAÇADOR CAÇADO" original de Antonio Luis P.Balint, "SALVAÇÃO" original de José Eloi B. dos Santos, "OXENTE, ROMI XINALNI?" original de Fernando Limoeiro, "ORAÇÃO" original de F Arrabal.

Outrossim, informo que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa à DCDP.

Na oportunidade, renovo a V.S., protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

À SCTC
p/ providência
Em 25/10/76
Acésio Teixeira Teixeira
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

Ao Ilmº. Sr.
DR. ROGERIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
B R A S I L I A/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.180.

TEATRO

104

TÍTULO OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

1) S. ARQUIVO

Documentação Em ordem
Clas. Anterior 14
Praça GOIÂNIA - GO
Obs.: ____

DF. 4/6/74

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura ____
Técnico de Censura ____
Técnico de Censura ____
Data para Exame de __/__/__ a __/__/__
DF. __/__/__

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

3) S. C. T. C.

Tendo em vista o contido nos pareceres nos 16349 e 16389/74, emita-se os certificados com impropriedade para menores de Quatorze (14) anos, condicionados, todavia, ao exame do ensaio geral.

Ao depois à consideração do Sr Ch SC. 20/6/74

E. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 28/6/1974
Wilson de Queiroz Garcia
Chefe do S.C.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p.181

105

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 1624 9/74.

TÍTULO DA PEÇA: Os inimigos não mandam flores. De Pedro Bloch.

Procedi à comparação do texto ora enviado com o script-base constante em nossos arquivos e verifiquei tratar-se da mesma peça porém acrescida de muitos diálogos e supressões de outros, pelo que encaminho sua liberação à decisão superior.

Brasília, 12 de junho de 1 974.

DALMO PAIXÃO

Devolva-se ao técnico de censura para esclarecer se os acréscimos feitos à peça estão acordes com a legislação censória vigente.

14.6.74

F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p.182.

106

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 16389/74

TÍTULO: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: QUATORZE ANOS.

ANÁLISE.

Procedi à comparação do texto ora enviado com o constante de nossos arquivos e constatei que vem muito acrescentado, naturalmente, com o propósito de emprestar colorido e compreensão à peça. Entretanto, tais acréscimos aos diálogos não apresentam aspectos contrários à legislação ou à faixa etária, podendo o texto ser liberado com a mesma classificação anterior.

Brasília, 19 de junho de 1 974.

DALMO PAIXÃO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p-183.

107

448/74 - SCTC/SC/DCDP 24.junho 4

Diretor da Divisão de Polícia Federal - GO

" INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES "

" PEDRO BLOCH "

Diretor:

Goiânia/GO.

4394141

FVAN/fmn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.184.

108

247/74

OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

PEDRO BLOCH

25 JUNHO 79

25 JUNHO 74

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p. 185.

: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

PEDRO BLOCH

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - GO -
JOSÉ OLÍMPIO A. MORAIS

19 JUNHO 74

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:::::::::::::::

26 JUNHO 74

WILSON DE QUEIROZ GARCIA

MHF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.186

SOROCABA, 2 DE JUNHO DE 1975

FICHADO
S. A. DCDP

ILMO. SR. DIRETOR DO
SERVIÇO DE CENSURA E DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BRASÍLIA

De ordem
ao arquivo
em 040675
Ruth Nogales
Chefe de SA/DCDP

MJ-DPF-SRA/BSB
-5 JUN 0907 PF 031289
RECEBIDO POR:

VERA LUCIA ABDELNUR CAMARGO, BRASILEIRA, MAIOR, SOLTEIRA, DIRETORA ARTISTICA DO GRUPO "ASSOCIAÇÃO DE REPRESENTAÇÃO TEATRAL DE SOROCABA" - ARTES =, VEM MUI RESPEITOSAMENTE REQUERER A V.S. O COMPETENTE ALVARÁ DE CENSURA PARA A PEÇA "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES", DE PEDRO BLOCK, DO GÊNERO DRAMA, EM TRÊS ATOS. A REFERIDA PEÇA SERÁ ENCENADA PELO GRUPO "ARTES" DE SOROCABA.

OUTROSSIM, ANEXAMOS AO PRESENTE REQUERIMENTO - TRÊS CÓPIAS DO TEXTO E A COMPETENTE AUTORIZAÇÃO FORNECIDA PELO SR. AGENTE DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS, LIBERANDO A MESMA PARA A ENCENAÇÃO EM SOROCABA, PELO GRUPO "ARTES".

P. DEFERIMENTO

SOROCABA, 2 DE JUNHO DE 1975

P/ VERA LUCIA ABDELNUR CAMARGO

ENDEREÇO PARA A RESPOSTA
VERA LUCIA ABDELNUR CAMARGO
RUA GUSTAVO TEIXEIRA, 256
18.100 - SOROCABA - SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.187

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AÛTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL Série 3/70 **Nº 27635**

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: Os inimigos não mandam flores

Original de Pedro Bloch

Música de =

Tradução de =

No Teatro da Banda Cidade Sorocaba

Emprêsa ARTES Pela Cia. ARTES

nos dias do mes de julho de 1975

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de .....% ..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ 160,00 por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Sorocaba, 2 de junho de 1975

Amoraes

(pela SBAT)

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.188.

TEATRO

— 112

TÍTULO OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

1) S. ARQUIVO

Documentação EM ORDEM

Clas. Anterior 14 anos

Praça SOROCABA - SP

Obs.: _____

DF. 06/06/75

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF.__/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. Concordo com o parecer nº 5348-75.
1— À Secção de Expedientes para emitir certificado com impropriedade de até 14 anos, sem cortes, todavia, condicionado ao exame do ensaio geral.
2— À consideração do Sr. Chefe.
Em 13-6-75.

Florivaldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

4) SERVIÇO DE CENSURA

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 16/06/1975
Rogério Nunes

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 189.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

113

PARECER Nº 5348/75

TÍTULO: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES.
Autor: Pedro Bloch.
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: QUATORZE ANOS.

Procedi à comparação do texto ora enviado pelo grupo "Artes" com o texto constante em nossos arquivos e verifiquei tratar-se da mesma peça, devendo a mesma ser liberada com a mesma restrição etária conferida ao script anterior.

Brasília, 13 de junho de 1 975.

DALMO PAIXÃO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 190.

190675

482/75-SCTC/SC/DCDP.

Superintendente Regional do DPF em São Paulo

" OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES "

PEDRO BLOCH

Superintendente:

em SOROCABA- SP

FCG/JEV

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p.191

115

247/75

OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

à PEDRO BLOCH

19 JUNHO 80

19 JUNHO 75

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 192.

: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

: PEDRO BLOCH

: GRUPO ARTES - SP -

13 JUNHO 75

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:::::::::::::::::::::

REQUERENTE: VERA LÚCIA A.CAMARGO

19 JUNHO 75

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p.193

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Of. nº 4189/75-DCDP/SR/SP Bra, 01 de setembro de 1975

FICHADO
6.A DCDP

Senhor Diretor

Em atenção ao oficio nº 471/75-DCDP, de 29/04/75, encaminho a V.Sa., para os devidos fins, três vias do texto e relatórios de ensaios gerais das peças teatrais "A PANE" original de Frederico Durremmatt, "CERIMONIA PARA UM NEGRO ASSASSINADO" de autoria de Fernando Arrabal, "CHOQUE DE RAÇAS" de autoria de H. Saraiva, "AS DEUSAS" original de A.S. Dias da Rosa, "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES" original de Pedro Bloch, "CENA LIVRE" original de Antonio Tadeu de Souza, "PROCURA-SE UMA ROSA" de autoria de Pedro Bloch, "OS FISICOS" original de Frederico Durremmatt, "AS DEGRAÇAS DE UMA CRIANÇA" original de Martins Penna.

Solicitamos a confirmação dessa D.C.D.P. do nosso parecer, com maior brevidade possível.

Na oportunidade, renovo a V.Sa., protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmº. Sr.
DR. ROGERIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
B R A S I L I A/DF.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412p.194.

118

Parecer 116/75

Ensaio geral de peça:"OA INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

16 ANOS

Sr. Chefe

Procedi no dia 27/07/75, no Teatro da Banda, cidade de Sorocaba, ao ensaio geral da peça: "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES".

A ação se desenvolve no Rio de Janeiro, poderia acontecer em outro luggar qualquer, época atual. Apresenta os problemas decorrentes em um casal em que: ela muito feia, ciumenta e temerosa de perder seu marido arquiteta várias artimanhas para descobrir se existe outra. Êle um homem jovem e elegante da a impressão de ser totalmente dominado / por sua esposa.

Opino pela liberação da peça como impropria para menores de 14 anos.

S.Paulo, 12/08/75

Saõ Paulo, 30 de julho de 1975

1. O presente exame censório - de texto e visual - foi realizado de acordo com a delegação de competencia estabelecida pelo of. nº 471/75-DCDP, para peças teatrais de grupos amadores.

ARLETE APARECIDA CORRÊA
Téc. de Cens. nº 290

2. De acordo com o Parecer pela liberação; expeça-se Certificado provisório por 30 dias, encaminhando-se o presente à Brasilia, solicitando o Certificado definitivo.

Chefe SCDP/SR/DPF.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412, p.195.

TEATRO

119

TÍTULO "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES"

1) S. ARQUIVO

Documentação _____

Clas. Anterior 14 anos

Praça SÃO PAULO - SP

Obs.: Emitir certif. de acordo c/o parecer Nº 140/75-SP FALTA "S.B.A.T." e UMA VIA do "script"

DF. 17/09/75

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/_____/_____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

3) S. C. T. C. À Seção de Expediente para, de acordo c/o Relatório de Ensaio geral - Parecer 140 objeto do Proc. 4189-75-SCDP-SR-SP., expedir certificado c/impropriedade para menores de 14 anos, sem cortes, mas em caráter definitivo.

2 — Encaminhe-se ao Sr. Chefe do S.C. Em 19-09-75.

Florivaldo de Carvalho Queiróz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 24/ set. / 1975

Rogério Nunes
P/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412,p.196.

nº

Ofício nº 1105/75-SCTC/SC/DCDP , 22 de setembro de 1.975

: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-DCDP

: Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-SR/SP

:"INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES"
Ref. Of.nº 4189/75-SCDP/SR/SP
Anexo: 1ª e 2ª vias do certificado e
1 (uma) via do "Script"

Senhor Chefe:

Encaminho a V.Sª. as anexas 1ª e 2ª vias do certificado, bem como 1 (uma) via do "Script" da peça teatral supra citada de autoria de Pedro Bloch, solicitando mandar proceder a entrega ao interessado.

2. Outrossim, a aprovação de programação da referida peça, ficará condicionada a entrega pelo interessado da guia de SBAT, que deixou de acompanhar seu requerimento quando por ocasião do exame de censura prévia.

Na oportunidade, renovo a V.Sª. protestos de elevada estima e consideração.

CF

CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES
Chefe do Serviço de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 197

121

247/75

: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

: PEDRO BLOCH

PROIBIDO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

14

23 SETEMBRO 80

23 SETEMBRO 75

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412p.198.

: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

PEDRO BLOCH

19 SETEMBRO 75

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.::

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 QUATORZE ANOS

Coriolano de L.C.Fagundes

23 SETEMBRO 75 CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412p.199.

MJ-DPF-SRA/BSB
14 OUT 1102 059697
RECEBIDO POR:
SRA/FICHADO

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

M.J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

123

Of.
Nº. 4212/75-SCDP/SR/SP

Em, 10 de outubro de 1975.

FICHADO
S. A. DCDP

Senhor Diretor

Em atenção ao oficio nº 471/75/DCDP, de 29/04/75, encaminho a V.Sa., para os devidos fins, os textos e relatórios de ensaios gerais das peças teatrais "KYRIE" original de José F. Zaine, "AUTO DA VIRTUDE DA ESPERANÇA" original de Ariano Suassuna, "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES" original de Pedro Bloch, "TOMÉ" original de Paulo C. Ribeiro, "O CONTRATO AZUL" original de Pedro Bloch, "VIAGEM À LUA" de autoria de Ivonete Vieira, "ENSAIO" criação coletiva, "UM EDIFICIO CHAMADO DUZENTOS" original de Paulo Pontes e Milton Moraes; "SANG CITY" original de Neri G.de Maria, "PESADELO?..PESADELO?" original de Ivo Fernandes, "CAIU O MINISTÉRIO" de França Jr.

Na oportunidade, renovo a V.Sa., protestos de estima e consideração.

À SCTC,
para providenciar.
Em 14/10/75

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmº. Sr.
DR. ROGERIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
B R A S I L I A/DF.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 200.

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada á Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

124

São Paulo , 21 de Julho de 19 75

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasilia D F

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, tres copias da peça

" OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES "

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de XXXXXXXXXXXXXX

Próxima apresentação de TEATRO MELODRAMATICO ALTRUISTICO (TEMA)

Teatro ASSOCIAÇÃO RECREATIVA MANTIQUEIRA Cidade LORENA

Estado SÃO PAULO

A estréia está prevista para 1º DE AGOSTO DE 1975.

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Pela SBAT
21 JUL 1975
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:

A PRESENTE AUTORIZAÇÃO SERVE APENAS E EXCLUSIVAMENTE PARA EFEITO DE CENSURA DE PEÇA.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 04124.201

TEATRO

125

TÍTULO OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES de Pedro Block

1) ~~S. ARQUIVO~~

Documentação SCTC

Clas. Anterior 14 anos —

Praça São Paulo — S.P.

Obs.: —

DF. 17 / 10 / 1975

Chefe Seção ~~Arquivo~~

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/_____/_____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

3) S. C. T. C. A Seção de Expedientes para, conforme Relatório de Ensaio Geral - Parecer 222-75-SR-SP, expedir certificado definitivo, sem cortes, mas impróprio até aos 14 anos.

2 — Encaminhe-se à consideração da Chefia.

Em 23-10-75.

Florivaldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 27 / out. / 1975
p/ Rogério Nunes

DPF–538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 202

Parecer nº 222/75 126

"OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES"

14 ANOS

Procedemos na cidade de Lorena ao Ensaio Geral da peça teatral "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES", original de Pedro Bloch, produção de TEMA - LORENA.

Trata-se de comédia de costumes contando as peripécias da vida de um casal. Nada apresenta de contrário às normas censórias, razão pela qual opinamos por sua liberação como imprópria para menores de 14 (quatorze) anos.

São Paulo, 2 de setembro de 1975.

C. Del Carlo

CARLOS DEL CARLO
Tec. Censura nº 291

S.Paulo, 04/09/75

1. O presente exame censório - de texto e visual - foi realizado de acordo com a delegação de competencia estabelecida pelo of. nº 471/75/DCD P, para peças teatrais de grupos amadores.

2. De acordo com o Parecer pela liberação; expeça-se certificado provisório por 30 dias, encaminhando-se o presente à Brasilia, solicitando o certificado definitivo.

Chefe SCDP/SR/SP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.042.p.203.

: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

: PEDRO BLOCH

TEATRO MELODRAMÁTICO ALTRUÍSTICO - SP -

02 SETEMBRO 75

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:::

24 OUTUBRO 75

Coriolano de L C Fagundes

CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p.204.

247/75

: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

: PEDRO BLOCH

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 QUATORZE ANOS

24 OUTUBRO 80

24 .OUTUBRO 75

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 205.

Ofício nº 1345/75-SCTC/SC/DCDP , 27 de outubro de 1.975

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DCDP

: Sr. Superintendente Regional do DPF em São Paulo-SR/SP

: "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES"

Anexo: 1ª e 2ª vias do Certificado e
2ª e 3ª vias do "Script"

Ref. Of.nº 4212/75-SCDP-SR/SP

Senhor Superintendente:

Com o presente encaminho a Vossa Senhoria as anexas 1ª e 2ª vias do Certificado, bem como as 2ª e 3ª vias do "Script" da peça teatral supracitada de autoria de Pedro Bloch, de acordo com o ensaio geral solicitado à DCDP, pelo ofício acima mencionado.

Na oportunidade, renovo a Vossa Senhoria protestos de estima e consideração.

ROGÉRIO NUNES
Diretor DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 206.

SRA/FICHADO
MJ-DPF-SRA/BSB
18 FEV 1025 76 008631
DPF-SRA
Nº 01
Rui

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Of. nº 111/76 Em 013 / 2 /1976

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : encaminhamento (faz)

Ref. prot. nº 05979/76-SR/RJ

Ao Arquivo verificar e proceder p/ 19/2/76

Peça "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES".

Autor PEDRO BLOCH

Certificado anterior 5.266/72-DCDP, de 04.08.72, válido até 04.08.77- Classificação: (14 anos).

FICHADO S. A. DCDP

ROGÉRIO NUNES Diretor de DCDP

Senhor Diretor:

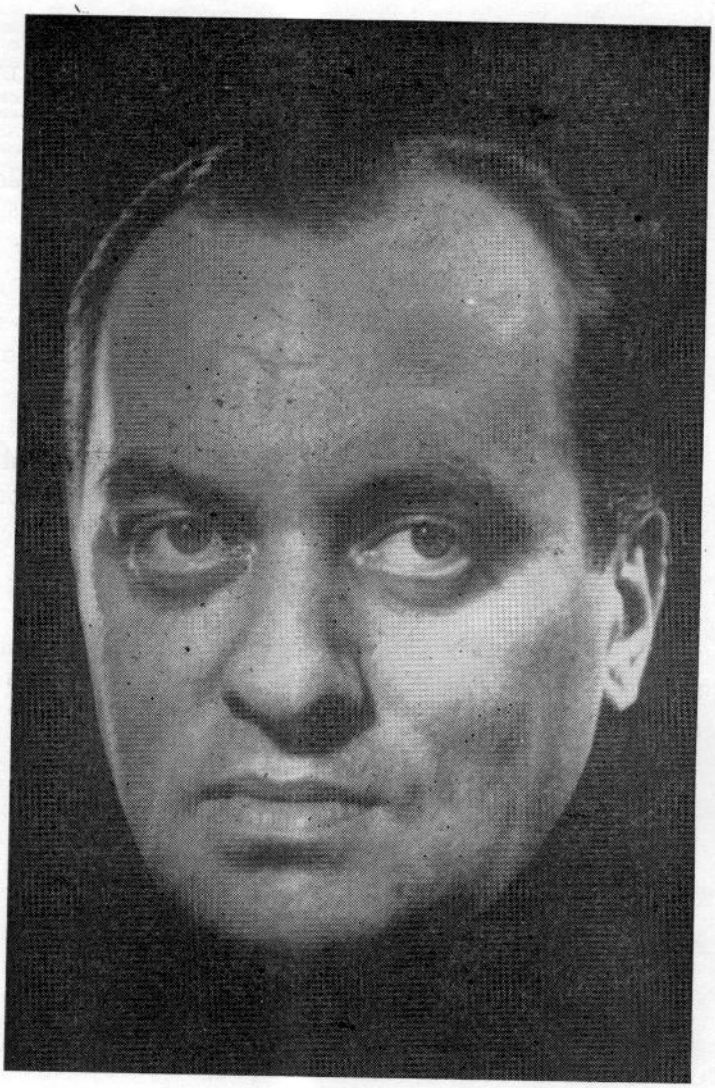
Para cumprimento do que dispõe o sub-item 1.1. da Portaria nº 42/75-DCDP, de 26.11.75, encaminho a Vossa Senhoria um exemplar do texto da peça acima referenciada.

Renovo-lhe, neste ensejo, os protestos de minha consideração e distinguido apreço.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP - SR/RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 207.

OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES



3 ATOS

DE

PEDRO BLOCH

O linotipista que compõe a Revista de Teatro me dizia, sem qualquer intenção, quando terminou a composição de "Os Inimigos não mandam flôres": "Terminei a composição sem sentir, numa só arrancada e estou suando de emoção. Aliás, tôda vez que componho peça do Dr. Pedro Bloch, experimento a mesma sensação". De fato. Quando a peça agrada ninguém se apercebe do tempo. Não há tempo para bocejar nem para desviar o pensamento da ação que nos está sendo apresentada. O autor Pedro Bloch sempre conseguiu prender a platéia ao conteúdo humano de suas peças. Pedro Bloch leva para o palco o drama que êle observa no dia a dia de sua vida e do seu contacto com o ser humano. E os dramas são sempre os mesmos, em tôda parte do mundo. E daí o fato de Pedro Bloch ser, na realidade, o autor mais representado no estrangeiro. Os conflitos que êle apresenta, em suas peças, no Brasil, são os mesmos que afligem a tôda a humanidade. São diversas as suas peças estreadas no estrangeiro. Agora mesmo, enquanto nós estamos discutindo, há meses, sôbre LSD — se pode ou não pode ser dada sob êsse título — foi a peça estreada em Madrid, num dos maiores teatros, com sucesso absoluto. E o sucesso correu mundo chegando a outros países;

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.042.p-208

e da Argentina já nos chega um pedido para tradução e montagem imediata. "PAIS ABSTRATOS" também foi estreada no estrangeiro, em Portugal, por elenco brasileiro, cenários de Pernambuco de Oliveira, numa produção do empresário brasileiro Orlando Miranda. Alcançou o merecido sucesso, a platéia vibrou, e a peça veio para o Brasil cumprir uma carreira vitoriosa. É muito vasto e variado o Teatro de Pedro Bloch, que reune as qualidades de um excelente escritor às de médico de nomeada, especializado em foniatria, corrigindo os sérios problemas da voz e dos defeitos de dicção. Sua ternura pelos seus clientes não é menor do que o seu carinho dedicado às obras que escreve com aquela maestria de estilo e grande poder de observação. Seus merecidos sucessos — e tôdas as suas peças agradam a valer — são produto de um trabalho intenso, dedicado e honesto. Pedro Bloch elabora a receita e êle mesmo a executa no laboratório de sua capacidade de produzir aquilo que vai agradar ao público. Numa oportunidade mais adequada faremos um trabalho eficiente sôbre êsse excelente autor.

D. B.

CARLOS ALBERTO e IONA MAGALHÃES numa das cenas de "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES", de Pedro Bloch, revivida recentemente no Teatro Serrador, Rio de Janeiro, onde permaneceu em cartaz durante meses.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 042 p - 209.

"OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES"

PERSONAGENS

GERALDO — Um homem jovem, belo e elegante. Dá a impressão de ser totalmente dominado por sua espôsa SÍLVIA.

SÍVIA — Uma mulher feia e deselegante. De comum com GERALDO só parece ter a juventude, mas a amargura lhe aumenta a idade implacàvelmente. Sua fealdade não é bem física. Não se poderia localizá-la. Ela dá a impressão de que sua alma, derramando-se pelo rosto, é que lhe empresta aquela máscara.

ÉPOCA:

Atualidade. O conflito, porém, é de qualquer tempo.

AÇÃO:

Rio de Janeiro. Poderia acontecer em outro lugar qualquer.

PRIMEIRO ATO

Música expressiva durante dois minutos

Antes de abrir-se o pano SÍLVIA aparece no proscênio e recebe uma "corbeille" de flôres que um mensageiro, vindo da platéia, lhe traz. Faz um sinal para que êle espere e quando volta para o palco o pano vai se abrindo lentamente. O cenário nos dá idéia de um teatro de marionetes, graças a uma concepção moderna de fios que se cruzam e que a luz ressalta. Ali no palco está GERALDO como que paralisado, como se fôsse um boneco sem vida. SÍLVIA deposita numa cômoda as flôres e dirige-se a GERALDO. Tira-lhe a carteira do bôlso, gratifica o mensageiro que se retira e quando vai repô-la percebe que o público deve estar admirado com o que vê.

SÍLVIA **(À platéia)** — Meus senhores! Senhoras! Êste aqui é o meu marido. Um belo homem conforme vêem. **(a uma espectadora)** A senhora não acha? Saudável, **(mostra-lhe os dentes como quem movesse a cabeça de um manequim)** trinta dentes, **(bate-lhe no abdome)** sem banhas excessivas e funcionando perfeitamente com certificado de garantia. Anda, respira, come, bebe e fala. Para que um homem como êste goste de uma criatura como eu é necessário, antes de mais nada, cultivar-lhe o orgulho como quem cultiva orquídeas. Cultivar-lhe a vaidade com chuva apropriada, sol apropriado, tudo no seu devido momento. Êle olha tanto, para dentro de sua imensa vaidade, que não me vê. Por isso ainda não descobriu que eu sou tão feia. Bom, não é?

Estas flôres quem comprou fui eu. O florista, de vez em quando, manda uma "corbeille" que eu pago com um cartão apaixonado que eu mesma escrevo. Quero ver se consigo lhe despertar ciúme. Mas qual! Êle não repara nas flôres, nem repara nos cartões. Mal tem tempo para alisar o cabelo. **(Ela ordena estalando os dedos) Alisa o cabelo, Geraldo!** (êle **alisa o cabelo como se fôsse um autômato).** Para ajeitar a gravata e o lenço. **(Diante de dois estalos, êle endireita a gravata e o lenço).** — Vocês, naturalmente, ainda não compreenderam porque êle está assim, como hipnotizado. Qualquer mulher é capaz de fazer isto com qualquer homem. Não é verdade madame? O homem nas mãos da mulher é um marionete, um fantoche, um boneco de dar corda. E nas mãos de uma mulher inteligente!... Oh-oh-oh-oh!... Nas mãos de uma mulher inteligente! **(A campainha do telefone soa.** GERALDO, **faz menção de ir atender, pois o ruído o acorda. Ela torna a hipnotizá-lo e atende o telefone) — Alô! Juliana querida!** Êle está aqui, sim. Não, ainda não foi para o escritório... Sei. Esteja tranqüila. Êle vai já, já. Outro p'ra você. **(Desliga o telefone. Ao público).** Juliana é a secretária de meu marido. Ela pensa que eu não sei que ela foi escolhida por certas qualidades estéticas independentes de seus pendores taquigráficos e poliglóticos. A essas bonequinhas de porcelana eu sei aparar as asinhas. É só dizer displicentemente: — "É Geraldo. Ela é bonitinha. Pena ser tão burrinha!" — Aí êle muda, completamente, porque sua vaidade só lhe permite ser amado por mulheres bonitas E INTELIGENTES. Simples, não é? **(Estala os dedos diante de Geraldo que acorda. Êle senta e folheia uma revista).**

SÍLVIA — As flôres chegaram.

GERALDO — Que flôres! **(repara indiferente).** Ah, sim! **(pausa).** Telefonaram para mim?

SÍLVIA — Não. Ah, sim!... Juliana.

GERALDO — A esta hora?

SÍLVIA — Você prometeu serão no escritório, hoje

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412p.210

GERALDO — Foi o que ela disse?

SÍLVIA — Foi.

GERALDO — Então ela deve saber. Ela toma conta de tudo que é meu.

SÍLVIA — Eu já havia notado isso.

GERALDO — Juliana é muito eficiente. Muito boa menina.

SÍLVIA — Sem a menor dúvida! E bonitinha **(pausa)**. Pena ser tão burrinha!

GERALDO **(Desnorteado)** — Você acha?

SÍLVIA — Não vai me dizer que você, Geraldo, conhecendo as mulheres como conhece, ainda não tinha percebido isso! Ela é de uma vulgaridade assustadora! Para a próxima vez arranje uma secretária que seja bonita e inteligente. Classe, Geraldo!

GERALDO — Pois olhe que eu...

SÍLVIA — Avalio o que você deve ter pensado. Você só lhe analisou a superfície... Não lhe conheceu a alma... a maneira de ser...

GERALDO — Confesso que não. Pois olhe que assim, à primeira vista...

SÍLVIA **(Impaciente)** — À primeira vista. Hoje em dia tudo é maravilhoso à primeira vista. Analisando-as bem elas usam uma verdadeira máscara de "pancake", fazem plástica, tingem os cabelos e moldam o corpo com cintas apropriadas.

GERALDO — Ela não usa.

SÍLVIA **(Espantadíssima)** — Cinta?!

GERALDO **(Manso)** — "Pancake".

SÍLVIA — Por favor, Geraldo! Eu só queria pedir uma cousa a você. Nunca se apaixone por suas secretárias. Apaixone, aliás, é fôrça de expressão. Um homem como você...

GERALDO **(Com falsa modéstia)** — Oh, por favor!

SÍLVIA — Há tantas mulheres caídas por você! Imagine se elas descobrem, de um momento para outro, que você tem um "caso" com uma secretária burrinha qualquer.

GERALDO — É verdade. Mas pelo amor de Deus, Sílvia!... Não vá, agora, imaginar que seria capaz de enganá-la com uma...

SÍLVIA — Deus me livre e guarde! Seria tão repugnante... tão... que eu prefiro nem... Possuir essas criaturinhas deve ser o mesmo que brincar com um objeto, uma coisa... Talvez uma gata Angorá. Elas transpiram sexo por todos os poros. Mas você sabe que sexo não isso, Geraldo! Sexo só se valoriza associado à riqueza espiritual, à ternura, ao calor humano verdadeiro. Claro que você não pode querer a criaturas assim. Por favor, Geraldo! Nunca ame a uma mulher vulgar. Você sabe por que eu me apaixonei por você?

GERALDO — ?!

SÍLVIA **(Cultivando-lhe a vaidade)** — Porque você é um homem raro, Geraldo! A gente vê em seus olhos o seu caráter, a sua cavalheiridade, a sua classe de homem fino e de bom gôsto! É essa fôrça que você irradia, essa confiança... êsse olhar... Um homem como você Geraldo, jamais trocaria uma espôsa por uma gata. **(Aproxima-se da "corbeille").** São bonitas estas flôres, não é verdade?

GERALDO — Que flôres? Ah, sim!

SÍLVIA — Parece que vêm acompanhadas de um cartão... **(pausa)** azul...

GERALDO — Por falar em cartões... Você me lembra que amanhã é aniversário do Pimentel? Juliana sempre esquece.

SÍLVIA **(Triunfante)** — Há pouco ela era muito eficiente, não era? **(Cautelosa).** Você, às vêzes, é uma criança **(cautelosa).** Aliás foi bom falar nisso! Há dias que eu estou pensando numa solução interessante.

GERALDO — Que solução Sílvia?

SÍLVIA — Geraldo, você não acha que devia mudar de secretária?

GERALDO — E onde é que eu vou descobrir uma outra Juliana?

SÍLVIA — Você precisa de alguém em quem possa confiar totalmente.

GERALDO — Não vejo quem...

SÍLVIA — Por você eu faria qualquer sacrifício. Eu seria até capaz de trabalhar com você, Geraldo.

GERALDO **(como quem tivesse tomado óleo de rícino)**

No escritório?!

SÍLVIA — No escritório. Não se pode confiar nessas secretárias de hoje.

GERALDO — Por Juliana eu ponho a mão no fogo.

SÍLVIA — Elas ficam armadas contra nós. Tomam conhecimento de tudo. Lêem cartas. Expedem telegramas. Podem até descobrir o gênero de negócios a que você se dedica ùltimamente.

GERALDO — Juliana seria incapaz de...

SÍLVIA — Não confiemos em excesso. De idiota é que ela não tem nada.

GERALDO — Foi você mesma quem disse.

SÍLVIA — As mulheres só são idiotas para aquilo que lhes convém. Imagine se a pol... se descobrem o gênero de negócios a que você se dedica. É preciso despedir Juliana o mais depressa possível. Eu não poderia mais dormir descansada. Eu teria mêdo, Geraldo!

GERALDO — Mas despedi-la como! A título de quê?

SÍLVIA **(rápida)** — A título de tudo! Se você não quiser eu mesma a despeço **(pausa)** — **(transição).** Eu estou ficando mais magra?

GERALDO **(amolado)** — Sei lá!

Transição musical.

(Tôda vez que SÍLVIA se dirige ao público e o marido fica paralisado, hipnotizado, a

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412p.211

música faz uma passagem rápida e expressiva e as luzes se modificam. Quando a cena recomeça, as luzes voltam).

SÍLVIA **(ao público)** — Como é estranha, por vêzes, a vida de um casal, não é madame? As cenas aqui em casa acontecem de maneira curiosa. Imaginemos ,por exemplo, uma cena depois de jantar. Acabamos de comer e nos sentamos, aqui, cada qual em sua poltrona. **(Ela estala os dedos e GERALDO senta. De repente êle começa a caminhar agitado).**

GERALDO — Eu acho que aquêle peixe me fêz mal **(pausa).** Onde é que estão meus comprimidos?

SÍLVIA — Estavam na mesa, ao lado do seu prato. Você não reparou?

GERALDO — Mas se estavam na mesa, ao lado do meu prato, é porque você já sabia que ia me fazer mal.

SÍLVIA — Que absurdo, Geraldo!

GERALDO — Você tem a mania de mandar preparar peixe sabendo que eu sou alérgico.

SÍLVIA — Mas, querido, foi você mesmo quem pediu!

GERALDO **(Comprando briga)** — E que tem isso? Não é motivo para viver satisfazendo todos os meus caprichos. Você parece que já faz essas coisas de propósito, só para me irritar.

SÍLVIA **(cândida)** — Oh, meu bem! Você sabe que eu seria incapaz de...

GERALDO — Há dois meses que eu pedi a você para mandar fazer o doce de pêssegos que mamãe fazia. Você fêz?

SÍLVIA — O doce de pêssegos que sua mamãe fazia está pronto. Eu propus a você agorinha mesmo. Você disse que não queria.

GERALDO **(explodindo)** — Não ouvi direito! Estava pensando em outra coisa! Aliás, aqui nesta casa, estou sempre pensando em outras coisas. Porque será que em casa do Pimentel as coisas andam sempre bem? Lá sim! A gente sente o pulso de uma dona de casa.

SÍLVIA — Aquilo tudo vem pronto de fora, meu amor. A madame Pimentel só conhece cozinha de fotografia de revista americana.

GERALDO **(desesperado, caminhando a passos largos)** — Com os nervos no estado em que eu ando não se pode trabalhar, não se pode produzir. Um dia destes mando tudo às favas e vou construir pontes, edifícios, fazer alguma coisa.

SÍLVIA — Você acha que não tem feito nada?

GERALDO — Tenho. Tenho feito uma série de coisas que não deveria ter feito.

SÍLVIA — Como... por exemplo...

GERALDO — Casar.

SÍLVIA — Comigo?

GERALDO — Sim, Sílvia. Com você. Não vê que isto não dá certo! Que isto não pode dar certo? Não vê?!

SÍLVIA — Não vi jamais um casamento mais certo que o nosso. Não somos felizes?

GERALDO **(com asco)** — Nós?!

SÍLVIA — O que chama você de felicidade ?

GERALDO **(com desprêzo)** — Felicidade!

SÍLVIA **(agarra-se ao desprêzo como se fôsse ignorância)** — Está vendo? Você nem sabe o que é felicidade!

(Transição musical. Ao público) — Outras vêzes lhe dá a mania das viagens. Eu já sei. É quando êle acende um cigarro... **(êle acende)**... solta uma baforada... **(êle solta)** e se põe a olhar o infinito com um ar sonhador.

GERALDO — Todo mundo está indo aos Estados Unidos e à Europa.

SÍLVIA **(ao público)** — Eu não disse? **(a Geraldo).** É verdade, meu bem.

GERALDO — E pensar que, com todo o dinheiro que nós juntamos, não fui, ainda, nem aos Estados Unidos nem à Europa.

SÍLVIA — É verdade, Geraldo. Com todo o dinheiro que **nós** juntamos **você** ainda não foi nem aos Estados Unidos nem à Europa.

GERALDO — Você não acha que eu devia viajar?

SÍLVIA — Acho.

GERALDO — Paris!

SÍLVIA — Paris. Você passaria momentos maravilhosos **(pausa).** Pena os seus negócios.

GERALDO — O que é que têm os meus negócios?

SÍLVIA **(cortando logo)** — Aliás não tem nada demais. Eu poderia tomar conta dêles. Você iria a Paris... Salvo... **(silabando)**... se fôsse descoberto o gênero de negócios a que você se dedica.

GERALDO **(exaltado)** — Você ùltimamente anda falando muito, em descoberto-descoberto-descoberto. Você soube de alguma coisa? Alguém procurou...

SÍLVIA — Não é preciso ficar nervoso ! É que, de vez em quando, surgem umas ameaças.

GERALDO — Ameaça, como?

SÍLVIA — Pelo telefone.

GERALDO — Ameaças?! Como é que para mim nunca telefonaram?

SÍLVIA — Para mim telefonam.

GERALDO — E, depois, ninguém, a não ser pessoa de absoluta confiança, sabe a história dêsses negócios.

SÍLVIA — Ninguém a não ser algumas daquelas bonecas empoadas que cercam você, e que vivem querendo roubar você de mim. Na-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412p.212

turalmente abrem a sua correspondência...

GERALDO — Isso é mentira!

SÍLVIA — Com certeza mexem em seus livros, verificam certas coisas...

GERALDO — Ninguém conseguiria nada daquela sala. Eu ponho a minha mão no fogo. (SÍLVIA, **como por um passe de mágica, faz surgir uma carta na mão**). Que é isso?

SÍLVIA — Esta é uma das cartas que ninguém poderia... Eu a consegui mesmo sem ir ao seu escritório. Já vê você que não é tão difícil assim.

GERALDO — Como foi que você encontrou esta carta?

SÍLVIA — Não importa. Serve apenas para alertar você... num momento em que você está pensando em viajar...

Transição musical.

(Ao público). E assim, geralmente, eu consigo acalmar seus arroubos de caixeiro-viajante. E a vida continua. Mas será isto vida? Para mim é. Que posso esperar mais? Amor? Como? Felicidade? É uma palavra vaga e sem sentido. Pode-se ser confortàvelmente infeliz. Se elas usam a beleza para conseguirem o que querem por que não poderia eu usar as outras armas? Mas o triste, o realmente triste, é quando êle começa a ter inveja dos outros casais.

GERALDO — O Ramos é tão feliz!

SÍLVIA **(ao público)** — Estão vendo?

GERALDO — O Novais vive tão alegre!

SÍLVIA **(ao público)** — Eu não disse?

GERALDO — Tão satisfeito da vida.

SÍLVIA — Agora só falta o casal Pimentel.

GERALDO **(sonhador)** — E o casal Pimentel!

SÍLVIA **(ao público)** — Vocês vão ver só uma coisa **(rompe num rizinho)**.

GERALDO — De que é que você está rindo?

SÍLVIA **(fazendo o risinho crescer)** — De nada.

GERALDO **(irritado)** — Ninguém ri de nada.

SÍLVIA **(rindo, agora francamente)** — Estou rindo da felicidade do casal Pimentel. Êle, por um lado, tem duas amantes conhecidas. Ela já passou pelas mãos de todos os homens do Rio de Janeiro. E dizem até que... **(explosão de riso)**.

GERALDO **(desnorteado)** — Pois olhe que à primeira vista...

SÍLVIA — Você precisa convencer-se de uma coisa, Geraldo: — O mundo está perdido. Felizes, mesmo, só nós dois. Entre nós há sinceridade.

GERALDO — Há o que?!

SÍLVIA — Há humanidade, sentimento. Você não vê que os outros casais se detestam, se entredevoram, sem calor nem piedade? Nós somos diferentes, graças a Deus!

GERALDO — É... Nós somos diferentes graças a Deus.

SÍLVIA — Eu quero dizer que a vida de um casal resulta de um equilíbrio consciente, de um equilíbrio inteligente. É preciso colaboração. Renúncias mútuas. Eu, por exemplo, renuncio a uma série de coisas **(cautelosa)**. Você renuncia à sua viagem... a Europa... De fato, muitas vêzes, é penoso, mas daí resultam a compreensão, o equilíbrio...

GERALDO — Mas basta o equilíbrio?

SÍLVIA — Claro que basta!

GERALDO — E o amor?!

SÍLVIA — Equilíbrio é amor, Geraldo! Equilíbrio é prudência, cuidado, resistência, amor. Você é um homem, Geraldo. Você precisa compreender a vida. Você não pode ser, eternamente, aquêle garôto, filho único, ridicularizado na escola...

GERALDO **(num grito)** — Sílvia!

SÍLVIA — Colado à saia da mãe! Objeto de zombaria!

GERALDO **(manso)** — Sílvia!

SÍLVIA — Fico tão feliz quando você me compreende. Geraldo, prometa-me que seremos felizes e que você me amará sempre.

GERALDO **(arrazado)** — Sempre **(noutro tom)**. Amanhã devo ir a São Paulo.

SÍLVIA — Amanhã não podemos.

GERALDO **(pirracento)** — Você é que não pode. Eu posso.

SÍLVIA — E você pretende ir só?

GERALDO — Pretendo.

SÍLVIA **(com simulada indiferença)** — Que quer que eu ponha na mala?

GERALDO **(assombrado)** — Você não está zangada?

SÍLVIA **(plácida)** — Zangada por quê?

GERALDO — Com a minha viagem.

SÍLVIA — Seria ridículo.

GERALDO — Você sabe, perfeitamente, o que eu vou fazer em São Paulo.

SÍLVIA — Um homem como você, Geraldo, deve descansar, de vez em quando, até da própria espôsa. Quantas camisas?

GERALDO — Mas você não vai protestar, não vai gritar, não vai dizer nada?!

SÍLVIA — Você me julga igual a essas mulheres **ridículas** que você conhece?

GERALDO **(fulo)** — Pois eu quero que você seja ridícula? Eu quero que você seja igual a elas. Você me encurrala dentro de sua amabilidade, dentro de sua tolerância e não me deixa respirar. Eu preciso ser livre, Sílvia! Eu preciso fazer o que quero, o que tenho von-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412,p.213.

tade. Você não pode estar de acôrdo com a minha viagem a São Paulo. Qualquer mulher normal protestaria.

SÍLVIA **(a estátua da placidez)** — Eu não sou uma mulher qualquer.

GERALDO — Qualquer mulher gritaria, faria escândalo, proibiria.

SÍLVIA — Eu não sei fazer escândalo.

GERALDO **(desesperado)** — Pois eu vou a São Paulo para respirar. Não, há nada, nada me esperando em São Paulo. Nem a amante, nem a mulher que você pensa que me espera. É de ar que eu preciso! De ar! Respirar! Respirar!

SÍLVIA — Que quer que eu ponha na mala?

GERALDO **(no auge do desespêro e da indignação)** — Mas você não pode estar aí parada fazendo esta pergunta idiota! Você não pode estar sentindo o que finge que está sentindo!

SÍLVIA — Eu não estou fingindo nada.

GERALDO **(com raiva)** — Está. Eu sei que está. Você tem vontade de explodir, de gritar, de acabar com essas viagens, mas tem mêdo. Mêdo de brigar, mêdo de criar uma situação que me faça deixar esta casa para sempre.

SÍLVIA — As portas estão abertas.

GERALDO **(alucinado)** — As portas estão abertas mas eu não posso sair por elas. Com que pretêxto? Eu preciso de um motivo para fazer as coisas. Você não me dá êsse motivo! Você está sempre de acôrdo! Como eu gostaria que você um dia sentisse de verdade. Proteste! Grite! Condene! Fale! Vamos! Vamos!

Transição musical.

SÍLVIA **(ao público)** — Não se preocupem, senhores. Estas coisas se repetem, quase diàriamente, desde a nossa lua de mel. Até a nossa lua de mel foi diferente. Eu tive de usar de sutilezas sem fim para convencê-lo de que era feliz. O método da auto-sugestão consciente... Eu sou feliz. Eu sou feliz, **(com raiva)**. Eu sou feliz... **(com riso amargo)**. Simples, não é?

GERALDO **(Acorda diante de um estalar de dedos de Sílvia. Creio inútil frisar que cada vez que Sílvia se dirige ao público** GERALDO **é hipnotizado).** — Vamos! Proteste! Grite! Condene! Fale! Vamos!

SÍLVIA **(nova técnica. Humilde, chorosa).** — Geraldo, eu sei que não mereço você Eu sei que não faço a sua felicidade, mas, por favor, não me humilhe dessa maneira! A única coisa que me resta de consôlo é a minha sinceridade. Eu sou capaz, até, de lhe dar um pretêxto para você deixar esta casa. Que é que você quer que eu faça? Eu já não peço mais que você me ame. Basta que me tolere.

GERALDO — Você pensa que me ilude com suas palavras? Eu não suporto mais êsse contrôle. Você controla o telefone, controla as cartas, controla até meus pensamentos. E o pior é que você concorda comigo mesmo quando eu não tenho razão, mesmo quando você sabe que eu sei que não tenho razão. E não sente nada, Sílvia. Que é que você tem contra a vida? O que é que você tem contra as outras mulheres?

SÍLVIA — Não tenho nada contra ninguém.

GERALDO — Então não fique me perseguindo, não fique me torturando, me controlando, fingindo que não controla e que não persegue. Afinal, de que é feita a nossa vida?

SÍLVIA **(angélica)** — No nosso amor.

GERALDO — Amor?! Oh, Sílvia! Um dia nos encontramos e você me venceu com os seus argumentos. Eu não precisava dêles, Sílvia. O amor não vive de demonstrações matemáticas, de cálculos. Você provou por **A** mais **B**, matemàticamente, que eu devia casar com você. A cada ameaça de rompimento você lança mão de novos teoremas, de novos argumentos. Sua argumentação está sempre certa. Seus sentimentos é que não estão.

SÍLVIA — Então, Geraldo, o que é amor?

GERALDO **(sufocado de desespêro)** — Eu sei, Sílvia. Eu sei o que é amor para mim. Mas também sei que você vai vencer com os seus argumentos. Você vai provar que amor é aquilo que você quer que êle seja e vai me convencer de que é exatamente isso que eu sinto por você

SÍLVIA — Mas claro!

GERALDO — E você sabe, perfeitamente, que você não me ama.

SÍLVIA — É você quem diz isso.

GERALDO — Você sabe, perfeitamente, que não casou comigo por amor. Eu gostaria de saber por que foi que você casou comigo. **(Grita)** Por que você casou comigo, Sílvia?!

SÍLVIA — É. Hoje, meus amigos, êle está perigoso, sabem? Tôda vez que lhe dá essa crise de liberdade, preciso envaidecê-lo, estimulá-lo, desenhar-lhe tudo em tecnicolor. Vivemos, realmente, num inferno. Mas um inferno colorido. Eu controlo o telefone, controlo as cartas, controlo até seus pensamentos. Ontem estive analisando meus sentimentos. Por que teria eu casado com um homem como Geraldo? E cheguei a duas conclusões. Em primeiro lugar porque nenhum dos outros homens quis casar comigo. Depois... eu precisava vingar-me, vingar-me das outras mulheres, daquelas que são amadas como mulheres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 214.

mesmo, das que são amadas como carne, como sexo, como amor.

GERALDO **(acorda com o estalar dos dedos de Sílvia)** — Por que você casou comigo?

SÍLVIA — Porque eu amava você.

GERALDO — Não se ama assim.

SÍLVIA — Cada qual ama como sabe.

GERALDO **(acabrunhado após longa pausa)**. Perdoe, Sílvia. Tenho essas explosões, de vez em quando, mas a minha intenção não é feri-la, nunca, compreende?

SÍLVIA — Compreendo, Geraldo.

GERALDO — Não guarde rancor, Sílvia.

SÍLVIA — Não guardarei nada.

GERALDO — Obrigado.

SÍLVIA **(num tom sem côr)** — Que é que você quer que eu ponha na mala?

GERALDO **(desalentado)** — Já não vou mais a São Paulo.

SÍLVIA **(meiga, doce, terna, humilde)** — Mas você deve ir, meu bem! A viagem vai fazer um bem enorme a você.

GERALDO — Não acho.

SÍLVIA — Estou certa disso.

GERALDO — Não tenho mais vontade.

SÍLVIA — Deixe por minha conta. Providenciarei tudo. Arrumarei a mala, reservarei passagem, tudo. Está vendo? Eu aceito ser sua nova secretária.

GERALDO — ! ?

SÍLVIA — Já sem falar na economia que isto representa, sendo sua nova secretária poderemos estar juntos o dia inteiro...

GERALDO **(com amargura)** — O dia inteiro.

SÍLVIA **(Aproxima-se e a cada "juntos" que profere aperta-lhe mais a gravata que está quase aberta a princípio)**. — Poderei afastar de você os importunos e aquelas idiotinhas que infestam o seu escritório. Vai ser uma maravilha! **(ela saboreia com sadismo)**. Iremos "juntos" de automóvel... Almoçaremos "juntos"... Sempre "juntos"... Vai ser uma maravilha.

GERALDO **(alarmado)** — Vai?!

SÍLVIA **(aproxima-se das flôres)** — São lindas estas flôres, não é verdade? **(tira o cartão)**. Você conhece algum Reinaldo?

GERALDO **(sêco)** — Não

SÍLVIA — Foi êle quem mandou as flôres.

GERALDO **(amolado e indiferente)** — Deve ser algum amigo.

SÍLVIA — Mas hoje não é nenhuma data especial. Não é a primeira vez que eu recebo flôres dêsse indivíduo. Isto já está se tornando desagradável.

GERALDO — Só pode ser um imbecil qualquer.

SÍLVIA — Nenhum imbecil se atreveria a cortejar-me.

GERALDO — Ora, Sílvia! Flôres! Não vejo nada demais.

SÍLVIA — Pois eu vejo. Então você acha natural uma coisa dessas, Geraldo?

GERALDO — Quem sabe se não é algum parente?

SÍLVIA — Não temos nenhum parente com êsse nome.

GERALDO **(alheio, depois de uma pausa)** — Você comprou pasta de dentes?

SÍLVIA **(desalentada)** — Está no banheiro.

GERALDO — Bem.

Transição musical.

SÍLVIA **(à platéia, enquanto** GERALDO **se mantém alheio)** — Vocês estão vendo? Nada em comum. Dois enxadristas. Uma ótima jogadora como eu e um péssimo jogador como êle. Sem nada. Sem fé. Sem esperança. Eu poderia renunciar a tudo isto. Seria o único caminho. Mas não. Agora isto irá até o fim. Também sou gente, também tive um coração terno e doce como o de todos vocês. Também sonhei com tudo que as outras mulheres sonham, não sonhei? As gatas são donas do mundo, com suas plásticas, seus "pancakes", seus vestidos colantes, suas curvas, seu sexo. Elas tomaram conta do amor. Mas consegui mais do que tôdas elas. Tôdas as gatas andaram tentando envolvê-lo e eu o consegui para mim, só para mim. Agora eu só espero uma coisa, só anseio por uma coisa, com tôda a minha alma, com todo o meu coração: — Eu quero envelhecer depressa. A velhice será a paz, a tranqüilidade, o sossêgo definitivo, quase a felicidade, a libertação dêstes sustos permanentes, destas angústias sem fim. A velhice será minha, só minha. Sem sustos, sem temores, sem ódios, sem receios, sem rancôres. Eu gostaria que os anos passassem num dia, num minuto. E então êle será meu, definitivamente. Para sempre... **(com raiva)**... Para sempre... **(com angústia)**. Para sempre!

FIM DO PRIMEIRO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.215.

SEGUNDO ATO

Música durante meio minuto.

Ao erguer-se o pano SÍLVIA está pondo a mesa para dois. Parece que algo está para ser comemorado. Pratos, talheres, taças e até champanha. Um candelabro ao centro da mesa. Esta mesa ela a põe, aos poucos, enquanto dialoga com GERALDO, até o início do seu grande monólogo. O desinterêsse de SÍLVIA se acentua com êsse vaivém, pois GERALDO quer por fôrça que ela sinta, que ela participe de seu drama. GERALDO acabou de entrar abatido, alquebrado. Senta-se desalentado.

GERALDO **(quase suplicante, depois de uma longa pausa)** — Sílvia!

SÍLVIA **(sempre preparando a mesa)** — Sim?

GERALDO — Você não pergunta nada?

SÍLVIA — Você não sabe que dia é hoje?

GERALDO — Quarta-feira, 15 de outubro. **(Pausa).** Você não sabe onde eu fui?

SÍLVIA — Sei.

GERALDO — E não tem, ao menos, a curiosidade de saber em que pé estão as coisas?

SÍLVIA — Tenho.

GERALDO **(explodindo)** — Então pergunte!

SÍLVIA **(a tranqüilidade em pessoa)** — Em que pé estão as coisas?

GERALDO — Sílvia, como você mudou!

SÍLVIA — Eu era diferente?

GERALDO — Era **(pausa).** Sílvia, você sabe que eu sou um covarde?

SÍLVIA — Sei.

GERALDO — Nunca me julguei um imbecil. Você sabe que...

SÍLVIA — Também sei.

GERALDO — Sílvia!

SÍLVIA — Que é?

GERALDO — Você ainda não me perguntou nada.

SÍLVIA **(sereníssima)** — Estou esperando que você fale.

GERALDO — Mas em outros tempos você estaria desesperada por saber!

SÍLVIA — O desespêro cansa.

GERALDO — Você estaria ansiosa, esperando na porta a minha chegada, para saber o que êle disse.

SÍLVIA — Em outros tempos.

GERALDO **(analisando-a)** — Então quer dizer que você também sabe disso!

SÍLVIA — Você acha?

GERALDO — Você quer parar com essa calma idiota?! Não é possível que êle não lhe tenha dito nada. Que não tenha, ao menos, telefonado **(pausa — transição).** O Dr. Castro me examinou. Eu devo estar muito mal, Sílvia.

SÍLVIA — Sim?...

GERALDO — Você não está aflita por saber o que êle disse?

SÍLVIA **(placidíssima)** — Estou.

GERALDO **(numa explosão)** — Então pergunte!

SÍLVIA **(sereníssima)** — O que foi que êle disse?

GERALDO **(como quem vai ditar uma sentença de morte)**

Êle não disse nada! **(ela abana a cabeça num sorriso irônico).** Não disse nada, mas quando me examinou êle franziu a testa.

SÍLVIA — Os médicos franzem sempre a testa.

GERALDO — Custou a fazer o diagnóstico e... depois um silêncio de morte.

SÍLVIA — Lógico, não é?

GERALDO — Aí tirou minha pressão.

SÍLVIA — Natural, não é?

GERALDO — Ficou pálido quando viu a pressão. Pensei que êle ia desmaiar...

SÍLVIA **(irônica)** — Então vai ver que êle é quem está doente **(pausa).** Quanto deu a pressão?

GERALDO — Não quis dizer. Só murmurou "muito bem!" **(olhar de Sílvia).** E os médicos só dizem "muito bem" quando querem esconder alguma coisa. Você não vai imaginar que êle vai me dizer na cara que eu estou com um cân... Saí dali com o coração doendo. Já nem conseguia mais andar sem sentir palpitações...

SÍLVIA — Está vendo? Quando você entrou no consultório não tinha nada.

GERALDO — É diferente. Quando entrei eu não sabia o que tinha.

SÍLVIA — E agora você sabe?

GERALDO — Não. Mas você não percebe a diferença entre uma pessoa que não sabe de nada e uma pessoa que "sabe que não sabe"? Qualquer esfôrço, agora, para mim é uma tortura... E nem receitou... Disse que só depois dos exames de laboratório.

SÍLVIA — Hmmmmmmmmmmm!

GERALDO — Talvez seja necessário arrancar todos os dentes.

SÍLVIA **(feliz)** — Ah, sim?!

GERALDO — Tenho a impressão de um desmoronamento. Uma coisa dessas não acontece com o Pimentel. Tinha que ser comigo. E tudo tão de repente! Tudo tão inesperado. Eu não mereço um castigo dêsses, Sílvia. Mereço? Sempre fui um sujeito correto... decente.

SÍLVIA — Decente, Geraldo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 216.

GERALDO — Não tenho culpa que os negócios não tenham dado certo, tenho?

SÍLVIA — Não tem culpa como? Você quase levou todo mundo a falência.

GERALDO — Ora, Sílvia, você sabe perfeitamente, que o risco era todo meu.

SÍLVIA — Desde quando, Geraldo?

GERALDO — Sempre **(pausa)**. Telefonaram do escritório?

SÍLVIA — Não.

GERALDO **(voltando ao tema)** — Curioso é que de repente me deu assim... uma vontade... vontade não. Uma necessidade de ser bom, entende?

SÍLVIA — Mais ou menos.

GERALDO — Eu que não sou dessas coisas, hoje dei uma esmola.

SÍLVIA — É grave...

GERALDO — De cinco contos.

SÍLVIA — Gravíssimo.

GERALDO — Quando aquêle mendigo se aproximou de mim eu me senti mais pobre do que êle. Nós eramos companheiros de uma infelicidade comum. A minha miséria orgânica... O Dr. Castro está me escondendo alguma coisa. Êle já começou a preparar o meu espírito. Sílvia, eu estou perdido! **(pausa)**. Você seria capaz de se dedicar a mim... se eu ficasse... inválido?

SÍLVIA — Quem sabe, não é? Essas coisas... só vendo.

GERALDO — É verdade, Sílvia, que eu não lhe tenho proporcionado grandes alegrias.

SÍLVIA — É. Não tem.

GERALDO — Às vêzes tenho sido até egoísta.

SÍLVIA — Ah, sim?!

GERALDO — Mas será que eu tenho culpa, Sílvia? Eu sou o que sou, assim como sou. porque deste pequeno só me ensinaram a pensar em mim. Pra mamãe eu era o centro do mundo.

SÍLVIA — Cada qual é centro de seu próprio mundo.

GERALDO — Mas eu queria ser o centro do mundo de todo mundo. Em casa era fácil, mas na escola... Sílvia telefone para o Dr. Castro. Pergunte a êle a verdade. Tôda a verdade.

SÍLVIA — Eu já telefonei, Geraldo.

GERALDO **(ansioso)** — E o que foi que êle disse?

SÍLVIA — Ainda não sabe. Está esperando os resultados. Está esperando, Geraldo.

GERALDO **(desesperado)** — Mas eu não posso esperar. Você não vê, que eu não posso esperar?!

SÍLVIA — Eu poderia lhe dar um curso completo da arte de esperar. Um curso de especialização. Passei a minha vida inteira esperando... Noites inteiras esperando que você viesse, Geraldo. Noites inteiras olhando o despertador. Noites inteiras adivinhando seus passos. Eu esperei anos, Geraldo! Você vai esperar apenas alguns minutos. O Dr. Castro vai telefonar-me o resultado.

GERALDO **(apavorado)** — Olhe, se o que eu tiver fôr muito grave não me diga, não me diga nada. Prefiro não saber. Você promete?

SÍLVIA — Prometo.

GERALDO — Você não vai me deixar, não é Silvia? Cuida de mim, não cuida? Eu preciso de alguém em quem possa depositar tôda a minha confiança.

SÍLVIA — Você confia em mim, Geraldo?

GERALDO — Cegamente. Por favor, Sílvia. Dentro de alguns minutos o Doutor Castro lhe dirá o que tenho, mas você só me diga a verdade se ela fôr boa.

SÍLVIA — Está bem.

GERALDO — Agora, se você me disser que estou bem, como é que eu vou saber se estou mesmo bem?

SÍLVIA — Não pode, não é?

GERALDO — Eu sei que tenho sido egoísta, Sílvia! Mas eu juro, eu prometo! Se sair desta, você não vai se arrepender. Você precisa me ajudar. Precisa me tratar. Precisa ser minha amiga.

SÍLVIA — Eu sou sua amiga, Geraldo.

GERALDO — Mas ainda será minha amiga quando eu estiver estendido num leito de hospital?

SÍLVIA — Não sei.

GERALDO — As mulheres são diferentes. Quando você teve aquela pneumonia... eu não parei um minuto em casa.

SÍLVIA — É verdade.

GERALDO — Bem, mas o seu caso era diferente! Você sabia o que tinha... ao passo que o meu destino está sôbre a lâmina de um microscópio e... Você não é como eu, Sílvia. Você é feita de outra massa. Você jamais cometeria a baixeza de me deixar sòzinho num momento de dor, num momento difícil. Cometeria?

SÍLVIA — Só na hora a gente sabe as reações que tem.

GERALDO **(vai deixar a sala. Pára diante da mesa posta sem vê-la e diz ao sair)** — 15 de outubro. Hoje, Sílvia, não é um dia como os outros. **(Sai).**

SÍLVIA — Êle se lembrou! Êle se lembrou! Hoje não é um dia como os outros. Hoje é aniversário do nosso casamento. Para nós êste é o dia em que se comemora a ausência do amor, bem pior que o ódio. Êle me odeia. Eu sei que êle me odeia, mas eu o odeio, também. **(Quase feliz em seu rancor).** Agora êle

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 217

está doente. Agora êle precisa de mim. E como êsse ódio vai crescer! Os próximos anos de nossa vida em comum serão os da minha vingança. Vingança nas palavras, nos gestos, nas atitudes. **(Ela pegou de uma taça de cristal).** Êle não poderá mover-se, não poderá reagir. Não poderá protestar. Êle se limitará a ouvir e obedecer... a ouvir e obedecer... a OUVIR E OBEDECER! **(Rompe a taça de encontro à mesa com ódio. A campainha da porta soa. Ela se dirige para lá e traz uma "corbeille")** Hoje esta "corbeille" vai dar resultado. Hoje com certeza êle notará que chegou uma "corbeille" para mim... **(Ajeita as flôres)** — Assim... Assim... O cartão bem visível! Assim... Perfeito! Oh, meu Deus! Se êle, ao menos hoje, se lembrasse da minha existência! Se êle, num dia qualquer, se lembrasse de que eu existo e me mandasse uma "corbeille"! Nem seria necessário que fôsse uma "corbeille". Poderia ser um ramo de rosas comuns. E nem seria necessário que fôssem rosas. Poderia ser uma flor qualquer . . . Uma única flor... Uma única flor talvez bastasse... Uma única flor! **(Alarmada de repente).** Meu Deus, aconteceu uma coisa tremenda! Uma coisa tremenda, senhores! Essas flôres... Essas flôres... Mas eu não encomendei essas flôres!... **(Agita-se nervosíssima de um lado para outro).** Será que... Oh, meu Deus! Que bom se isso acontecesse! Que bom se um dia alguém... êle se lembrasse de mim! Vêm com um cartão... Não. Eu não tenho a coragem de abrir o envelope. **(A uma espectadora).** A senhora faria isto para mim! A senhora sobe... Lê o cartão... Não sendo dêle não me diga nada, por favor... Não . . . Não me dizendo nada eu já saberia que não foi dêle... Eu adivinharia... É melhor deixar assim... Irrevelado... É melhor... **(Ri nervosa. O riso cresce).** Ah, mas está tudo claro!... E eu me iludindo desta maneira!... Está tudo claro! O florista mandou estas flôres por engano. Como eu encomendo flôres quase todos os dias... **(Disca o telefone ansiosa, angustiada).** Alô!... Alô!... Florista?... Por obséquio... O senhor terá mandado, por acaso, hoje, as flôres para dona Sílvia?... Não?... Tem certeza?... Pergunte ao gerente, por favor. Não mandou? Obrigada... **(Desliga o telefone alagada de felicidade).** Então foi êle mesmo... **(Ri muito, quase como louca).** Então foi êle mesmo... quem mandou as flôres!... Eu sabia que um dia isto ia acontecer... Um dia... Êle se lembrou... Hoje êle deu uma esmola porque sentiu a necessidade de ser bom. Esta "corbeille" êle a comprou para mim porque sentiu a necessidade de um apêgo, uma amiga, uma companheira, num momento em que está caindo, num momento em que está descendo. Mas por que estou tão nervosa? Oh! Que idiota que sou! Está tudo tão claro! Êle hoje mandou estas flôres porque está doente, porque precisa de mim. Não da mulher, mas da enfermeira, da imbecil que vai cuidar dêle, da idiota que criou esta ratoeira de luxo para sofrer, para se torturar entre pesadelos. Mandou as flôres porque foi ao médico e descobriu que... **(Toca o telefone. Ela atende).** Alô... Sim, Dr. Castro . . . Sim. Compreendo... Sei... Hmmmmmmm... Hmmmmmmm... Sei... **(Desliga o telefone, enquanto Geraldo entra temeroso e aflito).**

GERALDO — Era o Dr. Castro?

SÍLVIA — Era.

GERALDO — Que foi que êle disse?

SÍLVIA — Que você vai ficar bom. Depende só de cuidado, dedicação.

GERALDO — Sílvia, você está me enganando.

SÍLVIA — Estou não, Geraldo. Você fica bom.

GERALDO — Mas o que foi que êle disse?

SÍLVIA — Sistema nervoso.

GERALDO — Sistema nervoso! Jura.

SÍLVIA — É, Geraldo. Você vai ficar bom.

GERALDO **(quase feliz)** — Distúrbio neurovegetativo. Distonia? Sistema nervoso, hein? Sistema nervoso!... E eu que já tinha começado a dar esmolas de cinco contos! **(Esfregando as mãos, já dono de si novamente).** Sistema nervoso... Então é uma coisa simples! Curável...

SÍLVIA — É, Geraldo.

GERALDO — Veja você que absurdo! Ainda há pouco parecia que o mundo ia desabar **(ri).** Sistema nervoso!... **(Bem humorado, olhando a mesa posta).** Temos festa hoje?

SÍLVIA — Temos

GERALDO — Eu não sabia que você havia convidado os Pimentel.

SÍLVIA — É para nós.

GERALDO — Para nós!?

SÍLVIA — Comemoração.

GERALDO — Ah, sim! Comemoração. Comemoração... de que?

SÍLVIA — Geraldo, que dia é hoje?

GERALDO — Quarta-feira.

SÍLVIA — Estamos em outubro, Geraldo.

GERALDO — E daí?

SÍLVIA — 15 de outubro.

GERALDO — E daí?

SÍLVIA — Aniversário do nosso casamento.

GERALDO — Nós casamos em outubro?

SÍLVIA — Sim, Geraldo. **Eu** casei em outubro. Felicidades, meu bem.

GERALDO — Obrigado. E champanha! Muito bem!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 218.

SÍLVIA — Eu sei que você está brincando. Eu sei que você não está falando a sério. Você se lembra, perfeitamente, que hoje é o nosso dia. E obrigada!

GERALDO — Obrigada por quê?

SÍLVIA — Pelas flôres.

GERALDO **(sem perceber)** — Que flôres? **(repara nas flôres).** Ah, sim!

SÍLVIA **percebendo a verdade)** — Geraldo! Então... não foi...

GERALDO — Desculpe, Sílvia, mas eu não mandei flôres.

SÍLVIA — Geraldo, não brinque assim, por favor!

GERALDO — Claro que não mandei flôres! Você acha, então, que num dia em que o médico me diz... eu vou me preocupar com...

SÍLVIA **(desolada dirige-se à "corbeille", abre o envelope e lê o cartão).** — Miguel. Você conhece algum Miguel?

GERALDO **(irônico)** — Claro que conheço! Miguel Ângelo... Miguel de Cervantes... Miguel Strogoff... Olhe, você seria uma belíssima atriz! Você tem todos os requisitos: voz, gestos, atitudes, comunicação...

SÍLVIA — O que é que você quer dizer, Geraldo?

GERALDO — Deixe de representar! Então você pensa que eu não sei que é você mesma quem compra as flôres e escreve os cartões? O florista já me contou sua idéia genial. Perguntou se você era louca.

SÍLVIA — Mas, desta vez, você está enganado. Desta vez estamos ambos surpresos. Não fui eu quem encomendou as flôres. Estas flôres vieram para cá e não foram compradas por mim. Você pode perguntar ao florista.

GERALDO — Naturalmente você arranjou outro florista.

SÍLVIA — Não, Geraldo. Parece incrível, mas alguém, neste mundo, me quer. Alguém, neste mundo, se lembrou da minha existência. Existe alguém no mundo que perdeu tempo em entrar num florista por mim, comprar flôres para mim, escrever um cartão para mim. Sentir... Talvez, quem sabe, sentir algo, por mim. Você sabe o que isto significa? Você sabe o que isto significa para mim? Para uma mulher como eu? Você sabe o que isto representa de emoção e sensibilidade? Eu estou sentindo gratidão, Geraldo. Gratidão por uma pessoa que se lembrou da minha existência.

GERALDO — Você não espera que eu acredite nisso. Espera?

SÍLVIA — Não. Agora eu não preciso mais que você acredite. Agora eu não preciso mais que ninguém acredite.

GERALDO — Você, agora, deu para isso, Sílvia?

SÍLVIA — Não, Geraldo. Não vou fazer nada. O gesto me basta. Não quero conhecê-lo. Nem quero vê-lo. Quero apenas guardar a lembrança dêste momento, a recordação destas flôres que deveriam ser suas. Alguém se lembrou de mim. Alguém entre bilhões de seres humanos se lembrou de mim. Não importa quem seja. Alguém. Um ser vivo! Um ser que sofre, que sente, que ri, que chora, que fala, que anda! Alguém!

(Toca a campainha da porta. Ela se dirige para lá e volta acabrunhada. Pega da "corbeille" e arrasta-a até a porta ficando com uma única flor, que arrancou, na mão. Enquanto Geraldo permanece alheio a tudo, ela ri e chora amargamente).

SÍLVIA — Você pode rir, Geraldo! Ria, Geraldo... Vamos! Ria! **(Ri amargamente, muitíssimo nervosa).** As flôres não eram para mim!...

(O riso e as lágrimas crescem e ela se deixa cair numa cadeira, deixa pender a cabeça, deixa pender o braço, deixa cair a flor... e o pano também cai porque aqui termina o "Segundo Ato").

FIM DO SEGUNDO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0462, p. 219.

TERCEIRO ATO

Música durante um minuto.

Ela, entretanto, a critério do diretor, pode prosseguir até que termine tôda a cena muda inicial. Ao abrir-se o pano SÍLVIA está caminhando, de um lado para outro, muito nervosa, torcendo as mãos, aflitas e olhando em tôrno, assustada. Soa o telefone e SÍLVIA corre a atender, como temendo que GERALDO pudesse surgir, de repente, para fazê-lo antes.

SÍLVIA **(falando baixo, assustada, furtivamente)** — Alô!... Sim... Sei... Duas passagens, não é? Trancou onde? Sei. E os passaportes? Sim o outro? Não posso. **(Com ênfase desesperada).** Mas se estou dizendo que não posso! **(Desliga e caminha, enquanto o telefone, quase imediatamente, soa de nôvo. Agarra-o, frenética).** Alô!... **(Ela ouve e fica cada vez mais inquieta.** GERALDO, **neste momento, entra e observa-a. Está de "robe de chambre", surpreendemente calmo e diferente.** SÍLVIA, **lentamente, repõe o fone no gancho).**

GERALDO — Era pra mim!

SÍLVIA **(faz que não com a cabeça)** — Engano.

GERALDO **(pausa. Depois, com tranqüilidade)** — Curioso que ainda não me tenham telefonado do escritório. **(Dirige-se com naturalidade para o telefone, mas** SÍLVIA **se antepõe).**

SÍLVIA — Pode deixar. **(Geraldo a olha admirado enquanto ela faz a ligação e, pouco depois, desliga dizendo)** Está ocupado.

GERALDO **(depois de observar sua estranha agitação que ela procura controlar sem resultado)** — Você está bem?

SÍLVIA **(brusca, como se tivesse sido ferida)** — Por que é que você pergunta?

GERALDO **(placidíssimo, quase risonho)** — Pra saber se você está bem.

SÍLVIA **(entre áspera e irônica)** — Desde quando é que você se preocupa com o meu bem-estar?

GERALDO **(calmíssimo, analisa-a e não responde à pergunta)** — Estive pensando, Sílvia. Essa tensão permanente em que vivemos... A agitação em que você anda... **(reação brusca de** SÍLVIA). Insônias... Nervos à flor da pele... Tenho pensado muito em fugir de tudo. Uma viagem não seria mau...

SÍLVIA **(angustiada)** — Agora?!

GERALDO — E por que não? Uma viagem não seria mau. Curioso quando a gente começa... Tenho tido longas conversas com o analista que o Dr. Castro me recomendou. É como se a gente mergulhasse na infância e encontrasse os fios que nos movem mais tarde. De repente tanta coisa começou a vir à tona! **(**SÍLVIA **reaciona com mãos e olhos). Veja** bem, Sílvia—... Um homem como eu...! A vida que eu tenho levado... Então entra na cabeça de alguém que um homem formado esteja metido nisso?!... **(**SÍLVIA **só reage com os olhos e as mãos aflitas).** Agora vejo que parece incrível, que só depois desse tempo todo, tenho que abandonar tudo.

SÍLVIA **(como num eco)** — Abandonar... **(ligeira pausa. Áspera e brusca).** Você vive pretendendo mudar, mas a única coisa que muda em sua vida são os produtos. Eletrônica... peças de automóveis... Pérolas cultivadas... **(Irônica e cheia de intenções).** Agora são produtos de beleza, não são, Geraldo?

GERALDO — Que diferença faz?

SÍLVIA **(com ironia amarga)** — Nenhuma. **(Riso amargo).** Produtos de beleza!...

GERALDO — Já estou farto desta vida... Palavra de honra, Sílvia! Há momentos em que penso nos negócios em que...

SÍLVIA **(corta)** — Negócios?!... **(quase num grito).** Contrabando!

GERALDO **(num protesto)** — Mas Sílvia!

SÍLVIA **(agressiva)** — Não é isso que você faz? Não é disso que temos vivido?

GERALDO — Contrabando, agora. No comêço era um negócio como outro qualquer. Mas não é razão para continuar a... Então você não percebe que eu seria cada vez menos livre?... mais prêso? **(compreendendo de repente)** Mas, então é isto que você... O dr. Castro me...

SÍLVIA **(Irritada)** — Pare duma vez com êsse dr. Castro, o que foi que êle andou metendo em sua cabeça?

GERALDO — Nada, Sílvia. Só pôs um espelho diante de mim para que eu olhasse de frente aquilo que a vida inteira tive mêdo de encarar: — a mim mesmo.

SÍLVIA — Êle não lhe mostrou que você está querendo é comprar sua paz de consciência ?

GERALDO — Talvez.

SÍLVIA **(com crescente revolta)** — Eu é que sou o seu espelho, Geraldo. Quando quiser saber algo a seu respeito pergunte a mim. Então foi êste o momento que você escolheu para sonhar com viagens?... Para fugir de que, Geraldo? Para comprar o quê? "As portas estão abertas mas você não pode sair por elas", lembra? Precisa, como qualquer criança idiota, de apaziguar seus escrúpulos. E eu conheço seus planos, Geraldo.

GERALDO — Mas Sílvia!...

SÍLVIA — Então você pensa que isto não entra pelos olhos? Essas atenções... êsses

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p-220.

cuidados... Porque você mudou comigo de repente?

GERALDO — Eu mudei?

SÍLVIA — Eu sei. É assim que se trata a um condenado, Geraldo. No último dia de vida êle pode escolher sua última refeição... com direito a champanha. Você, preocupado com seus "grandes" problemas, com certeza nunca pensou no homem que vai executar um condenado à morte. Êle está com a consciência tranqüila porque pensa que cumpre a lei. O juiz está com a consciência tranqüila porque pensa que obedeceu o código... Até o religioso está com a consciência tranqüila porque fêz o condenado arrepender-se de crimes que jamais cometeu... Todos estão com a consciência tranqüila, todos compraram a paz de consciência, mas acontece que um homem inocente vai morrer, compreende?

GERALDO — Não, Sílvia. E que diabo tem um condenado a morte a ver com...

SÍLVIA — Tudo, Geraldo. Cada qual se escuda nos erros alheios, transfere suas culpas e seus pecados... para alcançar a paz. Não é o contrabando que você está querendo deixar. Não é de você mesmo que você está tentando fugir. É de mim, Geraldo!... De mim! **(Soa o telefone. SÍLVIA corre a atendê-lo).**

SÍLVIA — Alô... Não... Não... (GERALDO **olhou quando ela agarrou o fone, mas, neste momento, não a fita e ela, percebendo isto, deixa o fone fora do gancho, furtivamente).**

GERALDO **(sem encará-la)** — Quem era?

SÍLVIA **(ràpidamente)** — Ninguém.

GERALDO — Mas você estava falando!

SÍLVIA — Era engano.

GERALDO — Outra vez?!... **(analisa-a surprêso).** Afinal de contas o que há com você?!... **(ela tortura as mãos aflitas).** Que é que você tem? De que é que você tem mêdo?

SÍLVIA — Mêdo?!...

GERALDO — Então você não percebe o absurdo de tudo isso?... Corre para atender o telefone... parece que vê fantasmas em todos os cantos. **(Percebe que o telefone está desligado).** Por que é que o telefone está fora do gancho? GERALDO **se dirige para repor o fone no gancho, mas SÍLVIA se antecede e o faz apavorada).** Não sei bem se tudo isso é doloroso ou ridículo.

SÍLVIA — Você me considera ridícula!

GERALDO — Não transforme minhas palavras! Eu só quis dizer que não esperava isso de você

SÍLVIA — **Isso** o quê?

GERALDO — Mas se transparece em tudo que você diz, em tudo que você faz! Então você tem a ingenuidade de imaginar que ainda me pode iludir com... Primeiro eram as flôres... Agora o telefone, Sílvia? A quem você pagou, desta vez, para viver telefonando o dia inteiro? Para que essa representação ridícula de adolescente apaixonada?

SÍVIA **(de repente percebe e começa a rir, pois a suspeita dêle parece tirar-lhe um grande pêso)** — Então é disso que você... Adoles ... Adolescente apaixonada!

GERALDO **(irritando-se gradativamente)** — Que é que você quer que eu acredite agora? De que é que você quer que eu suspeite? Êsses telefonemas misteriosos, essa inquietação que não convence... êsses olhares fingindo de assustados... Falo em mudar de vida... e você me vem com uma absurda conversa de condenados? Que condenados, Sílvia? **(o telefone soa. Ela atende, mais uma vez, desesperada, enquanto êle a analisa).**

SÍLVIA — Alô!... Não!... Agora não sei. **(desliga e diz quase num sôpro).** Não sei.

GERALDO — Da primeira vez que êsse telefone tocar eu **quero** atender.

SÍLVIA — Mas se é para mim!...

GERALDO — Como é que você sabe que **será** para você? Que é que você está me ocultando?... Que é que você está procurando esconder? **(Toca o telefone. Ela corre a atender, mas GERALDO tenta arrancar-lhe o fone das mãos. Lutam pelo fone, enquanto ela grita).**

SÍLVIA — É pra mim!... Deixe!... Por favor, Geraldo!... É pra mim... Não. Não... Eu juro... largue... LAAAAARRRRGUE!... Não... Não... (GERALDO, **a esta altura, já lhe arrancou o fone).**

SÍLVIA **(repete desalentada com a voz sumida)** — Não.

GERALDO **(Lentamente leva o fone ao ouvido, enquanto a analisa espantado. A cada palavra de GERALDO ela vai recuando um pouco atemorizada).** — Alô!... Sou eu... Sim... Sim... Sei... E os passaportes..... **(assombradíssimo).** COMO?!... **(Longa pausa. Fica com o fone na mão, alguns segundos, como que sopesando a veracidade do que acabou de ouvir. Depois, repondo o fone no gancho, quase maquinalmente, analisa SÍLVIA como se esta fôsse um marciano, algum fenômeno estranho da natureza. Olha-a com um misto de incredulidade e pavor).**

GERALDO — Sílvia, você fêz isso?!

SÍLVIA **(recuando e clamando)** — Sim, Geraldo. Eu o fiz. E o faria outra vez. Mil vêzes mais.

GERALDO **(é todo incredulidade e assombro)** — Mas porque, Sílvia? O que foi que eu lhe fiz? Por quê?!

SÍLVIA **(a intensidade de sua revolta vai crescendo)** — Você acha que foi para isso que eu lutei tôda a minha vida? Foi para isso que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 221

eu perdi minhas noites e renunciei a tudo? Foi para isso que me isolei do mundo inteiro e afastei você dos seus falsos amigos, para não dividir você com ninguém?

GERALDO — Sílvia, eu juro que não entendo.

SÍLVIA — Você não sabe o que é o desespêro... o desespêro que fecha todos os caminhos, o desespêro que encurrala, que estrangula, que enlouquece... que mata!

GERALDO **(estarrecido)** — Você... Sílvia...

SÍLVIA — Sabe a vida que eu tenho levado? Dia e noite sufocando tôdas as angústias... Dia e noite cultivando sua ridícula vaidade... e quando penso que você compreendeu todo êsse sacrifício, você se agarra às explicações do primeiro psicanalista barato que aparece e começa a fugir, a me escapar... a mudar... a ter seus próprios pensamentos, seus próprios sonhos, seus segredos sordidos. "O Dr. Castro", o analista. Pergunte ao analista se êle sabe o que é sofrer, mas sofrer até transbordar o sofrimento que não cabe mais nos porões imundos da mente. Pergunte a êle, ocupado em pescar e farejar sexo em todos os cantos, se êle sabe o que significam as noites vazias em que até os pesadelos nos abandonam... Pergunte a êle se já ouviu falar do que está acima dos instintos e dos sentimentos... Pergunte a êle se bastam duas palavras de explicação sem nexo para destruir tôda a alma que eu pus em você, tôda essa transfusão de sentimentos que tentei durante tôda a minha vida. Pergunte a êle, Geraldo. Pergunte!

GERALDO — Pare duma vez com êsse absurdo. Sílvia!... Você tem consciência do que fêz?

SÍLVIA — Tenho, Geraldo. EU DENUNCIEI VOCÊ!

GERALDO — Mas porque, Sílvia? Por quê?

SÍLVIA — Sei de tudo, Geraldo. As passagens... as reservas nos hotéis... o empréstimo no banco... os passaportes. Tudo para fugir com aquela prostituta.

GERALDO **(num grito)** — Com quem?!

SÍLVIA **(repisando com desespêro)** — Prostituta, Geraldo! Tôdas umas prostitutas... Você não enxerga a lama que elas têm no rosto porque elas se cobriram com os seus produtos de beleza, Geraldo... Você não vê o pântano que elas têm na alma porque a alma delas está invadida de amor-barato, de amor-sexo, de amor vendido. Sim, Geraldo. Eu denunciei você. Você será prêso, encarcerado. Você ficará só e não poderá mais olhar nenhuma outra mulher. Você só terá tempo para cultivar seu ódio... mas odiar a mim. Só a mim!

GERALDO **(depois de analisar aquêle "monstro")** — As passagens, Sílvia, eram para nós.

SÍLVIA — Todos os seus pensamentos estarão ocupados comigo. Eu estarei com você e você não terá memória para mais nada, para mais ninguém...

GERALDO — As passagens eram pra nós, Sílvia. Pra nós.

SÍLVIA — Elas não me arrancarão você nunca. Ouviu bem, Geraldo? Nunca! Nunca!

GERALDO **(alucinado)** — Elas quem, Sílvia?... Vamos! Fale!... Você me denunciou por quê?... Por que, Sílvia?... Mas diga um nome!... Um nome, Sílvia!

SÍLVIA — As outras mulheres...

GERALDO — Que mulheres, Sílvia?!... Eu não posso lutar com os fantasmas que você inventa!... Um nome, Sílvia!... Você me denunciou justamente quando eu procuro mudar de vida, no momento em que procuro escapar dêsse beco sem saída em que me meti para lhe dar a vida que você queria?... Então você não percebe até que ponto a minha vida sempre estêve em suas mãos?

SÍLVIA — E em minhas mãos você vivia sonhando com as outras.

GERALDO — Decididamente Sílvia, você está louca!

SÍLVIA — Sim, Geraldo. Estou louca... mas esta louca dedicou a você tôda a sua vida. Perdeu tôda a sua vida por você.

GERALDO **(sem querer acreditar naquelas palavras)** — Você... perdeu sua vida... comigo?... Quando foi que você meu deu algo de você mesma? Quando foi que você me deu algo de sua vida?... Em suas mãos eu não passei de um fantoche, que você pensava manipular como se manipula um marionete. Mas você esqueceu de que até os donos dos marionetes sem alma tornam-se escravos dêles para tratá-los, para cuidá-los, transferindo-lhes uma parcela de sua própria vida. Não é a mim que você teme perder. Eu poderia ser um outro homem qualquer e você só sofreria no momento em que não pudesse mais ter em suas mãos o contrôle de todos os fios. Você se preocupa mais com os fios do que com as palavras e os sentimentos. A gente sempre se esquece do que uma palavra, um sorriso, um olhar, podem fazer às almas alheias. Até à minha. Alguma vez já passou por sua cabeça que até fantoches como eu podem possuir uma alma de verdade?

SÍLVIA — Você nunca me falou assim.

GERALDO — Porque você nunca me quis ouvir. Você jamais perderia o seu precioso tempo, o tempo em que vivia alimentando êsse ódio cego, para ouvir o que eu pudesse pensar ou sentir. Passei uma vida inteira, a seu

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412. p. 222.

lado, como um estranho. Você se preocupou tanto em fiscalizar meus passos que esqueceu de analisar o que eu sentia. Eu só devia sentir aquilo que você queria. Só devia falar com as suas próprias palavras. Oh! Sílvia! O que a nossa vida poderia ter sido! Não era preciso que fôssemos felizes. Poderíamos, até, ser desgraçados, mas unidos na desgraça por uma desgraça comum. E você me denunciou! Você a quem dediquei tôda a minha vida! Você que se vingava de todos os sêres do mundo, torturando-se e só tendo alma para destruir!

SÍLVIA **(tenta interrompê-lo)** — Elas sempre...

GERALDO **(corta)** — Você vivia forjando novos mundos em que não precisasse ser bela, sem perceber que para mim... eu lhe juro, Sílvia!... quando a conheci, para mim, você era tudo o que eu procurava numa companheira, numa espôsa, numa amiga, numa amante. Mas você nunca percebeu isso porque nunca pôde dedicar alguns minutos à minha vida insignificante. Você estava ocupada com uma "grande tragédia" **(irônico)**. Você era feia. Tôda a tragédia do mundo se resumia em três palavras: você era feia.

SÍLVIA — Geraldo, eu...

GERALDO — Se você tivesse saído, por um instante sequer do seu abismo egoísta, teria percebido que essas mesmas mulheres, que você considerava feias como você, tinham sido as grandes mulheres da História do Mundo. Por que, Sílvia? É que elas tinham algo dentro de si. Elas eram amadas pelo que delas irradiava. Elas permaneceram ao lado do homem amado. Sofriam juntos, sentiam juntos, riam juntos e juntos choravam. Só não denunciavam, não traíam, não delatavam.

SÍLVIA — Por que você casou comigo?

GERALDO — É isso, justamente, que eu queria que você respondesse. Porque, Sílvia? Por quê?

SÍLVIA — As outras mulh...

GERALDO **(corta)** — Então você não percebe que elas nunca representaram nada para mim? Que as outras criaturas, certas de sua beleza, confiantes em seu poder, nunca existiram para mim e nada significavam? Quando você surgiu tão humilhada consigo mesma, tão humilde, tão certa de que ninguém no mundo poderia querê-la, eu a quis, Sílvia. Pra mim. Entende? Você despertou em mim uma ternura infinita.

SÍLVIA **(como num eco)** — Ternura infinita! **(com surda revolta)**. Ternura onde, Geraldo? Quando? Você já esqueceu de como nos conhecemos...

GERALDO — Por acaso... Foi...

SÍLVIA — Quando é que você começa a enxergar, Geraldo? Que acaso? Jamais ocorreu a você que quem armou êsse acaso fui eu?

GERALDO — Mas, Sílvia!

SÍLVIA — E o resto foi mais fácil ainda. Era só cultivar a sua vaidade... "Você é um homem tão diferente, Geraldo!" "Você é um grande homem, Geraldo". Bastava isso para que você quisesse logo provar a sua grandeza. É assim que nós mulheres lidamos com vocês. Em nossa lua de mel... apesar de tudo... você estava tão longe que as suas carícias pareciam torturas... Vinham diluídas na distância...

GERALDO **(dorido e surprêso)** — Foi isso que aquêles dias significaram para você, Sílvia?!... Foi assim que você sentiu nossa lua de mel? Você sabe porque eu casei com você?

SÍLVIA **(alheia)** — Depois vieram as nossas comemorações... que nunca significaram nada para você.

GERALDO — Foi assim que você compreendeu o meu protesto... os meus silêncios? As comemorações... os aniversários... É claro que não podia, eu não queria participar dêles.

SÍLVIA — Porque eram nossos.

GERALDO — Porque eram seus, sòmente seus. Comemorar o que, se você nada sentia? Se você só estava esperando a primeira oportunidade para me denunciar, para se vingar do que nunca lhe fiz?... As comemorações... Muitas vêzes chorei sòzinho.

SÍLVIA **(espantada)** — Você?!

GERALDO — Muitas vêzes chorei sòzinho, comemorei sòzinho. É a coisa mais triste do mundo: um homem chorando sòzinho. Foi sòmente você, Sílvia, quem me fêz descobrir que não era bela como sempre a vi, desde o primeiro instante. Eu a via bela porque tinha mêdo, compreende? O garôto acovardado de ontem, de quem todos riam, depois de homem, tinha mêdo de competir com os outros homens. Uma mulher que todos querem é uma ameaça constante. É preciso disputar, lutar, dominar, vencer... Eu tinha mêdo, Sílvia. Mêdo de competir. Justamente porque ninguém a queria é que eu quis tanto a você... mas você nunca sentiu... Você queria flôres... Não era a flor que você queria. Não, Sílvia. Você só queria as homenagens que elas representam, porque se elas significassem alguma coisa para você, uma prova de amor, eu lhe mandaria tôdas as "corbeilles" do mundo, tôdas as flôres da terra.

SÍLVIA — E você espera que eu acredite nisso, Geraldo?

GERALDO — Agora compreendo até a loucura infantil do contrabandos dos cheques sem fundo, das falências. Eu precisava pro-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 042.p.223.

var a mim mesmo que era capaz de ludibriar todo o resto da humanidade... Se construísse pontes, edifícios... eu continuaria a ser o mesmo menino assustado... eu continuaria a ouvir aqueles risos... Mas ninguém ri de um escroque nem de um contrabandista! **(pausa).** Você sabe por que eu casei com você?

SÍLVIA — Por que, Geraldo?!

GERALDO — Por amor, Sílvia!

SÍLVIA — É mentira!

GERALDO — Por amor!

SÍLVIA **(Analisa-o, de repente começa a rir um riso que se transforma em histérico)**

GERALDO — De que é que você está rindo? **(desesperado).** Por que é que você está rindo?

SÍLVIA **(Sempre rindo amargamente)** — É que eu já estava começando a acreditar em suas palavras. Por um momento cheguei a imaginar que isso fôsse verdade.

GERALDO — Mas é verdade, Sílvia!

SÍLVIA — Não minta Geraldo! Não minta. Eu o denunciei. Pode me torturar, pode me matar, pode fazer comigo o que quiser, mas não minta. Não use essas palavras comigo.

GERALDO — Mas se essas são as palavras que eu sempre usei quando você me permitia falar!

SÍLVIA **(No auge da fúria)** — E você queria que eu acreditasse nelas?... Quem ensinou você a sentir dessa maneira fui eu. Você está usando minhas próprias palavras. Eu nunca fui humilde nem humilhada. Você diz isso porque precisa de mim... porque está doente.

GERALDO — Está enganada, Sílvia. Agora já não preciso de nada.

SÍLVIA — Então você diz isso por pena... Mas pena, não, Geraldo! Eu não quero que ninguém tenha pena de mim! Ninguém! E não creio numa palavra do que você diz!...

GERALDO **(Vai se retirar para dentro de casa)** — Agora já não importa, Sílvia, que ninguém acredite!... **(Sai).**

SÍLVIA **(Fica só e começa a torturar-se numa estranha dúvida. Fala consigo mesma e com o público, ao mesmo tempo).**

Vocês acreditam no que êle disse? Eu não. Deve haver algum motivo. Deve existir alguma razão. Mas evidente! Vejam bem do que um homem é capaz! Envolve-nos com palavras e se a gente não percebe a verdadeira intenção de cada uma...

Tudo que êle diz soa falso. Tudo aquilo só tem, só pode ter um motivo. Êle precisa de mim. Entre nós só existe uma comunhão: — a comunhão de bens. E ÊLE PRECISA DE MIM!

Mas a mim não se engana assim. Vejo sempre o que se esconde por detrás das palavras.

Como se alguém pudesse acreditar que êle sente alguma coisa... que êle sente alguma coisa... por mim... **(ri histèricamente).** Amor... Casou comigo por amor... Como se eu pudesse crer num absur... Como se eu não conhecesse o amor... êsse amor vendido... êsse amor abjeto... Como se eu não soubesse que as pessoas só fingem querer-se quando estão diante dos outros... diante de todo mundo... para que todos pensem que são felizes... para que ninguém possa adivinhar o que se passa, realmente, entre as quatro paredes... quando estão sós... Não. Ninguém sente nada... Ninguém sente nada por ninguém! Sentir... Sentir... Mas... se pudesse ser verd... Será que alguém sente mesmo algo por alguém?

As pessoas sentem mesmo ou fingem que sentem? E se fôsse mesmo verdade tudo o que êle acaba de dizer? Nem seria preciso que tudo fôsse verdade. Bastaria uma frase... Uma palavra... Uma palavra qualquer. Mas por que êsses nervos? Por que estou tão nervosa?...

E as passagens? A fuga... **(Telefona).** Quer me chamar a Dulce? As passagens minha querida, estão em nome de quem? COMO??! Obrigada. **(Desligando).** Prá nós! As passagens eram prá nós! **(Pausa).** Já sei. Quer me comprar com uma viagem e depois...

E se fôsse verdade? E se, sendo verdade, eu tivesse deixado passar a minha vida tôda sem perceber que o amor estava tão perto de mim? E se eu tivesse vivido esperando flôres sem perceber que as flô...

Mas por que terá casado comigo um homem como Geraldo! Dinheiro! Dinheiro! eu não tinha.

Beleza? **(Um sorriso de amargura)**... Inteligência... Mas será que alguém se casa por... Mas então... **(gostaria de deixar-se envolver por aquela idéia, mas não permite).** Não. E a fortuna.

(Geraldo entrou vestido para sair).

Êle precisa de alguém que lhe guarde a fortuna enquanto está prêso. Êle precisa de mim. Comunhão de bens. O dinheiro!

GERALDO — Que dinheiro, Sílvia? Já não existe mais nenhuma fortuna. De tudo o que eu possuía só me resta você.

SÍLVIA — Você mente.

GERALDO — Agora já não me importa mais que você acredite. Adeus, Sílvia.

SÍLVIA — Espere, Geraldo. Espere. Onde você vai?

GERALDO — Entregar-me.

(Faz menção de sair pela platéia como se fôsse projetar-se para fora do palco, mas ela o impede em meio do caminho).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412. p. 224.

SÍLVIA **(Desesperada)** — Não, Geraldo. Espere. **(Revivem a cena inicial da peça, Êle fica parado como um boneco).**

SÍLVIA — Minhas Senhoras! Senhores? Êste aqui é o meu marido. Um belo homem conforme vêem **(vai engasgando com as lágrimas).** Saudável, trinta dentes e funcionando perfeitamente com certificado de garantia. Anda, respira, come, bebe e fala. Para que um homem como êste goste de uma mulher como eu... **(Abraça-o chorando).**

SÍLVIA **(Tentando acreditar)** — Mas então é verdade?... É verdade mesmo?... As pessoas sentem mesmo? Sentem de verdade?... **(Ela parece pescar o impossível e o inacreditável do mais profundo do seu próprio ser).** Então você me quer mesmo? A mim, Geraldo?... **(Ela faz a pergunta como se fôsse a coisa mais impossível dêste mundo).**

(A música — tema da peça — vem vindo, suavemente, e colabora até o final, quando cresce, violentamente, com as últimas palavras de SÍLVIA. Nas frases seguintes, os dois, que estão separados, vão se aproximando muito lentamente).

GERALDO — A você, Sílvia.

SÍLVIA **(ainda incrédula, com augústia).**

E você sente falta de mim? Eu lhe faço falta?

GERALDO — Muita, Sílvia.

SÍLVIA **(Querendo acreditar à fôrça)** — E você precisa de mim?! Precisa mesmo de mim?

GERALDO — Mesmo, Sílvia.

SÍLVIA **(Referindo-se ao seu físico)** — E você não se importa que eu seja assim como sou?

GERALDO — Eu quero que você seja assim.

SÍLVIA **(Numa angústia desesperada)** — Oh, meu Deus!... E você não me odeia!... **(Abraça-o chorando convulsivamente).** O que eu fiz!... O que eu disse!...

GERALDO **(Suave e terno)** — Eu amo você, Sílvia.

SÍLVIA **(Numa angústia deslumbrada)** — Então é verdade!... É verdade!...

(Está abraçada a êle, chorando. GERALDO se desprende dela, suavemente, desce pela escadinha e vai saindo pela platéia enquanto ela torna a perguntar).

SÍLVIA — Então é verdade?...

GERALDO **(De longe, afastando-se, diz parando por um momento e virando-se para o palco).**

É verdade, SÍLVIA.

(Neste momento ela começa a olhar deslumbrada o infinito, como em êxtase. A alma de SÍLVIA parece ir se iluminando gradativamente).

SÍLVIA — Ah, meus Deus! Tôda essa vida! Todo êsse tempo! Deve ser isto!... Esta angústia... esta ternura... estas lágrimas... êste mêdo... Deve ser isto... **(no auge do deslumbramento, chorando).** Então o amor é isto?!... Obrigada, meu Deus... Então o amor é ISTO!

(Sua fisionomia, neste momento, consegue ser quase bela. Ri e chora, docemente, feliz, enquanto a música chega ao auge e a peça chega ao

FIM

Esta peça só poderá ser representada, no todo ou em parte, seja por que processo fôr, mediante autorização expressa da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 225.

TEATRO

TÍTULO Os INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

Pedro Bloch

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 14 ANOS -

Praça Rio de Janeiro - RJ

Obs.:

DF. 24 / 02 / 76

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

DPF-538

Int.: Ruth Alves Viana Monteiro
Lençóis BA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 226.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412, p.227

OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

Original: PEDRO BLOCH
Em três Atos - Época atual
Personagens: GERALDO e SILVIA.

Primeiro Ato

S- Meus senhores! Este aqui é o meu marido. Um belo homem conforme vêem. A senhora não acha? Saudável, trinta dentes, sem banhas excessivas e funcionando perfeitamente com certificado de garantia. Anda, respira, come, bebe e fala. Para que um homem como este goste de uma criatura como eu é necessário, antes de mais nada, cultivar-lhe o orgulho como quem cultiva orquídias. Cultivar-lhe a vaidade com chuva apropriada, sol apropriado, tudo no seu devido momento. Ele olha tanto, para dentro de sua vaidade, para dentro de sua imensa vaidade, que não me vê. Por isso ainda não descobriu que eu sou tão feia. Bom, não é?

Estas flores quem comprou fui eu. O florista, de vez em quando, manda uma corbeille que eu pago com um cartão apaixonado que eu mesma escrevo. Quero ver se lhe desperto um pouquinho de ciúme. Mas qual! Ele nem repara as flores, nem repara nos cartões. Mal tem tempo para alisar o cabelo. Alisa o cabelo, Geraldo! Para ajeitar a gravata e o lenço. -Voces naturalmente ainda não compreenderam porque ele esta assim, como hipnotizado. Qualquer mulher é capaz de fazer isto com qualquer homem. Não é verdade madame? O homem nas mãos de uma mulher é um marionete, um fantoche, uma boneco de dar corda. E nas mãos de uma mulher inteligente!... Oh-oh-oh-oh!... Nas mãos de uma mulher inteligente!- Alô! Juliana querida! Ele esta aqui, sim. Não, ainda não foi para o escritório...Sei. Esteja tranquila. Ele vai já. Um beijinho pra voce. è a secretária de meu marido. Juliana pensa que eu não sei que ela foi escolhida por certas qualidedes estéticas independentes de seus pendores taquigáficos e datilógrafos. a A essas bonequinhas de porcelana eu sei aparar as asinhas. È só dizer displicentemente:- "É, Geraldo. Ela é bonitinha. Pena ser tão burrinha!"- Aí ele muda, completamente, porque sua vaidade só lhe permite ser amado por mulheres bonitas e inteligentes. Simples, não é?

As flores chegaram.

G- Que flores! Ah, sim! Telefonaram para mim?
S- Não, Ah, sim!... Juliana.
G- A esta hora?
S- Voce prometeu serão no escritório, hoje?
G- Foi o que ela disse?
S- foi.
G- Então ela deve saber. Ela toma conta de tudo que é meu.
S- Eu ja havia notado isso .
G- A Juliana é muito eficiente. Muito boa menina.
S- Sem a menor dúvida! E bonitinha. Pena ser tão burrinha!
G- Voce acha?
S- Não vai me dizer que voce, Geraldo, conhecendo as mk mulheres como conhece, ainda não tinha percebido! Ela é de uma vulgaridade assastadoura! Para a próxima vez arranje uma secretária que seja bonita e inteligente. Classe, Geraldo!
G- Pois olhe que eu...
S- Avalio o que voce deve ter pensado. Voce só lhe analisou a superfície... Não lhe conheceu a alma... a maneira de ser...
G- Confesso que não. Pois olhe que assim, à primeira vista...
S- À primeira vista! Hoje em dia tudo é maravilhoso à primeira vista. Analisando-as bem elas usam verdadeira máscara de "pancake", tingem os cabelos e moldam o corpo com cintas apropriadas.
G- Ela não usa.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p.228.

S- Cintia?!
G- "Pancake".
S- Por favor,Geraldo!Eu queria pedir uma coisa a você.Nunca se apaixone por suas secretárias.Apaixone,aliás,é força de expressão.Um homem como você...
G- Oh,por favor!
S- Há tantas mulheres que andam caídas por você!Imagine se elas descobrem,de um momento para o outro,que você tem um "caso" com uma secretária burrinha qualquer.
G- E verdade.Mas pelo amor de Deus,Silvia!...Não vá,agora,imaginar que seria capaz de engana-la com uma...
S- Deus me livre e guarde!Seria tão repugnante...tão...que eu prefiro nem...Possuir essas criaturinhas deve ser o mesmo que brincar com um objeto,uma coisa,..Talvez uma gata Angorá.Elas transpiram sexo por todos os poros.Mas você que sexo não é isso,Geraldo!Sexo só se valoriza associado à riqueza espiritual,à ternura,ao calor humamo verdadeiro. Claro que você não pode querer a criaturas assim.Por favor,Geraldo! Nunca ame a uma mulher vulgar.Você sabe por que eu amei você?
G- ?!
S- Porque você é um homem raro,Geraldo!A gente vê em seus olhos o seu caráter,a sua ombriedade,a sua classe de homem fino e de bom gôsto!E' essa força que você irradia,essa confiança...êsse olhar...Um homem como você,Geraldo,jamais trocaria uma espôsa por uma gata. São bonitas estas flôres,não é verade?
G- Que flôres? Ah,sim!
S- Parece que vêm acompanhadas de um cartão...azul...
G- Por falar em cartões...Você me lembra que amanhã é aniversário do Pimentel.Juliana sempre sequece.
S- Há pouco ela era muito eficiente,não era?Você,às vêzes,é uma criança. Há dias que eu estou pensando em uma solução interessante.Geraldo,você não acha que devia mudar de secretária?
G- E onde é que eu vou descobrir outre Juliana?
S- Você precisa de alguém em possa confiar totalmente.
G- Não vejo quem poderia...
S- Por você eu faria qualquer maiorsacrifício.Eu seria capaz até de trabalhar com você,Geraldo.
G- No escritório?!
S- No escritório.Não se pode confiar nessas secretárias de hoje.
G- Por Juliana eu ponho a mão no fogo.
S- Elas ficam armadas contra nós.Tomam conhecimento de tudo.Leêm cartas. Expedem telegramas.Podem até descobrir o gênero de negócios a que você se dedica...
G- Juliana seria incapaz de...
S- Não confiemos em excesso.De idiota é que ela não tem nada.
G- Foi você mesma quem disse.
S- As mulheres só são idiotas para aquilo que lhes convém.Imagine se a -pol...se descobrem o gênero de negócios a que você se dedica.E' preciso despedir Juliana o mais depressa possível.Eu não poderia mais dormir descansada.Eu teria mêdo,Geraldo.
G- Mas despedi-la como! A título de que?
S- A título de tudo! Se você não quiser eu mesma a despeço.Eu estou ficando magra?
G- Sei lá!
S- Como é estranha,por vêzes,a vida de um casal,não é,madame? As cenas aqui em casa se sucedem de maneira curiosa.Imaginemos,por exmplo,uma cena depois de jantar.Acabamos de comer e sentamos,aqui,cada qual em sua poltrona.
G- Eu acho que aquêle peixe me fêz mal.Onde estão meus comprimidos?
S- Estavam na mesa,ao lado do prato.Você não reparou?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.229.

G- Mas se estavam uma mesa,ao aldo do meu prato,é porque você já sabia que ia me fazer mal.
S- Que absurdo,Geraldo!
G- Você tem a mania de mandar preparerx peixe sabendo que eu sou alérgico.
S- Mas,querido,foi você mesmo quem pediu!
G- E que tem isso? Não é motivo para viver satisfazendo todos os meus caprichos.Você perece que já faz essas coisas de propósito,só para me irritar.
S- Oh,meu bem! Você sabe que eu seria incapaz de...
G- Há dois meses que eu pedi a você para mandar fazer o doce de pêssegos que mamãe fazia.Você fêz?
S- O doce de pêssegos que sua mãe fazia está pronto.Eu propus a você agorinha mesmo.Você disse que não queria.
G- Não ouvi direito! Estava pensando em outra coisa!Aliás,aqui em casa, estou sempre pensando em outras coisas.Por que é que casa do Pimentel as coisas andam sempre bem?Lá sim! A gente tem o pulso de uma dona de casa.
S- Aquilo tudo vem pronto de fora,meu amor.A madame Pimentel só conhece cozinha de fotografia de revista americana.
G- Ah,meu Deus! Com os nervos no estado em que ando não se pode trabalhar,não se pode produzir.Você sabe,perefeitamente,que eu tenho um diploma.Um dia mando tudo às favas e vou construir pontes,construir edifícios,fazer alguma coisa.
S- Você acha que não tem feito nada?
G- Tenho.Tenho feito uma série de coisas que não devia ter feito.
S- Como...por exemplo...
G- Casar.
S- Comigo?
G- Sim,Silvia.Com você.Não vê que isto não dá certo!Não somos felizes?
S- O que você chama de felicidade?
G- Felicidade!
S- Está vendo? Você nem sabe o que é felicidade!
G- Todo mundo está indo aos Estados Unidos e à Europa.
S- Eu não disse? E' verdade,meu bem.
G- E pensar que,com todo o dinheiro que nós juntamos,não fui,ainda,nem aos Estados Unidos nem à Europa.
S- E' verdade Geraldo.Com todo o dinheiro que nós juntamos você ainda n não foi aos Estados Unidps nem à Europa.
G- Você acha que eu devia viajar?
S- Acho.
G- Pris!
S- Paris.Você passaria momentos maravilhosos.Pena os seus negócios.
G- Meus ne...
S- Aliás não tem nada de demais.Eu poderia tomar conta dêles.Você iria a Paris...Salvo...se fôsse descoberto o gênero de negócios a que você se dedica.
G- Você anda falando muito,ùltimamente,em descoberto-descoberto-descoberto.Você soube de alguma coisa? Alguém procurou...
S- Não é preciso ficar exaltado!E' que,de vez em quando,surgem umas ameaças veladas por telefone.
G- Ameaças?! Como é que nunca telefonaram para mim?
S- Para mim telefonam.
G- E,depois,ninguém,a não ser pessoa de absoluta confiança,conhece a história dêsses negócios.
S- Ninguém a não ser alguma daquelas bonecas empoadas que cercam você. Naturalmente abrem a sua correspondência...
G- E' mentira!
S- Com certeza mexem em seus livros,verificam certas coisas...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412, p.230.

G- Ninguém conseguiria nada naquela sala. Eu ponho minha mão no fogo. O que é isso?
S- Esta é uma das cartas que ninguém poderia...Eu a consegui mesmo sem ir ao seu escritório. Já vê você que não é tão difícil assim.
G- Como foi que conseguiu esta carta?
S- Não importa. Serve apenas para alertar você...num momento em que você está pensando em viajar...
E assim, geralmente, eu consigo acalmar seu arroubos de caixeiro-viajante. E a vida continua. Mas será isto vida? Para mim é. Que posso esperar mais? Amor? Como? Felicidade? E' uma palavra vaga e sem sentido. Pode-se ser confortavelmente infeliz, confortavelmente desgraçado. Eu procuro se-lo. Cada qual usa as armas que tem. Ninguém faz nada para merecer a beleza ou a fealdade. A gente nasce bela ou feia sem ter feito absolutamente nada por merece-lo. Se elas usam a beleza para conseguirem o - que querem por que não poderia eu usar as outras armas? Mas o triste, o realmente triste, é quando ele começa a ter inveja dos outros casais.
G- O Ramos é tão feliz!
S- Estão vendo?
G- O Novais vive tão alegre!
S- Eu não disse?
G- Tão satisfeito da vida!
S- Agora só falta o casal Pimantel.
G- E o casal Pimentel!
S- Vocês vão ver só uma coisa.
G- De que é que você está rindo?
S- De nada.
G- Ninguém ri de nada.
S- Estou rindo da felicidade do casal Pimentel. Ele, por um lado, tem duas amantes conhecidas. Ela já passou pelas mãos de todos os conquistadores do salão do Rio de Janeiro. E dizem até que...
G- Pois olhe que a primeira vista...
S- Você precisa convencer-se de uma coisa? Geraldo:-O mundo está perdido. Felizes, mesmo, só nós dois. Entre nós há sinceridade, há humanidade, há sentimento. Você não vê que os outros casais se detestam, se entredevoram, semcalor nem piedade? Nós somos diferentes, graças a Deus !
G- Você quer dizer...
S- Eu quero dizer que a vida de um casal resulta de um equilibrio consciente, de um equilibrio inteligente. E' preciso colaboração. Renúncias mútuas. Eu, por exemplo, renuncio a uma série de coisas. Você renuncia de uma viagem...a Europa...De fato, muitas vêzes, é penoso, mas daí resultam a compreensão, o equilibrio...
G- Mas basta o equilibrio? E o amor?!
S- Equilíbrio é amor, Geraldo! Equilíbrio é prudência, cuidado, resistência, amor. Você é um homem, Geraldo. Você precisa compreender a vida. Você não pode ser, eternamente, aquêle, gárôto, filho único, ridicularizado na escola...
G- Sílvia !
S- Objeto de zombaria !
G- Sílvia !
S- Eu fico felicíssima quando você me compreende, Geraldo, prometa-me que seremos feizes e que você me amará sempre.
G- Sempre. Amanhã devo ir a São Paulo.
S- Amanhã não podemos.
G- Você é que não pode. Eu posso.
S- E você pretende ir só?
G- Pretendo.
S- Que quer que eu ponha na mala?
G- Você não está zangada?
S- Zangada por que?
G- Com a minha viagem.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p.231

S- Seria ridículo.
G- Você sabe,perfeitamente,o que eu vou fazer em São Paulo.
S- Um homem como você,deve descansar,de vez em quando,Geraldo,até da própria espôsa.Quantas camisas?
G- Mas você não vai protestar,não vai gritar,não vai dizer nada?!
S- Você me julga igual a essas mulheres ridículas que você conhece?
G- Pois eu quero que você seja ridícula! Eu quero que você seja igual a elas. Você me encurrala dentro de sua amabilidade,dentro de sua tolerância e não me deixa respirar.Não me dá ocasião para protestar.Não me dá ocasião para me libertar.Eu preciso ser livre,Sílvia! Eu preciso fazer o que quero,o que tenho vontade.Você não pode estar de acôrdo com a minha viagem a São Paulo.Qualquer mulher protestaria.
S- Eu não sou uma mulher qualquer.
G- Qualquer mulher gritaria,faria escândalo,proibiria.
S- Eu não sei fazer escândalo.
G- pois eu vou a São Paulo para respirar.Não tenhoNão tenho nada me esperando em São Paulo.Nem a amante,nema mulher que você pensa que me espera.E' de ar que eu preciso! De ar !
S- Que quer que eu ponha na mala?
G- Mas você não pode estar aí parada fazendo esta pergunta idota! Você não pode estar sentindo o que finge que está sentindo! E' impossivel que você não grite,não proteste!
S- Eu não estou fingindo nada.
G- Está. Eu sei que está.Você tem vontade de explodir,de gritar,de acabar com essas viagens,mas tem mêdo.Mêdo de brigar,mêdo de criar uma situação que me faça deixar esta casa para sempre.
S-As portas estão abertas.
G- As portas estão abertas mas eu não posso sair por elas.Com que pretêxto?você sabe que eu teria remorsos sem fim,que eu me torturria lâdumente.Eu preciso de um motivo para fazer as coisas.Você não me dá êsse motivo!Você está sempre de acôrdo! Eu quero que você um dia sinta de verdade.Proteste! Grite! Fale! Vamos! Vamos!
S- Não se preocupem,senhores.Estas coisas acontecem,quase diariamente, desde a nossa lua de mel.Até a nossa lua de mel foi diferente.Eu tive de usar de sutilezas sem fim para convence-lo de que era feliz.O método da auto-sugestão consciente...Eum sou feliz.eu sou feliz.eu sou feliz...Simples,não é ?
G- Vamos ! Proteste ! Grite ! Condene ! Fale ! Vamos !
S- Geraldo,eu sei que mereço você. Eu sei que não faço a sua felicidade, mas,por favor,não me humilhe dessa maneira ! A única coisa que me resta de consolo é a minha siceridade.Eu sou capaz,até,de lhe dar um pretêxto para deixar esta casa.Que quer que eu faça? Juro que farei. Eu já não peço mais que você me ame.Basta que me tolere.
G- Você pensa que me ilude com suas palavras?Eu não suporto mais êsse contrôle.Você controla o telefone,controla as cartas,controla até meus pensamentos.E o pior é que você concorda comigo mesmo quando eu não tenho razão,mesmo quando você sabe que eu sei que não temho razão. E não sente nadanSílvia.Que é que você tem contra as outras mulhers? Que é que você tem contra a vida?
S- Não tenho nada contra ninguém.
G- Então não fique me perseguindo,não fique me torturando,me controlando,fingindo que não controla e que não persegue.Afinal,de que é feita a nossa vida?
S- Do nosso amor.
G- Amor?! Oh,Sílvia!Um dia nos encontramos e você me venceu com seus argumentos.Eu não precisava deles,Sílvia.O amor não vive de demonstrações mateméticas,de cálculos.Você provou por A mais B,matematicamente, que eu devia casar com você.A cada ameaça de rompimento você me com - prova novos teoremas,lança mão de novos argumentos.Sua argumentação est'tá sempre certa.Seus sentimentos é que não estão.
S- Então,Geraldo,o que é amor?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 232.

G- Eu sei, Sílvia. Eu sei o que é amor para mim. Mas também já sei que você vai vencer com os seus argumentos. Você vai provar que amor é aquilo que você quer que ele seja e vai me convencer de que é exatamente isso que sinto por você.

S- Mas claro.

G- Você sabe, perfeitamente, que você não me ama.

S- E' você quem diz isso.

G- Você sabe, perefitamente, que não casou por amor. Eu gostaria de saber por que você casou comigo. Por que você casou comigo, Sílvia?!

S- Hoje, meus amigos, ele está perigoso, sabem? Tôda vez que lhe dá essa crise de liberdade, preciso envaidece-lo, estimula-lo, desenhar-lhe tudo em tecnicolor. Vivemos, realmente, num inferno. Um inferno colorido. Eu controlo o telefone, controlo as cartas, controlo até seus pensamentos; Ontem estive analizando meus sentimentos. Por que teria eu casado com um homem como Geraldo? E cheguei a várias conclusões. Em primeiro lugar porque nenhum dos outros homens quis casar comigo. Depois... eu precisava vingar-me, vingar-me, vingar-me das outras, daquelas que são amadas como mulheres mesmo, das que são amadas como carne, como sexo, como amor.

G- Por que você casou comigo?

S- Por que eu amava você.

G- Não se ama assim.

S- Cada qual ama como sabe.

G- Perdoe, Sílvia. Tenho essas explosões, de vez em quando, mas minha intenção não é feri-la, nunca, compreende?

S- Compreendo, Geraldo.

G- Não guarde rancor, Sílvia.

S- Não guardarei nada.

G- Obrigado.

S- Que é que você quer que ponha na mala?

G- Já não vou mais a São Pulo.

S- Mas você deve ir, meu bem! A viagem vai fazer bem a você.

G- Não creio.

S- Estou certa disso.

G- Não tenho mais vontade.

S- Deixe por minha conta. Providenciarei tudo. Arrumarei a mala, reservarei passagem, tudo. Está vendo? Eu aceito ser sua nova secretária.

G- ? !

S- Sem falar na economia que isto representa, sendo sua nova secretária poderemos estar juntos o dia inteiro...

G- O dia inteiro.

S- Poderi afastar de você os importunos e aquelas idiotinhas que infestam seu escritório. Vai ser uma maravilha ! Iremos juntos de automóvel... Almoçaremos juntos... Voltaremos juntos... Sempre juntos... Vai ser uma maravilha.

G- Vai ? !

S- São lindas, não é verdade? Você conhece algum Reinaldo?

G- Foi ele quem mandou as flôres.

G- Deve ser algum amigo.

S- Mas hoje não é nenhuma data especial. Não é a primeira vez que recebo flôres dêsse indivíduo. Isto já está se tornando desagradável.

G- Deve ser um imbecil qualquer.

S- Nenhum imbecil se atreveria a cortejar-me.

G- Ora, Sílvia ! Flôres! Não vejo nada demais.

S- Pois eu vejo. Então você acha natural uma coisa dessas, Geraldo?

G- Quem sabe não é algum parente ?

S- Não temos nenhum parente com êsse nome.

G- Você comprou pasta de dentes ?

S- Está no banheiro.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 233.

S- Vocês estão vendo? Nada em comum. Dois enxadristas. Uma ótima jogadora como eu e um péssimo jogador como ele. Sem nada. Sem fé. Sem esperança. Eu poderia renunciar a tudo. Seria o único caminho. Mas não. Agora isto irá até o fim. Também sou gente, também tive um coração terno e doce que espezinhado, não foi? Que foi maltratado. Também sonhei com tudo que as outras mulheres sonham, não sonhei? Com tudo. As gatas são donas do mundo, com seus "pancakes", seus vestidos colantes, suas curvas, seu sexo. Elas tomaram conta do amor. Mas consegui mais do que todas elas. Tôdas as gatas andaram tentando envolve-lo e eu o consegui para mim, só para mim. Agora eu só espero uma coisa, só anseio por uma coisa, com tôda a minha alma, com todo o meu coração:- Eu quero envelhecer depressa. A velhice será a paz, a tranquilidade, o sossêgo definitivo, quase a felicidade, a libertação dêsses sustos permanentes, dessas angústias sem fim. A velhice será minha, só minha. Sem sustos, sem temores, sem ódios, sem receios, sesem rancôres. Eu gostaria que os anos passassem num dia, num minuto. E e então ele será meu, definitivamente. Para sempre... Para sempre... Para sempre! ?

Fim do primeiro ato

Segundo ato

G- Sílvia !
S- Sim ?
G- Você não pergunta nada ?
S- Você não sabe que dia é hoje ?
G- Quarta-feira, 15 de outubro. Você não sabe onde eu fui ?
S- Sei.
G- E não tem, ao menos, a curiosidade de saber em que pé estão as coisas?
S- Tenho.
G- Então pergunte !
S- Em que pé estão as coisas ?
G- Sílvia, como você mudou !
S- Eu era diferente ?
G- Era. Sílvia, você sabe que eu sou um covarde ?
S- Sei.
G- Nunca me julguei um imbecil. Você sabe que...
S- Também sei.
G- Sílvia !
S- Que é ?
G- Você ainda não me perguntou nada.
S- Estou esperando que você fale.
G- Mas em outros tempos você ficaria desesperada por saber !
S- O desespero cansa.
G- Em outros tempos você estaria ansiosa, esperando na porta a minha chegada, para saber o que ele disse.
S- Em outros tempos.
G- Então você também sabe !
S- Você acha ?
G- Você quer parar com essa calma idiota ? ! Não é possível que ele não lhe tenha dito. Que não tenha, ao menos, telefonado. O Dr. Castro me examinou. Eu devo estar muito mal, Sílvia.
S- Sim ?...
G- Você não está aflita por saber o que ele disse ?
S- Estou.
G- Então pergunte !
S- O que foi que ele disse ?
G- Ele não disse nada ! Não disse nada, mas quando me examinou ele franziu a testa.
S- Os médicos franzem sempre a testa.
G- Custou a fazer o diagnóstico e... no fim... não quis me dizer nada. Depois tirou minha pressão. Ficou pálido quando viu a pressão. Pensei que ele ia desmaiar...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.234.

S- Então vai ver que isso é quem está doente, e não dela a pressão ?
G- Não quis dizer. Só murmurou "muito bem !" E os médicos só dizem "muito bem" quando querem esconder alguma coisa. Você não vai imaginar que ele vai me dizer na cara que eu estou com câncer... Saí dali com o coração doendo. Já não consegui mais andar sem sentir palpitações...
S- Está vendo ? Quando você entrou no consultório não tinha nada.
G- E' diferente quando eu entrei não sabia o que tinha.
S- E agora você sabe ?
G- Não. Mas você não percebe a diferença entre uma pessoa que não sabe de nada e uma pessoa que "sabe" que não sabe"? Qualquer esfôrço, agora, para mim é uma tortura... E nem receitou... Diz que só depois dos exames de laboratório.
S- Hmmmmmmmmmmmmmmmmmmm !
G- Talves seja necessário extrair os dentes.
S- Ah, sim ? !
G- Tenho a impressão de um desmonoramento. Uma coisa dessas não acontece com o Pimentel, está vendo? Tinha que ser comigo. E tudo tão de repente! Tudo tão inesperado. Eu não mereço um castigo dêsses, Sílvia. Mereço? Sempre fui um sujeito decente, correto... apesar dos negócios e... Telefonaram do escritório ?
S- Não.
G- Estamos esperando uma partida esta noite...
S- Mais uma ?
G- De repente eu me senti diferente, Sílvia. De repente me veio a necessidade de, também ser bom. Hoje dei uma esmola...
S- E' grave...
G- ...de vinte cruzeiros..
S- Gravíssimo.
G- Quando aquele mendigo se aproximou de mim eu me senti mais pobre do que ele. Éramos companheiros de uma infelicidade comum. Aminha miséria orgânica... O Dr. Castro anda me escondendo alguma coisa. Ele já começou a preparar o meu espírito. Sílvia, eu setou perdido ! Você seria capaz de se dedicar a mim se, se eu ficasse... inválido ?
S- Quem sabe, não é ? Essas coisas... só vendo.
G- E' verdade, Sílvia, que eu não lhe tenho proporcionado grandes alegrias.
S- Não tem.
G- Às vêzes tenho sido até egoísta.
S- Ah, sim ? !
G- Mas será que eu tenho culpa, Sílvia? Desde pequeno só me ensinaram a pensar em mim. Eu era o centro do mundo.
S- Cada qual é o centro de seu próprio mundo.
G- Mas eu queria ser o centro dos outros mundos, também. Em casa era fácil, mas na escola eles riam. Telefone ao Dr. Castro. Pergunte-lhe a verdade. Tôda a verdade.
S- Eu já telefonei, Geraldo.
G- E o que foi que ele disse ?
S- Ainda não sabe. Está esperando os resultados. Está esperando, Geraldo.
G- Mas eu não posso esperar. Você não vê, não percebe que eu não posso esperar ? !
S- Geraldo, eu poderia lhe dar um curso completo de arte de esperar. Um curso de especialização. Passei a minha vida tôda esperando... Noites inteiras esperando que você viesse, Geraldo. Noites inteiras olhando o relógio. Noites inteiras adivinhando seus passos. Eu esperei anos, Geraldo! Você vai esperar apenas alguns minutos. O Dr. Castro vai telefonar-me o resultado.
G- Mas se eu tiver algo de muito grave não me diga, Sílvia. Não me digam, não me contem. Enganem-me, por favor ! Mas procurem enganar-me direito para que eu acredite. Você me promete ?
S- Prometo.
G- Você promete que me cuidará ? Eu preciso de alguém em quem possadepositar tôda a confiança.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p-235.

S- Você confia em mim ?
G- Cegamente.Por favor,Sílvia. Dentro de alguns minutos o Dr.Castro lhe dirá o que tenho,mas você só me diga a verdade se ela fôr boa.
S- Está bem.
G- Como tenho sido egoísta,Sílvia! Eu juro,eu prometo! Se sair desta,você não se arrempederá.Você precisa ajudar-me.Precisa tratar-me.Precisa ser minha amiga.
S- Eu sou sua amiga.
G- Mas será minha amiga ainda quando eu estiver estendido em um leito ?
S- Não sei.
G- Quando você teve aquela pneumonia...eu não parei um minuto em casa. Você se lembra? já se esqueceu ?
S- Não,Geraldo.Não esqueci.
G- Bem,mas o meu caso é diferente ! Você sabia o que tinha...ao passo q que o meu destino está sôbre a lâmina de um microscópio e...Você não é como eu ,Sílvia.Você é feita de outra massa.Você não cometeria a - baixeza de me deixar num momento de dor,num momento difícil.Deixaria?
S- Só na hora a gente sabe as reações que tem.
G- 15 de outubro.Hoje,Sílvia,não é um dia como os outros.
S- Ele se lembrou! Ele se lembrou! Hoje não é um dia como os outros.E' aniversário do nosso casamento.Para nós este dia é o dia em que se comemora o ódio.Ele me odeia.Eu sei que ele me odeia,mas eu o odeio também.Agora ele está doente.Agora ele precisa dos meus cuidados.E como êsse ódio vai crescer! Os próximos anos de nossa vida em comum terão o sabor doce da vingança.Vingança nas palavras,nos gestos,nas atitudes.Ele não poderá protestar.Ele se limitará a ouvir e obedecer... - a ouvir e obedecer... Hoje esta "corbeille" vai dar resultado.Hoje com certeza ele notará que chegou uma "corbeille" para mim... - Assim... Assim. .O cartão bem visível ! Assim...Perfeito !.Oh,meu Deus ! Sa ele,ao menos hoje,se lembrasse da minha existência! Se ele,num dia - qualquer,se lembrasse de que eu existo e me mandasse uma "corbeille"! Nem seria necessário que fôsse uma"corbeille".Poderia ser um ramo de comuns.E nem seria necessário que fôssem rosas.Poderia ser uma flor qualquer...Uma única flor...Uma única flor ta ves bastasse para começar a sen... Uma única flor! Oh,meu Deus!Meu Deus!Esperem!Esperem!.. Meu Deus,aconteceu uma coisa tremenda! Uma coisa tremenda,senhores! Essas flôres...Essas flôres...Mas eu não encomendei essas flôres!... Será que...Oh,meu Deus!Que bom seria se acontecesse!Que bom se ele se lembrasse de mim! Vem com um cartão...Não.Eu não tenho coragem de abrir o envelope.A senhora faria isto por mim?A senhora sabe...Lê o - cartão...Não sendo dêle não me diga nada,por favor...Não...Não me dizendo nada eu já saberia que não foi ele...Não...Eu adivinharia...E' melhor deixar assim...Irrevelado...E' melhor...Ah,mas está tudo claro! E eu me iludindo dessa maneira!...Está tudo claro! O florista mandou essas flôres por engano.Como eu encomendo flôres quase todos os dias... Alô...Alô...Florista?...Por obséquio:...O senhor terá mandado,por acaso,hoje,as flôres para dona Sílvia ?...Não?...Tem certeza?...Pergunte ao gerente,por favor.Não mandou?Obrigada...Então foi ele mesmo...Então foi ele mesmo...quem mandou as flôres!...Eu sabia que um dia isto ia acontecer...Um dia...Ele se lembrou...Hoje ele deu uma esmola porque sentiu a necessidade de ser bom.Esta "corbeille" ele a comprou - para mim porque sentiu a necessidade de um apêgo,uma amiga,uma companheira,num momento em que está caindo,num momento em que está descendo; Mas por que estou nervosa?Como se isso tivesse importância agora... Por que?...Estou nervosa como uma idiota qualquer...Claro;!!...Mandou a "corbeille"porque está doente,porque precisa de mim;Não da mulher, mas da enfermeira,da imbecil que vai cuiadr dele a vida tôda,da grande tôla que criou esta ratoeira de luxo para sofrer,para se torturar entre pesadelos.Mandou as flôres porque foi ao médico e descobriu que... Alô...Sim,Dr.Castro Sim ..Compreendo...Sei...Hmmmmmm...Hmmmm...Sei...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p-236.

G- Era o Dr.Castro?
S- Era
G- Que foi que ele disse?
S- Que você vai ficar bom.Depende só de cuidado,dedicação.
G- Sílvia,você está me enganando.
S- Estou não,Geraldo.Você fica bom.
G- Que foi que ele disse?
S- Sistema nervoso.
G- Sistema nervoso,heim? Sistema nervoso!...E eu que já tinha começado a dar esmolas de vinte cruzeiros!E eu que já...Sistema nervoso...Então é uma coisa simples! Curável...
S- E',Geraldo.
G- Veja você que absurdo! Ainda há pouco parecia que o mundo ia desabar. Sistema nervoso! ..Temos festa hoje?
S- E' para nós.
G- Para nós? ?.
S- Comemoração.
G- De que?
S- Geraldo,que dia é hoje?
G- Quarta-feira.
S- Estamos em outubro,Geraldo.
G- 15 de outubro. E daí?
S- Aniversário do nosso casamento.
G- Nós casamos em outubro?
S- Sim,Geraldo.Eu casei em outubro.Felicidades meu bem.
G- Obrigado. E champanha ! Muito bem !
S- Eu sei que você está brincando. Eu sei que você não está falando a sério.Você se lembra,perfeitamente,que hoje é o nosso dia.E obrigada!
G- Obrigada por quê?
S- Pelas flôres.
G- Que flôres ? Ah,sim !
S- Geraldo! Então .não foi..
G- Eu não mandei flôres
S- Geraldo,não brinque assim,por favor !
G- Claro que não.mandei flôres ! Você acha,então,que num dia em que o médico me diz...eu vou me preocupar com...
S- Miguel.Você conhece algum Miguel?
G- Claro ! Miguel Ângelo...Miguel de Cervantes...Miguel Strogoff...Olhe, você seria uma bela atriz ! Você tem todos os requisitos:voz,atitudes, facilidade de iludir...
S- O que você quer dizer,Geraldo?
G- Deixe de representar! Então você pensa que eu não sei que é você mesma quem compra as flôres e escreve os cartões ? O florista já me deu a conta dessa idéia genial.Perguntou se você era louca.
S- Mas desta vez,você está enganado.Desta vez estamos ambos surpresos. Não fui eu quem encomendou as flôres.Estas flôres vieram para cá e não foram compradas por mim.Você pode perguntar ao florista.
G- Naturalmente você arranjou outro florista.
S- Não,Geraldo.Alguém,neste mundo,me quer.Alguém,neste mundo,se lembrou de minha existência.Existe alguém no mundo que perdeu tempo de entrar no florista por mim,comprar flôres para mimescrever um cartão para mim,Sentir...Talvez sentir algo por mim.Você sabe o que isto significa para mim?Para uma pessôa como eu?Você sabe o que isto representa de emoção e sensibilidade?Eu estou sentindo gratidão,Geraldo.Gratidão por uma pessoa que se lembrou de minha existência.
G- Você não espera que eu acredite nisso.Espera?
S- Não,Agora eu não preciso mais que você acredite.Agora eu não preciso mais que ninguém acredite.
G- Depois de velha você deu para isso,Sílvia?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 237.

S- Não, Geraldo. Não vou fazer nada. Não quero conhece-lo. Nem quero ve-lo. Quero apenas guardar a lembrança deste momento, a recordação destas flôres que deveriam ser suas. Alguém mandou estas flôres...Para mim ! Não importa quem seja. Alguém. Um ser humano! Um ser vivo! Um ser que sofre, que sente, que ri, que chora, que fala, que anda ! Alguém !

S- Agora você pode rir, Geraldo ! Ria, Geraldo...Vamos ! Ria ! As flôres não eram para mim !...

Fim do ~~primeiro~~ ato 2

Terceiro ato

S- Alô!...Sim... Sei... Não posso. Mas estou dizendo que não posso ! Alô !...

G- Não era para mim ? !

S- Engano.

G- Curioso que ainda não tenham telefonado do escritório.

S- Pode deixar. Está ocupado.

G- Você está bem ?

S- Por que é que você pergunta ?

G- Pra saber se você está bem.

S- Desde quando é que você se preocupa com o meu bem-estar ?

G- Estive pensando, Sílvia. Essa tensão permanente em que vivemos...A agitação em que você anda... Uma viagem não seria mau.

S- Agora ? !

G- E por que não ? Tenho tido longas conversas com o Dr. Castro, sabe?... E' como se a gente mergulhasse na infância e encontrasse os fios que nos moverão mais tarde. De repente tanta coisa começou vir à tona! Veja bem, Sílvia !.. Um homem como eu...! A vida que eu tenho levado... Então entra na cabeça de alguém que um homem formado esteja metido - nisso?! Eô preciso que eu abandone tudo.

S- Abandone... A única coisa que muda em sua vida são os produtos. Agora são os produtos de beleza, não são, Geraldo ?

G- Que diferença faz ?

S- Nenhuma. Produtos de beleza!...

G- Já estou farto desta vida...Palavra de honra, Sílvia ! Há momentos em que penso nos negócios em que...

S- Negócios?!... Contrabando !

G- Mas, Sílvia !. .

S- Não é isso que você faz?...Não é disso que nóstemos vivido?

G- Mas não é razão para continuar a . Então você não percebe que eu seria cada vez menos livre?...mais prêso?! Mas então, é isto que você... O Dr. Castro...

S- Pare duma vez com esse Dr. Castro. O que foi que ele andou metendo em sua cabeça ?

G- Nada, Sílvia. Só pôs um espelho diante de mim para que eu olhasse de - frente aquilo que sempre tive medo de encarar: - a mim mesmo.

S- Ele não lhe mostrou que você está querendo é comprar a sua paz de conciência?

G- Talvez.

S- Eu é que sou o espelho seu, Geraldo. Quando quizer saber algo a seu - respeito pergunte a mim. Então foi este o momento que você escolheu para sonhar com viagens?...Para fugir de que, Geraldo? Para comprar o que? " As portas estão abertas mas você não pode sair por elas", lembra? Precisa, como qualquer criança idiota, de apaziguar seus escrúpulos. E, então, inventará viagens para ganhar o direito de fazer, depois, aquilo que planeja. E eu conheço seus planos, Geraldo.

G- Mas, Sílvia!...

S- Então você pensa que isto não entra pelos olhos? Essas atenções...êsses cuidados...E' assim que se trata a um condenado, Geraldo. No último dia de vida ele pode escolher sua última refeição...com direito a champanha. Você, preocupado com seus "grandes" problemas, com certeza nunca pensou no homem que vai executar um condenado à morte.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 238.

juiz está com a consciência tranquila porque pensa que obedeceu o código... Até o religioso está com a conciência tranquila porque fêz o condenado arrepender-se de seus crimes que não cometeu... Todos estão com a conciência tranquila, todos compraram a paz de conciência, mas um homem inocente vai morrer, compreende?

G- Não, Sílvia. O que tem a ver...

S- Tudo, Geraldo. Cada qual se escuda nos erros alheios, transfere suas culpas e seus pecados... para alcançar a paz. Não é o contrabando que você está querendo deixar. Não é de você mesma que você está tentando fugir. E' de mim, Geraldo!.. Você...

S- Alô !...Não...Não ..

G- Quem era ?

S- Ninguém.

G- Mas você estava falando !

S- Era engano...

G- Outra vez?!...Afinal de contas, que há com você ?! ..De que é que tem medo, Sílvia?

S- Medo ? !...

G- Você não percebe o absurdo de tudo isto?...Corre desesperada para não atender o telefone...parece que vê fantasmas em cada canto. Por que é que o telefone está desligado? Não sei bem se tudo isso é doloroso ou ridículo.

S- Você me considera ridícula ?

G- Não transforme minhas palavras ! Eu só quis dizer que não esperava isso de você.

S- Isso o que?

G- Mas se transparece tudo que você diz, em tudo que você faz! Então você tem a ingenuidade de imaginar que me pode iludir com...Primeiro eram as flôres...Agora o telefone, Sílvia? A quem você pagou, destavez, para viver telefonando o dia inteiro? Pra que essa representação da adolescente apaixonada ?

S- Então é disso que você...Adolos...Adolescente apaixonada !

G- Que é que você quer que eu acredite agora? De que é que você quer que eu suspeite? Esses telefonemas misteriosos, essa inquietação que não convence...êsses olhares fingindo de assustados...Falo com você em transformar nossas vidas e você me vem com uma absurda conversa de condenados ? Que condenados, Sílvia?

S- Alô!...Não!...Agora não sei ..Não sei.

G- Da primeira vez que êsse telefone tocar eu quero atender.

S- Mas se é para mim!...

G- Como é que você sabe que será para você? Que é que você está me ocultando?...Que é que você está procurando esconder ?

S- E' para mim!...Deixe!...Por favor, Geraldo!...E' pra mim...Não...Não... Eu juro...Largue...LAAAAARRRRGUE!...Não...Não...Não.

G- Alô!...Sou eu...Sim...Sim...Sei...Quem?!...Como?!... Sílvia, você fêz isso?!

S- Sim, Geraldo. Eu fiz. E o faria outra vez. Mil vêzes mais.

G- Mas por que, Sílvia? Por que ?

S- Então foi para isso que eu lutei a vida tôda? Foi para isso que eu perdi minhas noites e renunciei a tudo? Foi para isso que me isolei do mundo todo e afastei todos os seus amigos para não dividir você com ninguém? Você não sabe o que é o desespero...o desespero que fecha todos os caminhos, o desespero que encurrala, que estrangula, que enlouquece...

G- Você...

S- Dia e noite sufocando tôdas as angústias...Dia e noite cultivando sua ridícula vaidade...e quando penso que você compreendeu todo êsse sacrifício, você se agarra às explicações do primeiro psicanalista barato... começa a fugir, a me escapar ...a mudar...a ter seus próprios pensamentos, seus próprios sonhos, seus próprios segredos..."O Dr. Castro".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412,p.239

le sabe o que significam as noites vazias em que até os pesadelos nos abandonam...Pergunte a ele se já ~~xxx~~ ouviu falar do que está acima dos institos e dos ~~xxxxxxxxx~~ sentimentos...Pergunte a ele se bastam duas palavras de explicação sem nexo para destruir tôda a alma que eu pus em você,tôda essa transfusão de sentimentos que tentei durante tôda a vida minha.Pergunte a ele,Geraldo.Pergunte!

G- Pare duma vez com êsse absurdo,Sílvia!...Você tem consciência do que fêz ?

S- Sim,Geraldo.EU DENUNCIEI VOCE !Pensa que eu não tenho visto sua ansiedade de me trocar por uma dessas prostitutas que procuram roubar você?

G- Sílvia !

S- Prostitutas,Geraldo! Prostitutas...Você não enxerga a lama que elas tem no rosto porque se cobriram com os seus produtos de beleza,Geraldo...Você não vê o pantano que elas tem na alma porque a alma delas está ivadida de amor-barato,de sexo,de amor vendido.Eu não sabia,Geraldo.Era como se você me traísse com a própria beleza.Tôdas erm belas,menos eu.E você...você,Geraldo!...contribuía para que elas fôssem ainda mais belas.Era como se você,só você fôsse o responsável pela beleza de tôdas elas que passavam por mim,tôdas as mulheres que e cruzavam comigo na rua.Sim,Geraldo.Eu denunciei você.Você será prêso, encarcerado.Você ficará só e não ~~xxxxxxxx~~ poderá mais olhar nenhuma outra mulher.Você só terá tempo para cultivar seu ódio...mas odiar a mim. Só a mim !

G- Sílvia !

S- Todos os seus pensamentos estarão ocupados comigo.Eu estarei com você e você não terá memória para mais nada,para mais ninguém...Elas não me arrancarão você nunca.Ouviu bem,Geraldo?Nunca! Nunca!

G- Elas quem,Sílvia?...Vamos! Fale!...Você me denunciou por que?...Por que,Sílvia?...Mas diga um nome!...Um nome,Sílvia!

S- As outras mulheres.....

G- Que mulheres,Sílvia?!...Eu não posso lutar com os fantasmas que você inventa!...Um nome,Sílvia!...Você me denunciou justamente quando pretendo mudar,no momento em que procuro escapar desse beco sem saída em que me meti para lhe dar a vida que você queria?...Então você não percebe até que ponto a minha vida esteve sempre em suas mãos?

S- E em minhas mãos vive sonhando com as outras.

G- Sílvia você está louca!...

S- Sim,Geraldo.Estou louca...mas esta louca dedicou tôda a sua vida à você.Perdeu tôda a sua vida por você.

G- Você...perdeu sua vida...comigo?...Quando foi que você me deu algo de você mesma? Quando foi que você me deu algo de sua vida?...Em suas mãos eu não fui,sequer,um fantoche.Você só conheceua mim o boneco que pensava manipular como quem lida com marionetes.Mas você se esqueceu que atéos donos de marionetes sem alma tornam-se escravos dêles para trata-los,para cuida-los,transferindo-lhes uma parcela de s sua própria vida.Não é a mim que você teme perder.Eu poderia ser um outro homem qualquer e você só sofreria no momento em que não pudesse mais ter em suas mãos o controle de todos os fios.Você se preocupa mais com os fios que com as palavras e os sentimentos.A gente sempre se sequece do que uma palavra,um sorriso,um olhar,podem fazer às almas alheias Até a minha.Já passou alguma vez por sua cabeça que até fantoches como eu devem possuir uma alma?

S- Você nunca me falou assim.

G- Porque você nunca quis me ouvir.Você jamais perderia o seu precioso tempo,o tempo em que vivia alimentando esse ódio cego,para ouvir o q que eu pudesse pensar ou sentir.Passei tôda a minha vida,a seu lado, como um estranho.Você se preocupou tanto em fiscalizar meus pensamentos que esqueceu de analizar o que eu sentia.Eu só devia sentir aquilo que você queria.Só devia ouvir as suas palavras.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 240.

unidos na desgraça por uma fatalidade comum. E você me enganou! Você a quem entreguei tôda a minha vida! Você que se vingava de todos os sêres do mundo, torturando-se e só tendo a alma para destruir!

S- Elas sempre...

G- Você vivia forjando novos mundos em em que não precisasse ser bela, sempercebe r que para mim...eu lhe juro, Sílvia!...quando a conheci, para mim, você era tudo o que eu procurava em uma compaheira, numa esposa, numa amiga, numa mulher, numa amante, Mas você nunca percebeu isso p porque nunca pode dedicar alguns minutos à minha vida insignificante. Você era feia. Tôda a tragédia do mundo se resumia emtres palavras: você era feia. Se você tivesse saído, por um minuto, do seu abismo egoísta, teria percebido que essas mesmas mulheres, que você considerava feias como você, tinham sido as grandes mulheres da História do Mundo. Impérios foram destruídos, reis abandonaram seus tronos pelas mulheres mais feias. Por que, Sílvia? E' que elas tinham algo dentro de si. Elas eram amadas pelo que delas irradiava. Elas permaneceram, sempre, ao lado do homem amado. Sofriam juntos, sentiam juntos, riam juntos, e choravam juntos. Só não denunciavam, não traíam, não delatavam.

S- Por que você casou comigo?

G- E' isso, justamente, que eu queria que você respondesse. Por que, Sílvia? Por que ?

S- As outras mulh...

G- Então você não percebe que elas nunca representaram nada para mim? Que as outras criaturas, certas de sua beleza, confiantes em seu poder, nunca existiram para mim nem significavam nada ? Quando você surgiu * tão humilhada consigo mesma, quase humilde, tão certa de que ninguém no mundo poderia maquere-la, despertou em mim uma ternura infinita.

S- Ternura infinita! Ternura onde, Geraldo? Quando ? Você já esqueceu de como nos conhecemos...

G- Por acaso...Foi...

S- Quando é que você começa a enxergar, Geraldo? Que acaso? Jamais ocorreu a você quem armou êsse caso fui eu ?

G- Mas...

S- E o resto foi mais fácil ainda. Era só cultivar a vaidade..."Você é - um grande homem, Geraldo". Bastava isso para que você quisesse provar logo a sua grandeza. E' assim que nós mulheres lidamos com vocês. Em nossa lua de mel...apezar de tudo...você estava tão longe que as suas carícias pareciam torturas...Vinham diluídas na distância...

G- Foi isso que aqueles dias significaram para você, Sílvia?!...Foi assim que você sentiu a nossa lua de mel? Você sabe por que eu casei com você?

S- Depois vieram as nossas datas,..as nossas comemorações...que nunca significaram nada para você.

G- Foi assim que você compreendeu meum protesto...os meus silêncios? As commemorações...os aniversários...Eu não queria participar deles.

S- Porque eram nossos.

G- Porque eram somente seus. Comemorar por que, se você nada sentia? Se você só estava esperando uma oportunidade para denunciar-me, para vingar se do que nunca lhe fiz?...As comemorações...Muitas vezes chorei, Sílvia

S- Você ?

G- Muitas vezes chorei sozinho, comemorei sozinho. E' a coisa mais triste do mundo: um homem chorando sozinho, Foi somente você, Sílvia, quem me fez descobrir que não era bela como sempre a vi, desde o primeiro instante. Eu avi bela porque tinha medo, compreede? O garôto acovardado de ontem, de quem todos riam, depois de homem tinha medo de competir com outros homens. Uma mulher que todos querem é uma ameaça constante. E' preciso disputar, lutar, dominar, vencer...Eu tinha medo, Sílvia. Medo de competir. Justamente porque ninguém a queria é que eu quis tanto a você...mas você nunca sentiu...Você queria flôres...Não, Sílvia. Você só

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0912 p.241

S- E você espera que eu acredite nisso,Geraldo?
G- Agora compreendo até a loucura infantil do contrabando.Eu precisava provar a mim mesmo que podia ludribriar todo o r sto da humanidade... Se construísse pontes,edifícios...eu continuaria a ouvir aqueles risos...Mas ninguém ri de um contrabandista!Você sabe por que eu casei com você ?
S- Por que,Geraldo ?
G- Por amor,Sílvia !
S- E' mentira !
G- Por amor !
G- De que é que você está rindo? Por que é que você está rindo ?
S- E' que já estava começando a acreditar em suas palavras.Por um momento cheguei a imaginar que isso fôsse verdade.
G- Mas é verdade,Sílvia !
S- Não minta,Geraldo ! Não minta.Eu o denunciei,Pode torturar-me,pode matar-me,pode fazer comigo o que quizer,mas não minta.Não use essas palavras comigo.
G- Mas se essas são as palavras que sempre usei quando você me permitia falar !
S- E você queria que eu acreditasse nelas?... Quem ensinou você a sentir dessa maneira fui eu.Você está usando minhas próprias palavras.E Eu nunca fui humilde nem humilhada.Você diz isso porque precisa de mim...porque está doente.
G- Está enganada,Sílvia.Agora já não preciso de nada.
S- Então você diz isso por pena...Mas pena,não,Geraldo ! Eu não quero que ninguém tenha pena de mim !Ninguém ! E não creio numa palavra do que você diz !...
G- Agora já não importa,Sílvia,que ninguém acredite!...
S- Vocês acreditam no que ele disse ?Eu não. Deve haver algum motivo. deve haver alguma razão.Mas evidente! Vejam bem do que um homem é capaz! Enleia-nos com palavras e se a gente não percebe a verdadeira intenção de cada uma...
Tudo que diz soa falso.Tudo aquilo só tem,só pode ter um motivo.Ele precisa de mim.Entre nós só existe uma comunhão:- a comunhão de bens.E ele PRECISA DE MIM !.
Mas a mim não engana assim.Vejo sempre o que se esconde por detrás de cada palavra.Como se alguém pudesse acreditar que ele sente alguma coisa...que ele sente alguma coisa...por mim...Amor...Casou comigo por amor....Como se eu pudessem crer num absur... Como se eu não conhecesse o amor...êsse amor vendido...êsse amor abjeto...Como se eu não soubesse que as pessoas só fingem querer-se bem quando estão diante dos outros...diante de todo mundo...para que todos pensem que são felizes...para que ninguém possa adivinhar o que se passa,ralmente, entre as quatro paredes da alcova... quando estão sós...Não.Ninguém sente nada ..Mas...se pudesse ser verd...Será que alguém sente mesmo algo por alguém ?
As pessoas sentem mesmo ou fingem que sentem ? E se fosse mesmo verdade tudo o que ele acaba de dizer ? Nem seria preciso que tudo fôsse verdade.Bastaria uma palavra...Uma palavra qualquer.Mas por que êsses nervos?Por que estou nervosa?...Como se eu pudesse...E se fôsse verdade? E se,sendo verdade,eu tivesse deixado passar a minha vida tôda sem perceber que o amor estava perto de mim? E se eu tivesse vivido esperando flôres sem perceber que as flô...
Mas por que terá casado comigo um homem como Geraldo? Dinheiro! Dinheiro eu não tinha.Beleza? Pena !...Inteligência...Mas será que alguém se casa por...Mas então...Não E' a fortuna.Ele precisa de alguém que lhe guarde a fortuna enquanto está preso.Ele precisa de mim.E' a fortuna.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412. p. 242.

S- Você mente.
G- Agora já não importa-me mais se você acredita.Adeus,Sílvia.
S- Espere,Geraldo.Espere. Mas então é verdade?...E' verdade mesmo?...As pessoas sentem mesmo? Sentem de verdade ?...Esquecem delas mesmas para viverem num outro ser ? Então você me quer mesmo? A mim,Geraldo?....
G- A você,Sílvia.
S- E você sente falta de mim? Eu lhe faço falta ?
G- Muita,Sílvia.
S- E você precisa de mim?! Precisa mesmo de mim ?
G- Mesmo,Sílvia.
S- E você se importa que eu seja assim como sou?
G- Eu quero que você seja assim.
S- Oh,meu Deus!...E você não me odeia!...O que eu fiz!...O que eu disse!...
G- Eu amo você,Sílvia.
S- Então é verdade!...Então é verdade!... Então é verdade?...
G- E' verdade,Sílvia.
S- Deve ser isto!...Esta angústia...esta ternura...estas lágrimas... este medo... Deve ser isto...: Então o amor é isto?! Obrigada,meu Deus... Então o amor é ISTO .'

F I M

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0912, p. 243.

TEATRO

TÍTULO OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

Pedro Bloch

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 14 ANOS

Praça SP / SP

Obs.:

DF. / 11 / 11 / 76

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de quatorze anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 30 de março de 1977

Maria Arlete P. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: quatorze (14) anos.
Brasília-DF, 30 março 1977

Arésio Teixeira Peixoto
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 042.p-244.

1253/76-SCTC/SC/DCDP 22 novembro 76

São Paulo

4715/76-SCDP-SR/SP

"OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES"

Pedro Bloch

247.

14 anos.

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 225.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 1198 / 77

TÍTULO: "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES" de Pedro Bloch

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Quatorze Anos

Procedendo ao exame comparativo da peça enviada pela SR de São Paulo com originais em nosso poder e já liberados anteriormente, confirmei a identidade de conteudo e mensagem da referida peça.

Em virtude dessa identidade sugiro a manutenção do critério censório já adotado anteriormente, ou seja, liberação integral para maiores de quatorze anos e condicionado à vista do ensaio geral.

Gilberto Hortencio de Souza

Brasília, 30 de março de 1.977

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 246.

Ofício nº 474/77-SCTC/SC/DCDP 30/03/77

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

: Sr. Superintendente Regional do DPF em São Paulo

Encaminhamento - faz -

Ref. Of. nº 4715/76-SCDP/SR/SP

Senhor Superintendente:

De acordo com a Portaria nº 042/75-DCDP, de 26.11.75 e em atenção ao ofício em referência, encaminho a V.Sa., as anexas 1ª e 2ª vias do certificado de censura da peça teatral intitulada "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES", de Pedro Bloch.

Na oportunidade, renovo a V,Sa. protestos de estima e consideração.

ROGÉRIO NUNES
Diretor DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.247.

: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

: PEDRO BLOCH

RUTH A. V. MONTEIRO - SP

30 MARÇO 77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

30 MARÇO 77

ARÉSIO T. PEIXOTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.248.

247/77

OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

PEDRO BLOCH

04 AGOSTO 77

30 MARÇO 77

ROGÉRIO NUNES

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 249.

SRA, FICHADO

MJ-DPF-SRA/BSB
20 JAN 1439 002462
DPF-SRA fl. n.º Rub.

We ordem ao S.C. 21.01.77

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM S.PAULO

OF.
Nº 409/77-SCDP/SR/SP

FICHADO S.A. DCDP

Em, 18 de janeiro de 1977.

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria 042/75/DCDP, estamos remetendo a V.S. uma via do texto das peças teatrais "O MARINHEIRO" original de Fernando Pessoa, "O ASSASSINATO" original de Paulo Roberto de Oliveira Azevedo, "ESPARTANOS" original de Darcy Penteado, "DEFUNTO FRESCO" original de Renato Pereira e José Vasconcelos, "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES" original de Pedro Bloch, "TESTEMUNHA DE ACUSAÇÃO" original de Aghata Christie, "GULOSOS E GULOSEIMAS" original de Juan Siringo, "O LOBO E AS ESTRELAS" original de Domingos Pellegrini Junior, "MORTE E VIDA SEVERINA" original de João Cabral de Mello Neto, "A ONCINHA MARGARIDA" original de Ruben Rocha Filho, "UMA AVENTURA NO REINO VERDE" original de Maria Vera Siqueira, "CASA DE ALICE" original de Telassim Rodrigues, "ENCONTRO COM A VIDA" original de RODNEY TADEU BORGES, "O CANTO DO CISNE" original de Anton Checov, "A DANÇA DA MENINA TONTA" original de Wilson Ribaldo e "O SOLO, O SANGUE, SUOR NO CORPO, ENCRAVADO E COROADO NO CREDO E NA CRUZ" original de Marlei Cunha.

Outrossim, informo que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa à DCDP.

Na oportunidade, renovo a V.S., protestos de estima e consideração.

Ao SCTC

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

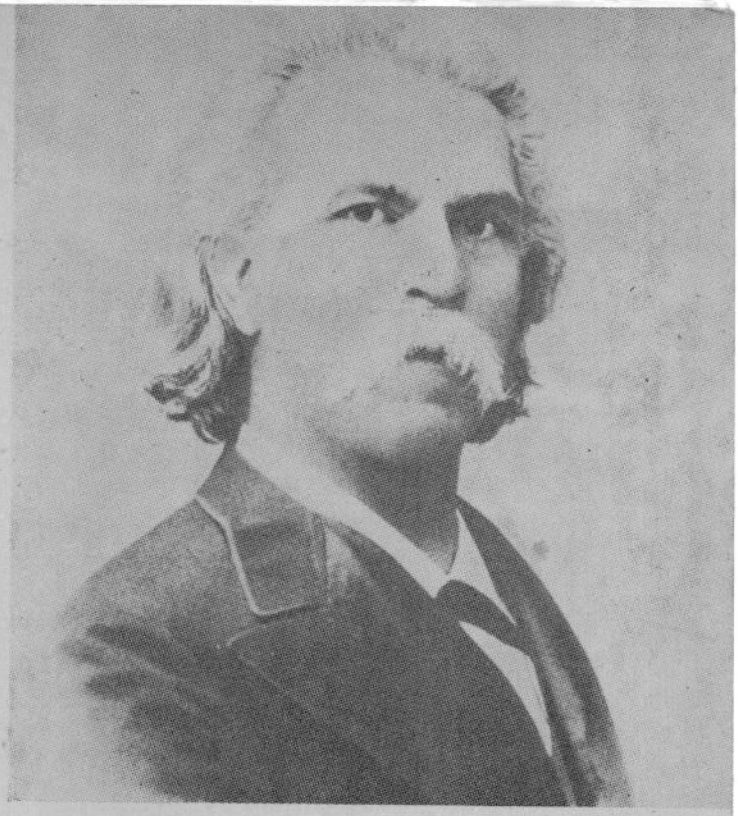
25/01/77

Ao Ilmo. Sr.
DR.ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
B R A S Í L I A - DF

JVM/amc

REVISTA DE TEATRO

N.º 374 — MARÇO
e ABRIL DE 1970



Comemoração do centenário da estréia de "O GUARANY", de Carlos Gomes, no Teatro Scala, de Milão, no dia 19 de Março de 1870. Carlos Gomes nasceu em Campinas, no dia 11 de julho de 1836 e faleceu em Belém, Pará, no dia 16 de setembro de 1896

Neste número: "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES" peça de Pedro Bloch, revivida recentemente no Teatro Serrador, na interpretação de Ioná Magalhães e Carlos Alberto.

Homenagem da SBAT ao grande compositor FRANZ LEHÁR, pela passagem do Centenário de seu nascimento, em 30 de Abril de 1870. (vejam o excelente artigo do Prof. Guillermo Knepler, crítico de Arte, especialmente para esta Revista)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412.p.251

REVISTA DE TEATRO SBAT

N.º 374 — MARÇO e ABRIL DE 1970

Diretor: JORACY CAMARGO, Presidente da SBAT
Redator-Chefe: GEYSA BOSCOLI
Redatores: RAYMUNDO MAGALHÃES JUNIOR, DANIEL ROCHA, HENRIQUE PONGETTI, GUILHERME FIGUEIREDO.
Redator-Coordenador: DJALMA BITTENCOURT.
Sede: Avenida Almirante Barroso, 97 - 3.º andar Rio de Janeiro, GB, Brasil.
DEPARTAMENTOS ESPECIALIZADOS:
Rua da Quitanda, 194 — 10.º andar
Rio de Janeiro, GB, Brasil

Órgão Oficial da

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 ★ Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920 ★ Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores ★ Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura) do Itamaratí ★ Membro da UNESCO ★ Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema) do Ministério da Educação e Cultura.

Diretoria (1970-1972)
JORACY CAMARGO, Presidente
HENRIQUE PONGETTI, Vice-Pres. Executivo
GEYSA BOSCOLI, Vice-Pres. de Atividades Culturais
RAYMUNDO MAGALHÃES JUNIOR, Diretor de Comunicação e Divulgação
DANIEL DA SILVA ROCHA, Diretor de Finanças
Conselho Fiscal:
OLAVO DIAS DE BARROS
FLORIANO FAISSAL
EURICO SILVA
Suplentes:
Mario Magalhães
Roberto Ruiz
Antonio Ferreira Rodrigues
Superintendente:
DJALMA BITTENCOURT
Departamento Jurídico:
DR. DIRCEU DE OLIVEIRA E SILVA
DR. PÉRICLES BITTENCOURT
Caixa Beneficente:
JOSÉ WANDERLEY, Presidente
Departamento Médico:
DR. SYLVIO MENDES FIGUEIREDO,
DR. LUIZ GONZAGA CASTELLIANO

SÓCIOS HONORÁRIOS: Associação Brasileira de Imprensa, Casa dos Artistas, Adolfo Bloch, Min. Dr. Álvaro Dias, Ary Martins, Prof. Carvalho Pinto, Prof. Clóvis Salgado, Embaixador Donatello Grieco, Dr. Edmundo Moniz, Dr. Geraldo Russomano. Dr. Gérson Alves Teixeira, Dr. Joaquim Buller Souto, Dr. Juscelino Kubitscheck, Dr. Levy Neves, Manoel José Adriano, Oscar Teresa Dias (Oscarito), D. Olga Migailides Zanni, Dr. Peregrino Júnior, Gen. Porfírio da Paz, Dr. Roberto Marinho, Gen. Rubens Rosado Teixeira, Van Jafa.

SÓCIOS BENEMÉRITOS: Dr. Armando Vidal Leite Ribeiro, Afonso Ruy de Souza, Daniel Rocha, Djalma Bittencourt, Geysa Boscoli, Joracy Camargo, Luís Peixoto, Meira Pires, Paulo de Magalhães, Oduvaldo Viana, Raymundo Magalhães Júnior.

MEMBROS DO CONSELHO DELIBERATIVO DA SBAT

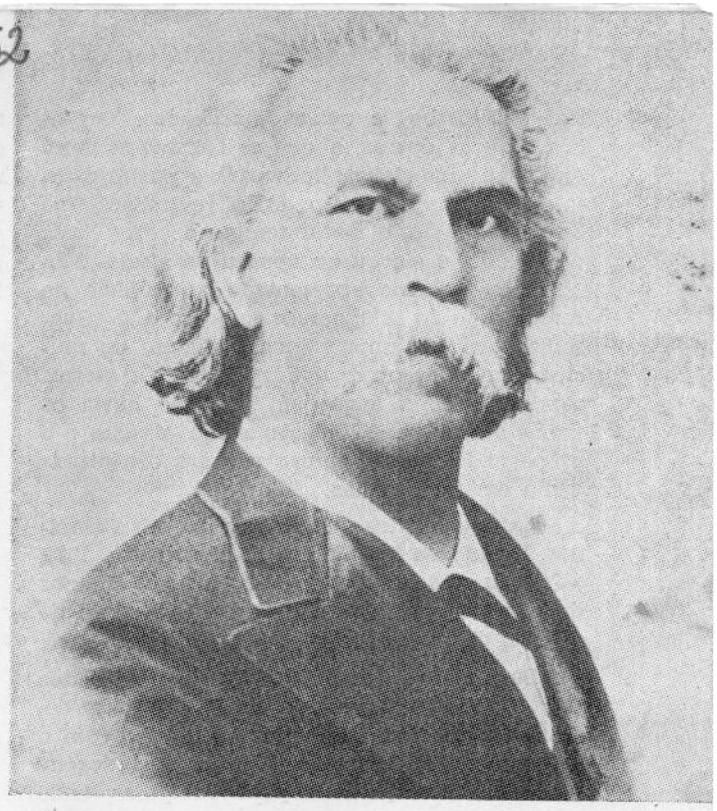
1 — Ariano Suassuna
2 — R. Magalhães Júnior
3 — Joracy Camargo
4 — Mário Lago
5 — Paschoal Carlos Magno
6 — Genolino Amado
7 — Guilherme Figueiredo
8 — Paulo de Magalhães
9 — Oduvaldo Viana
10 — Luís Peixoto
11 — Djalma Bittencourt
12 — Lessa Bastos
13 — Olavo de Barros
14 — Bento Mossurunga
15 — Henrique Pongetti
16 — José Wanderley
17 — Mário Magalhães
18 — Procópio Ferreira
19 — Daniel Rocha
20 — Geysa Boscoli
21 — Waldemar de Oliveira
22 — Miroel Silveira
23 — Mozart Camargo Guarnieri
24 — Jorge Amado
25 — Nelson Rodrigues
26 — Abilio Pereira de Almeida
27 — Carlos Drummond de Andrade
28 — Nestor de Hollanda
29 — João Cabral de Mello Neto
30 — Jorge Andrade

SUPLENTES: Modesto de Abreu, Roberto Ruiz, Floriano Faissal e Manuel de Nóbrega

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p252

O Centenário da Ópera "O GUARANÍ"

MARIO DUPRAT FIUZA



Sêlo comemorativo do centenário da Opera "O Guarany", do maestro Carlos Gomes, estreada no Scala, de Milão, em 19 de março de 1870.

"O Guaraní", ópera em 4 atos, foi escrita especialmente por Carlos Gomes para o Teatro Scala de Milão e estreada a 19 de março de 1870, com estrondoso sucesso. O libreto de Antonio Scalvini, foi retocado e concluido por Carlos d'Ormeville. Delirantemente aplaudido, Carlos Gomes foi chamado ao palco mais de 15 vêzes. Verdi entusiasmado com o estilo e a inspiração do maestro brasileiro, pronunciou a memorável frase: "Êste rapaz é um verdadeiro gênio; êle começa por onde eu acabo!".

Entre as homenagens recebidas, o rei Vitor Manuel II, o nomeava no dia seguinte Cavalheiro da Ordem da Corôa da Itália. Depois do grande êxito de Milão, o "Guaraní" integrou o repertório lírico internacional, estreando em Roma, no Teatro Apolo, em 20 de novembro de 1871; em Londres, no Convent Garden, em 13 de junho de 1872; em Varsóvia, no Teatro Lírico, em março de 1876; em S. Petersburgo, em 12 de fevereiro de 1876; em Moscou, em 14 de fevereiro de 1879 entre outras capitais.

No mesmo ano da estréia em Milão, realizou-se a "première" do "Guarani" no Brasil, no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, a 2 de dezembro, data do aniversário natalício do Imperador Pedro II. Neste espetáculo de gala e esplendor, terminada a representação da ópera, o Imperador mandou chamar Carlos Gomes ao camarote real, conferindo-lhe a comenda da Ordem da Rosa; logo depois os espectadores prorrompiam em vibrantes aplausos; o delírio chegou ao auge, numa consagração apoteótica, quando Carlos Gomes apareceu no palco com a condecoração real. O "Guarani" foi estreado em Milão em 1870, com o prelúdio, pois a famosa "ouverture" ainda não existia, tendo sido composta no ano seguinte, em 1871. Substituindo o primitivo prelúdio, a Protofonia empolgante pela sua grandiosidade, recorda os principais motivos da ópera, ornada com polifonias de efeitos surpreendentes, que maravilham pelas frases exóticas e pela sua prodigiosa e inconfundível orquestração; obra de verdadeiro mestre. Um ano depois, a protofonia foi escolhida para a inauguração solene da Exposição Industrial de Milão, em 1871. Esta peça sinfônica tem a magia de arrebatar e eletrizar a alma do povo, exaltando o patriotismo, por isso, justamente a consideram como segundo Hino Nacional.

Antes do sucesso do "Guarani" em Milão, Carlos Gomes já gozava de popularidade através das melodias que compôs para as revistas "Se Sá Minga" e "Nella Luna". De sua autoria são também diversas canções e hinos, entre outras a canção "Quem Sabe?" e o hino "A Mocidade Academica", composto em 1857 para os estudantes de S. Paulo, poesia do Dr. Bitencourt Sampaio. Além do "Guarani", compôs ainda, as óperas "A Noite do Castelo", "Joana de Flandres", "Fosca", "Salvador Rosa", "Maria Tudor", "O Escravo", "Condor" (Oda-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p.253

léa), "Colombo" e outras inacabadas. De tôdas as suas óperas, a que se consagrou mundialmente, imortalizando-o para a posteridade, foi o "Guarani", cujo êxito retumbante no Scala de Milão, o maior templo de arte lírica do mundo, o elevou ao apogeu da glória. Não obstante ter sido apresentado ao público no remoto ano de 1870, ontem como hoje, o "Guarani" constitue uma página brilhante de música, que o decorrer dos anos tornou eterna, vencendo numa época em que não havia os meios atuais de divulgação como o rádio e a propaganda pela imprensa não era organizada como em nossos dias.

Antonio Carlos Gomes, nasceu em Campinas, Estado de S. Paulo, a 11 de julho de 1836, e faleceu a 16 de setembro de 1896, aos 60 anos de idade, em Belém, onde exercia o cargo de diretor do Conservatório de Música do Pará.

Seus despojos mortais foram trasladados para Santos, a bordo do navio "Itaipú", depois incorporado à Marinha de Guerra com o nome de "Carlos Gomes" em sua homenagem, e dessa cidade paulista para Campinas, onde repousam na cripta da estátua em bronze, obra do escultor Rodolfo Bernardelli, erigido num logradouro de sua cidade natal. Carlos Gomes foi o maior compositor lírico do Brasil e das Américas, suas óperas de grande riqueza melódica, revelam a pujança de seu talento e a sua prodigiosa inspiração.

O transcurso da memorável efeméride artística que a história recorda, foi assinalado com uma exposição comemorativa promovida pela Biblioteca Nacional e organizada pela eficiente diretora da Seção de Música, senhora Mercedes Pequeno, apresentando peças raras do grande compositor. A emprêsa Brasileira de Correios e Telégrafos emitiu um sêlo postal comemorativo, no valor de 20 centavos, nas côres amarelo claro, sépia, marron e prêto, com a tiragem de um milhão de exemplares. O sêlo apresenta como motivo, Carlos Gomes regendo o "Guarani", num expressivo desenho de Waldomiro Puntar, da E.B.C.T. Outras homenagens foram prestadas, como a representação do "Guarani" em Campinas, sua cidade natal.

* * *

TEATRO DE AMADORES DE PERNAMBUCO COMEMOROU 29.º ANIVERSÁRIO

O dia de hoje é de festa, nos arraiais do Teatro de Amadores de Pernambuco: faz 29 anos, sem motivo algum que o leve a envergonhar-se do seu passado. Beneficiou dezenas de instituições sociais daqui e do bocado de Brasil por onde tem andado em mais de trinta excursões. Montou quase setenta originais, estrangeiros e brasileiros, de irrecusável valor, de Pirandelo a Shakespeare, de Garcia Lorca a Tenessee Williams, de Graham Greene a Artur Miller, de Molière a Feydeau, de Nelson Rodrigues a Dias Gomes, de Artur Azevedo a Gastão Tojeiro, para citar apenas alguns. Fugindo ao autodidatismo, contratou numerosos diretores. Projetou-se de tal maneira que influiu na fundação de diversos conjuntos amadoristas e já não pode atender a quantos desejam ingressar no seu elenco. Uma coisa porém lhe faltava: sede e teatro próprio, principalmente êste, imprescindível a qualquer conjunto que pretenda manter uma linha de continuidade de ação, tal como fizeram Dulcina, no Rio, Maria Della Costa, em São Paulo e tantos outros em diversas cidades brasileiras. Pela primeira vez, em tôda a sua história, o TAP deixa de realizar a costumeira série de espetáculos, no mês do seu aniversário. E por que? Porque o Santa Isabel fechou para obras e o Parque tem comprometidos todos os sábados de sua pauta. Ficou o mais antigo conjunto do Recife sem ter onde apresentar-se. Tem, nesse particular, a mesma sina do Grupo Gente Nossa, de que proveio: afastar-se, de vez em quando, do Santa Isabel, para ir abrigar-se no Largo da Paz, na Madalena, na Encruzilhada, no Arruda, onde houvesse um palco disponível. Daí partiu a idéia quase vitoriosa do nosso Teatro de Amadores: construir sua casa de espetáculo própria, cujo nome estará, em breve, em tôdas as bôcas: "Nosso Teatro". Sua construção continua e é nela, ali à Praça Osvaldo Cruz, 412, que o TAP receberá hoje, à tarde, os seus amigos, para lhe oferecer uma fatia de bolo, um daquirí e um refrigerante que lhe vão mandar o Janovitz, o Amadeu Perez e o Antônio Botelho. Ainda êste ano o "Nosso Teatro" será inaugurado, integrando-se na vida artística do Recife, do Nordeste, do Brasil. — **W.**

("Jornal do Comércio", 4-4-1970, Recife).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.042.p-254.

ODORICO, O BEM AMADO

Nôvo original de DIAS GOMES

Negar as qualidades de Dias Gomes é coisa impossível, isso, claro, eu jamais o faria. Fui ver "Odorico" que está sendo apresentado no Teatro Gláucio Gill. É uma comédia engraçadíssima, cujo assunto — um cemitério que não se inaugura por falta de defunto — deu um belo conto a Aníbal Machado: "O defunto inaugural". Claro que o assunto é comum; lembro que um dia, num encontro na Livraria São José, Dias Gomes mostrou-me uma notícia de jornal com a mesma estória e contou-me que daquilo ia fazer uma peça. Leio agora no programa do espetáculo que de tôdas as suas peças essa foi a mais acidentada. E diz tudo o que ocorreu, inclusive pelo número de personagens. É uma comédia, já disse, se bem que não deixe de caricaturar um político profissional com suas mazelas. Dias Gomes tem grandes colaboradores neste espetáculo: Gianni Ratto, dirigindo, e Helton Medeiros, fazendo as músicas que são da melhor qualidade. Peço licença para destacar no elenco essa grande figura que é Iracema de Alencar, a sempre ótima Iracema. Mas tem muita gente boa — dezessete personagens — apresentando "Odorico" e como é uma peça alegre (apesar do cemitério e das mortes), pode-se ver com a certeza de rir, de ter uns minutos ou horas de alegria. Não deixem de ver "Odorico", uma comédia de Dias Gomes o que significa: uma boa comédia.

ENEIDA

Procópio, Iracema de Alencar, Isolda Cresta, Maria Helena Velasco e Ruth Mezech, elenco que apresenta "ODORICO, O BEM AMADO", de Dias Gomes, produção de Orlando Miranda

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p.255.

BASTIDORES

DJALMA BITTENCORT

★ "O PREÇO", de Arthur Miller, tradução de Luís de Lima acaba de ser publicado em elegante volume da Coleção Ribalta, Editora Bloch. Quem quizer adquirir o exemplar, pode dirigir-se à SBAT, que fará remessa imediata pelo reembôlso postal.

★ O DR. CARLOS MOUCHET, profundo conhecedor da técnica do direito do autor, com experiência internacional, desde longa data, acaba de escrever uma obra de interêsse geral — EL DERECHO DE AUTOR INTERNACIONAL EN UNA ENCRUCIJADA — dedicando-me um exemplar. Vou estudá-la com o maior interêsse e aprender muito, naturalmente. Grato pela remessa, caro Dr. Mouchet.

★ DUAS GRANDES FIGURAS DA CENA BRASILEIRA reunidas no mesmo elenco: Procópio Ferreira e Iracema de Alencar, apresentando, um espetáculo bem programado, o original de Dias Gomes — ODORICO, O BEM AMADO. Depois, Rio de Janeiro e Portugal.

★ NO RIO DE JANEIRO, A NEGÓCIOS, EUCLYDES DIAS SÁ, prestimoso representante das Sociedades de Autores e Compositores na Paraíba, ligado à SBAT pelos laços de uma velha amizade. Êsse bom companheiro falou-nos sôbre a necessidade de que as Companhias teatrais visitem, com freqüência, a velha Paraíba, sempre acolhedora, levando teatro do Sul àquela gente que gosta de se divertir.

★ "A CELESTINA", o famoso original do clássico Fernando Rojas, foi apresentado em Pôrto Alegre, no Círculo Social Israelita, numa tradução de Luís Artur Nunes, que também dirigiu. Nestes últimos 12 meses, é a terceira tradução de "A Celestina" apresentada no Brasil.

★ SANTO ANDRÉ, Est. de São Paulo inaugurando seu nôvo TEATRO MUNICIPAL, festejando os 417 anos de fundação da Cidade.

★ PASCHOAL CARLOS MAGNO recebendo verba federal de 300 milhões velhos para a sua Aldeia de Arcozelo.

★ PERDEMOS O COLEGA AGNELO MACÊDO na manhã de 4.ª-feira, dia 8, quando êle procurava socorro médico no Sousa Aguiar. Não chegou a ser medicado. Morreu no taxi. À noite mandamos o corpo para Itu, Estado de São Paulo, a pedido da família, que o sepultou no Cemitério local. Agnelo ingressou no quadro de funcionários da SBAT há 11 anos, trazido pela mão de Paschoal Carlos Magno. Já era autor e sócio efetivo da SBAT. Fôra igualmente jornalista, dirigindo jornal em São Paulo e no Rio, durante alguns anos a coluna de Teatro do Jornal do Comércio Bom companheiro, zeloso, competente, Agnelo dedicava-se de corpo e alma à SBAT. Não havia sábado, domingo ou feriado que Agnelo não estivesse no teclado de sua máquina escrevendo cartas para os Representantes e Agentes da SBAT. Morreu provàvelmente rascunhando mentalmente alguma carta dando instruções no sentido de que efetivasse a cobrança do direito autoral, etc., etc. e nesta altura deve estar esperando resposta à carta que não chegou a escrever, mas que ficou na imaginação. Assim morrem os que têm um ideal de trabalho honesto. Descanse em paz, companheiro.

★ ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA o festejado autor de muitas peças e dono dos maiores sucessos teatrais do Brasil, foi sargento aviador da nossa gloriosa FAB, como eletricista, e tomou parte nas Revoluções de 30 e 32. Era comandado do Brig. Lysias Rodrigues, então major da FAB. (Dicionário Literário Brasileiro, de Raymundo Menezes).

★ RAYMUNDO MAGALHÃES JÚNIOR conquistou um dos prêmios literários do PEN CLUBE DO BRASIL, relativamente às obras publicadas em 1969, com a biografia A VIDA TURBULENTA DE JOSÉ DO PATROCÍNIO.

★ E O NOSSO GRANDE AUTOR PEDRO BLOCH teve mais um original estreado no estrangeiro — "LSD", em Madrid, no Teatro Lady Pepa, na trad. de Federico Soldevilla.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p-256.

★ OLAVO DE BARROS, que foi eleito recentemente para o Conselho Deliberativo da SBAT, iniciou mais um Curso Prático de Teatro, sendo a primeira aula dada pela atriz Fernanda Montenegro.

★ REAPARECE FESTIVAMENTE UM NÔVO NÚMERO de "CADERNOS DE TEATRO", publicação especializada de "O Tablado", sob a direção e o entusiasmo de Maria Clara Machado.

★ O CLÁSSICO ROMANCE DE JÚLIO DINIZ — As pupilas do Sr. Reitor, foi transformado em novela de TV, pelo jovem teatrologo Lauro César Muniz, o festejado autor de A Infidelidade ao alcance de todos. Júlio Diniz, pseudonimo do escritor português Joaquim Guilherme Gomes Coelho, faleceu em 12 de Setembro de 1871, aos trinta e dois anos de idade. Êste seu romance foi teatralizado pela primeira vez, em Portugal, por Ernesto Biester.

★ JORNAL DO BRASIL (Edição de 4 de março) prestou expressiva homenagem ao compositor e maestro Augusto Vasseur, num belo artigo assinado por Jota Efegê, incansável pesquisador da vida daqueles que passaram pela cêna teatral do Brasil.

★ CARLOS GOMES FOI MUITO FESTEJADO no dia 19 de março, quando se comemorou em todo o Brasil a passagem do Centenario da estréia de O GUARANY, no Scala, de Milão. Em Campinas, onde nasceu o grande compositor, foi levada à cena essa famosa peça lírica, no Teatro Municipal, marcando o ponto mais alto das homenagens à memória do notável compositor. Devemos à gentileza do Consócio e amigo Mário Duprat Fiuza o oferecimento de um exemplar do sêlo comemorativo, que reproduzimos nêste número.

●

CARTAZES TEATRAIS

★ RIO DE JANEIRO: — Animado, reagindo magnìficamente. O Copacabana realizou os últimos espetáculos com FRANK SINATRA, de João Bethencourt, incluindo Zelloni no principal papel e partindo para uma excursão a iniciar-se no Leopoldina, de Pôrto Alegre, preparando-se para uma estréia triunfal em São Paulo. A seguir verifica-se a estréia de "PLAZA SUITE", de Neil Simon, tradução e direção de João Bethencourt, com Fernanda Montenegro no papel principal. No Teatro Santa Rosa, continuação do sucesso de Leilah Assunção, FALA BAIXO SENÃO EU GRITO. No Princesa Isabel, AGENDA CONFIDENCIAL, de Jean-Claude Carrière, tradução de Marise Murray. PAULO AUTRAN, com "BRASIL & CIA.", no Teatro da Lagoa. No Serrador, um nôvo sucesso sob a direção de John Procter — PAI DE HIPPIE NÃO TEM VEZ, da inglêsa Joyce Rayburn, numa excelente trad. de Ewa Procter. BIBI FERREIRA dirigindo com sucesso absoluto um grande show-teatral, BRASILEIRO, PROFISSÃO: ESPERANÇA, no Casa Grande. No Dulcina, continuação de "CHÁ E SIMPATIA", de Anderson, trad. de Magalhães Jor. No Rival, continua o divertido show organizado por Gomes Leal, ALÔ ALÔ BONECAS! No Arena da Guanabara, preparam-se os últimos retoques para a apresentação da discutida peça de Fernando Melo, QUANTOS OLHOS TINHA O TEU ÚLTIMO CAZINHO? agora liberada pela Censura de Brasília. No Teatro Ipanema, Maria Clara Machado apresenta, há 9 meses, PLUFT, O FANTASMINHA — divertindo o mundo infantil. No Teatro da Praia, outro teatro infantil — PIQUE, UM, DOIS, TRÊS, de Betina Viany e Claudio Mac Dowell e no Arena da Guanabara, JOÃOZINHO E MARIA, de Hélio Carvalho, com música de Diana Franco e Lauro Gomes. O Grupo Carroussel, apresentando DONA BARATINHA PROCURA MARIDO, no Teatro Opinião. No Teatro Gláucio Gill, Procópio Ferreira e Iracema de Alencar, dois grandes veteranos do Teatro Brasileiro, apresentam o original de Dias Gomes — ODORICO, O BEM AMADO — depois de umas tantas apresentações em Brasília, com casas lotadas. No Nacional de Comédia, Maria Wanderley Menezes apresenta o seu original "DAVID, O REI". Na Maison de France, Napoleão Moniz Freire oferece ROMINA E JULIAN, de Charles Dyer, na tradução de Fernando Soares. Brigite Blair estreou no Sérgio Porto com a peça TÔ CUM GRILO NA CUCA. Ivan de Albuquerque e Rubens Corrêa preparam-se para a estréia de O ARQUITETO E O IMPERADOR DA ASSYRIA, de Fernando Arrabal. Colé e Costinha, no Carlos Gomes, continuam com MULATAS DO PA...TROPI, revista de Luís Felipe Magalhães. Juca Chaves, no Gran Circo Sdruws, apresenta SENTA QUE O LEÃO É MANSO. E no Teatro Poeira, continuação do sucesso de TEM BANANA NA BANDA, com Leila Diniz. E mais teatro infantil: no Sérgio Porto, Brigite apresenta A

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 257

RAPOSA FEITICEIRA, autoria e direção de Carlos Nobre e O BÔBO DAS ADIVINHAÇÕES, de José Brasil. E o Teatro da Criança, na Praia de Botafogo, apresentando, há mêses, as peças de Jayr Pinheiro, — "A FEITICEIRA DO REI" e "PINOQUIO, O BONECO DE PAU".

★ EM SÃO PAULO O TEATRO VIVE uma de suas maiores épocas. O grande musicado HAIR, arrojada produção de Altair Lima, já no sexto mês de apresentação, no Teatro São Pedro. Maria Della Costa, no seu Teatro, acabando de estrear AS ALEGRES COMADRES DE WINDOR, de Shakespeare, numa tradução de Millor Fernandes. Cleyde Yaconis, no Teatro Anchieta, com MEDEIA, de Eurípedes, trad. de Aldomar Conrado e Carlos de Queiroz Teles. O Grupo União Itália, com Odete Lara e Odavlas Petti, em SEU TIPO INESQUECÍVEL, de Eloy Araújo, sob a direção de Fauzi Arap. No Ruth Escobar, a famosa peça de Jean Genet, O BALCÃO, numa tradução de Martim Gonsalves e Jaqueline Castro, já no quinto mês de apresentação. No TBC, Berta Zemel, em A VINDA DO MESSIAS, de Timochenco Wehbi, direção de Emílio Di Biasi. No Bela Vista, FRANK SINATRA 4815, de João Bethencourt, com com Zeloni, Morineau, Renata Fronzi e Luis Delfino, depois de vitoriosa carreira no Teatro Leopoldina, de Porto Alegre. No Teatro de Bôlso, Jayme Barcelos com ÁLBUM DE FAMÍLIA, de Nelson Rodrigues, depois de uma interdição que durou vinte anos. E Leilah Assunção lançando o seu segundo original — JORGINHO O MACHÃO, no Teatro Paiol, direção de Clóvis Bueno, com Cláudio Corrêa e Castro e Eleonor Bruno, nos principais papéis. No Teatro das Nações, teatro infantil com O GATO DE BOTAS, de José Roberto Capraroli; e no Areninha, ainda teatro infantil com UM DOIS TRÊS DE OLIVEIRA QUATRO, de Lafayette Galvão. No Aliança Francesa, JÔ SOARES levando grande público para assistir TODOS AMAM UM HOMEM GORDO, de sua autoria, em colaboração com Millor Fernandes. No Oficina, A CANTORA CARECA, Ionesco, trad. de Luís de Lima, direção de Abujamra; e ONDE NÃO HOUVER INIMIGO URGE CRIAR UM, de João Bethencourt, direção de José Renato. O CRISTO NU, peça de Carlos Alberto Sofredini, no Teatro 13 de Maio; AS MÃOS DE EURIDICE, a mais famosa peça de Pedro Bloch, na interpretação do seu criador RODOLFO MAYER, no Teatro Gazeta. Ainda teatro infantil: no Arena, com RECREIO, de Antônio Carlos e Neide Arruda. CHIQUINHA MANHOSA e A LÂMPADA MARAVILHOSA, no Teatro Gazeta; e PETER PAN, no Teatro Brasileiro de Comédia. No Natal, a revista PSIU... AQUELE ABRAÇO, de J. Sampaio e A. Rabbath. E estreando auspiciosamente, o Teatro Olímpia, iniciativa particular de três jovens empresários, apresentando TUDO DE NÔVO. O Teatro Paiol realizou as últimas de O ASSALTO, de José Vicente e também se despediu José Vasconcelos, Teatro das Nações, com A GAITA QUE RI. No Teatro Vereda, O NÔVO SISTEMA, de Hilda Hilst. E o Teatro Popular do SESI, anunciando para Maio, MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS.

"Molière" dá prêmios no Teatro

José Vicente, Amir Haddad, Eva Todor, Rubens Correia e Hélio Eichbauer vão à Europa. Foram êles os grandes vencedores do Prêmio Molière dêste ano, escolhidos na noite de 6 de março, por nove críticos, respectivamente, melhor autor teatral **(O Assalto)**, melhor diretor **(A Construção)**, melhor atriz **(Ôlho n'Amélia)**, melhor ator e melhor cenógrafo (os dois em **A Noite dos Assassinos**). Além da passagem ida e volta, receberão um bronze Molière.

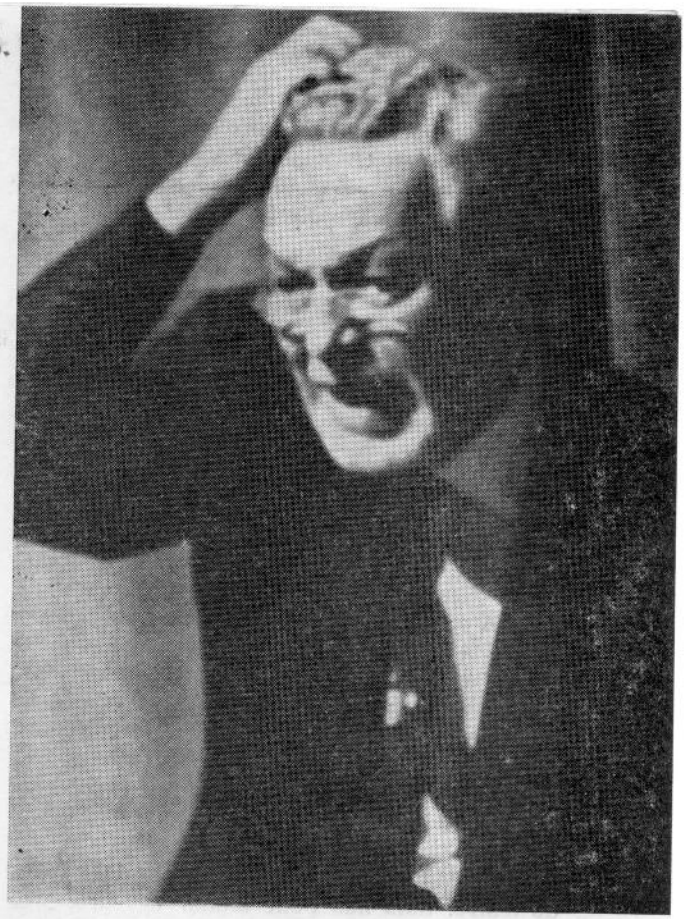
O prêmio é considerado o mais importante do teatro brasileiro, sendo distribuído no Rio e em São Paulo. Foi criado pela Air France.

O melhor diretor, Amir Haddad, com a peça "A Construção", ganhou por 7 votos contra dois, dados a Fauzi Arap, pela sua direção em **O Assalto**, Eva Todor foi escolhida a melhor atriz pelo desempenho em **Ôlho na Amélia**, por seis votos contra três, que foram de Norma Benguel com a sua interpretação em **"A Noite dos Assassinos"**; o melhor ator coube a Rubens Correia, que ganhou por seis votos contra dois, dados a Ivan Albuquerque e Napoleão Moniz Freire, pelas suas interpretações em **O Assalto** e **A Comédia dos Erros**; melhor cenógrafo e figurinista, ganhou Hélio Eichbauer, com cinco votos pela cenografia e trajes das peças **A Noite dos Assassinos, A Celestina** e **Antígona**, contra três votos dados a Joel de Carvalho, com **Abre a Janela**, e uma abstenção. O último prêmio foi dado a Aílton Escobar, com seis votos pela música composta para as peças **A Noite dos Assassinos, O Assalto** e **A Construção**.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p 258.

Paulo Gracindo em DESTAQUE

EURICO SILVA



O clichê mostra PAULO GRACINDO no judeu de "O PREÇO", de Arthur Miller, trad. de Luis de Lima, numa de suas maiores criações.

Paulo Gracindo é um ator que, na arte, não teve mocidade. Começou môço como todos começam. Mas como môço êle nem chegou a começar. E, embora môço, êle teve que "envelhecer" para penetrar numa arte que era tudo quanto sonhava na vida: O teatro.

Na verdade, suas primeiras criações foram aquelas em que êle ficava escondido atrás de si mesmo, aquelas em que Paulo Gracindo se transformava no "tipo" que Paulo Gracindo representava. Embora pareça estranho, essa circunstância retardou a sua ascenção ao ponto alto a que mais tarde chegou.

* * *

Figura simpática, porte elegante, olhos sonhadores, maneiras distintas, Paulo Gracindo era o tipo do "galã" convencional. E era como "galã" que as companhias o contratavam. Mas Paulo Gracindo, representando a "descoberto", não impressionava ninguém. Ficava "encabulado" e não demonstrava nenhuma possibilidade de vir a ser o ator que hoje é.

— Posso fazer umas perguntinhas, Paulo?...

— Pode fazer as que quiser.

— Onde nasceu?

— Aqui, no Rio. Muita gente pensa que nasci nas Alagoas...

— Eu também pensava.

— Nasci no Rio. Minha família é de Alagoas, mas quando eu nasci, mamãe, casualmente, estava no Rio. E só por isso sou Carioca.

— Certo. Onde estreou?

— No Rio também. "Companhia Henrique Pongetti", numa peça dêle mesmo intitulada "Plaquete". Estreei sem brilho e continuei sem brilho.

— Modéstia.

— Verdade. Depois "Cia. Alda Garrido". Eu era o "galã", o "Galazura" (como então eram chamados os "mocinhos" das comédias) e como "Galazura" eu era um fracasso.

— Continua na sua modéstia. Mas vamos adiante.

— "Cia. Palmeirim Silva". Continuava "Galazura". Depois "Dulcina-Odilon". Aí melhorou um pouco. O galã era sempre o Odilon. Eu passei a fazer alguns tipos. E comecei a sentir o meu verdadeiro caminho. A marcar o rumo que devia seguir. Eu me esconderia atrás dos "tipos", dos papéis de composição, daqueles com os quais pudesse levar para o palco figuras curiosas, que ia encontrando na rua e que se enquadrassem nos personagens que eu devia interpretar. E sempre me saia melhor quando os personagens eram velhos. Tive um mestre na arte de caracterização, o grande Durães que me ensinou a esconder a minha cara e a minha alma atrás de centenas de caras e de almas. As caras e as almas dos personagens que ia interpretando.

— Principiou aí o seu sucesso?

— Não foi bem aí. Mas principiou a certeza de que estava no caminho que me levaria ao sucesso.

— E onde estava o sucesso?

— Um pouquinho na "Cia. Procópio Ferreira". E logo a seguir na "Cia. Cazarré-Elza-Delorges". Foi nessa "Companhia" que eu me encontrei a mim mesmo, que morreu definitivamente o "Galazura" para surgir o intérprete que vivia acorrentado ao "mocinho" e que esperava uma oportunidade para entrar em cena.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.259

Essa oportunidade veio com a "Companhia Cazarré-Elza-Delorges".

— Quais os peças em que mais se destacou nessa "Companhia"?

— "A Vida é Assim"; "Follies Bergére"; "A Felicidade de Ontem"; "O Mundo é tão Pequeno"...

* * *

Eu estava ligado à "Companhia Cazarré-Elza-Delorges" pois fui seu fundador e acompanhei dia a dia as criações de Paulo Gracindo. Em cada peça era um novo ator que se apresentava diante do espectador. E não era sòmente a cara que êle mudava. Era a maneira de falar, de andar, de olhar, de gesticular, de sorrir... — Mudava até de estatura. Sim! Paulo Gracindo ficava maior ou menor de acôrdo com o "tipo" que estivesse encarnando. — Ficava e fica. Quem o viu no "O Preço" na peça de Arthur Miller poderá compreender perfeitamente minhas palavras e se convencer de que não há exagêro no que estou dizendo. Paulo Gracindo é um dos atores caracteristicos mais perfeitos da atualidade teatral brasileira.

* * *

Paulo Gracindo nunca foi um bom galã de teatro. Galã não pode mudar de cara. Mas no rádio, onde só se "mostra" a voz, êle foi o grande galã, o vibrante apaixonado de várias e sensacionais novelas que ainda estão vivas na memória dos rádio-ouvintes.

Desde o "Direito de Nascer" até a última novela que fêz no rádio Paulo Gracindo foi o grande amoroso, o grande romântico, de voz suave, doce, acariciante que empolgou êsse Brasil infinito de ponta a ponta.

Ali, no estúdio fechado, êle ficava à vontade. O estúdio, para Paulo Gracindo era uma espécie de caracterização. O estúdio protegia a sua inibição. Êle sentia-se protegido escondido, tal como no teatro, atrás de umas barbas, de uns óculos escuros, de umas rugas...

* * *

Paulo Gracindo tem um destino a cumprir no teatro brasileiro. Êle ficou muito tempo no rádio e na televisão. O teatro esperou por êle. Êle grato por essa espera, voltou ao teatro. Voltou e vai cumprir o seu destino. Vai aumentar de muito sua Galeria de Criações com outras criações ainda maiores, para deixar seu nome gravado, em caixa alta, no Teatro Brasileiro.

— Paulo? Qual a peça da literatura universal que gostaria de fazer?

— "O Avarento", de Mollière.

— Por que não faz?

— Espero a oportunidade.

— E... quais os seus planos?

— Formar uma Companhia e levar o teatro a todo o Brasil, com "O Avarento" no repertório.

— Que conselho daria a um estreante de teatro?

— Ame a Arte em *você* e não você na Arte.

* * *

Terminou meu encontro com Paulo Gracindo. Mas antes de nos despedirmos eu lhe entreguei quinze perguntas escritas. No dia seguinte recebi as quinze respostas. Transcrevo, a seguir. Perguntas e Respostas:

Qual o seu ideal de felicidade?

— "Trabalho contínuo no teatro. Viver e morrer no teatro".

Com quem é mais indulgente?

— "Com minhas filhas".

— Qual a figura histórica que mais o empolgou?

— "Napoleão".

— Qual o herói ou heroína de romance que mais o impressionou?

— "Madame Bovary".

— Da vida real quais os heróis ou heroínas que mais admira?

— "Churchill".

— Qual a qualidade que mais admira no homem?

— "Caráter".

— E na mulher?

— "Feminilidade".

— Que gosta de fazer quando não faz teatro ou televisão?

— "Camping".

— Seus autores prediletos?

— "Guimarães Rosa, Érico Verissimo, Herman Hesse".

— Qual o acontecimento histórico que mais admirou?

—"A retirada de Dunquerque".

— Qual a graça que pediria a um feiticeiro?

— "Saúde".

— Quais os momentos, na vida das criaturas, que maior piedade lhe ispiram?

— "Quando morre o "Dono" da casa, o chefe"...

— Em que época gostaria de ter vivido?

—"Idade Média".

— Que conselho daria ao Presidente da República?

— "Olhe prô Nordeste, Excelência".

— Qual o seu maior defeito?

— Inconstância".

* * *

Paulo Gracindo é casado e tem três filhos. Duas môças e um rapaz, o Gracindo Júnior, que já principiou a brilhar no teatro e na televisão.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 260.

FRANZ LEHÁR
Centenário de Nascimento

GUILLERMO KNEPLER

Para ser considerado um gênio musical, não é preciso ser um compositor de música erudita. Recordemos que Wagner tachou Johann Strauss, o Rei das Valsas, de "uma cabeça incrivelmente musical", e que Brahms — solicitado certa vez a pôr seu autógrafo no leque de famosa dama — reproduziu as primeiras notas da valsa "Danúbio Azul", acrescentando estas palavras "Lamentàmente, não é minha — Johannes Brahms".

Encontramos aqui um surpreendente paralelo: enquanto que Johann Strauss, filho, foi iniciador da chamada "era de ouro" da opereta vienense no século XIX, seu sucessor, Franz Lehar, que encabeçou no século seguinte a "era de prata" do mesmo gênero musical, não era menos genial. Basta citar um dos episódios de sua juventude. Lehar, menino prodígio, como poucos ainda aluno da Academia de Música de Viena, teve que acompanhar ao piano a um condiscípulo violinista; êste, devido ao seu nervosismo, perdeu-se completamente durante a execução da obra e começou a executar qualquer disparate. Lehar, com seu talento extraordinário e com admirável presença de espírito, seguiu tôdas as "invenções" do violinista, mas executou por sua vez, com a mão esquerda, a exata melodia com fortes paralelas de oitavas nos graves do piano de tal forma que o solista voltou a encontrar o "fio" perdido...

Franz Lehar nasceu em Komorn, na parte hoje magiar da então monarquia Austro-Hungara, embora seus antepassados fôssem oriundos de uma comarca do ex-reino dos Habsburgo, que hoje pertence à Tchecoslováquia, mas que sempre foi de lingua alemã, principalmente. Os pais de Franz também estiveram em Viena, por longo tempo. Motivou essa vida aparentemente ciganesca da família o fato de que Lehar pai era maestro da Banda Militar, e como tal não tinha lugar certo no território da monarquia. O pequeno Franz — seja dito de passagem que o pai tinha o mesmo nome — era, pois, um "austríaco" mesclado, como sucedia frequentemente nesse Estado que constituia, com seus dez ou doze grupos étnicos, uma espécie de "Nações Unidas" em miniatura.

O compositor de "Conde de Luxemburgo" não descendeu, pois ,como fora o caso de Johann Sebastian Bach, François Couperin e Giacomo Puccini, de uma dinastia

FRANZ LEHÁR, 30-4-1870 = 30-10-1948

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412,p.261

de músicos, mas pelo menos teve um pai da mesma profissão, semelhante a Brahms ou Richard Strauss, por exemplo. E foi assim que o jovem seguiu a carreira do pai, trabalhando como diretor de uma banda militar austríaca em diversas cidades, entre elas Viena, a Capital do reino, e a "Capital da Música"; como se dizia então.

Quando o jovem Franz Lehar mostrou, um dia, com tôda a timidez de um adolescente, umas páginas escritas por êle ao exímio Antonin Dvorak, êste, estupefato ante os manuscritos, disse-lhe, de repente: "Sabes de uma coisa? Abraça a carreira de compositor!" Supomhamos que o alento que lhe dera o grande mestre o havia encaminhado à sua vocação. Começou com música séria, com sonatas e concertos para violino e escreveu apesar disso duas óperas, "RODRIGO" e "KUKUSCHKA" representadas em várias Cidades, com um "succes d'estime", mas logo se descobriu que seu talento primava em um gênero que se situa entre a música erudita e a popular.

No ano de 1899 a Princesa Metternich promoveu um baile, de alto rigor, com luxuosíssimos vestidos e que teve como lema "Ouro e Prata". O jovem Lehar compôs, a propósito, uma valsa a que deu êsse título. O êxito dessa grande festa dançante caiu no esquecimento; mas a dôce melodia ficou imortalizada.

"Nenhum gênio cai do céu", diz o refrão; nem Verdi, nem Wagner, nem Puccini, nem Richard Strauss tiveram êxitos sobrenaturais com suas primeiras obras do teatro lírico. Lehar escreveu algumas operetas recebidas com agrado; mas o triunfo começou no ano de 1905 com "A VIUVA ALEGRE", êxito que alicerçou definitivamente a fama do compositor. Seguiram-se muitos outros sucessos — O CONDE DE LUXEMBURGO, "EVA", "AMOR CIGANO", "FRASQUITA", entre outros, e — escrito sôbre libreto em italiano e estreada em Milão, — "A DANÇA DAS LIBELULAS".

Naquela época o maestro tinha 52 anos e parecia que sua veia criadora não havia acabado. Com certo nervosismo andou em busca de um novo argumento teatral para inspirar-se. Êsse milagre produziu-se com um libreto que lhe fôra entregue sob anonimato Lehár folheou-o numa tarde, com ceticismo, mas ficou muito fascinado; ao cair da noite, já havia composto, em rascunho, umas quantas canções da futura opereta...

Esta primeira obra do segundo período criativo Leháriano foi "PAGANINI" e só depois veio a saber que o autor era Paul Knepler —(tio do que escreve estas linhas) — que teria o propósito de escrever, êle mesmo, uma opereta com o "Violinista do Diabo" como figura central, mas que depois guardou (ou arquivou) sorrindo, seus próprios apontamentos da composição, para colaborar com o extinto mestre Lehár.

Poderiamos citar como características da nova era, que Lehár reduziu as partes faladas do texto e que deu às suas obras um colorido especial, de modo que essas operetas da época do seu amadurecimento se aproximam do genero do "Singspiel" ou do teatro lírico; são expressivos nêsse sentido — além de "Paganini" — "Die Zarewitch", "Federica", "El país de las Sonrisas" e "Giuditta", obra que teve a honra de ser estreada na Opera Nacional de Viena.

Lehár faleceu em 1948, em sua residência de Bad Ischl, onde teve sua querida casa de verão, que a municipalidade dessa localidade austriaca transformou num museu, perpetuando a memória de quem foi um verdadeiro gênio no campo da "músique d'agrément"; e suas adoráveis melodias, traduzidas para dezenas de idiomas, giram em tôrno do nosso planeta e confirmam a validade do apôdo que se deu ao grande mestre da opereta vienense: "O mágico com a lágrima sorridente"...

Principais obras de Franz Lehár: 1896, KUKUSCHKA (refundida em 1906 sob o título de TATJANA; 1902, WIENER FRAUEN e DER RASTELBINDER; 1904, DER GOTTERGATTE, refundida em 1913 sob o título de DIE IDEALE GATTIN e depois em 1921, sob o título de DIE TANGOKONIGIN; e DIE JUXHEIRAT; 1905, DIE LUSTIGE WITWE; 1908, DER MANN MIT DEN DREI FRAUEN; 1909, DAS FURSTENKIND, refundida em 1932, sob o título DER FURST DER BERG; DER GRAF VON LUXEMBURG; 1910, ZIGEUNERLIEBE, refundida em 1943, sob o título GARABONCIAS; 1911, EVA; 1914, ENDLICH ALLEIN, refundida em 1930, sob o título SCHON IST DIE WELT; 1916, DER STERNGUCKER, refundida em 1922 sob o título LA DANZA DELLE LIBELLULE e depois, em 1926, GIGOLETTE; 1918, WO DIE LERCHE SINGT; 1920, DIE BLAUE MAZUR; 1922, FRUHLING, refundida em 1928 sob o título FRUHLINGSMADEL; FRASQUITA; 1923, DIE GELBE JACKE, refundida em 1929 sob o título DAS LANDE DES LACHELMS; 1924, CLOCLO; 1925, PAGANINI; 1927, DIE ZAREWITSCH; 1928 FRIEDERIKE; e 1934, GIUDITTA.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412p.262.

DIREITOS DE AUTORES BRASILEIROS NA VENEZUELA

Continuamos em nossa campanha no sentido de fazer valer o direito do autor, principalmente dos brasileiros, colaborando com as Sociedades de Autores dos países onde se pretenda traduzir e fazer representar qualquer peça brasileira sem a devida permissão do autor.

Caracas, em 27 de março de 1970.

Excelentíssimo Senhor
Presidente da Sociedade Brasileira
de Autores Teatrais (SBAT)
Rio de Janeiro

Prezado Senhor,

Tenho a honra de me dirigir a Vossa Excelência a fim de lhe comunicar que pretendo encenar, em Caracas, a peça "A navalha na carne", da autoria de Plínio Marcos, em cuja tradução ao espanhol estou trabalhando.

2. Para êsses fins — tradução e montagem — muito agradeceria a Vossa Excelência a bondade de me serem dadas as permissões respectivas.

3. Comunico, outrossim, a Vossa Excelência que na Venezuela, onde não existe uma tradição teatral, todos os trabalhadores do teatro — autores, tradutores, diretores, atores, etc. — se dedicam ao seu ofício por verdadeiro amor à arte, uma vez que não auferem qualquer remuneração.

4. Por tal motivo, neste país, pràticamente inexiste diferença entre montar profissionalmente uma peça, ou montá-la experimentalmente. A distinção radica no fato de a mesma ser apresentada por atores com formação técnica ou por atores amadores.

5. Prova do que acima explico, está no caso da montagem da peça "Álbum de família", de Nelson Rodrigues, em setembro de 1968, pelo Diretor Martim Gonçalves, com cenografia de Hélio Eichbauer, para o Ateneu de Caracas, na qual sòmente Gonçalves e Eichbauer receberam proventos pela encenação, devido a contrato feito anteriormente com o Ateneu. Os atores profissionais, o tradutor (no caso, eu), assim como os demais participantes na montagem, nada receberam.

6. Como Vossa Excelência verificará pelo exposto, o meio não garante a facilidade de se pagarem os respectivos direitos autorais.

7. Assim sendo, muito agradeceria a Vossa Excelência a amabilidade de transmitir a presente comunicação a Plínio Marcos com a minha promessa de que, caso haja a possibilidade de serem pagos os direitos autorais da peça em aprêço, com todo o prazer o farei.

8. Muito grato ficaria, também, se Vossa Excelência pudesse me enviar dados biográficos sôbre Plínio Marcos, a fim de incluí-los no programa, e bem assim, se possível, uma fotografia do mesmo.

Ao agradecer a atenção que Vossa Excelência dispense à presente, aproveito a oportunidade para apresentar os protestos de minha mais alta consideração.

(Alcindo Gameiro L.)

Rio de Janeiro, 10 de abril de 1970.

Ilmo. Sr. ALCINDO GAMEIRO L.
Apartado 3977
CARACAS — VENEZUELA.

Prezado Sr.,

Acusamos o recebimento de sua carta de 27 de março último, chegada às nossas mãos neste momento, dirigida ao nosso presidente Sr. Joracy Camargo, informando-nos que pretende V.S. traduzir e encenar a peça brasileira A NAVALHA NA CARNE, de autoria do nosso consócio Sr. Plínio Marcos, para apresentação na Venezuela.

Informa-nos, ainda V.S. que na Venezuela não há uma tradição teatral e que todos os

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 042 p. 263

trabalhadores de teatro se dedicam ao seu ofício por verdadeiro amor à arte, uma vez que não auferem qualquer remuneração. E que, em consequência, o meio não garante a facilidade de se pagarem os respectivos direitos autorais, citando, como exemplo, o caso das apresentações de ÁLBUM DE FAMÍLIA, de Nelson Rodrigues, em setembro de 1968, pelo Ateneo de Caracas, dirigida pelo Prof. Martim Gonçalves, com cenografia de Helio Eichbauer, que foram os únicos profissionais a receber proventos pela encenação da peça.

Lembramo-nos perfeitamente do caso, que nos causou certa repulsa, de vez que o único a não receber proventos foi precisamente o autor Nelson Rodrigues, — o dono da matéria prima — a peça — que constituiu a razão de ser do espetáculo.

E na oportunidade protestamos veementemente junto da nossa congênere SOCIEDAD DE AUTORES Y COMPOSITORES DE VENEZUELA, pedindo-lhe que iniciasse ação judicial contra os responsáveis pelas apresentações dessa peça brasileira, de modo a que o autor tivesse a recompensa de direitos autorais devida pelo uso não autorisado de sua peça.

Posteriormente, em janeiro deste ano de 1970, a nossa referida congênere SACVEN enviou-nos um cheque na importância de ..... Us$ 325,55 correspondente a direitos autorais cobrados pelas representações da peça "UM DEUS DORMIU LÁ EM CASA", de autoria do nosso consócio sr. Guilherme Figueiredo, em Caracas, à base da legislação que protege o direito do autor, na Venezuela, legislação essa que data precisamente de 17 de maio de 1894, consagrando ao autor o direito de proteção perpétua.

Nestas condições, recusamos e repelimos totalmente os argumentos contidos em sua carta e não concordamos, em hipótese alguma, que a peça A NAVALHA NA CARNE, de autoria do nosso consócio Plínio Marcos — ou qualquer outra peça teatral brasileira — seja traduzida e representada na Venezuela sem que haja um contrato expresso assinado pelo autor ou titular dos direitos autorais.

Para o caso em questão, poderá V. S. traduzir e fazer representar A NAVALHA NA CARNE, na Venezuela, desde que nos pague — através da nossa Congênere local — um adiantamento igual a US$ 500, — quinhentos dólares — por conta dos direitos autorais que serão produzidos por essa peça, na Venezuela, à base de uma tabela de cobrança de 5% da renda bruta de cada espetáculo, para o autor Plínio Marcos.

Qualquer apresentação fora do cumprimento dessas exigências de um adiantamento de Us$ 500, — será considerada abusiva e será repelida através de interdito proibitório movido pela SBAT, através de seus representantes.

Estamos enviando cópia desta carta à nossa congênere SACVEN para os devidos efeitos.

Atenciosas Saudações,

Djalma Bittencourt,
Superintendente

Rio de Janeiro, 10 de abril de 1970

Ilmo. Sr. LUIS ALFONSO LARRAIN
DD. Diretor Geral da SACVEN
Avenida Andrés Bello — Edifício Van.
Torre Oeste - 6.º Piso.
Caracas, Venezuela.

Senhor Diretor,

Confirmando nossa última carta de 2 de março, sôbre o assunto dos direitos autorais devidos pelas apresentações da peça teatral brasileira VESTIDO DE NOIVA, de autoria do nosso consócio Sr. Nelson Rodrigues, muito lhe agradeceriamos pela gentileza de uma resposta sôbre o andamento da questão.

Nesta oportunidade, juntamos à presente a cópia de uma carta que dirigimos, nesta data, ao sr. ALCINDO GAMEIRO L., que pretendia traduzir e apresentar a peça brasileira A NAVALHA NA CARNE, de autoria do nosso consócio sr. Plínio Marcos, sem pagar direitos autorais, no que foi veementemente repelido por esta Sociedade, como verá V.S. pela leitura da carta a que nos referimos.

Muito lhe agradeceriamos por uma ação imediata e enérgica dessa entidade no sentido de que não seja consumado o ato atentatório ao direito do autor, como está sendo planejado pelo referido sr. Alcindo Gameiro L. e estamos à disposição dessa entidade para enviar, de imediato, os poderes necessários a uma ação judicial visando a impedir o abuso manifestado.

Valemo-nos da oportunidade para reiterar-lhe, senhor Diretor, a expressão do nosso elevado aprêço.

Djalma Bittencourt, Superintendente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p-264.

DIREITOS SEM PROPRIEDADE

(Royalties Without Copyright)

Por David P. Griff (3.º prêmio nacional no COPYRIGHT LAW SYMPOSIUM de 1969, promovido anualmente pela American Society of Composers Authors and Publishers — ASCAP)

Tradução e condensação de DANIEL ROCHA

NOTA DE REDAÇAO

O problema versado neste trabalho, vem preocupando a administração da SBAT há alguns anos. Por ocasião do Congresso da CISAC em Praga, (1966) a SBAT enviou a Moscou seu delegado o Dr. Daniel Rocha, visando obter um acôrdo de pagamento de direitos de autor, sem transferência de moedas. Os direitos autorais arrecadados pela representação, execução ou publicação de obras russas no Brasil constituiria um fundo para responder pelo pagamento de direitos de representação, execução e publicação de obras brasileiras na Rússia, e vice-versa. Os entendimentos iniciados no Brasil junto à Embaixada da Rússia não alcançaram em Moscou maior resultado, tal como se verificou depois com os francêses (Viagem de M. Tournier), com os inglêses e os americanos. É nos grato porém, verificar que a idéia da diretoria da SBAT foi partilhada por vários outros países europeus.

Êste trabalho representa uma contribuição para o estudo das bases de um acôrdo de pagamento de direitos autorais entre a Rússia e Estados Unidos. As leis específicas dos dois países, bem como as diversas Convenções Internacionais sôbre a matéria, se mostraram até hoje incapazes de resolver o problema. Por isso serão apenas citadas quando necessárias, como ponto de referência.

O problema é duplo: a) obter pagamento pelo uso de obras literárias e artísticas americanas, na União Soviética; b) conseguir exclusividade de direitos (Copyright) para as obras russas nos Estados Unidos.

O Professor Chafee, tratando dêsse assunto, escreveu:

> "Já provocamos bastante confusão. Nas circunstâncias atuais melhor seria concentrarmos nossas energias nos aspéctos pecuniários do "copyright". Depois de alcançarmos resultados em dólares e cents, poderemos então ir até o direito moral".

Problemas fundamentais e uma sugestão

O que deve exatamente ser pago? Para responder a isso discorreremos ligeiramente sôbre a natureza do copyright.

A êsse respeito Donald V. Becket (Inglaterra) e, ainda, Wheaton V. Peters (USA) esclarecem que os direitos em criações intelectuais publicadas só existem quando assegurados em normas legais. "A lei assegura êsse direito como um privilégio".

Se uns afirmam que o "Copyright Act" é anulável por inconstitucional (Infringindo os artigos 1 e 5), outros entendem que "deveria ser algo mais que uma garantia por obra e graça da legislação". Nos EE.UU. os direitos de autor não são uma decorrência de lei natural. Resultam de um preceito legal.

Uma vez assegurado o Copyright, o direito de autor se equipara a uma propriedade, podendo ser comprada, vendida, expropriada ou protegida, (pela lei dentro do país ou por Convenções no âmbito internacional). Não levare-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p-265-

mos em conta que a obra pertença ao seu autor assim como "o suor que brota da fonte de um indivíduo é dêle". Se assim fôsse a "pirataria legal" de obras americanas na União Soviética, não seria possível. A proteção automática no contexto universal (direito natural) não anula a realidade. Não há proteção internacional sem prévio compromisso.

A verdade é que esta livre apropriação de direitos pela Rússia não viola lei alguma do país, nem convenção internacional firmada pela Rússia, da mesma forma que a publicação de obras russas nos EE.UU. não infringe as leis nacionais. É forçoso reconhecer que o autor tem sôbre suas obras apenas aqueles direitos que a benemerência legislativa lhe atribui, urgindo buscar outras justificativas para pleitear o recebimento de direito até que se conclua uma autêntica convenção sôbre o direito de autor.

Quando o Prof. BERMAN (Harvard Law School) procurava receber direitos na Rússia para as obras de Sir Arthur Conan Doyle, argumentou perante a Corte Suprema da URSS (17-8-59) com a lei soviética de enriquecimento ilícito. O tribunal considerou isso uma tentativa para escapar às claras prescrições da lei de direito autoral.

Nessa altura, segundo o relatório, a importância do debate estava constituida de:

> "Mais de 500 obras americanas (livros científicos, técnicos e profissionais e albumas centenas de obras de diversos gêneros) são traduzidas e tornadas públicas todos os anos na União Soviética, em tiragens de enorme vulto".

Isso representa enorme evasão de direitos autorais. É verdade que os americanos estavam livres para "piratear" livros soviéticos, embora os grandes editores, em defesa de sua idoneidade profissional, se interessem em pagar os direitos ou, pelo menos, os ponham de lado para eventual pagamento.

Essa situação acarreta um risco financeiro, que leva os editores a preferir a garantia do copyright (exclusividade) incrementando, inclusive, a publicação de obras russas nos EE.UU.

Os que desejam a adesão da Rússia a Convenções Internacionais, (UNESCO por exemplo) estão dispostos a fazer concessões em troca de uma satisfatória fixação de reivindicações pecuniárias. Seria o reconhecimento ao direito de obter um pagamento puro e simples. Em resumo: Direitos de autor sem Copyright (domínio exclusivo de autor sôbre sua obra, transferível por cessão).

Os russos não querem pagar pelo que têm hoje gratuitamente. Pior ainda se a balança de pagamentos lhes for desfavorável. A adesão à Convenção Universal (UNESCO) ou à Convenção de Berna implicaria em alteração da lei nacional .

Do ponto de vista político os russos se julgam moralmente impedidos de dar apoio a editores estrangeiros, (integrantes da classe exploradora) que, como proprietários do Copyright, passariam a controlar (ou mesmo impedir) a publicação de suas obras na URSS.

Repetidas tentativas da CISAC, (Confederation Internationale des Sociétés d'Auteurs et Compositeurs) vêm sendo feitas (desde 1926) para atrair a Rússia às convenções internacionais, sem êxito algum.

Cremos que o impasse decorre dos aspéctos morais do direito de autor. É preciso ousar soluções originais para ir ao encontro da natureza do sistema russo de proteção ao direito de autor que, entre outras coisas, lhes assegura: contrôle sôbre o que é publicado, sôbre a conveniência da divulgação, sôbre a tiragem da publicação, sôbre taxas de direito de autor, sôbre a autorização para tradução, sôbre o custo de livro. Enfim contrôle total de tudo que é publicado e lido.

O autor soviético está na lamentável posição de licenciador compulsório de suas obras, e em muitos casos, como caído em domínio público, embora, titulado a receber uma taxa rigidamente prescrita e, por vêzes, arbitrariamente estabelecida.

O melhor que se pode esperar é obter para os estrangeiros o mínimo conferido aos nacionais.

Adlai Stevenson em 1958 em nome da "Authors League of America" pleiteou um acôrdo envolvendo anteriores expropriações e, ainda, o pagamento futuro de taxas para traduções. Argumentos apresentados: enriquecimento injusto; discriminação contra estrangeiros; ausência de recompensa para uso do trabalho; e falta de justa compensação pela expropriação de propriedade.

Em teoria a alegação é perfeita mas sua aceitação pelos Soviéticos implicaria na confissão, — perante a comunidade internacional, — de que haviam feito algo errado, ilícito, contrário a ética e a moral.

Nenhuma autoridade soviética reconhecerá responsabilidade legal, de qualquer tipo (Convênio, acôrdo ou tratado).

O Prof. Berman (1965) tentando contornar as objeções soviéticas propos que os editores americanos pagassem em dólares os direitos devidos a obras russas, enquanto os editores russos pagariam em dólares ou rublos "dentro

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412.p-266.

dos limites da importância total paga anualmente por editores americanos a autores soviéticos". E, ainda, um sistema de publicações simultâneas nos dois países de "certos livros soviéticos a serem selecionados por editores americanos entre manuscritos fornecidos por editores soviéticos", e aos quais se conferiria direitos exclusivos de propriedade (copyright) nos EE.UU.

O Prof. Berman não encontrou de parte das autoridades ou organizações soviéticas um real interêsse pelos problemas de copyright "encarados como um todo", mas aí talvez esteja, em princípio, a solução: Um acôrdo de pagamento que não custe nada aos russos (em têrmos de moeda estrangeira).

Berman sugere que o Congresso legisle no sentido de obrigar os editores americanos a pagar direitos pelo uso de obras russas nos EE.UU., a determinadas entidades, que apurariam que obras de autores ou artistas americanos estariam sendo usadas num ano fiscal, sem remuneração, na União Soviética e procederiam a distribuição dêsse fundo em benefício de tais autores e artistas. Essas representações reteriam uma parte do arrecadado como previsão de pagamento de reivindicações russas, na hipótese de posterior acôrdo. Seria um fundo de administração (sem previsão de prestações de contas) para induzir um futuro acôrdo.

Tal conduta poderia abrir caminho aos editores americanos (empresários, produtores de filmes etc) para a aquisição de direitos exclusivos (copyright), já que êles são a razão de ser dos projetados pagamentos.

O Copyright Act de 1909 prevê três hipóteses para proteção de obra estrangeira nos EE.UU.: 1) O autor estrangeiro é domiciliado nos EE.UU.; 2) O autor é um nacional de, ou tem a primeira publicação em um país da Convenção Universal (UNESCO); 3) O autor é natural de um "proclaimed country", isto é, de um país designado em acôrdo, ou em que se assegure aos autores americanos tratamento igual aos nacionais. Essas hipóteses não alcançam os nacionais da Rússia.

Um estudo, feito em 1959, para projetada revisão da Lei do copyright sugeria 3 hipóteses: 1) o sistema atual; 2) proteção automática, sem cogitar de nacionalidade; 3) proteção automática, salvo proclamação, a respeito, do Presidente da República.

Herman Finkelstein, ilustre Conselheiro Jurídico da ASCAP faz relevantes comentários a respeito, que merecem ser aqui transcritos:

"É minha opinião pessoal que todos os autores, sem discriminação de nacionalidade, poderiam ter suas obras protegidas nos EE.UU., embora lhes seja vedado receber quaisquer proventos dessas obras sempre que os autores americanos não possam receber proventos semelhantes nos países de que êsses autores são naturais.

Em outras palavras, é preciso fazer uma distinção entre o reconhecimento dos direitos de propriedade de um autor e as condições sob as quais lhe seria permitido dispor dos frutos de seu trabalho em determinado tempo.

Esperamos que muitos dos países que não têm relações de copyright com os Estados Unidos adiram algum dia à Convenção Universal do Direito de Autor, ou alterem suas leis de modo a proteger obras americanas. Assim estariam seus autores capacitados a receber direitos de obras que fôssem prèviamente publicadas o que seria preferível a terem de se conformar com que essas obras fiquem, permanentemente, em domínio público".

Na sugestão de Mr. Finkelstein caberia perfeitamente a teoria do fundo de administração, acima sugerido. A proclamação presidencial conferiria proteção de copyright às obras soviéticas nos Estados Unidos, assegurando o monopólio legal desejado pelos editores, e o pagamento decorrente alimentaria o fundo para compensação dos autores soviéticos (caso concluido o acôrdo), ou para compensação parcial de autores americanos com obras utilizadas na União Soviética (enquanto as autoridades russas recusarem estabelecer reciprocidade). Êste completo sistema podia funcionar como um acôrdo de pagamento sem necessitar da concordância dos Soviéticos e, ainda, sem nenhum dos inconvenientes que criaria uma Convenção baseada nos tradicionais princípios do copyright. Mas essa solução enfrenta suas dificuldades.

Um relatório (1961) do Registro de Copyright adotava a 3.ª alternativa acima citada, propondo proteção universal condicionada a limitação presidencial. Mas houve um consenso generalizado contra essa proteção automática, e nem se julgou conveniente dar podêres ao presidente para negar proteção às obras de determinados países. O velho sistema foi mantido.

Como encarariam os russos essa espécie de arranjo em que os americanos receberiam, na Rússia, de acôrdo com as tabelas legais ali existentes, e os soviéticos pagamentos fixos de acôrdo com as tabelas usuais nos EE.UU., sem transferência de divisas e sem que os pagamentos feitos pela Rússia pudessem ultrapassar os pagamentos feitos pelos EE.UU.?

Conversações com autoridades soviéticas mostram que um intercâmbio baseado exclusivamente em compensação, assegurando equilíbrio na balança de pagamentos, atenderia jùstamente às preferências básicas dos Soviets.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412.p.267

Acôrdo e Cooperação com a União Soviética

Do ponto de vista econômico a reciprocidade é a pedra angular dos soviéticos. Nela se baseia o intercâmbio de estudantes e professôres, a permuta de orquestras sinfônicas e grupos teatrais.

Negociando com a Rússia devemos estar preparados para oferecer alguma coisa de valor igual ao que é solicitado. Foi êsse o caminho seguido para a permuta de filmes sôbre medicina. (Equivalência das películas, com uma das partes indicando os títulos dos trabalhos a remeter e a outra aprovando, no todo ou em parte ,os filmes relacionados). É por analogia, o utilizado na solução de problemas ligados à pesca e à caça de peles de foca, em limites superiores as tradicionais três milhas, da costa envolvendo, principalmente interêsses da Rússia, Estados Unidos, Canadá e Japão.

A necessidade de proteção (ou conservação) da espécie animal argumentada pelos americanos, embora francamente reconhecida, na prática foi absolutamente irrelevante.

A lei internacional se mostrou incapaz de aplicar sanções para defesa de interêsses prejudicados.

Nessa situação a cooperação e os acôrdos constituem a única solução objetiva. Em 1911 as quatro nações firmaram um convênio, substituído em 1957 por um nôvo acôrdo, que até hoje regula a atividade de barcos pesqueiros dêsses países nas regiões vizinhas do Polo Norte.

Isso prova que negociações, à base de reciprocidade, são sempre bem aceitas pelos soviéticos.

Retaliações Isoladas e Apuração de Importâncias Globais

A grosso modo, a idéia é assegurar proteção, em forma limitada, aos nacionais da Rússia (obras publicadas pela primeira vez em seu país), com o direito de receber compensação pelo uso dessas obras nos Estados Unidos.

As agências ou organizações, designadas para percepção de tais direitos, fixariam as importâncias devidas, como procuradores dos reivindicantes soviéticos. Ao mesmo tempo uma equivalente agência russa coletaria taxas fixas dos usuários soviéticos de obras americanas, para eventual distribuição a reivindicantes americanos. Para permanecer dentro dos limites de intercâmbio comercial assegurar-se-ia, aos soviéticos, restringir seu pagamento à soma anual coletada nos EE.UU., para os nacionais russos, tornando desnecessário qualquer remessa de divisas. A agência arrecadadora americana ratearia a receita, de cada ano fiscal, à base das reivindicações locais. A agência soviética faria o mesmo na Rússia. Êsse arranjo poderia funcionar, desde logo antes de ser obtida a concordância da Rússia.

Qualquer solução de assunto dessa natureza, tentada em têrmos de legislação internacional, sob alegação de êrro ou infração de dispositivo legal, não terá êxito com a Rússia. Só dispositivos fixados em cláusulas contratuais poderão constituir uma obrigação para as duas partes. Nem tem cabimento a aplicação do conceito clássico da retaliação, buscando satisfazer reivindicações pecuniárias através de decisões em causa própria, com o confisco (por iniciativa do Estado ou de entidade privada) de bens do Estado ofensor na importância dos prejuízos alegados e razoáveis custas.

O Estado, adotando uma política retaliatória, precisará de qualquer forma demonstrar que tal ação é uma resposta a anteriores violações da legislação internacional. Êsse sistema em que cada nação adjudica as reivindicações de seus nacionais, na forma de suas próprias leis e uso, seria de particular agrado dos Soviéticos.

A União Soviética é tradicionalmente hostil à sentenças de tribunais de fora do país, afetando seus interêsses. As negociações se impõem, inclusive para assegurar a continuidade dos pagamentos. É possível que algum reclamante venha a ser individualmente, sacrificado, mas a maioria dêles obterá lucro. Um rateio de pagamento, na proporção do balanço do total de reclamações, é evidentemente, melhor do que nada.

Êsse espírito presidiu a solução de vários dissídios semelhantes, desde a II Grande Guerra. (War Claims Act de 1948; Internacional Claims Act de 1949; Acôrdo Polônia — EE.UU. de 1960; Acôrdo Lombardo entre Itália e EE.UU.; Acôrdo Litivinov de 1933 decorrente do reconhecimento do Soviet pelos EE.UU.; Acôrdo com os países balcânicos, Bulgária, Hungria, Romênia, etc.).

Tais acôrdos e tratados visavam acautelar interêsses pecuniários decorrentes do confisco de propriedades de súditos dos EE.UU. em países estrangeiros. O acôrdo LITIVINOV permitiu completar em 1959 um programa de pagamento contemplando com 9 por cento tôdas as reivindicações apresentadas (De 4.130 reclamações originais totalizando 530 milhões de dólares, só 1925 foram consideradas procedentes num valor de 129,10 milhões de principal e juros).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412.p-268.

Em todos os casos foi criado um fundo constituído por voluntária transferência dos govêrnos estrangeiros como parte de convênio negociado.

Tal procedimento não é isento de problemas. Os Soviéticos tendem a considerar as obras intelectuais em geral como pertencentes ao público. Dado que o autor russo não pode se opor à compulsória aquisição pelo Estado, a reivindicação fica limitada a um pagamento que um tal acôrdo pode satisfazer perfeitamente.

Alguns problemas constitucionais

A lei internacional não impede que os norte-americanos usem livremente as obras russas para qualquer fim. Há, apenas, algumas dificuldades a enfrentar na legislação do país.

Os conceitos de propriedades e de interêsses patrimoniais são alí, geralmente, mais amplos de que os reconhecidos nos padrões internacionais. A lei americana reconhece um direito mínimo para pagamento a autores estrangeiros (Soviéticos, no caso). Os Estados Unidos, podem confiscar a renda supostamente devida a nacionais de outros países e usá-las para compensar cidadãos americanos? Desde que os direitos de propriedade são estabelecidos por decreto, qualquer confisco sem justa compensação parece violar a Constituição (art. 5.º).

Enquanto a União Soviética for uma nação "amiga" e até que seus cidadãos se tornem "inimigos" nacionais, não é possível, de acôrdo com a Constituição, reconhecer o direito dos russos à propriedade e, simultâneamente, confiscar êsse direito sem pagamento apenas porque propriedades de súditos americanos (se existem de qualquer modo) são similarmente confiscadas pelo Govêrno Soviético.

Até agora os editores americanos têm tido a liberdade de se apropriar de obras soviéticas e vendê-las ao público. O que propomos é a criação de um intermediário, uma espécie de câmara de compensação. O mesmo proveito é simplesmente destinado a um outro fim e uma parte dêle usado para compensar autores americanos.

Encarado neste contexto um sistema autônomo é ao mesmo tempo exeqüível e constitucional, sempre que os autores e editores americanos o aceitarem como um simples expediente, pondo de lado denúncias de fraude internacional ou ameaças de fazer com os Soviets o que êles têm feito conosco.

Acôrdo bilateral é ainda o melhor meio diplomático de negociar. Um acôrdo de pagamento funcionaria, inicialmente, como um acôrdo de reivindicações.

Não há nenhuma barreira real, na lei americana, para o acôrdo bilateral de pagamentos aqui proposto.

Arrecadação e Distribuição de Direitos

O Copyright confere ao autor de obra intelectual um monopólio efetivo que pode ser cedido, no todo ou em parte, por um preço fixado em negociações comerciais de rotina. Editôres americanos e outros usuários de material sob copyright (produtores de filmes etc) estão interessados em pagar para obter essa exclusividade, que afirmam redundará em divulgação maior para as obras russas, em comparação com o atual sistema competitivo.

Mas ninguém na Rússia está querendo, atualmente, pagar rublos, dólares ou seja o que fôr, por uma exclusividade que no socialismo soviético é automática. O que se procura é uma técnica doméstica que concilie os interêsses e a exclusividade de ambas as partes.

Se os soviéticos concordarem, pagarão na forma das tarifas em uso na Rússia, (em vez de fixadas ou individualmente negociadas). Organizações responsáveis pela cobrança junto de usuários americanos de obras russas, negociarão os direitos entre autores e editôres.

A organização americana, (autorizada a negociar com a URSS), disporia de uma câmara de compensação, e teria podêres para licenciar nos EE.UU., as obras soviéticas exercendo sôbre elas um monopólio real. Seria uma única fonte a conceder licença para utilização de obras dêsse país. Os direitos cobrados por essa agência serviriam para compensar autores americanos. Para isso se obteria uma relação das obras americanas publicadas ou de qualquer forma utilizadas pùblicamente na União Soviética, preferìvelmente com a cooperação as organizações editoriais da Rússia ou outras entidades responsáveis. A seguir, usando a tabela de preços soviética, a comissão calcularia os direitos devidos a cada autor americano levando em conta o total dos recebimentos efetuados no mesmo período básico. O exemplo da American Society of Composers, Authors and Publishers (ASCAP) é útil neste ponto. A distribuição de direitos entre seus sócios é um trabalho complexo baseado no número, natureza, gênero, prestígio das composições de cada associado, extensão no tempo em que a obra se encontra no repertório da ASCAP, e sua popularidade comercial de acôrdo com pesquisa de execuções.

Operando estritamente por autorização governamental e através agências do govêrno o

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 269

sistema não encontraria dificuldades diante da lei anti-truste. Em resumo estamos sugerindo um organismo estatal realizando serviço de utilidade pública, embora seja sempre preferível a iniciativa privada, quando praticável.

Conclusão

Destacamos a necesidade de negociações diplomáticas (com espírito de compromisso), e de um esfôrço permanente para desenvolver as várias alternativas de solução do problema. Em têrmos de possibilidade de acôrdo com os soviéticos, a posição negociadora dos Estados Unidos não pode ser baseada em argumentos legais ou direitos morais. Mas o problema pode ser resolvido na base de um fundamento econômico.

Se houver uma possibilidade de que os pagamentos à União Soviética possam suplantar os pagamentos da Rússia aos EE.UU., os soviéticos, òbviamente, ficariam ansiosos em firmar êsse acôrdo.

Mesmo sem uma perspectiva de lucro imediato, os soviéticos nada teriam a perder. Qualquer proposta de troca que oferece uma possibilidade de lucro, — ainda que remota, — sem risco de prejuízo, é atraente. Os soviéticos conservariam seu direito de contrôle sôbre as publicações em seu país. Estariam livres de publicar o que quizessem, quando e como lhes aprouvesse. Evidentemente não teriam êles possibilidades de exercer qualquer contrôle sôbre a publicação de obras russas nos EE.UU., mas atualmente também não podem fazer isso.

Por outro lado os soviéticos tirariam um proveito político abrindo mão espontâneamente da prática de conceder autorizações gratuitas para publicação de obras de autores americanos como um gesto de coexistência pacífica.

Um razoável método para compensação dos autores americanos sem ser custeado pelos EE.UU, só pode merecer aplausos, especialmente quando êsse sistema estabelece os diritos de exclusividade, que os editores americanos desejam adquirir em limites competitivos. É possível ainda prever um acôrdo posterior mais amplo com os Soviéticos, desde que a porta seja aberta.

Em análise final, a solução destas questões através agentes diplomáticos do Govêrno, deve partir dos que nelas estão diretamente interessados. É de esperar que estas propostas possam afinal oferecer algo concreto para que, uns e outros, ponham mãos à obra.

PEDIDO AOS SÓCIOS

No intuito de atualizarmos não só os nossos fichários e arquivos mas também para justo aproveitamento nas páginas da nossa **REVISTA de TEATRO**

ROGAMOS

a todos os nossos consócios que nos enviem com a possível brevidade:

— os elementos necessários para uma pequena biografia das suas atividades, no máximo em duas páginas datilogafadas, contendo tôdas as datas essenciais da sua carreira, nome e número de obras, publicações editadas, prêmios obtidos, e tudo o mais que permita a rápida identificação de cada autor, através da sua vida profissional.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412,p-270.

Comissão Estadual de Teatro

EDITAL

A Secretaria de Estado de Educação e Cultura, torna público que a partir da publicação dêste Edital estará recebendo eu sua sede, Avenida Erasmo Braga, 118 — Sobreloja, nesta Capital, das 11 às 1 horas, de 2.ª a 6.ª feira, os requerimentos das emprêsas profissionais de teatro-declamado, para concorrerem ao auxílio, em dinheiro, estipulado pela Comissão Estadual de Teatro, referente à montagem de peças, por estrear, no exercício de 1970, mediante as seguintes condiçoes:

1 — Requerimento contendo a qualificação do responsável, nome e enderêço da emprêsa;

2 — Certidão de registro da Emprêsa na Junta Comercial ou prova de personalidade jurídica civil fornecida pelo cartório;

3 — Atestado da SBAT declarando que o requerente está autorizado a representar a peça proposta;

4 — Indicação do teatro onde será representado o espetáculo;

5 — Declaração de subvenções oficiais porventura recebidas para a referida montagem;

6 — Texto da peça em 8 vias;

7 — Orçamento da produção, conforme modêlo fornecido pela C.E.T. *que deverá ser posteriormente comprovado com documentação legalmente hábil;*

8 — Declaração sôbre a atividade da emprêsa nos últimos anos, desde quando existente, especificando minuciosamente as encenações;

9 — Só serão aceitas inscrições de peças representadas em português;

10 — As emprêsas responsáveis pelos espetáculos auxiliados ficam obrigadas a conceder, exceto aos sábados, redução de 50% aos estudantes, bem como aos filiados a entidades de classe, quando adquirirem ingressos em número igual ou superior a 10 e outra qualquer modalidade de contra-prestação de serviços, a critério da C.E.T.

11 — Tendo em vista o volume do auxílio e o objetivo de popularizar o teatro, as Emprêsas responsáveis pelos espetáculos auxiliados deverão apresentar relação minuciosa dos preços a serem cobrados, que poderão ser alterados pela C.E.T.;

12 — Compromisso da emprêsa de apresentar um determinado número de espetáculos, prèviamente estabelecido pela C.E.T., nunca inferior a 40;

13 — Os programas e anúncios dos espetáculos deverão conter a indicação: Patrocinio do Govêrno do Estado da Guanabara — Secretaria de Educação e Cultura — Departamento de Cultura — Comissão Estadual de Teatro;

14 — A seleção de espetáculos a serem auxiliados será feita pela C.E.T., levando-se em conta para atribuição de maior ou menor quantia os seguintes critérios:

a) nacionalidade brasileira do autor;

b) qualidade do espetáculo (idoneidade do empresário, qualidade artística do texto, direção, elenco, cenografia, etc.);

c) atividade da companhia nos anos anteriores;

d) custo da montagem;

15 — Serão aceitas, também, inscrições de peças musicadas, a critério da C.E.T., excluindo-se Ópera e Ballet;

16 — Os pedidos de auxílio denegados, por diferença de 1 voto, poderão ser reexaminados pela C.E.T. se, a pedido do interessado, o Conselho Estadual de Cultura, em grau de recurso, emitir parecer favorável;

17 — A simples inscrição baseada neste Edital não cria para o inscrito direito a auxílio;

18 — No ato da inscrição deverão ser apresentadas certidões expedidas pelos distribuidores da Justiça Civil, Criminal, Trabalhista, relativamente aos processos já liquidados e aos pendentes, na respectiva esfera de competência; prova de quitação com o Impôsto de Renda e INPS, alvará de localização e prova de quitação com a Justiça Eleitoral; reservada à Comissão Estadual de Teatro a faculdade de solicitar elementos subsidiários à formação de seu juízo, quanto às condições abonadoras do candidato;

19 — O auxílio financeiro será dado de acôrdo com as possibilidades da dotação destinada à C.E.T., para o fim especificado e segundo juízo formado pela C.E.T. sôbre cada caso;

20 — O auxílio financeiro só será dado quando a Emprêsa comprovar sua quitação com todos os seus contratados, artistas e técnicos;

21 — Os auxílios serão distribuídos em dois períodos:

a) para as peças a serem estreadas de maio a agôsto, as inscrições serão recebidas até o dia 15 de maio de 1970;

b) para as peças a serem estreadas de setembro a dezembro, as inscrições serão recebidas durante os meses de julho e agôsto de 1970;

22 — Os casos omissos serão resolvidos pela C.E.T.

(Diário Oficial, da GB, de 3-4-1970)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 271

Normas Legais em Vigor definindo Direitos Autorais

Atendendo à necessidade de oferecer a todos os interessados na matéria do direito autoral as mais amplas informações sôbre a copiosa legislação brasileira, o Departamento Jurídico do **SERVIÇO DE DEFESA DO DIREITO AUTORAL,** procedeu a um levantamento relativo às normas legais em vigor, da definição, proteção e fiscalização dos Direitos Autorais e Conexos, notadamente na parte que diz respeito à execução e representação públicas de obras literárias e artísticas, por qualquer meio, abrangendo o trabalho todos os dispositivos legais do Direito Interno, bem como os do Direito Internacional.

Está dividido em 6 capítulos:

Cap. I — Dispositivo pertinente da Constituição Brasileira;

Cap. II — Convenções Internacionais sôbre Direitos Autorais e Conexos e respectivos países delas signatários;

Cap. III — Leis Ordinárias — Códigos — com a indicação dos arts. de interêsse do Direito Autoral e Conexos;

Cap. IV — Decretos Regulamentadores relativos à execução e representação públicas de obras literárias e artísticas;

Cap. V — Lei e Regulamento de Proteção a Artistas, Produtores de Fonogramas e Organismos de Radiodifusão — (Direitos Conexos aos Direitos de Autor), e

Cap. VI — Atos normativos do Dept°. de Polícia Federal sôbre a matéria.

Lembramos que as obras da criação originárias dos países signatários das Convenções Internacionais mencionados no trabalho anexo, de ofício ou a requerimento da parte interessada, devem ser obrigatòriamente definidas pelas autoridades brasileiras, da mesma maneira como são amparadas naqueles países estrangeiros as oriundas do Brasil.

Relativamente aos repertórios de obras estrangeiras que representa no Brasil, o S.D.D.A. deve exigir das autoridades as sanções aplicáveis, tôda vez que se praticar ou tentar praticar lesões contra a propriedade artística originária daquelas nações convencionais, quando a autoridade, de ofício não coibir a fraude.

O S.D.D.A. tem a obrigação precípua de proteger essas obras alienígenas em virtude de disposição expressa dos contratos de representação que suas coligadas nacionais mantêm com as sociedades congêneres estrangeiras com sede nos países que participam das aludidas Convenções Internacionais multilaterais.

Ressaltamos ainda que alguns violadores dos direitos autorais de obras norte-americanas alegam que podem consumar o esbulho consistente na utilização não licenciada — por não serem os Estados Unidos da América signatários de qualquer Convenção Internacional sôbre Direito de Autor. Tal alegação é absolutamente improcedente, pois os Estados Unidos da América são convencionais da antiga CONVENÇÃO DE BUENOS AIRES (do ano de 1910), devendo, portanto, a proteção às obras lítero-musicais de origem brasileira e norte-americana ser concedida num e noutro país.

CLÁUDIO AMARAL
Adv°. — Assessor do Conselho Diretor

DEFINIÇÃO, PROTEÇÃO E FISCALIZAÇÃO DOS DIREITOS AUTORAIS E CONEXOS

Execução pública de obras lítero-musicais

LEGISLAÇÃO FEDERAL EM VIGOR
(abril de 1970)

— I —

CONSTITUIÇÃO BRASILEIRAA (Ementa Constitucional n.° 1, de 1969)

"Aos autores de obras literárias, artísticas, e científicas, pertence o direito de utilizá-las. Êsse direito é transmissível por herança, pelo tempo que a lei fixar". (art. 153 § 25).

— II —

CONVENÇÃO DE BUENOS AIRES Sôbre Direito de Autor-firmada em 11 de agôsto de 1910. Promulgada pelo Decreto n.° 11.588, de 19-5-15.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412, p-272.

Países que ratificaram a Convenção:

Argentina, Bolívia, Brasil, Colombia, Costa Rica, Chile, Equador, Estados Unidos da América, Guatemala, Haiti, Honduras, Nicaragua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai.

Obs.: — A Convenção de Buenos Aires vigora entre o Brasil e os Estados Unidos da América, neste último país de acôrdo com a Proclamação n.º 3.175, firmada pelo Presidente Dwight D. Eisenhower e no Brasil pela nota datada de 1.º de abril de 1957, firmada pelo Govêrno Brasileiro e dirigida ao Secretário de Estado Americano.

CONVENÇÃO DE BERNA (ou União Internacional Para Proteção das Obras Literárias e Artísticas) — assinada a 9 de setembro de 1886, completada em Paris a 4 de maio de 1896, revista em Berlim a 13 de novembro de 1908, completada em Berna a 20 de março de 1914, revista em Roma a 2 de junho de 1928, revista nas Conferências Diplomáticas concluídas em Bruxelas a 16 de junho de 1948 e em Estocolmo a 14 de julho de 1967.

O Brasil, por carta de 10 de dezembro de 1951, ratificou a Convenção — Revisão de Bruxelas — a qual foi promulgada pelo Decreto n.º 34.954, de 18-1-54.

Países contratantes:

Africa do Sul, Alemanha (Rep. fed.), Alto Volta, Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Brasil, Bulgária, Camarões, Canadá, Ceilão, Chipre, Congo (Brazzaville), Congo (Kinshasa), Costa do Marfim, Dahoney, Dinamarca, Espanha, Filipinas, Finlândia, França (Províncias e territórios de Além Mar), Gabão, Grécia, Hungria, Índia, Irlanda, Islândia, Israel, Itália, Japão, Líbano, Liechtenstein, Luxemburgo, Madagascar, Mali, Malta, Marrocos, México, Mônaco, Nigéria, Noruega, Nova Zelândia, Paquistão, Países Baixos, Polônia, Portugal, Reino Unido Romênia, Saint-Siège, Senegal, Suécia, Suiça, .Tchecoslováquia, .Tailândia, .Tunísia, Turquia, Uruguai, Iuguslávia.

CONVENÇÃO DE WASHINGTON (ou Convenção Interamericana Sôbre os Direitos de Autor em Obras Literárias, Científicas e Artísticas) — firmada em Washington, a 22 de junho de 1946. Promulgada pelo Decreto n.º 26.675, de 18-5-49.

Países contratantes:

Argentina, Bolívia, Brasil, Costa Rica, Cuba, Chile, Equador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicaragua, Paraguai, Rep. Dominicana.

CONVENÇÃO UNIVERSAL SÔBRE O DIREITO DE AUTOR — concluída em Genebra, em 6-9-52, por iniciativa da UNESCO. Promulgada pelo Decreto n.º 48.458, de 4-7-60.

Países contratantes:

Alemanha (Rep. fed.), Andorra, Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Brasil, Camboja, Canadá, Chile, Costa Rica, Cuba, Dinamarca, Equador, Espanha, Est. Unidos da América, Filipinas, Finlândia, França, Gana, Grécia, Guatemala, Haiti, Índia, Irlanda, Islândia, Israel, Itália, Japão, Laos, Líbano, Libéria, Liechtenstein, Luxemburgo, Malavi, Malta, México, Mônaco, Nicaragua, Nigéria, Noruega, Nova Zelândia, Paquistão, Panamá, Paraguai, Países Baixos, Peru, Portugal, Quênia, Reino Unido, Saint-Siège, Suécia, Suiça, Techecoslovàquia, Tunísia, Venezuela, Iuguslávia, Zâmbia.

CONVENÇÃO DE ROMA (ou Convenção Internacional Sôbre a Proteção dos Artistas, Intérpretes ou Executantes, dos Produtores de Fonogramas e dos Organismos de Radiodifusão), firmada em 26-10-61. Promulgada pelo Decreto n.º 57.125, de 19-10-65.

Países contratantes:

Alemanha (Rep. fed.), Brasil, Congo (Brazzaville), Dinamarca, Equador, México, Nigéria, Paraguai, Reino Unido, Suécia, Tchecoslováquia.

— III —

Código Civil — (arts. 3.º; 48, inc. III; 649 a 673 e 1346 a 1358).

Código Penal — Nôvo (Dos Crimes Contra a Propriedade Intelectual). (arts. 202 a 204).

Decreto-lei n.º 1.000, de 21-10-69. Lei de Registros Públicos — (Dispõe sôbre a execução dos serviços concernentes aos registros públicos estabelecidos pelo Código Civil e legislação posterior). Registro da propriedade literária, científica e artística. (arts. 280 a 290).

— IV —

Decreto n.º 4.790, de 2-1-24 (Define os Direitos Autorais e dá outras providências). arts. 2.º, 3.º e 6.º).

Decreto Legislativo n.º 5 492, de 16-7-28 (Lei Getúlio Vargas. Regula a organização das emprêsas de diversões e a locação de serviços teatrais) — parcialmente revogado, segundo art. 133, do Decreto n.º 20.493/46, na parte em que colida com êste. (arts. 26 a 30).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412,p.273

Decreto n.º 18 527 de 10-12-28 (Regulamento Gilberto de Andrade da Lei Getúlio Vargas — Aprova o Regulamento da organização das emprêsas de diversões e da locação de serviços teatrais) — parcialmente revogado, de acôrdo com o art. 133, do Decreto n.º 20.493/46 e na conformidade do disposto no art. 38 do Decreto n.º 1.023/62, nas partes que se contraponham com os dispositivos dêstes dois instrumentos. (arts. 42 a 57).

Decreto n.º 20.493, de 24-1-46 — Aprova o Regulamento do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Departamento Federal de Segurança Pública (atual Departamento de Polícia Federal). Ampliado pelo Decreto n.º ..... 1.023/62. (arts. 79 a 92, 105/6 e 113 a 132).

Decreto n.º 1 023, de 17-5-62 — Altera e revoga dispositivos do Regulamento aprovado pelo Decreto n.º 18.527, de 10-12-28, e dá outras providências — (na parte relativa à exibição cinematográfica, revogado segundo o art. 4.º do Decreto-lei n.º 980/69). (integral).

— V —

Lei n.º 4.944, de 6-4-66 — Dispõe sôbre a proteção a artistas, produtores de fonogramas e organismos de radiodifusão e dá outras providências — Direitos Conexos aos Direitos de Autor. (integral).

Decreto n.º 61.123, de 1-8-67 — Regulamenta a Lei n.º 4.944, de 6-4-66, que dispõe sôbre a proteção a artistas, produtores de fonogramas e organismos de radiodifusão. (integral).

— VI —

Portaria do Deptº. de Polícia Federal n.º 7, de 20-2-68 — Dispõe sôbre fiscalização de direitos autorais e conexos, execução pública de obras lítero-musicais por meio mecânico ou ao vivo. (integral).

Circular n.º 85, de 29-12-69, do Serviço de Censura de Diversões Públicas do D.P.F. (idem, ibidem). (integral).

O Espetáculo na Itália

INTERESSANTE ESTUDO SÔBRE DIVERTIMENTOS PÚBLICOS NA ITALIA NOS ÚLTIMOS ANOS

Em recente estudo divulgado no Boletim da SIAE (Sociedade Italiana de Autores e Editores) colhemos dados interessantes sôbre o interêsse público pelos espetáculos em geral, e que adiante pomos em destaque:

A pesquisa indica um aumento de 6,1% nos gastos do público, com diversões públicas no ano de 1968.

No total dispendido nesse ano, o cinema vem à frente com cêrca de 43%, (umento de 3,9% sôbre o ano 1967). Vem depois a rádio-televisão (taxa anual) com cêrca de 28% (aumento de 7,7% sôbre 1967). Bailes, programas com música, e outros divertimentos populares, representam 16% (aumento de 7,4% sôbre o ano anterior). Por último vem o Teatro (lírico, declamado, musicado, variedades, etc.) com menos de 4% do total (aumento de 3,5% sôbre o ano anterior).

Os pequenos índices de aumento sôbre o exercício de 1967 não correspondem sequer, exatamente, ao crescimento populacional e ao aumento dos preços de alguns tipos de divertimento. Em têrmos de moeda o aumento de 1967 para 1968 foi inferior ao da renda normal (7,3%), indicando assim uma tendência à uma gradual contenção.

O teatro, no seu complexo prosa, lírico, concertos, revistas, operetas, variedades, após uma fase portadora de grandes esperanças no triênio 1963-1965, continuou em decréscimo. No ano de 1968 diminuiu o número de espetáculos (38.778 para 37.861), e também a renda das bilheterias (de 12 para 11,9 milhões de liras).

O teatro elementar evoluiu fracamente (2,4% de aumento na frequência), enquanto o teatro de melhor categoria teve diminuido em 5% o número de ingressos vendidos, e cêrca de 3% a menos no número de representações.

Antes do advento da televisão o cinema absorvia 71% dos gastos totais do povo italiano em diversões. Em 1967, o índice chegou a 44,6% e em 1968 caiu ainda para 43,7%.

Por fim o esporte foi que apresentou em 1968 o melhor índice de aumento proporcional (12%) de aumento sôbre o resultado do ano anterior.

De 23 de setembro a 13 de outubro do ano findo, realizou-se em Veneza, na Sala Apolinea do Teatro Fenice, uma mostra de arte teatral em memória de Eleonora Duse.

Durante três semanas estiveram expostas à curiosidade do público, cêrca de 700 peças, tais como: quadros, desenhos, programas, cartas, cartazes, fotografias, jornais, livros, móveis objetos de uso pessoal, etc.

Diversas bibliotecas e museus de vários países da Europa, e colecionadores particulares, deram seu apoio à iniciativa, tornando possível, assim, o seu êxito.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412.p-274.

27 DE MARÇO, O DIA MUNDIAL DO TEATRO

Eis a Mensagem do Compositor DIMITRI SHOSTAKOVICH

"Por ocasião da IX Jornada Mundial de Teatro, dirijo-me a todos aqueles que, amando a arte, sentem-se responsáveis por seu futuro.

Os gostos e as exigências artísticas dos povos, em nossos dias, afinaram-se e se diversificaram consideràvelmente; assim nós, os criadores, devemos fazer todo o possível para satisfazer a sêde de conhecimentos e as aspirações do homem para com o Belo.

A vocação do artista e o sentido de sua vida consistem em proporcionar alegria aos homens, enriquecê-los espiritualmente, neles despertando os mais elevados sentimentos.

Os princípios humanistas, as altas virtudes, os ideais de paz e de amizade entre os povos devem encontrar sua encarnação nos palcos de nosso planeta e é preciso para isso, que êsses ideais e êsses princípios se tornem uma necessidade interna e o pensamento profundo dos próprios artistas.

O século XX aproximou-se do futuro radioso dos homens e cabe a nós, criadores de tôda a terra, acelerar a marcha do tempo para êsse futuro".

TERMINA O CICLO DE LEITURAS DE PEÇAS INÉDITAS

Encerrou-se no dia 3 de Março o ciclo de leituras de peças inéditas de autores nacionais, promovido pelo Centro Cultural "Sigla Viva", orientado pelos artistas Maria Pompeu e Carlos Aquino e que se vinha desenrolando às têrças-feiras, na Cinemateca do Museu de Arte Moderna. A última foi a peça "Corpo a Corpo", de Oduvaldo Viana Filho, na interpretação do autor. O ciclo teve como objetivo promover o autor nacional, divulgando peças inéditas, sempre com entrada franca e público numeroso.

Foram lidas doze peças: "Aleluia, Aleluia" ou "As Bestas", de Emiliano Queirós, sob a direção de Nélson Xavier; "O Estranho", de Edgard da Rocha Miranda, sob a direção de João Bethencourt; "Beatas do Nôjo", de Nélida Piñon, sob a direção de B. de Paiva; "Jôgo Limpo", de Vicente de Pérsia, sob a direção de Barbara Heloisa; "Inquebrável", de Vanda Fabian, sob a direção de Bárbara Heliodora; "Aquário", de Francisco Pereira da Silva, sob a direção de Roberto de Cleto; "Onde não houver inimigo é preciso criar um", de João Bethencourt, sob a direção do autor; "Odorico", de Dias Gomes, sob a direção de Amir Haddad; "Aquela menina de olhos grandes", de Rubem Rocha Filho, sob a direção de Haroldo Azevêdo; "Quando se respira pelo buraco de uma agulha", de Aldomar Conrado, sob a direção de Carlos Kroeber; "Amantes e Tratantes", de Luís Osvaldo, sob a direção do autor; "Jornal não se faz com bons sentimentos". de Zevi Ghivelder, sob a direção de Ivã de Albuquerque.

Participaram das leituras, além de Maria Pompeu e Carlos Aquino, Tônia Carrero, Paulo Autran, Paulo Padilha, Teresa Raquel, Vanda Lacerda, José Lewgoy, Ida Gomes, Fábio Sabag, Isabela, Rosita Tomás Lopes e muitos outros.

Várias das peças apresentadas no mencionado ciclo de leituras serão encenadas, em conseqüência do êxito e da divulgação que lhes trouxeram as leituras. Assim "Odorico", de Dias Gomes, será produzida por Orlando Miranda, devendo estrear pròximamente em Brasília, com Procópio Ferreira e Iracema de Alencar. Outras peças de encenação cogitada são "O Estranho", de Edgar da Rocha Miranda; "Aleluia, Aleluia", ou "As Bestas", de Emiliano Queirós e um espetáculo único com três peças em um ato: "Inquebrável" de Vanda Fabian, "Onde não houver inimigo é preciso criar um" de João Bethencourt e "Aquário" de Francisco Pereira da Silva.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 275.

FLASHES

O.D.B.

JULIA ANDREWS, a criadora no cinema de "Noviça Rebelde", tendo ido a Paris, após a apresentação espetacular dêsse seu filme (que punha em destaque não só a sua bela voz, como também a sua mocidade e formosura), fêz um passeio, incognita, pelas ruas da grande cidade.

Mal dera meia duzia de passos, um jovem parisiense, que a reconhecera, começou a segui-la, enquanto lhe dirigia um punhado de galanteios. Outra meia dúzia de passos e outro conquistador atrás dela. A certa altura atrás da formosa atriz ia mais de uma dezena de sujeitos que haviam assistido o filme. E cada um dêles querendo tentar a sua sorte...

Julia Andrews, irritadissima, dirigiu-se a um guarda e queixou-se:

— Seu guarda, êstes homens vêm, em fila, atrás de mim...

Que novidade, madame! — respondeu o agente da autoridade. — Eu, se não estivesse de serviço, também entrava nessa fila!

* * *

O TEATRÓLOGO CORRÊA VARELA estava no Teatro Trianon, do Rio de Janeiro, assistindo a mais uma das representações de sua comédia "O Outro André", que naquela noite era dada em homenagem ao almirante Gago Coutinho, quando o empresário Nicolino Viggiani, no intervalo do primeiro ato, tomou-o pelo braço, dizendo:

— Varela, aparece no palco e faz um discurso de saudação ao Almirante e fala também no Sacadura Cabral em teu nome e no nome da emprêsa.

Apanhado de surprêsa, o Varela tentou resistir, mas diante da insistência do Viggiani, condescendeu e, antes do início do terceiro ato, apareceu à frente da cortina... Tomou pose, pigarreou umas duas ou três vêzes e, voz firme, bradou:

— Brasileiros e portugueses, uma salva de palmas para o ilustre almirante Gago Coutinho. — As palmas estrugiram. O homenageado agradeceu. — Agora, todos de pé!

Um estrondo de cadeiras, e todo o público pôs-se de pé.

— Peço-lhes cinco minutos de silêncio e de meditação, em memória do pranteado comandante Sacadura Cabral, intrépido companheiro do ilustre almirante Gago Coutinho na gloriosa travessia do Atlântico Sul!!

E enquanto os presentes pensavam, ou fingiam pensar em Sacadura Cabral, o Varela de relógio na mão, pensava também... mas no modo de se livrar daquela entaladela em que o haviam metido.

Passados os cinco minutos, Varela exclamou, solene:

— Minhas senhoras e meus senhores, a emprêsa e êste modesto teatrólogo agradecem a homenagem postuma. — E abandonou o palco.

Viriato Corrêa, sócio do Viggiani, que estava na friza de Gago Coutinho, afundou na cadeira.

* * *

MICHÉLE MORGAN foi repousar uns dias, em rigoroso incógnito, num pequeno hotel da costa normanda. No livro de registro inscreveu o seu verdadeiro nome: Simone Roussel.

Ao ler o nome, o hoteleiro comentou:

— Sabe, madame, que eu estava quase tomando a senhora pela artista Michéle Morgan? Contudo noto que a senhora é bem mais jovem, bem mais distinta e mais bonita do que ela...

A ilustre artista francêsa, com o melhor dos seus sorrisos, agradeceu a "gentileza" do hoteleiro.

* * *

NUM DOS SAINETES que a Companhia Nino Nelo vinha apresentando no Teatro Colombo, de São Paulo, certa noite, na cena em que uma das personagens indaga: A Maria de Lourdes? Com quem está a Maria de Lourdes? — da platéia, um senhor de longas barbas, respondeu:

— Está com o Prestes Maia!

Prestes Maia, ao tempo prefeito de São Paulo, casara-se meses antes com a ex-atriz Maria de Lourdes Cabral.

DE ENGEL:

"Um individuo faz-se ator, como pega numa espingarda, comumente por imprudência ou por necessidade, raras vêzes por inclinação e por vocação verdadeira".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412,p-276-

UM NÔVO E VIBRANTE TEATRO BRASILEIRO

GERALDO EDSON DE ANDRADE

Jovens de menos de trinta anos deram a arrancada inicial com a música popular, tirando-a de um longo período de acomodação, com o advento da bossa-nova (1960). Também jovem é o movimento conhecido como cinema nôvo, internacionalmente aplaudido como uma das mais autênticas manifestações de cultura brasileira. Agora estamos diante de um nôvo teatro, igualmente jovem e arrojado como já o são a música e o cinema.

É curioso êsse encandeamento de movimentos tendo como tônica a pouca idade de seus componentes. O Brasil é um país jovem e jovem é a maioria de seus habitantes. Portanto, não é surpreendente ser essa atual mocidade tumultuada e esteja à frente dessa renovação que vem com o ímpeto próprio da idade. Mesmo o nacionalismo exarcerbado de alguns é perfeitamente válido diante do campo fértil encontrado, onde as manifestações da chamada velha guarda oscilam entre um ativismo titubeante e as influências alienígenas mal assimiladas, mòrmente norte-americanas.

Elas são bastante reconhecíveis também na maioria dos novos: dos Beatles (nos compositores, a partir de Caetano Veloso), Goddard, Resnais, Antonioni (nos cineastas), Albee, Arrabal (nos teatrólogos). E nem todos são bons só porque são jovens; isto seria inclusive um desrespeito a todos que lutaram numa época inglória para o desenvolvimento das artes no país.

Leve-se em conta principalmente o mundo de hoje, de uma hora para outra transformado numa grande e vasta província desde o advento da eletrônica. A descida do homem na lua presenciada através da televisão simultâneamente por quase todos os povos do mundo, rompeu de uma vez por tôdas as barreiras separativistas. Hoje, fala-se uma linguagem internacional. *O hot dog e o ice cream* vendidos no Rio têm os mesmos significados em qualquer outra parte do mundo, pois inútil é deixar de reconhecer as influências recebidas diàriamente por todos nós pelos mais diversos meios de divulgação. Marcuse e Mac Luhan estão aí mesmo para interpretar o pensamento filosófico de nossa tumultuada e ao mesmo tempo surpreendente era.

A NOVA LINGUAGEM DO TEATRO

O nôvo teatro brasileiro têm tido uma evolução menos rápida do que a música popular e o cinema e isto se explica pelo fato de já ter conhecido um período de renovação promissor quando do aparecimento do grupo "Os Comediantes" (1943) e a revelação de Nélson Rodrigues com a peça *Vestido de Noiva* (1943), trazendo para o palco pela primeira vez aquilo que o autor considerava "a vida como ela é", ou seja, a dissecação da alma humana. Se a princípio êsse teatro chocou — muitas de suas peças foram vaiadas pelo público e interditadas pela Censura — hoje não despertam a mesma reação. Os tempos mudaram e o sexo — a obsessão maior do autor — transformou-se em assunto quase banal, fàrtamente propagado pela imprensa, pelo cinema e pelo próprio teatro (hoje o nudismo de *Hair e Oh Calcuttá!* estão nas primeiras páginas dos jornais). E nem as pálidas donzelas ficam ruborizadas com as teorias do Dr. Freud.

Nelson Rodrigues ainda é um autor importante. Antes dêle, ninguém ousara trazer para o palco nacional uma linguagem tão crua e ao mesmo tempo tão rica de calor humano e que refletisse o saboroso linguajar e os tipos da classe média carioca. Lamenta-se o sensacionalismo gratuito do N. R. de hoje, sem aquela grandeza trágica de *Senhora dos Afogados e Anjo Negro*. De sua fase mais recente, destaca-se *Boca de Ouro*, em que à maneira do filme de Akira Kurosawa *Rashmoon*, narra três diferentes versões da morte de um banqueiro de jôgo de bicho.

Plínio Marcos (autor revelado em 1965) é produto da época atual. E o seu teatro a reflete porque antes de mais nada P. M. escreve sôbre uma experiência vivida: foi inclusive marginal antes de ver representada profissionalmente sua primeira peça *Dois Perdidos Numa Noi-*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 277

le Suja, êxito de público e crítica em todo o país. Pertence a êle a frase "faço teatro para incomodar os acomodados". De fato, *Dois Perdidos...* extremeceu o "teatro bem comportado" da maioria dos autôres brasileiros. Em cena, apenas dois personagens — mas como se degladiam, como se xingam! São párias da cidade grande, lutam por coisas para nós simples, como um par de sapatos, ambição maior porque pode introduzi-los numa nova classe social. O impacto causado por essa peça seria posteriormente ratificado pelo autor em outras obras: *Quando as Máquinas Param* — a greve e sua influência na vida de um casal de operários; *Homens de Papel* — os anônimos catadores de papel de rua, sua exploração, seu dia-a-dia, e principalmente, em *Navalha na Carne* — a prostituta, o gigolô e o pederasta num jôgo da verdade terrível num mundo sem perspectivas. As personagens de Plínio Marcos são sêres esquálidos, dêsses que a gente teima em não querer ver à nossa frente e só sabemos que realmente vivem porque o autor deulhes vida e êles, com raiva, ganham o palco com seus dramas e frustrações. De Plínio Marcos a José Vicente (a revelação de 1969, um jovem de 25 anos de idade, ex-seminarista, autor de *O Assalto*, drama da solidão de um bancário sem ter comunicação com o mundo em que vive), a caminhada foi lenta porém profíqua. Antônio Bivar, também com 25 anos, é quase um veterano. Iniciou-se com uma brincadeira, *Gildinha Saraiva, Pára de Fumar, Siga o Exemplo de Simone de Bouvoir e Vá Trabalhar*, que êle hoje prefere esquecer. Bivar é um autor com todos os defeitos e qualidades de um jovem enfurecido. Êle próprio reconhece sua principal influência — Becket e *Esperando Godot*, também êle trazendo uma enorme carga emocional, rara num autor estreante. *O Começo é Sempre Difícil, Cordélia Brasil, Vamos Tentar Outra Vez* tem uma anti-heroina: Cordélia se prostitui para ajudar o marido que prefere ficar em casa fazendo bolinhas de sabão. O autor é cruel mas ao mesmo tempo lírico. Os títulos quilométricos de suas obras escondem a sua enorme timidez. Numa entrevista concedida ao JORNAL DE LETRAS, êle afirmou ter mêdo da realidade, por isso tende para a fantasia, para o absurdo, à semelhança de certos autôres como Arrabal, Ionesco, Genet. Seu ultimo texto apresentado no Rio, *Abre a Janela e Deixa Entrar o Ar Puro e o Sol da Manhã* mostra duas mulheres encarceradas numa ilha fora do mundo que passam o tempo fabricando enormes girassóis de papel. Bivar é um autor em franca ascensão. Atualmente, a crítica paulista acolhe muito bem sua última obra: *O Cão Siamês de Alzira P.T.L.* À primeira vista, parece que o nôvo teatro brasileiro tende exclusivamente para o drama , o que não é verdade. A tão famosa verve carioca está presente sobretudo num autor cujo trabalho vem sendo lento e que finalmente em 1969 parece ter chegado ao climax: João Bethencourt. A peça: *Frank Sinatra 4.815*, uma comédia dotada de uma excepcional carpintaria. Seu humor é irresistível e isso está provado no sucesso da peça há sete meses em cartaz no Teatro Copacabana. J. B. brinca (e goza) uma família da classe média, residente num bairro quase cidade, como é Copacabana, às voltas com um bilhete de loteria às vésperas do Grande Prêmio Brasil. João Bethencourt sai do humor negro do *Jôgo de Criança* e entra na gozação tudo dentro da melhor tradição carioca. Outras comédias do autor: *Mister Sexo; Como Matar um Play-Boy* (recentemente montada na Inglaterra) e *As Provas do Amor*.

Tem pois o Brasil atualmente uma linguagem nova em matéria de teatro. Os dramas sociais da década de 60, em que seus autôres pareciam mais imbuidos num planfetarismo político do que pròpriamente em teatro, deu lugar a uma nova safra de autôres mais coerentes, dando mais destaque ao homem do que ao sistema em que êle vive. Enfim, uma universalização do drama, do conflito pessoal de cada um, o teatro refletindo a experiência íntima. O teatro brasileiro sempre foi carente de dramaturgos; a maioria dos nossos escritores não deu ao teatro a mesma importância que deu a outros gêneros literários, como a poesia e o romance. A mocidade de hoje é diferente, compreende a importância do palco para o seu grito, sua palavra. Leilah Assunção, um manequim paulista, escreve uma peça *Fale Baixo Senão eu Grito* sôbre a solidão de uma môça feia: Isabel Câmara prefere os conflitos de duas mulheres em *As Môças;* Altimar Pimentel pesquisa o folclore nordestino dando-lhe novas dimensões em *A Construção*. Algo de nôvo pois está acontecendo em cena. E de muita importância, não fôsse o teatro uma arte hoje viva, não fôsse a mocidade hoje tão carente de valôres humanos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.278.

Brício de Abreu, Jornalista e Teatrólogo

Modesto de ABREU

O noticiário dos Jornais, de rádio e da televisão cometeu alguns equívocos e incorreu em omissões perfeitamente explicáveis, ao divulgar certos dados da biografia de Brício de Abreu.

Disseram, por exemplo, que êle foi um dos fundadores da SBAT. Na realidade, Brício ingressou no quadro da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais em dezembro de 1919, ao passo que a fundação da mesma se deu a 27 de setembro de 1917. Aliás, tendo nascido a 25 de agôsto de 1903, conforme dados por êle mesmo fornecidos, teria sido preciso que já fôsse autor teatral aos 14 anos para que pudesse figurar entre os fundadores Sbatianos, ao lado de Chiquinha Gonzaga, Oscar Guanabarino, Viriato Corrêa, Gastão Tojeiro, Oduvaldo Vianna, Luiz Peixoto e os demais escritores e maestros que, naquele memorável dia de São Cosme e São Damião, no salão da ABI, ali na esquina da rua da Assembléia com a Avenida, em número de 22 fundadores, assinaram a ata histórica que se constituiu na certidão de nascimento da hoje vitoriosa instituição defensora do direito autoral.

Minha amizade com Brício de Abreu, que não era meu parente conforme poderia parecer, data do meu ingresso na SBAT, em maio de 1920, seis meses portanto após a entrada dêle como sócio efetivo. Foi uma estima fraterna e leal, que nenhuma nuvem empanou, numa seqüência ininterrupta de quase meio século. Naquele tempo, Brício passava por ser um pouco mais velho do que eu. Muito mais tarde, viemos a verificar o contrário. De qualquer forma, o certo é que éramos então a bem dizer dois meninos, dois adolescentes com fumaças de adultos, êle sempre radiosamente extrovertido, eu exatamente o oposto, então talvez ainda mais do que hoje. Revelando porém, ambos, decidia vocação para servir, disposições intrínsecas para renunciar aos bens particulares em favor dos interêsses coletivos, fomos desde cedo atraídos ali para o desempenho ocasional de encargos junto à Diretoria, notadamente no setor mais difícil: o dos serviços da Secretaria.

Mas Brício, por fôrça, mesmo, do seu temperamento, nem sempre conseguia atrair as simpatias gerais. Encontrava, com freqüência, quem o criticasse abertamente e lhe opusesse restrições. Foi assim que, ao ser o meu nome indicado, em fins de 1921, para ocupar o pôsto de 1.º Secretário, na nova diretoria, encabeçada pelo nome de Rafael Pinheiro, levantou-se Bastos Tigre e protestou contra a minha candidatura, supondo, pela confusão dos sobrenomes, que se tratasse de Brício. Êsse episódio eu o relato em meu livro **Exumação**, editado em 1933. Cândido Costa desfez o equívoco, do qual resultou sair o meu nome, por indicação do mesmo Bastos Tigre e com o apoio de Raul Pederneiras, aclamado e não apenas eleito, coroada a aclamação por uma vibrante salva de palmas que muito sensibilizou minha proverbial modéstia...

* * *

Brício de Abreu traduziu para o vernáculo numerosas peças francêsas e escreveu, em colaboração com outros autores, algumas peças originais, conforme indicaram todos os seus biógrafos. Deixaram, todavia, de mencionar pelo menos duas: a peça para o ingresso na SBAT, que lhe serviu de credencial bem como uma revista que fêz encenar alguns anos depois. A peça de estréia a comédia em 1 ato **Uma Lágrima de Amor**, sempre constou nos registros da SBAT como tendo sido representada no Trianon, naquele mesmo ano de 1919, pela companhia de Leopoldo Fróes. Segundo um dos informantes, todavia, essa pequena peça em 1 ato teria sido encenada em 1922 por Aura Abranches, o que contradizem os fatos.

Quanto à revista, intitulava-se **O Lafranhudo** e foi posta em cena no Teatro Carlos Gomes, aí por volta do ano de 1925. Uma explicação: **Lafranhudo** era um dos apelidos que os cariocas, em seu inesgotável humor gavrochesco, puseram nos nossos bons amigos portuguêses, naturalmente naqueles mais chucros e mais suscetíveis de ridículo.

Trabalhamos sempre, paralelamente, em diferentes jornais. Houve um período em que Brício esteve ausente do nosso país: foi trabalhar num dos mais populares diários da capital francêsa. E, em mistéres de reportagem, correu seca e meca, percorrendo vários países da Europa e até da Ásia.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p-279

De volta ao Rio, lá pelo ano de 1936, fundou um órgão de imprensa que desde logo viria a assinalar, na história do nosso jornalismo, um marco verdadeiramente inconfundível. O semanario **Dom Casmurro,** que circulou sem interrupção durante dez anos bem contados, prestou às nossas letras um serviço inestimável, dando oportunidades de aparecimento a intelectuais novos, além de ostentar um quadro seleto de prestigiosos colaboradores. O periódico de Brício contou com o concurso de jornalista experimentados e de homens de letras consagrados, como por exemplo: Alvaro Moreyra, Jorge Amado, Dalcídio Jurandir, Clóvis Ramalhete, Omer Montalegre, Odorico Pires Pinto, Edith Magarinos Tôrres, Eugênia Alvaro Moreyra e muitíssimos outros.

Mesmo dirigindo o seu jornal, não deixou Brício de prestar a outros órgãos da imprensa os seus serviços. Por isso, ao falecer, em fevereiro dêste ano, estava completando quarenta anos do exercício da crítica teatral no principal dentre os órgãos de cúpula dos Diários Associados, continuando sem interrupção o labor fecundamente iniciado no antigo Diário da Noite.

Em primeiras nupcias foi casado com uma simpática jovem parisiense, que morreu no Rio de Janeiro vitimada por acidente de trânsito. Teve, porém, em sua segunda espôsa, D. Odete Brício de Abreu, a mais devotada das companheiras e a prestimosa colaboradora de tôdas as horas. Deixou apenas um filho adotivo, mas a sua grande e valiosa prole foi o arquivo imenso de fotografias e documentos, inclusive preciosa biblioteca especializada, em que reuniu o máximo que possa jámais um profissional da imprensa e do teatro reunir durante uma vida inteira.

Na SBAT, na ABI e na Ordem dos Velhos Jornalistas, estivemos sempre, lado a lado, cada qual com o seu modo de ser, na permanente estacada em que sòmente se aprumam os lidadores à Bayart, **sem mêdo e sem mancha.** Êle se foi e era para mim como um irmão ou um parente próximo. Jamais o esquecerei e sempre lhe renderei a merecida justiça.

* * *

Além das peças relacionadas na biografia que os jornais publicaram, acrescidas das que foram omitidas, Brício escreveu outra, em colaboração com o Dr. Artur Coelho Cintra, sócio da SBAT, alto funcionário do Ministério da Justiça e irmão do poeta e jornalista Alarico Cintra, que é provàvelmente o decano da Ordem dos Velhos Jornalistas, nos seus noventa anos já bem ultrapassados.

Já disse do papel relevante que representou o **Dom Casmurro** na história da imprensa brasileira. Desde que aquêle periódico foi fundado, incluiu-me seu fundador e diretor-proprietário entre os seus redatores e colaboradores efetivos. Tive ali uma colaboração assídua e desinteressada, que sòmente terminou com a paralização das atividades do órgão, em 1946.

Quando, em 1963, iniciei meu processo de aposentadoria como jornalista, após mais de quarenta anos de exercício da profissão, em múltiplos setores, e através de numerosos órgãos de imprensa, incluí Brício de Abreu no rol das testemunhas a serem convocadas para depor em meu favor, de acôrdo com as estipulações do regulamento da Previdência Social. E, solícito, aquêle dedicado e leal amigo acorreu ao meu chamamento, chegando para tanto, na pressa do atendimento, a sofrer um pequeno acidente de trânsito com o seu carro, felizmente sem maiores conseqüências.

* * *

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, apesar de alguns desgostos vez por outra colhidos em razão do seu vibrátil temperamento, foi sempre a grande dama dos seus amores, sòmente repartidos com o seu jornal e com a Associação Brasileira de Críticos Teatrais, na qual exerceu vários cargos, inclusive a presidência.

Na SBAT, além de ter desempenhado por mais de uma vez funções de Secretário e de participar de diversas comissões, desempenhou o cargo de Bibliotecário, deixando de sua passagem por êle a marca indelével do seu espírito realizador e da sua capacidade de organizar, planejar e administrar. As instalações da Biblioteca Sbatiana, por êle delineadas e executadas, tiveram aquêle caráter definitivo que consagra as realizações perfeitas e acabadas. Assumiram elas tais características de funcionalidade, distribuição harmônica e versatilidade, com o máximo de aproveitamento de espaço, que, mesmo efetuadas alterações estruturais na sede e transferidas as estantes para outro local, a êste se adaptaram quase como se para êle houvesse sido planejadas. E de tal forma reconheceu a Sociedade a excelência dos serviços assim prestados, que, por ato unânime da assembléia geral, uma placa comemorativa foi afixada, em sua honra, naquela dependência.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 280.

Falecendo Custódio de Mesquita em fevereiro de 1945, sem ter tido tempo de assumir o cargo de conselheiro, em substituição a Abadie Faria Rosa, que morrera um mês antes, candidatou-se Brício de Abreu ao preenchimento da vaga. Eu também me havia inscrito, juntamente com André Filho, J. Tomás e mais dois colegas. Mas, considerando os valiosos serviços prestados à SBAT por Brício, renunciei espontâneamente à minha pretensão, saindo Brício vencedor do pleito por larga margem de votos.

Sempre entendi que um lugar num órgão como o Conselho Deliberativo da SBAT, instituído para emitir as mais importantes decisões na defesa dos supremos interêsses da casa, é antes um pôsto de trabalho e responsabilidade do que uma honraria pura e simples. Por isso, e também considerando razões de afinidade, tive ensejo de apresentar por mais de uma vez minha candidatura a umas e não a outras vagas registradas. Candidatar-se um sócio ao cargo de conselheiro era e é portanto para mim um modo de oferecer prestação de serviços à entidade. Nessa ordem de idéias, ofereci meus possíveis préstimos à SBAT, posteriormente, em duas novas oportunidades, e em ambas foi com a consciência de estar cumprindo um dever que desisti da minha candidatura, da primeira vez em favor de Mário Lago, e da segunda para ensejar a eleição de Paschoal Carlos Magno, sem me preocupar em valer-me de promessas, feitas por alguns colegas, de que "a próxima vaga" seria minha.

Não foi outro meu modo de sentir, pensar e agir, ao ter ciência do falecimento inesperado, em janeiro dêste ano, de Nelson Abreu, companheiro a quem me ligavam laços da mais fraternal amizade, e, logo a seguir, com apenas um mês de intervalo, do meu não menos fraternal e extremecido Brício. Se eu tivesse tido conhecimento a tempo da morte de Nelson, teria sido candidato à sua vaga, mesmo que tivesse de renunciar à pretensão, como sem dúvida o faria, apresentando-se como se apresentou a candidatura de Djalma Bittencourt, com uma fôlha de serviços jamais excedida por qualquer outro consócio.

Tendo acompanhado os funerais de Brício e assistido à homenagem que no mesmo dia do entêrro lhe prestou a SBAT, fiz o que não podia nem devia deixar de fazer: oferecer-me candidato à substituição. Cogitava-me, porém, de dar-lhe em sucessão um nome que é das maiores glórias do teatro brasileiro em múltiplos setores de uma atividade que vai por mais de meio século de lutas e de triunfos: o nome de Olavo de Barros. Consultado por um dos nossos mais prestigiosos e queridos companheiros, afirmei-lhe não só que mais uma vez desistiria, mas que o próprio Olavo era, como não podia deixar de ser, meu candidato pessoal.

No dia da votação, cumpri minha palavra. Havia um terceiro candidato: Pacheco Filho, que seria também o objeto dos meus sufrágios, não fôsse a preexistência daquele colega não menos ilustre. E fiquei satisfeito em saber que Olavo de Barros, agindo por uma forma que costuma ser sempre a minha forma de proceder, não votara em seu próprio nome, preferindo dar seu voto àquele companheiro, que é, de todos nós, o mais íntimo dos amigos. Conforme diria Bocage: "das almas grandes a nobreza é esta".

O Professor Antonio Chaves eleito para a Comissão Jurídica e de Legislação da CISAC

Por indicação da SBAT, o Conselho de Administração da CISAC, (Confedération Internationale des Societés d'Auteurs et Compositeurs), reunido em Paris em outubro último, foi escolhido, por unanimidade, o nome do jurista brasileiro, Professor Antonio Chaves, para integrar a Comissão Jurídica e de Legislação daquêle importante organismo internacional.

O Professor Antonio Chaves tem sido muito felicitado pela honrosa designação, e entre os cumprimentos recebidos é justo destacar o de S. Excia. o Sr. Ministro da Justiça, Professor Alfredo Buzaid, que dirigiu ao Prof. Chaves amável carta na qual declara: "Este importante organismo internacional lhe rende justo tributo pelos méritos incontestáveis que possui".

S. Excia. afirma ainda que envidará todos os esforços para que o nôvo integrante daquela Comissão tenha a mais completa assistência do Ministério das Relações Exteriores quando tiver de comparecer às reuniões da Confederação.

A SBAT mais uma vez leva ao Professor Antonio Chaves suas mais efusivas congratulações pelo auspicioso acontecimento.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412.p-281

O CAVADOR

LUIZ PEIXOTO

Êle começa com o dia
na esperança, na alegria
de levar pra casa ao menos
o remédio pra mulher
e os biscoitos pros pequenos.
Será o que Deus quizer...

Não pára então a corrida,
faz a subida e a descida
vinte vêzes da Avenida,
Corre as ruas da Assembléia,
do Rosário, da Quitanda,
dos Ourives, do Ouvidor.

E o Cavador anda, anda
e anda e por mais que ande
a repetir "Deus é grande"
— grande é a sua tragédia —
não cava nem o da média,
fica banhado em suor.

Mas a esperança não morre.
É, mas ninguém o socorre.
Que pouca sorte êle tem!
Fala ninguém o conhece,
chama, ninguém aparece
e olha e não vê ninguém.

E êle pára nas esquinas
como uma estátua em ruinas.

São cinco horas e os seus
problemas sem solução!
a tudo que pede, "não"!
"Não" que palavra fatal!
Palavra, não — palavrão.

No entêrro de uma esperança
o "não" é a pá de cal.
Trrim! vão as portas de aço
do comércio se fechando
e êle geme: que cansaço!

Pra quê? — fica perguntando.
E volta com passo tardo
para o local onde mora
— outro beco sem saída —
curvado ao pêso de um fardo
que vai carregando — a vida...

Platéia do Futuro

CARMEN CÉLIA

Há muitos anos a atriz-empresária Brigite Blair vem cultivando no Teatro Sérgio Pôrto, antigo Miguel Lemos, uma platéia de crianças que todos os sábados e domingos lotam aquela casa de espetáculos.

Convidado por Brigitte Blair há cêrca de três anos, Carlos Nobre assumiu a direção do Departamento de Teatro Infantil, naquele teatro, para que o movimento de teatro infantil não sofresse interrupção, nem mesmo durante as férias escolares, departamento que realiza uma série de pesquisas entre as crianças, sôbre as peças apresentadas, seus personagens e suas reações.

A peça infantil de Carlos Nobre "Carolina, a Formiga Fofoqueira" durante o ano de 1968 e 1969 totalizou 150 representações não só naquele teatro, como também em escolas e clubes, sendo até hoje a peça que marcou entre a platéia daquele teatro, pelas trapalhadas de seu Confusolino e da formiga Carolina.

Entre as peças apresentadas destacamos: "Carolina, A Formiga Fofoqueira", "O Rapto do Mominho", "Patão o Cachorro Lunático", "Meu Amigo Papai Noel", "A Galinha dos Ovos de Ouro", "Ali-Babá e os 40 Ladrões", "A Raposa Feiticeira" tôdas as peças de autoria e adaptadas por Carlos Nobre. Presentemente encontra-se em cartaz a peça de José Brasil "O Bobo das Advinhações".

Com um elenco quase permanente, pois há dois anos vêm trabalhando com o mesmo espírito e objetivo, encontram-se perfeitamente entrosados, o que facilita em muito as montagens das peças. Dêste elenco destacamos não só Carlos Nobre, como também Henriqueta Brieba, veterana atriz de nosso Rádio e Teatro, José Silva ator premiado no I Festival de Teatro Infantil, Gilda Nunes, que foi aluna da Fundação Brasileira de Teatro e Luis Magnelli do teatro da MABE, onde conquistou a medalha Coronel Sebastião Fontes por suas apresentações.

Estão de parabens Brigitte Blair e Carlos Nobre pelos serviços que juntos vêm fazendo em pról do Teatro Infantil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412.p.282

A SBACEM Comemorou o seu 24.º Aniversário de Fundação

A Sociedade Brasileira de Autores, Compositores e Escritores de Música (SBACEM), que integra ao lado da UBC, da SBAT, da SADEMBRA e da SOCIMPRO, o Serviço de Defesa do Direito Autoral, vem de comemorar o seu 24.º aniversário de fundação, transcorrido a 9 de abril último.

O programa de festejos constou de uma missa solene na Igreja de N. Srª. da Boa Morte, de uma sessão solene, (na qual foi entregue o diploma de sócio benemérito ao nosso diretor Dr. Daniel Rocha), e de um churrasco congratulatório.

A SBAT esteve presente representada por sua diretoria, que apresentou congratulações à SBACEM pelo auspicioso acontecimento.

As fotos mostram uma parte da assistência à missa vendo-se da direita para a esquerda o Diretor Daniel Rocha, o compositor Cristóvão de Alencar, Presidente da UBC, o compositor Joaquim Candeias (do SDDA), e Milton de Oliveira. Na sacristia, o padre que oficiou a missa ao lado de Joracy Camargo (presidente da SBAT) e os compositores Bororó e René Bittencourt. Em segundo plano o compositor Rômulo Pais e o Dr. Nildo Martini, advogado do Sindicato dos Compositores.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 042, p-283

Valor e importância cultural da Biblioteca de Teatro da SBAT

CHIANCA DE GARCIA

— Muitos sócios (por certo entre os mais recentes) ao entrarem na **Biblioteca da SBAT** não sabem o que representa este enorme conjunto de obras, patrimônio que reúne tôda a história do teatro universal...

Quem nos diz isto é um dos sócios da organização que, tôdas as tardes, remexe com carinho uma ou outra das obras acumuladas nas enormes estantes. Então alguém, indaga:

— Tem muitos leitores, a Biblioteca?

— Não. Em regra só de interessados em pesquisa histórica. Porque, por parte dos sócios mais moços, há a noção errada de que uma biblioteca é um museu. E museu êles entendem como coisa ultrapassada.

— E não é?

— Olhe, há meses, estiveram aqui dois jornalistas jovens. Vinham em busca de informações sôbre Brício de Abreu, quando do falecimento dêste conhecido escritor e jornalista. Aí, um deles, olhando as estantes, disse com sinceridade:

— Sabe, não suporto êsse tal negócio de teatro. Por isso estou de acôrdo com os Martinez e com os Garcias que querem arrazar o teatro. Teatro é chato...

— Por que diz isso?

— Tenho vinte anos. Assisti até hoje a quatro ou cinco peças. Três em São Paulo, duas aqui. Mas não aguento. Êsse troço de aturar uns caras, dois ou três, durante duas horas, xingando-se uns aos outros, enche. Eu pensava que o teatro fôsse algo, por exemplo, como um filme de Fellini. O senhor conhece os filmes de Fellini?

— Conheço. Todos os que já foram exibidos no Brasil.

— Então não estou certo? O cinema diz tudo o que o teatro, prêso às tábuas de um palco sujo, não pode dizer...

Mas porque pensa que o teatro é só isso que você viu nas cinco peças a que fêz referência?

Então, como nesse momento fôsse servido um cafèzinho, e enquanto o bebiamos, falei-lhe da missão milenar do teatro. E abrindo algumas estantes mostrei-lhe centenas de gravuras, desde as máscaras de remotas cerimônias rituais, e o que resta da descrição dêsses ritos, às evocações, às fórmulas de encantação, aos feitiços tudo o que enfim, na história da humanidade, estabelece a luta entre o natural e a busca do sobrenatural, tão do agrado, — disse-lhe — do seu fantástico Fellini. Foi daí — continuei — que o teatro se espalhou pelas antigas civilizações. Olhe: veja o que resta destas **marionetes** que devem, talvez, ter surgido na velha Ásia. Veja esta dança dos gênios do mal. Vivem ainda nas tradições dos ritmos védicos. Repare nestas celebrações que começaram virando espetáculo, em palcos enormes com milhares de figurantes, e onde o tema é a luta do homem contra o seu destino. Veja estes baixo-relevos do antigo Egito, baseados em longas teorias de bailarinas. E esta reprodução do teatro de Diónisos, na velha Atenas. E este fragmento de Pompéia? Não sente aqui a fôrça poderosa do teatro? E o teatro italiano? E esta cena representada em Roma seis séculos antes de Cristo? E aqui o movimento tumultuoso do **Mistério da Paixão**, apresentado em 1547. E êste cenário onde, num palco de mais de trinta metros de abertura, há palácios e casas, tendo, à direita, o Paraiso, e, do outro lado, a entrada e os fogos do Inferno? E as farsas endiabradas de Hans Sachs, no século XVI. Depois o Renascimento. Olhe esta guerra naval num palco de Florença, em 1590. Veja agora, e por certo os conhece, os personagens famosos da **Commedia del Arte**. E as peças de Shakespeare? O quê? Quer saber o que representam estas lutas, estes combates? São cenas das tragédias inesquecíveis do teatro espanhol. E tem aqui o luxo do grande teatro francês da época de Corneille e Racine. Olhe mais: Aqui tem as sátiras formidáveis de Molière. Abramos agora esta pasta...

Mas não. O jovem que começara a olhar com uma vaga curiosidade, gritou:

— Desculpe. Agora compreendo. Mas, não. Agora não quero ver mais nada. Agora gostaria de ler. De ver o texto. Compreendo que o teatro, assim, em tôda a sua grandeza, pode ser uma grande fôrça na nossa época!

E desde então passou a ser um assíduo frequentador da Biblioteca da SBAT, lendo um pouco das obras dos autores de todos os tempos. E afirmou:

— O que me parece renovador, eu disse **renovador**, é dar de nôvo ao teatro a fôrça que êle tinha no passado...

II

Contei, depois, a Geysa Boscoli, vice-presidente de Relações Culturais da SBAT, o entusiasmo dêsse jovem de vinte anos que descobrira o ouro da sua cultura nas estantes da nossa sociedade.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p - 284 -

— Está certo, disse-me. É isso isso mesmo que a Diretoria da SBAT está neste momento planejando. Pôr a nossa Biblioteca a serviço da juventude. E em especial da juventude das escolas de teatro. De acôrdo, é claro, com os respectivos diretores e professores. Pretendemos organizar, para êsses jovens, leitura de tôdas as épocas da história do teatro. Estudo de costumes. Debates sôbre os problemas do homem através do Teatro. A personalidade do homem através dos séculos. Nenhuma escola de teatro, parece-nos, possui o patrimônio que queremos colocar a serviço dos jovens. Vamos, pois utilizá-lo, em benefício do futuro do teatro brasileiro.

E aqui está, leitor, porque no alto desta página, colocamos, a tôda a largura, estas palavras: **VALOR E IMPORTÂNCIA CULTURAL da BIBLIOTECA de TEATRO, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.**

★

OBRAS RECEBIDAS — Da importante coleção TEATRO DA JUVENTUDE, com textos destinados a jovens atores e encenadores, publicada pela **Comissão Estadual de Teatro** de São Paulo, recebemos os seis últimos volumes publicados e onde se incluem obras destinadas a crianças de 6 a 9 anos, de 9 a 14, e de 14 a 18. Trata-se de um repertório sàbiamente escolhido, onde além de indiscutível interêsse didático, se verifica um feliz sentido de diversão. Ficam na Biblioteca à disposição dos que se interessam pelo assunto.

●

COMMEDIA DELL'ARTE

"A **Commedia dell'arte**, espetáculo em grande parte visivo, adestrava seus artistas não só na ginástica, para uma evidente finalidade de desembaraço e de prestância física, mas até mesmo na acrobacia. Contorsões, piruêtas, tombos e saltos mortais eram o seu forte; e não apenas dos homens. Já em 1567, numa carta particular, fala-se dos pulos admiráveis de uma atriz, uma **amorosa** que desempenhava o papel de Angélica (a que propósito ela os desse, não podemos saber com exatidão). O **Scaramuccia** Fiorilli, aos oitenta e três anos, ainda distribuía bofetadas aos interlocutores com a planta dos pés. O Arlequim Visentini no papel de criado de Don Juan, no **scenario** do **Festino di Pietra**, diante da estátua do Comendador, dava um salto mortal tendo na mão um copo de vinho, sem derramar o vinho. Êsse mesmo Visentini assustava os espectadores ao sair da palco correndo e dar a volta da cornija da sala tôda." (Silvio D'Amico — **Storia del teatro drammatico**".

VOLUMES RECEBIDOS

ASPECTOS DO TEATRO INFANTIL, de Lúcia Benedetti — Edição do S.N.T. 115 páginas

— Quer fazer teatro infantil?

Então aqui tem um bom conselho: — antes de mais nada leia o livro de Lúcia Benedetti. O teatro para crianças exige, dos seus possíveis autores, que *subam* até êsse público, e nunca que *desçam* a êle. É mais fácil, hoje, enganar uma platéia de teatro para adultos, do que ludibriar guris de sete a doze anos.

Este volume da autora de tantas peças tão justamente festejadas e premiadas, é uma espécie de breviário da arte de escrever para êsse mundo de percepções incontidas, que se esconde por detrás do sorriso aparentemente ingênuo de uma criança.

A inteligência inconsciente é sempre perfeita:

Hoje, o teatro para a infância sofre o perigo de receber, da parte dela, o apôdo de *quadrado*

Entre as belas coisas que Lúcia Benedetti sugere, — e de que já viu os frutos, — está, talvez, aquele teatro que pode ser inventado, criado e desenvolvido pelas próprias crianças. Mas isso é um pormenor. O importante é ler o livro. Porque teatro infantil deve valer como escola, no mais avançado sentido educacional. E acima de tudo como escola de imaginação. A imaginação é a grande força da vida. Parabéns a Lúcia Benedetti.

SATCH, março de 1970, Santiago

SATCH é a sigla que a Sociedade de Autores Teatrais do Chile utilizou como título para a publicação de um boletim de que recebemos o primeiro número. É mais uma revista para enfileirar ao lado daquelas que, na América Latina, se dedicam com entusiasmo à defesa da cultura teatral. É, portanto, mais uma frente que se abre, numa luta que nos pode levar a largas iniciativas e amplos entendimentos no sentido de que o teatro, em cada um dos nossos países, se conjugue num mútuo esfôrço que nos leve a um intercâmbio permanente e promissor.

Nêste número de SATCH, onde não faltam elementos de boa informação, duas coisas chamaram a nossa atenção: — 1.ª, a **Satch** tem o seu próprio teatro, o **Cariola**, onde atualmente está em cena a conhecida comédia de Schnitzer, **La Ronde**. 2.ª, o teatro que foi construído com enormes sacrifícios e dedicações teve, por exemplo, as suas poltronas (tresentas) doadas por várias entidades. Vinte e uma delas ofereceu-as, em 1954, o Embaixador do Brasil no Chile.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 285

Reuniões de março e abril

ATA DA SESSÃO DO CONSELHO DELIBERATIVO, REALIZADA NO DIA 3 DE MARÇO DE 1970

Aclamado presidente da Sessão o Cons. Paschoal Carlos Magno convida para secretários o Cons. Djalma Bittencourt e o Suplente Roberto Ruiz, que procedeu à leitura da Ata da sessão anterior, aprovada sem restrições. Passando-se ao expediente foram lidas diversas cartas de associados e entidades apresentando felicitações à SBAT pela inauguração de suas novas dependências. O presidente Paschoal Carlos Magno dá conhecimento dos requerimentos de autores que pedem sua filiação ao quadro social, tendo sido incluídos, em conseqüência, como sócios administrados da SBAT, na forma dos Estatutos, os seguintes:

CARLOS ALBERTO AFONSO (AFFONSO DA MOTTA), PAULO RUY FERREIRA DE ALMEIDA, IRIO AMADEU, ANTONIO CARLOS DE ANDRADE (ANTONIO CARLOS), NEIDE CARVALHO DE ARRUDA, JORGE ROBERTO CORRÊA DE AZEVEDO (JERRY DI MARCO), EZECHIAS SODRÉ BARRETO, TERESA TEIXEIRA DE BRITO, JOSÉ ROBERTO CAPAROLE (JOSÉ ROBERTO), NEILA CECILIO, DÁRCIO MOREIRA ALVES FERREIRA (ADAIL AMORIM E DÁRCIO FERREIRA), LUELI DA SILVA FIGUEIRÓ, REGINA MAURA FIORE (REGINA MAURA), OCTAVIO FONSECA FILHO, RUI CARLOS GALANTERNICK (CARLOS GALL), GUILHERME EMMES DIAS GOMES, JOSÉ CARLOS DE MEDEIROS GONDIM (JOSÉ CARLOS GONDIM), MIGUEL HARSANJI (MIGUEL FERGSON), JOSEPH KANTOR (JOE KANTOR), MARIA HÉLIA CRUZ DE LIMA (AGUEDA), CARLOS OSCAR AGUIEIRAS LOPES, JOÃO LUIZ RODRIGUES LORÊDO (JOÃO LORÊDO), ENNI MALAQUINI, EUGÊNIO ANTÔNIO CÔRTES MALTA (EUGÊNIO MALTA), RUBEM MEYER, JORGE SÁ DE MIRANDA NETTO, MARILIA GAMA MONTEIRO, NELSON SALVADOR INFUSINO DE MUNDO (DE MUNDO), LUIZ CARLOS RÜCKERT PARREIRAS (LUIZ PARREIRAS), MARIA DA ROCHA POÇAS, DURVALTERCIO ALVES DOS SANTOS (BOLINHA), MESSIAS DOS SANTOS, VICENTE MIRANDA DOS SANTOS (V. MIRANDA), CARLOS ALBERTO SEIDL (CARLOS SEIDL), DAN LA LAINA SENE (DAN LA LAIMA), JARDS ANET DA SILVA (MACALÉ), VALENTINA ANTONINI DA SILVA, ERNESTO STANZIONA (ERNEST), DENISE STOKLOS, TIMOCHENCO WEHBI. O Cons. Joracy Camargo dá conhecimento à Casa das razões que lhe foram comunicadas pelo Cons. Mario Magalhães justificando sua ausência nas últimas reuniões do Conselho, consignando-se nesta Ata um voto de pronto restabelecimento e de breve regresso a esta Casa. Usa da palavra o Cons. Paulo de Magalhães para saudar, com palavras do mais repassado carinho, o nôvo Conselheiro, Djalma Bittencourt, que êle viu entrar nesta Casa, como modestíssimo empregado, há quase 41 anos e que hoje, como diz, tem o orgulho de vê-lo ocupar uma Cadeira no Conselho Deliberativo da SBAT, não só como autor, como, também um dos melhores conhecedores da legislação que rege o direito do autor no que se empenha, há quase trinta anos exercendo as funções de Superintendente da SBAT. O homenageado agradece às palavras do seu velho amigo Paulo de Magalhães, um sbateano autêntico, que jamais transigiu no interêsse comum do autor brasileiro, acompanhando as árduas lutas da SBAT na defesa dêsse legítimo patrimônio. O Cons. Raymundo Magalhães Jor. salienta a beleza literária e afetiva do artigo sôbre o Cons. Brício de Abreu, assinado pelo Confrade Jota Efegê, publicado no Jornal do Brasil, com uma belíssima caricatura do consagrado artista e velho Amigo Alvarus e propõe que êsse artigo seja transcrito, em destaque, na Revista da SBAT, o que é aprovado por aclamação, consignando-se em Ata um voto de agradecimento ao autor do artigo, o escritor Jota Efegê. O Pres. Paschoal Carlos Magno refere-se à personalidade de Brício de Abreu e propõe que a SBAT dirija telegrama ao Exmo. Senhor Governador do Estado da Guanabara no sentido de que, na oportunidade dê o nome de Brício de Abreu a uma das Ruas desta Cidade, o que é aprovado. O Cons. Joracy Camargo declara que, como Presidente da SBAT, tem estado atento a todos os momentos em que se oferece oportunidade idêntica, de modo a fixar, no espírito do público, os nomes daqueles que lutaram pelo Teatro Brasileiro. O Cons. Raymundo Magalhães propõe que se oficie à nossa congênere da França felicitando-a pela eleição de seu ilustre associado escritor Eugene Ionesco para a Academia Francesa; e faz considerações recordando a passagem dêsse bom Amigo e colega, pelo Brasil, quando a SBAT teve oportunidade de pôr à sua disposição todos os recursos necessários à sua permanência no Brasil, onde deixou um número ilimitado de amigos e gratíssimas recordações de sua

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412,p-286-

visita a esta Casa. O Cons. Nestor de Holanda pede que se consigne em Ata um voto de congratulações com o escritor e compositor David Nasser pelo prêmio de literatura que lhe foi conferido pelo Govêrno do Líbano. O Cons. Geysa Boscoli pede a palavra e declara que, muito embora não disponha a SBAT dos recursos necessários a programações de elevado nível, sugere, como Diretor Cultural, que a Sociedade, mensalmente, promova em seu Salão uma Reunião dedicada a cada um dos países amigos sempre sob o patrocínio da respectiva Embaixada. Propôs ainda que estando, por coincidência, o Cons. Paschoal Carlos Magno na presidência dos trabalhos, doravante ficasse êle encarregado de escrever para cada número da Revista uma página sôbre o movimento do teatro jovem, ocasião em que o Cons. Magalhães Jor. fêz ver que esta Diretoria não tem se descuidado dos problemas do autor jovem, tanto assim que vem publicando com absoluta regularidade peças de autores novos, como Antonio Bivar, Altimar Pimentel, Lauro Cesar Muniz e outros, além de artigos e notas sôbre o mesmo assunto. A Assembléia confere ao Cons. Geysa Boscoli os poderes necessários à execução dos seus planos culturais. Ainda com a palavra o Cons. Geysa Boscoli dá conhecimento dos têrmos da carta dirigida ao Exmo. Sr. Governador do Estado sôbre a aprovação urgente do Regimento Interno da Comissão Estadual de Teatro, sem o que a Comissão não mais se reuniria, por falta de orientação regimental, tendo o Conselho apreciado o assunto e dado absoluto apoio à atitude assumida pelo Cons. Geysa Boscoli, como representante da SBAT junto daquela Comissão. O Cons. Raymundo Magalhães Jor. comunica que acaba de escrever um livro sôbre Martins Pena, o criador da comédia brasileira, pelo que é felicitado pela Assembléia. O Cons. Olavo de Barros pede que se consigne em ata um voto de pezar pelo falecimento de Sylvio Vieira, consagrado artista lírico, que tantos louros obteve na cena brasileira. E nada mais havendo a tratar, o senhor presidente encerra os trabalhos desta Sessão.

ATA DA SESSÃO DE DIRETORIA, CONSELHO DELIBERATIVO E SÓCIOS, REALIZADA NO DIA 10 DE MARÇO DE 1970

Aclamado presidente, o Cons. Geysa Boscoli convida para Secretários os Cons. Raymundo Magalhães Jor. e Djalma Bittencourt. Feita a leitura da ata da sessão anterior e a da Sessão extraordinária do Conselho Deliberativo, foram as mesmas aprovadas sem quaisquer emendas. O expediente constou do pedido de filiação ao quadro social da SBAT, assinado pelo sr. OSWALDO CELSO NOVOA LEITUGA, que foi aceito como sócio na categoria de Administrado, na forma dos Estatutos. Usa da palavra o Cons. Paulo de Magalhães para congratular-se com a Casa pela concessão do prêmio Molière conferido à atriz EVA TODOR como melhor atriz de 1969, e o de melhor Autor ao consócio José Vicente de Paula. Propõe que a SBAT telegrafe aos vencedores felicitando-os pela alta distinção que lhes foi conferida pela tradicional Companhia Air France. O Cons. Geysa Boscoli acrescenta que as congratulações da SBAT devem se estender aos demais vencedores do referido Prêmio, o que é aprovado. O Cons. Raymundo Magalhães Júnior justifica a ausência do Vice-Presidente Henrique Pongetti, no momento em sua residência de Petrópolis. Usa da palavra o Cons. Carlos Drummond de Andrade para fazer comentários em tôrno do aparecimento de sucessivas antologias e do direito autoral que assiste aos respectivos autores das obras fragmentadas de que se compõem tais antologias, lembrando que há sentença judicial recente consagrando êsse direito dos autores, a despeito de dispositivos constantes do Código Civil Brasileiro, em contrário, abonados, naturalmente, pelo fato de ter sido o nosso Código elaborado e editado em 1916 e durante êsses longos anos até os nossos dias houve grande evolução no campo da literatura específica e nos recursos editoriais. De modo que é da maior oportunidade que a SBAT se manifeste junto dos poderes competentes no sentido de conseguir a atualização das leis respectivas que garantam aos autores o pleno direito de defesa do seu patrimônio literário. Declarou ainda o Cons. Drummond de Andrade que obtivera do representante da SBAT no Rio Grande do Sul, Dr. Aron Menda, uma sugestão de texto legal concebida nos seguintes têrmos:

Art. ...O editor que se disponha a publicar antologia de textos de diferentes autores deverá exigir do organizador da obra, antes de mandar imprimi-la, prova de que a reprodução das matérias incluídas foi prèviamente autorizada pelos respectivos autores ou seus herdeiros e, no caso de omissão, responderá pelo pagamento do direito autoral devido.

§ único — Se a publicação da antologia fôr contratada por seu organizador diretamente junto a oficina gráfica, o proprietário desta deverá proceder à mesma exigência, ficando igualmente responsável pelo pagamento do direito autoral caso deixe de observá-la. É aprovada tôda a tese apresentada e que a SBAT, na primeira oportunidade, tome as providências necessárias à obtenção de uma lei

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 287

específica tratando da matéria do direito autoral sôbre as antologias. O Cons. é felicitado pela oportunidade dessas sugestões. O Cons. Geysa Boscoli relembra que o Diretor do Museu da Imagem e do Som, Sr. Cravo Albim, prometera, numa Assembléia que o recebeu na SBAT, incluir 5 membros desta Casa na representação do setor teatral junto do MIS e que até hoje não foi tomada nenhuma providência nêsse sentido. É aprovado que se mande ao Dr. Cravo Albim uma cópia do ofício em que a SBAT lhe indicou os nomes dos seus representantes, pedindo resposta a tal ofício. O Cons. Magalhães Júnior propõe que se envie telegrama ao senhor Governador do Estado manifestando o pezar da SBAT pelo incêndio verificado no Maracanãzinho, fazendo votos no sentido de que S. Excia consiga restaurar, no mais curto prazo possível, aquêle excelente centro de diversões onde já atuaram as mais famosas Companhias de teatro, de circo e de outras espécies tanto nacionais quanto estrangeiras. E nada mais havendo a tratar, o senhor presidente deu como encerrados os trabalhos desta Sessão.

ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DO CONSELHO DELIBERATIVO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 1970

Aclamado presidente, o Cons. Paulo de Magalhães abriu os trabalhos, convidando para secretário o Cons. Djalma Bittencourt, que procedeu à leitura da Ata da Sessão anterior, aprovada sem emendas. Passando-se ao expediente foram anunciados os nomes dos candidatos a ingresso no quadro social da SBAT, tendo sido, em conseqüência, aceitos como sócios administrados os seguintes: JOÃO RICARDO BARROS PENTEADO, JOSÉ BATISTA DOS SANTOS (ZÉ DO RAZO) e MARIE GIDALI DUPRAT. É lido o ofício do Conselho Estadual de Cultura apresentando pezames à SBAT pelo falecimento do Cons. Brício de Abreu. O Cons. Raymundo Magalhães Jor. comunica que a Academia Brasileira de Letras restabeleceu os Prêmios de Teatro Arthur Azevedo e Cláudio de Sousa, sugerindo que a SBAT dê divulgação do fato em sua Revista de Teatro. O Cons. Djalma Bittencourt comunica que se porá em contato com a Secretaria da Academia Brasileira de Letras com o fim de obter uma cópia do Regulamento dêsse concurso a fim de dar publicidade integral na Revista. O Conselheiro Magalhães Júnior, propõe voto de congratulações com o autor e produtor do filme brasileiro MACUNAIMA, que acaba de conquistar prêmio no Festival de Cinema. O Cons. Luis Peixoto comunica que há anos ofereceu ao Teatro Municipal um busto do compositor brasileiro Leopoldo Miguez e pede que a SBAT indague do Diretor do Teatro Municipal sôbre o destino dado a êsse busto. O Cons. Nestor de Holanda comunica que convidou o Dr. Ricardo Cravo Albim, Diretor do Museu da Imagem e do Som para visitar a SBAT, na próxima reunião do Conselho, em Abril, para esclarecer o assunto relativo à nomeação dos representantes da SBAT no Conselho de Teatro do Museu da Imagem e do Som. E nada mais havendo a tratar, o senhor presidente dá como encerrados os trabalhos.

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA, CONVOCADA PARA O DIA 17 DE MARÇO DE 1970, PARA O FIM ESPECIAL DE ELEGER E EMPOSSAR O NÔVO CONSELHEIRO NA VAGA ABERTA COM O FALECIMENTO DO CONSELHEIRO BRÍCIO DE ABREU, CADEIRA N.º 13 DO CONSELHO DELIBERATIVO.

O Senhor Presidente Joracy Camargo abre os trabalhos na hora regulamentar, pedindo à Assembléia que eleja o Presidente, pelo que é aclamado o Conselheiro Paulo de Magalhães, que convida para secretário o Consócio Djalma Bittencourt. O Presidente Paulo de Magalhães, lê o Edital de Convocação desta Assembléia Geral, publicado durante três dias consecutivos como determinam os Estatutos, e convida os senhores consócios a que exerçam o direito do voto, pela ordem de assinaturas no livro de presença, salientando perante à Assembléia que são em número de dois os candidatos inscritos para o preenchimento dessa vaga no Conselho Deliberativo, — Os Consócios Pedro Ferreira Pacheco Filho e Olavo Dias de Barros. Procedida a votação e esgotada a chamada pelo livro de presença, o senhor Presidente Paulo de Magalhães, pede a indicação de dois sócios para escrutinadores, sendo aclamados os Consócios Floriano Faissal e Roberto Ruiz. Aberta a urna, foram apuradas 171 cédulas, num total de 171 votos consagrando o nome do Consócio Olavo Dias de Barros como Conselheiro da SBAT, para a Cadeira n.º 13, pelo que o senhor Presidente o declara eleito e empossado no cargo. Fala o Conselheiro Magalhães Júnior enaltecendo as qualidades do nôvo Conselheiro e sua obra dedicada ao Teatro e a esta Casa. O Senhor Presidente Joracy Camargo prestou justa homenagem ao Consócio Modesto de Abreu pelo seu gesto de desambição ao presente pleito. O Conselheiro Olavo de Barros agradeceu a sua eleição e o Senhor Presidente encerrou a sessão.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 288.

ATA DA SESSÃO DO CONSELHO DELIBERATIVO, REALIZADA NO DIA 7 DE ABRIL DE 1970

Aclamado o Conselheiro Paulo de Magalhães para presidir os trabalhos, foram convidados para secretários os Cons. Nestor de Holanda e Djalma Bittencourt. Procedida a leitura da Ata da Sessão anterior, foi a mesma aprovada sem emendas.

Passando-se ao expediente, foi lido o telegrama do senhor Governador do Estado da Guanabara comunicando ao presidente Joracy Camargo que o Maracanãzinho será recuperado dentro do menor prazo possível, conforme os recursos de que dispuzer para tanto. Ofício do Conselho Estadual de Cultura apresentando pezames, por proposta do Conselheiro Modesto de Abreu, pelo falecimento do consócio Brício de Abreu. Foram apresentadas à apreciação e julgamento propostas de candidatos à admissão no quadro social da SBAT, em consequência do que foram aceitos e admitidos como sócios administrados os seguintes requerentes: GUILHERME MAGALHÃES VAZ, NADIR ROQUELINA PAPI DE SABOYA, JOAQUIM DE ASSIS RIBEIRO NETO (JOAQUIM DE ASSIS), MANOEL JOAQUIM MARINHO, ANATOLE GALINKIN JELIHOVSCHI e AMÉRICO VERTES.

O presidente Joracy Camargo dá conhecimento à Casa de que se encontra presente o Dr. Hermann Turtur, nôvo Diretor do Instituto Cultural Brasil-Alemanha, o qual é recebido pelo Conselho Deliberativo, que lhe formula votos de uma feliz gestão à frente daquele importante órgão de cultura, ligado à SBAT por velhos laços de amisade, sendo recordada, na ocasião, a fecunda direção do mesmo Instituto, exercida pelo nosso bom amigo e consócio Willy Keller, presentemente na Alemanha em missão cultural. O Dr. Hermann Turtur agradece pela recepção que lhe foi feita e espera manter contacto permanente com a SBAT, como até então. O presidente Joracy Camargo se refere a uma nota publicada no Jornal do Brasil, no que diz respeito ao concurso de peças teatrais instituído pelo Serviço Nacional de Teatro, informando que manteve contacto com o sr. Felinto Rodrigues Neto, Diretor do SNT e que o concurso está restabelecido, do que a imprensa será informada nestes próximos dias. O Cons. Nestor de Holanda comunica que não pôde trazer à Sessão de hoje o Sr. Ricardo Cravo Albim, para tratar de assuntos de interêsses gerais, pelo fato de estar o referido sr. investido agora das funções de Presidente do Instituto Nacional do Cinema e muito atribulado, como é natural, neste início de gestão, mas que entrará em entendimentos com o mesmo para uma visita futura à SBAT. O Cons. Roberto Ruiz propõe um voto de louvor à Televisão Tupi pelo restabelecimento do programa de Teatro Infantil, sob a direção do experimentado Diretor Fábio Sabag. O Cons. Geysa Boscoli é portador de vários exemplares da Revista Grandes Figuras, em quadrinhos, contendo a história de ANCHIETA, O CATEQUISTA DAS SELVAS oferta do sr. Adolfo Aizen, Diretor da Brasil-América, pelo que a SBAT transmite os agradecimentos ao conhecido homem de emprêsas gráficas, louvando a beleza do trabalho, de grande alcance cultural. O Cons. Geysa Boscoli declara a seguir que apesar de seus esforços junto da Comissão Estadual de Teatro, não conseguiu fazer incluir no Edital uma cláusula visando o desconto direto da cota porcentual a título de direitos autorais sôbre o valor da subvenção a ser concedida às Companhias. O Cons. Djalma Bittencourt esclarece, entretanto, que essa obrigatòriedade das Emprêsas é implícita, constando das respectivas autorizações, e que, além disso, no momento em que a SBAT declarar que a Companhia tem o direito adquirido sôbre determinada peça a ser encenada, nessa declaração haverá expressamente a consignação de que ela se obriga a respeitar os direitos autorais devidos, em cada caso. O Conselho Deliberativo homologa o ato e aprova inteiramente as medidas tomadas no sentido de acautelar os direitos dos autores. Declara ainda o Cons. Geysa Boscoli que está em entendimentos com a Diretoria do Instituto Nacional do Livro no sentido de que êste adquira uns tantos exemplares da separata da Revista de Teatro, contendo a publicação de peça teatral, para o fim de distribuir como julgar conveniente. Ainda com a palavra o Cons. Geysa Boscoli informa que manteve contacto com a Embaixada norte-Americana, fixando-se o dia 25 de maio para a realização da primeira conferência sôbre o Teatro dos EE.UU., na sede da SBAT, com mostras fotográficas de peças teatrais em cena ou que alcançaram expressivo sucesso, projeção de slides, etc. e que êsse programa será realizado, na medida do possível, talvez até mensalmente, de modo a mostrar o Teatro de cada país, sempre sob os auspícios da respectiva Embaixada. E por fim refere-se o Cons. Geysa Boscoli aos scripts do programa de Televisão intitulado Café sem Concerto, onde há inumera colaboração de diversos autores representados pela SBAT, cujos direitos autorais terão que ser acautelados convenientemente. O Cons. Djalma Bittencourt esclarece que tal programa é elaborado por uma equipe, não havendo uma pessoa física, pròpriamente, responsável pelo texto, mas que tem sido empregado todo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412,p-289

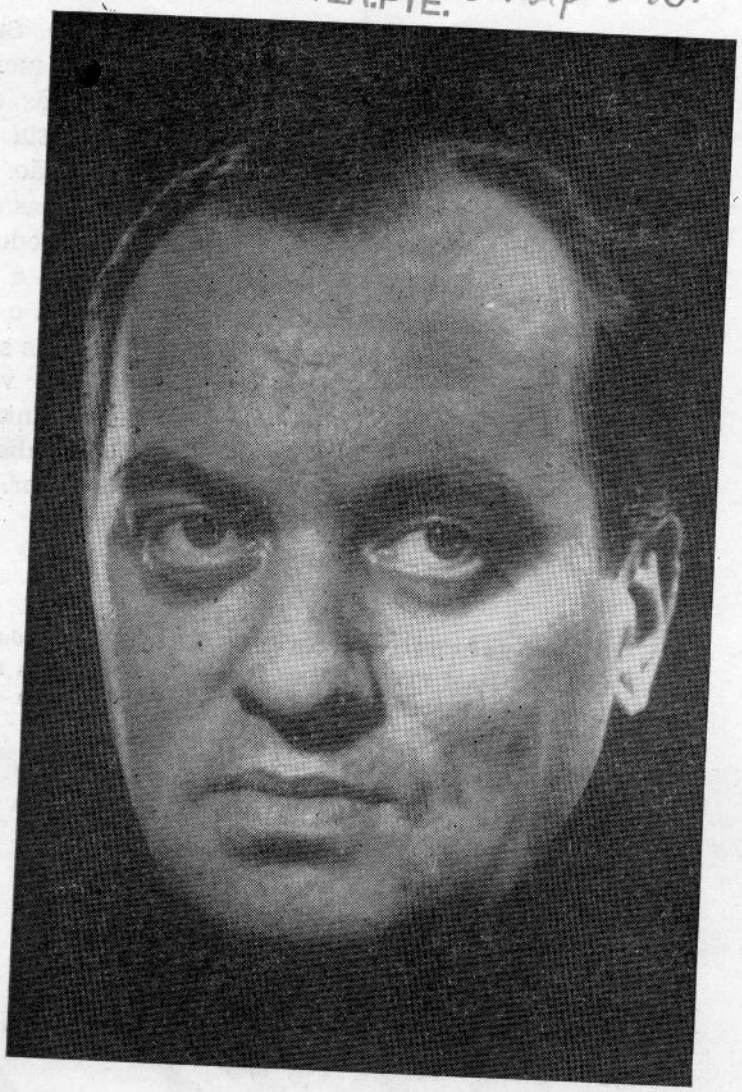
o esfôrço no sentido de apurar a verdadeira autoria de cada quadro apresentado, cobrando-se os respectivos direitos autorais à Emissora TV Tupi, creditando-se ao verdadeiro autor o que de direito lhe cabe. Acrescentou, ainda, que é indispensável a colaboração dos autores conhecedores do gênero teatro de revista no sentido de que apontem os nomes dos verdadeiros autores, eliminando-se as possíveis fraudes. Foi aprovado que a Superintendência encaminhasse à TV Tupi uma carta substanciosa chamando sua atenção para o caso do aproveitamento ilícito de quadros de antigas revistas. E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a Sessão.

ATA DA SESSÃO DE DIRETORIA, CONSELHO DELIBERATIVO E SÓCIOS, REALIZADA EM 14 DE ABRIL DE 1970

O presidente Joracy Camargo assumiu a direção dos trabalhos, convidando para secretários os Cons. Raymundo Magalhães Jor. e Djalma Bittencourt. Lida a Ata da Sessão anterior, foi esta aprovada sem emendas. Passando-se ao expediente, foram lidos os telegramas passados à Televisão Tupi, congratulando-se com a Direção pelo reinício do programa de Teatro Infantil, sob a direção do produtor e consócio Fábio Sabag; ao Sr Adolfo Aizen, agradecendo pela remessa dos exemplares da Revista contendo a história ANCHIETA, O CATECHISTA DAS SELVAS; à Diretoria da SBACEM, felicitando-a pela passagem do 24.º aniversário dessa entidade co-irmã; ao nosso Consócio e Conselheiro Prof. Waldemar de Oliveira, pela passagem do 29.º aniversário do TEATRO DE AMADORES DE PERNAMBUCO, o consagrado TAP, que tantos serviços tem prestado à cultura brasileira. Foi lida a carta em que o sr. Alcindo Gameiro trata do assunto da tradução e representação da peça A NAVALHA NA CARNE, na Venezuela, sem autorização e pagamento de direitos autorais, e bem assim a carta em que a Superintendência da SBAT protesta contra o fato e nega terminantemente a permissão para apresentação da peça brasileira em tais circunstâncias. Ofício do Dr. Ricardo Cravo Albim, agradecendo pelo telegrama da SBAT, por ocasião de sua nomeação para o cargo de Presidente do Instituto Nacional do Cinema. Ofício do Liceu Literário Português agradecendo pela remessa da Revista da SBAT. Propostas pedindo inclusão no quadro social da SBAT, assinadas por: LUIZ CARLOS FERREIRA MACIEL, ROBERTO POMPEU PUMAR e CLEBER LOURENÇO DOS SANTOS, em consequência do que foram admitidos na categoria de SÓCIOS ADMINISTRADOS. Passando-se a interêsses gerais, o Cons. Daniel Rocha justifica sua ausência à última sessão do Conselho, informando que se encontrava em São Paulo, em conferência com o Prof. Chaves, a serviço das Sociedades e que, amanhã, voltaria a Brasília, juntamente com o Presidente Joracy Camargo e outros dirigentes do SDDA, para tomar conhecimento do texto do nôvo Código do Direito do Autor, cujo Projeto está em fase final, prometendo dar conhecimento ao Conselho, na próxima reunião, sôbre o que estiver resolvido a respeito dêsse nôvo Regimento autoral. O Cons. Paulo de Magalhães propõe voto de pezar pelo falecimento do Consócio e funcionário da SBAT, Agnelo Macedo, lamentando a perda, que significa prejuizo inestimável para a vida da SBAT, além do bom companheiro de que nos privamos. Enaltece a atividade de Agnelo Macedo como autor e jornalista e a sua dedicação aos serviços da SBAT desde que aqui ingressou no quadro de funcionários. O Cons. Paschoal Carlos Magno acompanha o Cons. Paulo de Magalhães nesse voto de pezar, cuja proposta já estava na sua Agenda, lamentando que não tivesse havido o merecido destaque na imprensa carioca, principalmente, onde Agnelo Macedo militara durante mais de 10 anos seguidos. É consignado um voto de congratulações com o sócio sr. Alfredo Dias Gomes pelo sucesso alcançado pela sua peça ODORICO, O BEM AMADO, no Teatro Gláucio Gill, estrelado pelo grande ator Procópio Ferreira. O Cons. Djalma Bittencourt propõe voto de congratulações com a Emprêsa que acaba de inaugurar o Teatro Olímpia, em São Paulo, com capacidade para 1.300 espectadores, a par de uma beleza extraordinária, representando inegàvelmente uma grande contribuição à arte e cultura do grande Estado bandeirante, que se distingue, cada vez mais, no cenário brasileiro. O Cons. Geysa Boscoli lê um projeto visando à fiscalização de peças teatrais do gênero revista, tanto nos teatros como na Televisão, de modo a que sejam pagos aos legítimos autores os direitos autorais respectivos, para o que seria criada uma Comissão composta de elementos entendidos na matéria, e que receberiam verba compatível com os serviços prestados, sendo indispensável para isso o aumento da porcentagem administrativa de 2 ou 3 por cento, conforme o caso. Atendendo à necessidade de se apresentar uma solução à altura da importância do assunto foi designada uma Comissão composta dos srs. Daniel Rocha, Nestor de Holanda e Djalma Bittencourt, para estudar o caso e emitir parecer, que será apresentado em igual Sessão, no próximo mês de maio. E nada mais havendo a tratar o senhor presidente encerrou os trabalhos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 290.

OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES



3 ATOS

DE

PEDRO BLOCH

O linotipista que compõe a Revista de Teatro me dizia, sem qualquer intenção, quando terminou a composição de "Os Inimigos não mandam flôres": "Terminei a composição sem sentir, numa só arrancada e estou suando de emoção. Aliás, tôda vez que componho peça do Dr. Pedro Bloch, experimento a mesma sensação". De fato. Quando a peça agrada ninguém se apercebe do tempo. Não há tempo para bocejar nem para desviar o pensamento da ação que nos está sendo apresentada. O autor Pedro Bloch sempre conseguiu prender a platéia ao conteúdo humano de suas peças. Pedro Bloch leva para o palco o drama que êle observa no dia a dia de sua vida e do seu contacto com o ser humano. E os dramas são sempre os mesmos, em tôda parte do mundo. E daí o fato de Pedro Bloch ser, na realidade, o autor mais representado no estrangeiro. Os conflitos que êle apresenta, em suas peças, no Brasil, são os mesmos que afligem a tôda a humanidade. São diversas as suas peças estreadas no estrangeiro. Agora mesmo, enquanto nós estamos discutindo, há meses, sôbre LSD — se pode ou não pode ser dada sob êsse título — foi a peça estreada em Madrid, num dos maiores teatros, com sucesso absoluto. E o sucesso correu mundo chegando a outros países;

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p 291

e da Argentina já nos chega um pedido para tradução e montagem imediata. "PAIS ABSTRATOS" também foi estreada no estrangeiro, em Portugal, por elenco brasileiro, cenários de Pernambuco de Oliveira, numa produção do empresário brasileiro Orlando Miranda. Alcançou o merecido sucesso, a platéia vibrou, e a peça veio para o Brasil cumprir uma carreira vitoriosa. É muito vasto e variado o Teatro de Pedro Bloch, que reune as qualidades de um excelente escritor às de médico de nomeada, especializado em foniatria, corrigindo os sérios problemas da voz e dos defeitos de dicção. Sua ternura pelos seus clientes não é menor do que o seu carinho dedicado às obras que escreve com aquela maestria de estilo e grande poder de observação. Seus merecidos sucessos — e tôdas as suas peças agradam a valer — são produto de um trabalho intenso, dedicado e honesto. Pedro Bloch elabora a receita e êle mesmo a executa no laboratório de sua capacidade de produzir aquilo que vai agradar ao público. Numa oportunidade mais adequada faremos um trabalho eficiente sôbre êsse excelente autor.

D. B.

CARLOS ALBERTO e IONA MAGALHÃES numa das cenas de "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES", de Pedro Bloch, revivida recentemente no Teatro Serrador, Rio de Janeiro, onde permaneceu em cartaz durante meses.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p-292.

"OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES"

PERSONAGENS

GERALDO — Um homem jovem, belo e elegante. Dá a impressão de ser totalmente dominado por sua espôsa SÍLVIA.

SÍVIA — Uma mulher feia e deselegante. De comum com GERALDO só parece ter a juventude, mas a amargura lhe aumenta a idade implacàvelmente. Sua fealdade não é bem física. Não se poderia localizá-la. Ela dá a impressão de que sua alma, derramando-se pelo rosto, é que lhe empresta aquela máscara.

ÉPOCA:

Atualidade. O conflito, porém, é de qualquer tempo.

AÇÃO:

Rio de Janeiro. Poderia acontecer em outro lugar qualquer.

PRIMEIRO ATO

Música expressiva durante dois minutos

Antes de abrir-se o pano SÍLVIA aparece no proscênio e recebe uma "corbeille" de flôres que um mensageiro, vindo da platéia, lhe traz. Faz um sinal para que êle espere e quando volta para o palco o pano vai se abrindo lentamente. O cenário nos dá idéia de um teatro de marionetes, graças a uma concepção moderna de fios que se cruzam e que a luz ressalta. Ali no palco está GERALDO como que paralisado, como se fôsse um boneco sem vida. SÍLVIA deposita numa cômoda as flôres e dirige-se a GERALDO. Tira-lhe a carteira do bôlso, gratifica o mensageiro que se retira e quando vai repô-la percebe que o público deve estar admirado com o que vê.

SÍLVIA **(À platéia)** — Meus senhores! Senhoras! Êste aqui é o meu marido. Um belo homem conforme vêem. **(a uma espectadora)** A senhora não acha? Saudável, **(mostra-lhe os dentes como quem movesse a cabeça de um manequim)** trinta dentes, **(bate-lhe no abdome)** sem banhas excessivas e funcionando perfeitamente com certificado de garantia. Anda, respira, come, bebe e fala. Para que um homem como êste goste de uma criatura como eu é necessário, antes de mais nada, cultivar-lhe o orgulho como quem cultiva orquídeas. Cultivar-lhe a vaidade com chuva apropriada, sol apropriado, tudo no seu devido momento. Êle olha tanto, para dentro de sua imensa vaidade, que não me vê. Por isso ainda não descobriu que eu sou tão feia. Bom, não é?

Estas flôres quem comprou fui eu. O florista, de vez em quando, manda uma "corbeille" que eu pago com um cartão apaixonado que eu mesma escrevo. Quero ver se consigo lhe despertar ciúme. Mas qual! Êle não repara nas flôres, nem repara nos cartões. Mal tem tempo para alisar o cabelo. **(Ela ordena estalando os dedos)** Alisa o cabelo, Geraldo! **(êle alisa o cabelo como se fôsse um autômato).** Para ajeitar a gravata e o lenço. **(Diante de dois estalos, êle endireita a gravata e o lenço).** — Vocês, naturalmente, ainda não compreenderam porque êle está assim, como hipnotizado. Qualquer mulher é capaz de fazer isto com qualquer homem. Não é verdade madame? O homem nas mãos da mulher é um marionete, um fantoche, um boneco de dar corda. E nas mãos de uma mulher inteligente!... Oh-oh-oh-oh!... Nas mãos de uma mulher inteligente! **(A campainha do telefone soa.** GERALDO, **faz menção de ir atender, pois o ruído o acorda. Ela torna a hipnotizá-lo e atende o telefone) — Alô! Juliana querida!** Êle está aqui, sim. Não, ainda não foi para o escritório... Sei. Esteja tranqüila. Êle vai já, já. Outro p'ra você. **(Desliga o telefone. Ao público).** Juliana é a secretária de meu marido. Ela pensa que eu não sei que ela foi escolhida por certas qualidades estéticas independentes de seus pendores taquigráficos e poliglóticos. A essas bonequinhas de porcelana eu sei aparar as asinhas. É só dizer displicentemente: — "É Geraldo. Ela é bonitinha. Pena ser tão burrinha!" — Aí êle muda, completamente, porque sua vaidade só lhe permite ser amado por mulheres bonitas E INTELIGENTES. Simples, não é? **(Estala os dedos diante de Geraldo que acorda. Êle senta e folheia uma revista).**

SÍLVIA — As flôres chegaram.

GERALDO — Que flôres! **(repara indiferente).** Ah, sim! **(pausa).** Telefonaram para mim?

SÍLVIA — Não. Ah, sim!... Juliana.

GERALDO — A esta hora?

SÍLVIA — Você prometeu serão no escritório, hoje

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p-293

GERALDO — Foi o que ela disse?

SÍLVIA — Foi.

GERALDO — Então ela deve saber. Ela toma conta de tudo que é meu.

SÍLVIA — Eu já havia notado isso.

GERALDO — Juliana é muito eficiente. Muito boa menina.

SÍLVIA — Sem a menor dúvida! E bonitinha **(pausa)**. Pena ser tão burrinha!

GERALDO **(Desnorteado)** — Você acha?

SÍLVIA — Não vai me dizer que você, Geraldo, conhecendo as mulheres como conhece, ainda não tinha percebido isso! Ela é de uma vulgaridade assustadora! Para a próxima vez arranje uma secretária que seja bonita e inteligente. Classe, Geraldo!

GERALDO — Pois olhe que eu...

SÍLVIA — Avalio o que você deve ter pensado. Você só lhe analisou a superfície... Não lhe conheceu a alma... a maneira de ser...

GERALDO — Confesso que não. Pois olhe que assim, à primeira vista...

SÍLVIA **(Impaciente)** — À primeira vista. Hoje em dia tudo é maravilhoso à primeira vista. Analisando-as bem elas usam uma verdadeira máscara de "pancake", fazem plástica, tingem os cabelos e moldam o corpo com cintas apropriadas.

GERALDO — Ela não usa.

SÍLVIA **(Espantadíssima)** — Cinta?!

GERALDO **(Manso)** — "Pancake".

SÍLVIA — Por favor, Geraldo! Eu só queria pedir uma cousa a você. Nunca se apaixone por suas secretárias. Apaixone, aliás, é fôrça de expressão. Um homem como você...

GERALDO **(Com falsa modéstia)** — Oh, por favor!

SÍLVIA — Há tantas mulheres caídas por você! Imagine se elas descobrem, de um momento para outro, que você tem um "caso" com uma secretária burrinha qualquer.

GERALDO — É verdade. Mas pelo amor de Deus, Sílvia!... Não vá, agora, imaginar que seria capaz de enganá-la com uma...

SÍLVIA — Deus me livre e guarde! Seria tão repugnante... tão... que eu prefiro nem... Possuir essas criaturinhas deve ser o mesmo que brincar com um objeto, uma coisa... Talvez uma gata Angorá. Elas transpiram sexo por todos os poros. Mas você sabe que sexo não isso, Geraldo! Sexo só se valoriza associado à riqueza espiritual, à ternura, ao calor humano verdadeiro. Claro que você não pode querer a criaturas assim. Por favor, Geraldo! Nunca ame a uma mulher vulgar. Você sabe por que eu me apaixonei por você?

GERALDO — ?!

SÍLVIA **(Cultivando-lhe a vaidade)** — Porque você é um homem raro, Geraldo! A gente vê em seus olhos o seu caráter, a sua ombridade, a sua classe de homem fino e de bom gôsto! É essa fôrça que você irradia, essa confiança... êsse olhar... Um homem como você Geraldo, jamais trocaria uma espôsa por uma gata. **(Aproxima-se da "corbeille").** São bonitas estas flôres, não é verdade?

GERALDO — Que flôres? Ah, sim!

SÍLVIA — Parece que vêm acompanhadas de um cartão... **(pausa)** azul...

GERALDO — Por falar em cartões... Você me lembra que amanhã é aniversário do Pimentel? Juliana sempre esquece.

SÍLVIA **(Triunfante)** — Há pouco ela era muito eficiente, não era? **(Cautelosa).** Você, às vêzes, é uma criança **(cautelosa).** Aliás foi bom falar nisso! Há dias que eu estou pensando numa solução interessante.

GERALDO — Que solução Sílvia?

SÍLVIA — Geraldo, você não acha que devia mudar de secretária?

GERALDO — E onde é que eu vou descobrir uma outra Juliana?

SÍLVIA — Você precisa de alguém em quem possa confiar totalmente.

GERALDO — Não vejo quem...

SÍLVIA — Por você eu faria qualquer sacrifício. Eu seria até capaz de trabalhar com você, Geraldo.

GERALDO **(como quem tivesse tomado óleo de rícino)**

No escritório?!

SÍLVIA — No escritório. Não se pode confiar nessas secretárias de hoje.

GERALDO — Por Juliana eu ponho a mão no fogo.

SÍLVIA — Elas ficam armadas contra nós. Tomam conhecimento de tudo. Lêem cartas. Expedem telegramas. Podem até descobrir o gênero de negócios a que você se dedica ùltimamente.

GERALDO — Juliana seria incapaz de...

SÍLVIA — Não confiemos em excesso. De idiota é que ela não tem nada.

GERALDO — Foi você mesma quem disse.

SÍLVIA — As mulheres só são idiotas para aquilo que lhes convém. Imagine se a pol... se descobrem o gênero de negócios a que você se dedica. É preciso despedir Juliana o mais depressa possível. Eu não poderia mais dormir descansada. Eu teria mêdo, Geraldo!

GERALDO — Mas despedi-la como! A título de quê?

SÍLVIA **(rápida)** — A título de tudo! Se você não quiser eu mesma a despeço **(pausa)** — **(transição).** Eu estou ficando mais magra?

GERALDO **(amolado)** — Sei lá!

Transição musical.

(Tôda vez que SÍLVIA se dirige ao público e o marido fica paralisado, hipnotizado, a

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.294

música faz uma passagem rápida e expressiva e as luzes se modificam. Quando a cena recomeça, as luzes voltam).

SÍLVIA **(ao público)** — Como é estranha, por vêzes, a vida de um casal, não é madame? As cenas aqui em casa acontecem de maneira curiosa. Imaginemos ,por exemplo, uma cena depois de jantar. Acabamos de comer e nos sentamos, aqui, cada qual em sua poltrona. **(Ela estala os dedos e GERALDO senta. De repente êle começa a caminhar agitado).**

GERALDO — Eu acho que aquêle peixe me fêz mal **(pausa).** Onde é que estão meus comprimidos?

SÍLVIA — Estavam na mesa, ao lado do seu prato. Você não reparou?

GERALDO — Mas se estavam na mesa, ao lado do meu prato, é porque você já sabia que ia me fazer mal.

SÍLVIA — Que absurdo, Geraldo!

GERALDO — Você tem a mania de mandar preparar peixe sabendo que eu sou alérgico.

SÍLVIA — Mas, querido, foi você mesmo quem pediu!

GERALDO **(Comprando briga)** — E que tem isso? Não é motivo para viver satisfazendo todos os meus caprichos. Você parece que já faz essas coisas de propósito, só para me irritar.

SÍLVIA **(cândida)** — Oh, meu bem! Você sabe que eu seria incapaz de...

GERALDO — Há dois meses que eu pedi a você para mandar fazer o doce de pêssegos que mamãe fazia. Você fêz?

SÍLVIA — O doce de pêssegos que sua mamãe fazia está pronto. Eu propus a você agorinha mesmo. Você disse que não queria.

GERALDO **(explodindo)** — Não ouvi direito! Estava pensando em outra coisa! Aliás, aqui nesta casa, estou sempre pensando em outras coisas. Porque será que em casa do Pimentel as coisas andam sempre bem? Lá sim! A gente sente o pulso de uma dona de casa.

SÍLVIA — Aquilo tudo vem pronto de fora, meu amor. A madame Pimentel só conhece cozinha de fotografia de revista americana.

GERALDO **(desesperado, caminhando a passos largos)** — Com os nervos no estado em que eu ando não se pode trabalhar, não se pode produzir. Um dia destes mando tudo às favas e vou construir pontes, edifícios, fazer alguma coisa.

SÍLVIA — Você acha que não tem feito nada?

GERALDO — Tenho. Tenho feito uma série de coisas que não deveria ter feito.

SÍLVIA — Como... por exemplo...

GERALDO — Casar.

SÍLVIA — Comigo?

GERALDO — Sim, Sílvia. Com você. Não vê que isto não dá certo! Que isto não pode dar certo? Não vê?!

SÍLVIA — Não vi jamais um casamento mais certo que o nosso. Não somos felizes?

GERALDO **(com asco)** — Nós?!

SÍLVIA — O que chama você de felicidade ?

GERALDO **(com desprêzo)** — Felicidade!

SÍLVIA **(agarra-se ao desprêzo como se fôsse ignorância)** — Está vendo? Você nem sabe o que é felicidade!

(Transição musical. Ao público) — Outras vêzes lhe dá a mania das viagens. Eu já sei. É quando êle acende um cigarro... **(êle acende)**... solta uma baforada... **(êle solta)** e se põe a olhar o infinito com um ar sonhador.

GERALDO — Todo mundo está indo aos Estados Unidos e à Europa.

SÍLVIA **(ao público)** — Eu não disse? **(a Geraldo).** É verdade, meu bem.

GERALDO — E pensar que, com todo o dinheiro que nós juntamos, não fui, ainda, nem aos Estados Unidos nem à Europa.

SÍLVIA — É verdade, Geraldo. Com todo o dinheiro que **nós** juntamos **você** ainda não foi nem aos Estados Unidos nem à Europa.

GERALDO — Você não acha que eu devia viajar?

SÍLVIA — Acho.

GERALDO — Paris!

SÍLVIA — Paris. Você passaria momentos maravilhosos **(pausa).** Pena os seus negócios.

GERALDO — O que é que têm os meus negócios?

SÍLVIA **(cortando logo)** — Aliás não tem nada demais. Eu poderia tomar conta dêles. Você iria a Paris... Salvo... **(silabando)**... se fôsse descoberto o gênero de negócios a que você se dedica.

GERALDO **(exaltado)** — Você ùltimamente anda falando muito, em descoberto-descoberto-descoberto. Você soube de alguma coisa? Alguém procurou...

SÍLVIA — Não é preciso ficar nervoso ! É que, de vez em quando, surgem umas ameaças.

GERALDO — Ameaça, como?

SÍLVIA — Pelo telefone.

GERALDO — Ameaças?! Como é que para mim nunca telefonaram?

SÍLVIA — Para mim telefonam.

GERALDO — E, depois, ninguém, a não ser pessoa de absoluta confiança, sabe a história dêsses negócios.

SÍLVIA — Ninguém a não ser algumas daquelas bonecas empoadas que cercam você, e que vivem querendo roubar você de mim. Na-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 412.p-295

turalmente abrem a sua correspondência...

GERALDO — Isso é mentira!

SÍLVIA — Com certeza mexem em seus livros, verificam certas coisas...

GERALDO — Ninguém conseguiria nada daquela sala. Eu ponho a minha mão no fogo. (SÍLVIA, **como por um passe de mágica, faz surgir uma carta na mão**). Que é isso?

SÍLVIA — Esta é uma das cartas que ninguém poderia... Eu a consegui mesmo sem ir ao seu escritório. Já vê você que não é tão difícil assim.

GERALDO — Como foi que você encontrou esta carta?

SÍLVIA — Não importa. Serve apenas para alertar você... num momento em que você está pensando em viajar...

Transição musical.

(Ao público). E assim, geralmente, eu consigo acalmar seus arroubos de caixeiro-viajante. E a vida continua. Mas será isto vida? Para mim é. Que posso esperar mais ? Amor? Como? Felicidade? É uma palavra vaga e sem sentido. Pode-se ser confortàvelmente infeliz. Se elas usam a beleza para conseguirem o que querem por que não poderia eu usar as outras armas? Mas o triste, o realmente triste, é quando êle começa a ter inveja dos outros casais.

GERALDO — O Ramos é tão feliz!

SÍLVIA **(ao público)** — Estão vendo?

GERALDO — O Novais vive tão alegre!

SÍLVIA **(ao público)** — Eu não disse?

GERALDO — Tão satisfeito da vida.

SÍLVIA — Agora só falta o casal Pimentel.

GERALDO **(sonhador)** — E o casal Pimentel !

SÍLVIA **(ao público)** — Vocês vão ver só uma coisa **(rompe num rizinho)**.

GERALDO — De que é que você está rindo?

SÍLVIA **(fazendo o risinho crescer)** — De nada.

GERALDO **(irritado)** — Ninguém ri de nada.

SÍLVIA **(rindo, agora francamente)** — Estou rindo da felicidade do casal Pimentel. Êle, por um lado, tem duas amantes conhecidas. Ela já passou pelas mãos de todos os homens do Rio de Janeiro. E dizem até que... **(explosão de riso)**.

GERALDO **(desnorteado)** — Pois olhe que à primeira vista...

SÍLVIA — Você precisa convencer-se de uma coisa, Geraldo: — O mundo está perdido. Felizes, mesmo, só nós dois. Entre nós há sinceridade.

GERALDO — Há o que?!

SÍLVIA — Há humanidade, sentimento. Você não vê que os outros casais se detestam, se entredevoram, sem calor nem piedade? Nós somos diferentes, graças a Deus!

GERALDO — É... Nós somos diferentes graças a Deus.

SÍLVIA — Eu quero dizer que a vida de um casal resulta de um equilíbrio consciente, de um equilíbrio inteligente. É preciso colaboração. Renúncias mútuas. Eu, por exemplo, renuncio a uma série de coisas **(cautelosa)**. Você renuncia à sua viagem... a Europa... De fato, muitas vêzes, é penoso, mas daí resultam a compreensão, o equilíbrio...

GERALDO — Mas basta o equilíbrio?

SÍLVIA — Claro que basta!

GERALDO — E o amor?!

SÍLVIA — Equilíbrio é amor, Geraldo ! Equilíbrio é prudência, cuidado, resistência, amor. Você é um homem, Geraldo. Você precisa compreender a vida. Você não pode ser, eternamente, aquêle garôto, filho único, ridicularizado na escola...

GERALDO **(num grito)** — Sílvia!

SÍLVIA — Colado à saia da mãe! Objeto de zombaria!

GERALDO **(manso)** — Sílvia!

SÍLVIA — Fico tão feliz quando você me compreende. Geraldo, prometa-me que seremos felizes e que você me amará sempre.

GERALDO **(arrazado)** — Sempre **(noutro tom)**. Amanhã devo ir a São Paulo.

SÍLVIA — Amanhã não podemos.

GERALDO **(pirracento)** — Você é que não pode. Eu posso.

SÍLVIA — E você pretende ir só?

GERALDO — Pretendo.

SÍLVIA **(com simulada indiferença)** — Que quer que eu ponha na mala?

GERALDO **(assombrado)** — Você não está zangada?

SÍLVIA **(plácida)** — Zangada por quê?

GERALDO — Com a minha viagem.

SÍLVIA — Seria ridículo.

GERALDO — Você sabe, perfeitamente, o que eu vou fazer em São Paulo.

SÍLVIA — Um homem como você, Geraldo, deve descansar, de vez em quando, até da própria espôsa. Quantas camisas?

GERALDO — Mas você não vai protestar, não vai gritar, não vai dizer nada?!

SÍLVIA — Você me julga igual a essas mulheres **ridículas** que você conhece?

GERALDO **(fulo)** — Pois eu quero que você seja ridícula? Eu quero que você seja igual a elas. Você me encurrala dentro de sua amabilidade, dentro de sua tolerância e não me deixa respirar. Eu preciso ser livre, Sílvia! Eu preciso fazer o que quero, o que tenho von-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p.296.

tade. Você não pode estar de acôrdo com a minha viagem a São Paulo. Qualquer mulher normal protestaria.

SÍLVIA **(a estátua da placidez)** — Eu não sou uma mulher qualquer.

GERALDO — Qualquer mulher gritaria, faria escândalo, proibiria.

SÍLVIA — Eu não sei fazer escândalo.

GERALDO **(desesperado)** — Pois eu vou a São Paulo para respirar. Não há nada, nada me esperando em São Paulo. Nem a amante, nem a mulher que você pensa que me espera. É de ar que eu preciso! De ar! Respirar! Respirar !

SÍLVIA — Que quer que eu ponha na mala ?

GERALDO **(no auge do desespêro e da indignação)** -- Mas você não pode estar aí parada fazendo esta pergunta idiota! Você não pode estar sentindo o que finge que está sentindo !

SÍLVIA — Eu não estou fingindo nada.

GERALDO **(com raiva)** — Está. Eu sei que está. Você tem vontade de explodir, de gritar, de acabar com essas viagens, mas tem mêdo. Mêdo de brigar, mêdo de criar uma situação que me faça deixar esta casa para sempre.

SÍLVIA — As portas estão abertas.

GERALDO **(alucinado)** — As portas estão abertas mas eu não posso sair por elas. Com que pretêxto? Eu preciso de um motivo para fazer as coisas. Você não me dá êsse motivo! Você está sempre de acôrdo! Como eu gostaria que você um dia sentisse de verdade. Proteste! Grite! Condene! Fale! Vamos! Vamos !

Transição musical.

SÍLVIA **(ao público)** — Não se preocupem, senhores. Estas coisas se repetem, quase diàriamente, desde a nossa lua de mel. Até a nossa lua de mel foi diferente. Eu tive de usar de sutilezas sem fim para convencê-lo de que era feliz. O método da auto-sugestão consciente... Eu sou feliz. Eu sou feliz, **(com raiva)**. Eu sou feliz... **(com riso amargo)**. Simples, não é?

GERALDO **(Acorda diante de um estalar de dedos de Sílvia. Creio inútil frisar que cada vez que Sílvia se dirige ao público** GERALDO **é hipnotizado).** — Vamos! Proteste! Grite! Condene! Fale! Vamos!

SÍLVIA **(nova técnica. Humilde, chorosa).** — Geraldo, eu sei que não mereço você Eu sei que não faço a sua felicidade, mas, por favor, não me humilhe dessa maneira! A única coisa que me resta de consôlo é a minha sinceridade. Eu sou capaz, até, de lhe dar um pretêxto para você deixar esta casa. Que é que você quer que eu faça? Eu já não peço mais que você me ame. Basta que me tolere.

GERALDO — Você pensa que me ilude com suas palavras? Eu não suporto mais êsse contrôle. Você controla o telefone, controla as cartas, controla até meus pensamentos. E o pior é que você concorda comigo mesmo quando eu não tenho razão, mesmo quando você sabe que eu sei que não tenho razão. E não sente nada, Sílvia. Que é que você tem contra a vida? O que é que você tem contra as outras mulheres?

SÍLVIA — Não tenho nada contra ninguém.

GERALDO — Então não fique me perseguindo, não fique me torturando, me controlando, fingindo que não controla e que não persegue. Afinal, de que é feita a nossa vida?

SÍLVIA **(angélica)** — No nosso amor.

GERALDO — Amor?! Oh, Sílvia! Um dia nos encontramos e você me venceu com os seus argumentos. Eu não precisava dêles, Sílvia. O amor não vive de demonstrações matemáticas, de cálculos. Você provou por **A** mais **B**, matemàticamente, que eu devia casar com você. A cada ameaça de rompimento você lança mão de novos teoremas, de novos argumentos. Sua argumentação está sempre certa. Seus sentimentos é que não estão.

SÍLVIA — Então, Geraldo, o que é amor?

GERALDO **(sufocado de desespêro)** — Eu sei, Sílvia. Eu sei o que é amor para mim. Mas também sei que você vai vencer com os seus argumentos. Você vai provar que amor é aquilo que você quer que êle seja e vai me convencer de que é exatamente isso que eu sinto por você

SÍLVIA — Mas claro!

GERALDO — E você sabe, perfeitamente, que você não me ama.

SÍLVIA — É você quem diz isso.

GERALDO — Você sabe, perfeitamente, que não casou comigo por amor. Eu gostaria de saber por que foi que você casou comigo. **(Grita)** Por que você casou comigo, Sílvia?!

SÍLVIA — É. Hoje, meus amigos, êle está perigoso, sabem? Tôda vez que lhe dá essa crise de liberdade, preciso envaidecê-lo, estimulá-lo, desenhar-lhe tudo em tecnicolor. Vivemos, realmente, num inferno. Mas um inferno colorido. Eu controlo o telefone, controlo as cartas, controlo até seus pensamentos. Ontem estive analisando meus sentimentos. Por que teria eu casado com um homem como Geraldo? E cheguei a duas conclusões. Em primeiro lugar porque nenhum dos outros homens quis casar comigo. Depois... eu precisava vingar-me, vingar-me das outras mulheres, daquelas que são amadas como mulheres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p.297

mesmo, das que são amadas como carne, como sexo, como amor.

GERALDO **(acorda com o estalar dos dedos de Sílvia)** — Por que você casou comigo?

SÍLVIA — Porque eu amava você.

GERALDO — Não se ama assim.

SÍLVIA — Cada qual ama como sabe.

GERALDO **(acabrunhado após longa pausa)**. Perdoe, Sílvia. Tenho essas explosões, de vez em quando, mas a minha intenção não é feri-la, nunca, compreende?

SÍLVIA — Compreendo, Geraldo.

GERALDO — Não guarde rancor, Sílvia.

SÍLVIA — Não guardarei nada.

GERALDO — Obrigado.

SÍLVIA **(num tom sem côr)** — Que é que você quer que eu ponha na mala?

GERALDO **(desalentado)** — Já não vou mais a São Paulo.

SÍLVIA **(meiga, doce, terna, humilde)** — Mas você deve ir, meu bem! A viagem vai fazer um bem enorme a você.

GERALDO — Não acho.

SÍLVIA — Estou certa disso.

GERALDO — Não tenho mais vontade.

SÍLVIA — Deixe por minha conta. Providenciarei tudo. Arrumarei a mala, reservarei passagem, tudo. Está vendo? Eu aceito ser sua nova secretária.

GERALDO — ! ?

SÍLVIA — Já sem falar na economia que isto representa, sendo sua nova secretária poderemos estar juntos o dia inteiro...

GERALDO **(com amargura)** — O dia inteiro.

SÍLVIA **(Aproxima-se e a cada "juntos" que profere aperta-lhe mais a gravata que está quase aberta a princípio)**. — Poderei afastar de você os importunos e aquelas idiotinhas que infestam o seu escritório. Vai ser uma maravilha! **(ela saboreia com sadismo)**. Iremos "juntos" de automóvel... Almoçaremos "juntos"... Sempre "juntos"... Vai ser uma maravilha.

GERALDO **(alarmado)** — Vai?!

SÍLVIA **(aproxima-se das flôres)** — São lindas estas flôres, não é verdade? **(tira o cartão)**. Você conhece algum Reinaldo?

GERALDO **(sêco)** — Não

SÍLVIA — Foi êle quem mandou as flôres.

GERALDO **(amolado e indiferente)** — Deve ser algum amigo.

SÍLVIA — Mas hoje não é nenhuma data especial. Não é a primeira vez que eu recebo flôres dêsse indivíduo. Isto já está se tornando desagradável.

GERALDO — Só pode ser um imbecil qualquer.

SÍLVIA — Nenhum imbecil se atreveria a cortejar-me.

GERALDO — Ora, Sílvia! Flôres! Não vejo nada demais.

SÍLVIA — Pois eu vejo. Então você acha natural uma coisa dessas, Geraldo?

GERALDO — Quem sabe se não é algum parente ?

SÍLVIA — Não temos nenhum parente com êsse nome.

GERALDO **(alheio, depois de uma pausa)** — Você comprou pasta de dentes?

SÍLVIA **(desalentada)** — Está no banheiro.

GERALDO — Bem.

Transição musical.

SÍLVIA **(à platéia, enquanto GERALDO se mantém alheio)** — Vocês estão vendo? Nada em comum. Dois enxadristas. Uma ótima jogadora como eu e um péssimo jogador como êle. Sem nada. Sem fé. Sem esperança. Eu poderia renunciar a tudo isto. Seria o único caminho. Mas não. Agora isto irá até o fim. Também sou gente, também tive um coração terno e doce como o de todos vocês. Também sonhei com tudo que as outras mulheres sonham, não sonhei? As gatas são donas do mundo, com suas plásticas, seus "pancakes", seus vestidos colantes, suas curvas, seu sexo. Elas tomaram conta do amor. Mas consegui mais do que tôdas elas. Tôdas as gatas andaram tentando envolvê-lo e eu o consegui para mim, só para mim. Agora eu só espero uma coisa, só anseio por uma coisa, com tôda a minha alma, com todo o meu coração: — Eu quero envelhecer depressa. A velhice será a paz, a tranqüilidade, o sossêgo definitivo, quase a felicidade, a libertação dêstes sustos permanentes, destas angústias sem fim. A velhice será minha, só minha. Sem sustos, sem temores, sem ódios, sem receios, sem rancôres. Eu gostaria que os anos passassem num dia, num minuto. E então êle será meu, definitivamente. Para sempre... **(com raiva)**... Para sempre... **(com angústia)**. Para sempre!

FIM DO PRIMEIRO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p.298.

SEGUNDO ATO

Música durante meio minuto.

Ao erguer-se o pano SÍLVIA está pondo a mesa para dois. Parece que algo está para ser comemorado. Pratos, talheres, taças e até champanha. Um candelabro ao centro da mesa. Esta mesa ela a põe, aos poucos, enquanto dialoga com GERALDO, até o início do seu grande monólogo. O desinterêsse de SÍLVIA se acentua com êsse vaivém, pois GERALDO quer por fôrça que ela sinta, que ela participe de seu drama. GERALDO acabou de entrar abatido, alquebrado. Senta-se desalentado.

GERALDO **(quase suplicante, depois de uma longa pausa)** — Sílvia!

SÍLVIA **(sempre preparando a mesa)** — Sim?

GERALDO — Você não pergunta nada?

SÍLVIA — Você não sabe que dia é hoje?

GERALDO — Quarta-feira, 15 de outubro. **(Pausa).** Você não sabe onde eu fui?

SÍLVIA — Sei.

GERALDO — E não tem, ao menos, a curiosidade de saber em que pé estão as coisas?

SÍLVIA — Tenho.

GERALDO **(explodindo)** — Então pergunte!

SÍLVIA **(a tranqüilidade em pessoa)** — Em que pé estão as coisas?

GERALDO — Sílvia, como você mudou!

SÍLVIA — Eu era diferente?

GERALDO — Era **(pausa).** Sílvia, você sabe que eu sou um covarde?

SÍLVIA — Sei.

GERALDO — Nunca me julguei um imbecil. Você sabe que...

SÍLVIA — Também sei.

GERALDO — Sílvia!

SÍLVIA — Que é?

GERALDO — Você ainda não me perguntou nada.

SÍLVIA **(sereníssima)** — Estou esperando que você fale.

GERALDO — Mas em outros tempos você estaria desesperada por saber!

SÍLVIA — O desespêro cansa.

GERALDO — Você estaria ansiosa, esperando na porta a minha chegada, para saber o que êle disse.

SÍLVIA — Em outros tempos.

GERALDO **(analisando-a)** — Então quer dizer que você também sabe disso!

SÍLVIA — Você acha?

GERALDO — Você quer parar com essa calma idiota?! Não é possível que êle não lhe tenha dito nada. Que não tenha, ao menos, telefonado **(pausa — transição).** O Dr. Castro me examinou. Eu devo estar muito mal, Sílvia.

SÍLVIA — Sim?...

GERALDO — Você não está aflita por saber o que êle disse?

SÍLVIA **(placidíssima)** — Estou.

GERALDO **(numa explosão)** — Então pergunte!

SÍLVIA **(serenissima)** — O que foi que êle disse?

GERALDO **(como quem vai ditar uma sentença de morte)**

Êle não disse nada! **(ela abana a cabeça num sorriso irônico).** Não disse nada, mas quando me examinou êle franziu a testa.

SÍLVIA — Os médicos franzem sempre a testa.

GERALDO — Custou a fazer o diagnóstico e... depois um silêncio de morte.

SÍLVIA — Lógico, não é?

GERALDO — Aí tirou minha pressão.

SÍLVIA — Natural, não é?

GERALDO — Ficou pálido quando viu a pressão. Pensei que êle ia desmaiar...

SÍLVIA **(irônica)** — Então vai ver que êle é quem está doente **(pausa).** Quanto deu a pressão?

GERALDO — Não quis dizer. Só murmurou "muito bem!" **(olhar de Sílvia).** E os médicos só dizem "muito bem" quando querem esconder alguma coisa. Você não vai imaginar que êle vai me dizer na cara que eu estou com um cân... Saí dali com o coração doendo. Já nem conseguia mais andar sem sentir palpitações...

SÍLVIA — Está vendo? Quando você entrou no consultório não tinha nada.

GERALDO — É diferente. Quando entrei eu não sabia o que tinha.

SÍLVIA — E agora você sabe?

GERALDO — Não. Mas você não percebe a diferença entre uma pessoa que não sabe de nada e uma pessoa que "sabe que não sabe"? Qualquer esfôrço, agora, para mim é uma tortura... E nem receitou... Disse que só depois dos exames de laboratório.

SÍLVIA — Hmmmmmmmmmmm!

GERALDO — Talvez seja necessário arrancar todos os dentes.

SÍLVIA **(feliz)** — Ah, sim?!

GERALDO — Tenho a impressão de um desmoronamento. Uma coisa dessas não acontece com o Pimentel. Tinha que ser comigo. E tudo tão de repente! Tudo tão inesperado. Eu não mereço um castigo dêsses, Sílvia. Mereço? Sempre fui um sujeito correto... decente.

SÍLVIA — Decente, Geraldo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 299

GERALDO — Não tenho culpa que os negócios não tenham dado certo, tenho?

SÍLVIA — Não tem culpa como? Você quase levou todo mundo a falência.

GERALDO — Ora, Sílvia, você sabe perfeitamente, que o risco era todo meu.

SÍLVIA — Desde quando, Geraldo?

GERALDO — Sempre **(pausa)**. Telefonaram do escritório?

SÍLVIA — Não.

GERALDO **(voltando ao tema)** — Curioso é que de repente me deu assim... uma vontade... vontade não. Uma necessidade de ser bom, entende?

SÍLVIA — Mais ou menos.

GERALDO — Eu que não sou dessas coisas, hoje dei uma esmola.

SÍLVIA — É grave...

GERALDO — De cinco contos.

SÍLVIA — Gravíssimo.

GERALDO — Quando aquêle mendigo se aproximou de mim eu me senti mais pobre do que êle. Nós eramos companheiros de uma infelicidade comum. A minha miséria orgânica... O Dr. Castro está me escondendo alguma coisa. Êle já começou a preparar o meu espírito. Sílvia, eu estou perdido! **(pausa)**. Você seria capaz de se dedicar a mim... se eu ficasse... inválido?

SÍLVIA — Quem sabe, não é? Essas coisas... só vendo.

GERALDO — É verdade, Sílvia, que eu não lhe tenho proporcionado grandes alegrias.

SÍLVIA — É. Não tem.

GERALDO — Às vêzes tenho sido até egoísta.

SÍLVIA — Ah, sim?!

GERALDO — Mas será que eu tenho culpa, Sílvia? Eu sou o que sou, assim como sou. porque deste pequeno só me ensinaram a pensar em mim. Pra mamãe eu era o centro do mundo.

SÍLVIA — Cada qual é centro de seu próprio mundo.

GERALDO — Mas eu queria ser o centro do mundo de todo mundo. Em casa era fácil, mas na escola... Sílvia telefone para o Dr. Castro. Pergunte a êle a verdade. Tôda a verdade.

SÍLVIA — Eu já telefonei, Geraldo.

GERALDO **(ansioso)** — E o que foi que êle disse?

SÍLVIA — Ainda não sabe. Está esperando os resultados. Está esperando, Geraldo.

GERALDO **(desesperado)** — Mas eu não posso esperar. Você não vê, que eu não posso esperar?!

SÍLVIA — Eu poderia lhe dar um curso completo da arte de esperar. Um curso de especialização. Passei a minha vida inteira esperando... Noites inteiras esperando que você viesse, Geraldo. Noites inteiras olhando o despertador. Noites inteiras adivinhando seus passos. Eu esperei anos, Geraldo! Você vai esperar apenas alguns minutos. O Dr. Castro vai telefonar-me o resultado.

GERALDO **(apavorado)** — Olhe, se o que eu tiver fôr muito grave não me diga, não me diga nada. Prefiro não saber. Você promete?

SÍLVIA — Prometo.

GERALDO — Você não vai me deixar, não é Silvia? Cuida de mim, não cuida? Eu preciso de alguém em quem possa depositar tôda a minha confiança.

SÍLVIA — Você confia em mim, Geraldo?

GERALDO — Cegamente. Por favor, Sílvia. Dentro de alguns minutos o Doutor Castro lhe dirá o que tenho, mas você só me diga a verdade se ela fôr boa.

SÍLVIA — **Está bem.**

GERALDO — Agora, se você me disser que estou bem, como é que eu vou saber se estou mesmo bem?

SÍLVIA — Não pode, não é?

GERALDO — Eu sei que tenho sido egoísta, Sílvia! Mas eu juro, eu prometo! Se sair desta, você não vai se arrepender. Você precisa me ajudar. Precisa me tratar. Precisa ser minha amiga.

SÍLVIA — Eu sou sua amiga, Geraldo.

GERALDO — Mas ainda será minha amiga quando eu estiver estendido num leito de hospital?

SÍLVIA — Não sei.

GERALDO — As mulheres são diferentes. Quando você teve aquela pneumonia... eu não parei um minuto em casa.

SÍLVIA — É verdade.

GERALDO — Bem, mas o seu caso era diferente! Você sabia o que tinha... ao passo que o meu destino está sôbre a lâmina de um microscópio e... Você não é como eu, Sílvia. Você é feita de outra massa. Você jamais cometeria a baixeza de me deixar sòzinho num momento de dor, num momento difícil. Cometeria?

SÍLVIA — Só na hora a gente sabe as reações que tem.

GERALDO **(vai deixar a sala. Pára diante da mesa posta sem vê-la e diz ao sair)** — 15 de outubro. Hoje, Sílvia, não é um dia como os outros. **(Sai).**

SÍLVIA — Êle se lembrou! Êle se lembrou! Hoje não é um dia como os outros. Hoje é aniversário do nosso casamento. Para nós êste é o dia em que se comemora a ausência do amor, bem pior que o ódio. Êle me odeia. Eu sei que êle me odeia, mas eu o odeio, também. **(Quase feliz em seu rancor).** Agora êle

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p300.

está doente. Agora êle precisa de mim. E como êsse ódio vai crescer! Os próximos anos de nossa vida em comum serão os da minha vingança. Vingança nas palavras, nos gestos, nas atitudes. **(Ela pegou de uma taça de cristal).** Êle não poderá mover-se, não poderá reagir. Não poderá protestar. Êle se limitará a ouvir e obedecer... a ouvir e obedecer... a OUVIR E OBEDECER! **(Rompe a taça de encontro à mesa com ódio. A campainha da porta soa. Ela se dirige para lá e traz uma "corbeille")** Hoje esta **"corbeille"** vai dar resultado. Hoje com certeza êle notará que chegou uma "corbeille" para mim... **(Ajeita as flôres)** — Assim... Assim... O cartão bem visível! Assim... Perfeito! Oh, meu Deus! Se êle, ao menos hoje, se lembrasse da minha existência! Se êle, num dia qualquer, se lembrasse de que eu existo e me mandasse uma "corbeille" ! Nem seria necessário que fôsse uma "corbeille". Poderia ser um ramo de rosas comuns. E nem seria necessário que fôssem rosas. Poderia ser uma flor qualquer . . . Uma única flor... Uma única flor talvez bastasse... Uma única flor! **(Alarmada de repente).** Meu Deus, aconteceu uma coisa tremenda! Uma coisa tremenda, senhores! Essas flôres... Essas flôres... Mas eu não encomendei essas flôres!... **(Agita-se nervosíssima de um lado para outro).** Será que... Oh, meu Deus! Que bom se isso acontecesse! Que bom se um dia alguém... êle se lembrasse de mim! Vêm com um cartão... Não. Eu não tenho a coragem de abrir o envelope. **(A uma espectadora).** A senhora faria isto para mim! A senhora sobe... Lê o cartão... Não sendo dêle não me diga nada, por favor... Não . . . Não me dizendo nada eu já saberia que não foi dêle... Eu adivinharia... É melhor deixar assim... Irrevelado... É melhor... **(Ri nervosa. O riso cresce).** Ah, mas está tudo claro!... E eu me iludindo desta maneira!... Está tudo claro! O florista mandou estas flôres por engano. Como eu encomendo flôres quase todos os dias... **(Disca o telefone ansiosa, angustiada).** Alô!... Alô!... Florista?... Por obséquio... O senhor terá mandado, por acaso, hoje, as flôres para dona Sílvia?... Não?... Tem certeza?... Pergunte ao gerente, por favor. Não mandou? Obrigada... **(Desliga o telefone alagada de felicidade).** Então foi êle mesmo... **(Ri muito, quase como louca).** Então foi êle mesmo... quem mandou as flôres!... Eu sabia que um dia isto ia acontecer... Um dia... Êle se lembrou... Hoje êle deu uma esmola porque sentiu a necessidade de ser bom. Esta "corbeille" êle a comprou para mim porque sentiu a necessidade de um apêgo, uma amiga, uma companheira, num momento em que está caindo, num momento em que está descendo. Mas por que estou tão nervosa? Oh! Que idiota que sou! Está tudo tão claro! Êle hoje mandou estas flôres porque está doente, porque precisa de mim. Não da mulher, mas da enfermeira, da imbecil que vai cuidar dêle, da idiota que criou esta ratoeira de luxo para sofrer, para se torturar entre pesadelos. Mandou as flôres porque foi ao médico e descobriu que... **(Toca o telefone. Ela atende).** Alô... Sim, Dr. Castro . . . Sim. Compreendo... Sei... Hmmmmmmm... Hmmmmmmm... Sei... **(Desliga o telefone, enquanto Geraldo entra temeroso e aflito).**

GERALDO — Era o Dr. Castro?

SÍLVIA — Era.

GERALDO — Que foi que êle disse?

SÍLVIA — Que você vai ficar bom. Deponde só de cuidado, dedicação.

GERALDO — Sílvia, você está me enganando.

SÍLVIA — Estou não, Geraldo. Você fica bom.

GERALDO — Mas o que foi que êle disse?

SÍLVIA — Sistema nervoso.

GERALDO — Sistema nervoso! Jura.

SÍLVIA — É, Geraldo. Você vai ficar bom.

GERALDO **(quase feliz)** — Distúrbio neurovegetativo. Distonia? Sistema nervoso, hein? Sistema nervoso!... E eu que já tinha começado a dar esmolas de cinco contos! **(Esfregando as mãos, já dono de si novamente).** Sistema nervoso... Então é uma coisa simples! Curável...

SÍLVIA — É, Geraldo.

GERALDO — Veja você que absurdo! Ainda há pouco parecia que o mundo ia desabar **(ri).** Sistema nervoso!... **(Bem humorado, olhando a mesa posta).** Temos festa hoje?

SÍLVIA — Temos

GERALDO — Eu não sabia que você havia convidado os Pimentel.

SÍLVIA — É para nós.

GERALDO — Para nós!?

SÍLVIA — Comemoração.

GERALDO — Ah, sim! Comemoração. Comemoração... de que?

SÍLVIA — Geraldo, que dia é hoje?

GERALDO — Quarta-feira.

SÍLVIA — Estamos em outubro, Geraldo.

GERALDO — E daí ?

SÍLVIA — 15 de outubro.

GERALDO — E daí?

SÍLVIA — Aniversário do nosso casamento.

GERALDO — Nós casamos em outubro?

SÍLVIA — Sim, Geraldo. **Eu** casei em outubro. Felicidades, meu bem.

GERALDO — Obrigado. E champanha ! Muito bem !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 301

SÍLVIA — Eu sei que você está brincando. Eu sei que você não está falando a sério. Você se lembra, perfeitamente, que hoje é o nosso dia. E obrigada!

GERALDO — Obrigada por quê?

SÍLVIA — Pelas flôres.

GERALDO **(sem perceber)** — Que flôres? **(repara nas flôres).** Ah, sim!

SÍLVIA **percebendo a verdade)** — Geraldo! Então... não foi...

GERALDO — Desculpe, Sílvia, mas eu não mandei flôres.

SÍLVIA — Geraldo, não brinque assim, por favor!

GERALDO — Claro que não mandei flôres! Você acha, então, que num dia em que o médico me diz... eu vou me preocupar com...

SÍLVIA **(desolada dirige-se à "corbeille", abre o envelope e lê o cartão).** — Miguel. Você conhece algum Miguel?

GERALDO **(irônico)** — Claro que conheço! Miguel Ângelo... Miguel de Cervantes... Miguel Strogoff... Olhe, você seria uma belíssima atriz! Você tem todos os requisitos: voz, gestos, atitudes, comunicação...

SÍLVIA — O que é que você quer dizer, Geraldo?

GERALDO — Deixe de representar! Então você pensa que eu não sei que é você mesma quem compra as flôres e escreve os cartões? O florista já me contou sua idéia genial. Perguntou se você era louca.

SÍLVIA — Mas, desta vez, você está enganado. Desta vez estamos ambos surpresos. Não fui eu quem encomendou as flôres. Estas flôres vieram para cá e não foram compradas por mim. Você pode perguntar ao florista.

GERALDO — Naturalmente você arranjou outro florista.

SÍLVIA — Não, Geraldo. Parece incrível, mas alguém, neste mundo, me quer. Alguém, neste mundo, se lembrou da minha existência. Existe alguém no mundo que perdeu tempo em entrar num florista por mim, comprar flôres para mim, escrever um cartão para mim. Sentir... Talvez, quem sabe, sentir algo, por mim. Você sabe o que isto significa? Você sabe o que isto significa para mim? Para uma mulher como eu? Você sabe o que isto representa de emoção e sensibilidade? Eu estou sentindo gratidão, Geraldo. Gratidão por uma pessoa que se lembrou da minha existência.

GERALDO — Você não espera que eu acredite nisso. Espera?

SÍLVIA — Não. Agora eu não preciso mais que você acredite. Agora eu não preciso mais que ninguém acredite.

GERALDO — Você, agora, deu para isso, Sílvia?

SÍLVIA — Não, Geraldo. Não vou fazer nada. O gesto me basta. Não quero conhecê-lo. Nem quero vê-lo. Quero apenas guardar a lembrança dêste momento, a recordação destas flôres que deveriam ser suas. Alguém se lembrou de mim. Alguém entre bilhões de seres humanos se lembrou de mim. Não importa quem seja. Alguém. Um ser vivo! Um ser que sofre, que sente, que ri, que chora, que fala, que anda! Alguém!

(Toca a campainha da porta. Ela se dirige para lá e volta acabrunhada. Pega da "corbeille" e arrasta-a até a porta ficando com uma única flor, que arrancou, na mão. Enquanto Geraldo permanece alheio a tudo, ela ri e chora amargamente).

SÍLVIA — Você pode rir, Geraldo! Ria, Geraldo... Vamos! Ria! **(Ri amargamente, muitíssimo nervosa).** As flôres não eram para mim!...

(O riso e as lágrimas crescem e ela se deixa cair numa cadeira, deixa pender a cabeça, deixa pender o braço, deixa cair a flor... e o pano também cai porque aqui termina o "Segundo Ato").

FIM DO SEGUNDO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.042 p-302.

TERCEIRO ATO

Música durante um minuto.

Ela, entretanto, a critério do diretor, pode prosseguir até que termine tôda a cena muda inicial. Ao abrir-se o pano SÍLVIA está caminhando, de um lado para outro, muito nervosa, torcendo as mãos aflitas e olhando em tôrno, assustada. Soa o telefone e SÍLVIA corre a atender, como temendo que GERALDO pudesse surgir, de repente, para fazê-lo antes.

SÍLVIA **(falando baixo, assustada, furtivamente)** — Alô!... Sim... Sei... Duas passagens, não é? Trancou onde? Sei. E os passaportes? Sim o outro? Não posso. **(Com ênfase desesperada).** Mas se estou dizendo que não posso! **(Desliga e caminha, enquanto o telefone, quase imediatamente, soa de nôvo. Agarra-o, frenética).** Alô!... **(Ela ouve e fica cada vez mais inquieta.** GERALDO, **neste momento, entra e observa-a. Está de "robe de chambre", surpreendemente calmo e diferente.** SÍLVIA, **lentamente, repõe o fone no gancho).**

GERALDO — Era pra mim!

SÍLVIA **(faz que não com a cabeça)** — Engano.

GERALDO **(pausa. Depois, com tranqüilidade)** — Curioso que ainda não me tenham telefonado do escritório. **(Dirige-se com naturalidade para o telefone, mas** SÍLVIA **se antepõe).**

SÍLVIA — Pode deixar. **(Geraldo a olha admirado enquanto ela faz a ligação e, pouco depois, desliga dizendo)** Está ocupado.

GERALDO **(depois de observar sua estranha agitação que ela procura controlar sem resultado)** — Você está bem?

SÍLVIA **(brusca, como se tivesse sido ferida)** — Por que é que você pergunta?

GERALDO **(placidíssimo, quase risonho)** — Pra saber se você está bem.

SÍLVIA **(entre áspera e irônica)** — Desde quando é que você se preocupa com o meu bem-estar?

GERALDO **(calmíssimo, analisa-a e não responde à pergunta)** — Estive pensando, Sílvia. Essa tensão permanente em que vivemos... A agitação em que você anda... **(reação brusca de** SÍLVIA). Insônias... Nervos à flor da pele... Tenho pensado muito em fugir de tudo. Uma viagem não seria mau...

SÍLVIA **(angustiada)** — Agora?!

GERALDO — E por que não? Uma viagem não seria mau. Curioso quando a gente começa... Tenho tido longas conversas com o analista que o Dr. Castro me recomendou. É como se a gente mergulhasse na infância e encontrasse os fios que nos movem mais tarde. De repente tanta coisa começou a vir à tona! (SÍLVIA **reaciona com mãos e olhos).** Veja bem, Sílvia—... Um homem como eu...! A vida que eu tenho levado... Então entra na cabeça de alguém que um homem formado esteja metido nisso?!... (SÍLVIA só **reage com os olhos e as mãos aflitas).** Agora vejo que parece incrível, que só depois desse tempo todo, tenho que abandonar tudo.

SÍLVIA **(como num eco)** — Abandonar... **(ligeira pausa. Áspera e brusca).** Você vive pretendendo mudar, mas a única coisa que muda em sua vida são os produtos. Eletrônica... peças de automóveis... Pérolas cultivadas... **(Irônica e cheia de intenções).** Agora são produtos de beleza, não são, Geraldo?

GERALDO — Que diferença faz?

SÍLVIA **(com ironia amarga)** — Nenhuma. **(Riso amargo).** Produtos de beleza!...

GERALDO — Já estou farto desta vida... Palavra de honra, Sílvia! Há momentos em que penso nos negócios em que...

SÍLVIA **(corta)** — Negócios?!... **(quase num grito).** Contrabando!

GERALDO **(num protesto)** — Mas Sílvia!

SÍLVIA **(agressiva)** — Não é isso que você faz? Não é disso que temos vivido?

GERALDO — Contrabando, agora. No comêço era um negócio como outro qualquer. Mas não é razão para continuar a... Então você não percebe que eu seria cada vez menos livre?... mais prêso? **(compreendendo de repente)** Mas, então é isto que você... O dr. Castro me...

SÍLVIA **(Irritada)** — Pare duma vez com êsse dr. Castro, o que foi que êle andou metendo em sua cabeça?

GERALDO — Nada, Sílvia. Só pôs um espelho diante de mim para que eu olhasse de frente aquilo que a vida inteira tive mêdo de encarar: — a mim mesmo.

SÍLVIA — Êle não lhe mostrou que você está querendo é comprar sua paz de consciência ?

GERALDO — Talvez.

SÍLVIA **(com crescente revolta)** — Eu é que sou o seu espelho, Geraldo. Quando quiser saber algo a seu respeito pergunte a mim. Então foi êste o momento que você escolheu para sonhar com viagens?... Para fugir de que, Geraldo? Para comprar o quê? "As portas estão abertas mas você não pode sair por elas", lembra? Precisa, como qualquer criança idiota, de apaziguar seus escrúpulos. E eu conheço seus planos, Geraldo.

GERALDO — Mas Sílvia!...

SÍLVIA — Então você pensa que isto não entra pelos olhos? Essas atenções... êsses

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 303

cuidados... Porque você mudou comigo de repente?

GERALDO — Eu mudei?

SÍLVIA — Eu sei. É assim que se trata a um condenado, Geraldo. No último dia de vida êle pode escolher sua última refeição... com direito a champanha. Você, preocupado com seus "grandes" problemas, com certeza nunca pensou no homem que vai executar um condenado à morte. Êle está com a consciência tranqüila porque pensa que cumpre a lei. O juiz está com a consciência tranqüila porque pensa que obedeceu o código... Até o religioso está com a consciência tranqüila porque fêz o condenado arrepender-se de crimes que jamais cometeu... Todos estão com a consciência tranqüila, todos compraram a paz de consciência, mas acontece que um homem inocente vai morrer, compreende?

GERALDO — Não, Sílvia. E que diabo tem um condenado a morte a ver com...

SÍLVIA — Tudo, Geraldo. Cada qual se escuda nos erros alheios, transfere suas culpas e seus pecados... para alcançar a paz. Não é o contrabando que você está querendo deixar. Não é de você mesmo que você está tentando fugir. É de mim, Geraldo!... De mim! **(Soa o telefone. SÍLVIA corre a atendê-lo).**

SÍLVIA — Alô... Não... Não... (GERALDO **olhou quando ela agarrou o fone, mas, neste momento, não a fita e ela, percebendo isto, deixa o fone fora do gancho, furtivamente).**

GERALDO **(sem encará-la)** — Quem era?

SÍLVIA **(ràpidamente)** — Ninguém.

GERALDO — Mas você estava falando!

SÍLVIA — Era engano.

GERALDO — Outra vez?!... **(analisa-a surprêso).** Afinal de contas o que há com você?!... **(ela tortura as mãos aflitas).** Que é que você tem? De que é que você tem mêdo?

SÍLVIA — Mêdo?!...

GERALDO — Então você não percebe o absurdo de tudo isso?... Corre para atender o telefone... parece que vê fantasmas em todos os cantos. **(Percebe que o telefone está desligado).** Por que é que o telefone está fora do gancho? GERALDO **se dirige para repor o fone no gancho, mas** SÍLVIA **se antecede e o faz apavorada).** Não sei bem se tudo isso é doloroso ou ridículo.

SÍLVIA — Você me considera ridícula!

GERALDO — Não transforme minhas palavras! Eu só quis dizer que não esperava isso de você

SÍLVIA — **Isso** o quê?

GERALDO — Mas se transparece em tudo que você diz, em tudo que você faz! Então você tem a ingenuidade de imaginar que ainda me pode iludir com... Primeiro eram as flôres... Agora o telefone, Sílvia? A quem você pagou, desta vez, para viver telefonando o dia inteiro? Para que essa representação ridícula de adolescente apaixonada?

SÍVIA **(de repente percebe e começa a rir, pois a suspeita dêle parece tirar-lhe um grande pêso)** — Então é disso que você... Adoles ... Adolescente apaixonada!

GERALDO **(irritando-se gradativamente)** — Que é que você quer que eu acredite agora? De que é que você quer que eu suspeite? Êsses telefonemas misteriosos, essa inquietação que não convence... êsses olhares fingindo de assustados... Falo em mudar de vida... e você me vem com uma absurda conversa de condenados? Que condenados, Sílvia? **(o telefone soa. Ela atende, mais uma vez, desesperada, enquanto êle a analisa).**

SÍLVIA — Alô!... Não!... Agora não sei. **(desliga e diz quase num sôpro).** Não sei.

GERALDO — Da primeira vez que êsse telefone tocar eu **quero** atender.

SÍLVIA — Mas se é para mim!...

GERALDO — Como é que você sabe que **será** para você? Que é que você está me ocultando?... Que é que você está procurando esconder? **(Toca o telefone. Ela corre a atender, mas** GERALDO **tenta arrancar-lhe o fone das mãos. Lutam pelo fone, enquanto ela grita).**

SÍLVIA — É pra mim!... Deixe!... Por favor, Geraldo!... É pra mim... Não. Não... Eu juro... largue... LAAAAARRRRGUE!... Não... Não... (GERALDO, **a esta altura, já lhe arrancou o fone).**

SÍLVIA **(repete desalentada com a voz sumida)** — Não.

GERALDO **(Lentamente leva o fone ao ouvido, enquanto a analisa espantado. A cada palavra de GERALDO ela vai recuando um pouco atemorizada).** — Alô!... Sou eu... Sim... Sim... Sei... E os passaportes..... **(assombradíssimo).** COMO?!... **(Longa pausa. Fica com o fone na mão, alguns segundos, como que sopesando a veracidade do que acabou de ouvir. Depois, repondo o fone no gancho, quase maquinalmente, analisa** SÍLVIA **como se esta fôsse um marciano, algum fenômeno estranho da natureza. Olha-a com um misto de incredulidade e pavor).**

GERALDO — Sílvia, você fêz isso?!

SÍLVIA **(recuando e clamando)** — Sim, Geraldo. Eu o fiz. E o faria outra vez. Mil vêzes mais.

GERALDO **(é todo incredulidade e assombro)** — Mas porque, Sílvia? O que foi que eu lhe fiz? Por quê?!

SÍLVIA **(a intensidade de sua revolta vai crescendo)** — Você acha que foi para isso que eu lutei tôda a minha vida? Foi para isso que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 304.

eu perdi minhas noites e renunciei a tudo? Foi para isso que me isolei do mundo inteiro e afastei você dos seus falsos amigos, para não dividir você com ninguém?

GERALDO — Sílvia, eu juro que não entendo.

SÍLVIA — Você não sabe o que é o desespêro... o desespêro que fecha todos os caminhos, o desespêro que encurrala, que estrangula, que enlouquece... que mata!

GERALDO **(estarrecido)** — Você... Sílvia...

SÍLVIA — Sabe a vida que eu tenho levado? Dia e noite sufocando tôdas as angústias... Dia e noite cultivando sua ridícula vaidade... e quando penso que você compreendeu todo êsse sacrifício, você se agarra às explicações do primeiro psicanalista barato que aparece e começa a fugir, a me escapar... a mudar... a ter seus próprios pensamentos, seus próprios sonhos, seus segredos sordidos. "O Dr. Castro", o analista. Pergunte ao analista se êle sabe o que é sofrer, mas sofrer até transbordar o sofrimento que não cabe mais nos porões imundos da mente. Pergunte a êle, ocupado em pescar e farejar sexo em todos os cantos, se êle sabe o que significam as noites vazias em que até os pesadelos nos abandonam... Pergunte a êle se já ouviu falar do que está acima dos instintos e dos sentimentos... Pergunte a êle se bastam duas palavras de explicação sem nexo para destruir tôda a alma que eu pus em você, tôda essa transfusão de sentimentos que tentei durante tôda a minha vida. Pergunte a êle, Geraldo. Pergunte!

GERALDO — Pare duma vez com êsse absurdo. Sílvia!... Você tem consciência do que fêz?

SÍLVIA — Tenho, Geraldo. EU DENUNCIEI VOCÊ!

GERALDO — Mas porque, Sílvia? Por quê?

SÍLVIA — Sei de tudo, Geraldo. As passagens... as reservas nos hotéis... o empréstimo no banco... os passaportes. Tudo para fugir com aquela prostituta.

GERALDO **(num grito)** — Com quem?!

SÍLVIA **(repisando com desespêro)** — Prostituta, Geraldo! Tôdas umas prostitutas... Você não enxerga a lama que elas têm no rosto porque elas se cobriram com os seus produtos de beleza, Geraldo... Você não vê o pântano que elas têm na alma porque a alma delas está invadida de amor-barato, de amor-sexo, de amor vendido. Sim, Geraldo. Eu denunciei você. Você será prêso, encarcerado. Você ficará só e não poderá mais olhar nenhuma outra mulher. Você só terá tempo para cultivar seu ódio... mas odiar a mim. Só a mim!

GERALDO **(depois de analisar aquêle "monstro")** — As passagens, Sílvia, eram para nós.

SÍLVIA — Todos os seus pensamentos estarão ocupados comigo. Eu estarei com você e você não terá memória para mais nada, para mais ninguém...

GERALDO — As passagens eram pra nós, Sílvia. Pra nós.

SÍLVIA — Elas não me arrancarão você nunca. Ouviu bem, Geraldo? Nunca! Nunca!

GERALDO **(alucinado)** — Elas quem, Sílvia?... Vamos! Fale!... Você me denunciou por quê?... Por que, Sílvia?... Mas diga um nome!... Um nome, Sílvia!

SÍLVIA — As outras mulheres...

GERALDO — Que mulheres, Sílvia?!... Eu não posso lutar com os fantasmas que você inventa!... Um nome, Sílvia!... Você me denunciou justamente quando eu procuro mudar de vida, no momento em que procuro escapar dêsse beco sem saída em que me meti para lhe dar a vida que você queria?... Então você não percebe até que ponto a minha vida sempre estêve em suas mãos?

SÍLVIA — E em minhas mãos você vivia sonhando com as outras.

GERALDO — Decididamente Sílvia, você está louca!

SÍLVIA — Sim, Geraldo. Estou louca... mas esta louca dedicou a você tôda a sua vida. Perdeu tôda a sua vida por você.

GERALDO **(sem querer acreditar naquelas palavras)** — Você... perdeu sua vida... comigo?... Quando foi que você meu deu algo de você mesma? Quando foi que você me deu algo de sua vida?... Em suas mãos eu não passei de um fantoche, que você pensava manipular como se manipula um marionete. Mas você esqueceu de que até os donos dos marionetes sem alma tornam-se escravos dêles para tratá-los, para cuidá-los, transferindo-lhes uma parcela de sua própria vida. Não é a mim que você teme perder. Eu poderia ser um outro homem qualquer e você só sofreria no momento em que não pudesse mais ter em suas mãos o contrôle de todos os fios. Você se preocupa mais com os fios do que com as palavras e os sentimentos. A gente sempre se esquece do que uma palavra, um sorriso, um olhar, podem fazer às almas alheias. Até à minha. Alguma vez já passou por sua cabeça que até fantoches como eu podem possuir uma alma de verdade?

SÍLVIA — Você nunca me falou assim.

GERALDO — Porque você nunca me quis ouvir. Você jamais perderia o seu precioso tempo, o tempo em que vivia alimentando êsse ódio cego, para ouvir o que eu pudesse pensar ou sentir. Passei uma vida inteira, a seu

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 305.

lado, como um estranho. Você se preocupou tanto em fiscalizar meus passos que esqueceu de analisar o que eu sentia. Eu só devia sentir aquilo que você queria. Só devia falar com as suas próprias palavras. Oh! Sílvia! O que a nossa vida poderia ter sido! Não era preciso que fôssemos felizes. Poderíamos, até, ser desgraçados, mas unidos na desgraça por uma desgraça comum. E você me denunciou! Você a quem dediquei tôda a minha vida! Você que se vingava de todos os sêres do mundo, torturando-se e só tendo alma para destruir!

SÍLVIA **(tenta interrompê-lo)** — Elas sempre...

GERALDO **(corta)** — Você vivia forjando novos mundos em que não precisasse ser bela, sem perceber que para mim... eu lhe juro, Sílvia!... quando a conheci, para mim, você era tudo o que eu procurava numa companheira, numa espôsa, numa amiga, numa amante. Mas você nunca percebeu isso porque nunca pôde dedicar alguns minutos à minha vida insignificante. Você estava ocupada com uma "grande tragédia" **(irônico)**. Você era feia. Tôda a tragédia do mundo se resumia em três palavras: você era feia.

SÍLVIA — Geraldo, eu...

GERALDO — Se você tivesse saído, por um instante sequer do seu abismo egoísta, teria percebido que essas mesmas mulheres, que você considerava feias como você, tinham sido as grandes mulheres da História do Mundo. Por que, Sílvia? É que elas tinham algo dentro de si. Elas eram amadas pelo que delas irradiava. Elas permaneceram ao lado do homem amado. Sofriam juntos, sentiam juntos, riam juntos e juntos choravam. Só não denunciavam, não traíam, não delatavam.

SÍLVIA — Por que você casou comigo?

GERALDO — É isso, justamente, que eu queria que você respondesse. Porque, Sílvia? Por quê?

SÍLVIA — As outras mulh...

GERALDO **(corta)** — Então você não percebe que elas nunca representaram nada para mim? Que as outras criaturas, certas de sua beleza, confiantes em seu poder, nunca existiram para mim e nada significavam? Quando você surgiu tão humilhada consigo mesma, tão humilde, tão certa de que ninguém no mundo poderia querê-la, eu a quis, Sílvia. Pra mim. Entende? Você despertou em mim uma ternura infinita.

SÍLVIA **(como num eco)** — Ternura infinita! **(com surda revolta)**. Ternura onde, Geraldo? Quando? Você já esqueceu de como nos conhecemos...

GERALDO — Por acaso... Foi...

SÍLVIA — Quando é que você começa a enxergar, Geraldo? Que acaso? Jamais ocorreu a você que quem armou êsse acaso fui eu?

GERALDO — Mas, Sílvia!

SÍLVIA — E o resto foi mais fácil ainda. Era só cultivar a sua vaidade... "Você é um homem tão diferente, Geraldo!" "Você é um grande homem, Geraldo". Bastava isso para que você quisesse logo provar a sua grandeza. É assim que nós mulheres lidamos com vocês. Em nossa lua de mel... apesar de tudo... você estava tão longe que as suas carícias pareciam torturas... Vinham diluídas na distância...

GERALDO **(dorido e surprêso)** — Foi isso que aquêles dias significaram para você, Sílvia?!... Foi assim que você sentiu nossa lua de mel? Você sabe porque eu casei com você?

SÍLVIA **(alheia)** — Depois vieram as nossas comemorações... que nunca significaram nada para você.

GERALDO — Foi assim que você compreendeu o meu protesto... os meus silêncios? As comemorações... os aniversários... É claro que não podia, eu não queria participar dêles.

SÍLVIA — Porque eram nossos.

GERALDO — Porque eram seus, sòmente seus. Comemorar o que, se você nada sentia? Se você só estava esperando a primeira oportunidade para me denunciar, para se vingar do que nunca lhe fiz?... As comemorações... Muitas vêzes chorei sòzinho.

SÍLVIA **(espantada)** — Você?!

GERALDO — Muitas vêzes chorei sòzinho, comemorei sòzinho. É a coisa mais triste do mundo: um homem chorando sòzinho. Foi sòmente você, Sílvia, quem me fêz descobrir que não era bela como sempre a vi, desde o primeiro instante. Eu a via bela porque tinha mêdo, compreende? O garôto acovardado de ontem, de quem todos riam, depois de homem, tinha mêdo de competir com os outros homens. Uma mulher que todos querem é uma ameaça constante. É preciso disputar, lutar, dominar, vencer... Eu tinha mêdo, Sílvia. Mêdo de competir. Justamente porque ninguém a queria é que eu quis tanto a você... mas você nunca sentiu... Você queria flôres... Não era a flor que você queria. Não, Sílvia. Você só queria as homenagens que elas representam, porque se elas significassem alguma coisa para você, uma prova de amor, eu lhe mandaria tôdas as "corbeilles" do mundo, tôdas as flôres da terra.

SÍLVIA — E você espera que eu acredite nisso, Geraldo?

GERALDO — Agora compreendo até a loucura infantil do contrabandos dos cheques sem fundo, das falências. Eu precisava pro-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 306.

var a mim mesmo que era capaz de ludibriar todo o resto da humanidade... Se construísse pontes, edifícios... eu continuaria a ser o mesmo menino assustado... eu continuaria a ouvir aqueles risos... Mas ninguém ri de um escroque nem de um contrabandista! **(pausa).** Você sabe por que eu casei com você?

SÍLVIA — Por que, Geraldo?!

GERALDO — Por amor, Sílvia!

SÍLVIA — É mentira!

GERALDO — Por amor!

SÍLVIA **(Analisa-o, de repente começa a rir um riso que se transforma em histérico)**

GERALDO — De que é que você está rindo? **(desesperado).** Por que é que você está rindo?

SÍLVIA **(Sempre rindo amargamente)** — É que eu já estava começando a acreditar em suas palavras. Por um momento cheguei a imaginar que isso fôsse verdade.

GERALDO — Mas é verdade, Sílvia!

SÍLVIA — Não minta Geraldo! Não minta. Eu o denunciei. Pode me torturar, pode me matar, pode fazer comigo o que quiser, mas não minta. Não use essas palavras comigo.

GERALDO — Mas se essas são as palavras que eu sempre usei quando você me permitia falar!

SÍLVIA **(No auge da fúria)** — E você queria que eu acreditasse nelas?... Quem ensinou você a sentir dessa maneira fui eu. Você está usando minhas próprias palavras. Eu nunca fui humilde nem humilhada. Você diz isso porque precisa de mim... porque está doente.

GERALDO — Está enganada, Sílvia. Agora já não preciso de nada.

SÍLVIA — Então você diz isso por pena... Mas pena, não, Geraldo! Eu não quero que ninguém tenha pena de mim! Ninguém! E não creio numa palavra do que você diz!...

GERALDO **(Vai se retirar para dentro de casa)** — Agora já não importa, Sílvia, que ninguém acredite!... **(Sai).**

SÍLVIA **(Fica só e começa a torturar-se numa estranha dúvida. Fala consigo mesma e com o público, ao mesmo tempo).**

Vocês acreditam no que êle disse? Eu não. Deve haver algum motivo. Deve existir alguma razão. Mas evidente! Vejam bem do que um homem é capaz! Envolve-nos com palavras e se a gente não percebe a verdadeira intenção de cada uma...

Tudo que êle diz soa falso. Tudo aquilo só tem, só pode ter um motivo. Êle precisa de mim. Entre nós só existe uma comunhão: — a comunhão de bens. E ÊLE PRECISA DE MIM!

Mas a mim não se engana assim. Vejo sempre o que se esconde por detrás das palavras.

Como se alguém pudesse acreditar que êle sente alguma coisa... que êle sente alguma coisa... por mim... **(ri histèricamente).** Amor... Casou comigo por amor... Como se eu pudesse crer num absur... Como se eu não conhecesse o amor... êsse amor vendido... êsse amor abjeto... Como se eu não soubesse que as pessoas só fingem querer-se quando estão diante dos outros... diante de todo mundo... para que todos pensem que são felizes... para que ninguém possa adivinhar o que se passa, realmente, entre as quatro paredes... quando estão sós... Não. Ninguém sente nada... Ninguém sente nada por ninguém! Sentir... Sentir... Mas... se pudesse ser verd... Será que alguém sente mesmo algo por alguém?

As pessoas sentem mesmo ou fingem que sentem? E se fôsse mesmo verdade tudo o que êle acaba de dizer? Nem seria preciso que tudo fôsse verdade. Bastaria uma frase... Uma palavra... Uma palavra qualquer. Mas por que êsses nervos? Por que estou tão nervosa?...

E as passagens? A fuga... **(Telefona).** Quer me chamar a Dulce? As passagens minha querida, estão em nome de quem? COMO??! Obrigada. **(Desligando).** Prá nós! As passagens eram prá nós! **(Pausa).** Já sei. Quer me comprar com uma viagem e depois...

E se fôsse verdade? E se, sendo verdade, eu tivesse deixado passar a minha vida tôda sem perceber que o amor estava tão perto de mim? E se eu tivesse vivido esperando flôres sem perceber que as flô...

Mas por que terá casado comigo um homem como Geraldo! Dinheiro! Dinheiro! eu não tinha.

Beleza? **(Um sorriso de amargura)**... Inteligência... Mas será que alguém se casa por... Mas então... **(gostaria de deixar-se envolver por aquela idéia, mas não permite).** Não. E a fortuna.

(Geraldo entrou vestido para sair).

Êle precisa de alguém que lhe guarde a fortuna enquanto está prêso. Êle precisa de mim. Comunhão de bens. O dinheiro!

GERALDO — Que dinheiro, Sílvia? Já não existe mais nenhuma fortuna. De tudo o que eu possuía só me resta você.

SÍLVIA — Você mente.

GERALDO — Agora já não me importa mais que você acredite. Adeus, Sílvia.

SÍLVIA — Espere, Geraldo. Espere. Onde você vai?

GERALDO — Entregar-me.

(Faz menção de sair pela platéia como se fôsse projetar-se para fora do palco, mas ela o impede em meio do caminho).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 307.

SÍLVIA **(Desesperada)** — Não, Geraldo. Espere. **(Revivem a cena inicial da peça, Êle fica parado como um boneco).**

SÍLVIA — Minhas Senhoras! Senhores? Êste aqui é o meu marido. Um belo homem conforme vêem **(vai engasgando com as lágrimas).** Saudável, trinta dentes e funcionando perfeitamente com certificado de garantia. Anda, respira, come, bebe e fala. Para que um homem como êste goste de uma mulher como eu... **(Abraça-o chorando).**

SÍLVIA **(Tentando acreditar)** — Mas então é verdade?... É verdade mesmo?... As pessoas sentem mesmo? Sentem de verdade?... **(Ela parece pescar o impossível e o inacreditável do mais profundo do seu próprio ser).** Então você me quer mesmo? A mim, Geraldo?... **(Ela faz a pergunta como se fôsse a coisa mais impossível dêste mundo).**

(A música — tema da peça — vem vindo, suavemente, e colabora até o final, quando cresce, violentamente, com as últimas palavras de SÍLVIA. Nas frases seguintes, os dois, que estão separados, vão se aproximando muito lentamente).

GERALDO — A você, Sílvia.

SÍLVIA **(ainda incrédula, com augústia).**

E você sente falta de mim? Eu lhe faço falta?

GERALDO — Muita, Sílvia.

SÍLVIA **(Querendo acreditar à fôrça)** — E você precisa de mim?! Precisa mesmo de mim?

GERALDO — Mesmo, Sílvia.

SÍLVIA **(Referindo-se ao seu físico)** — E você não se importa que eu seja assim como sou?

GERALDO — Eu quero que você seja assim.

SÍLVIA **(Numa angústia desesperada)** — Oh, meu Deus!... E você não me odeia!... **(Abraça-o chorando convulsivamente).** O que eu fiz!... O que eu disse!...

GERALDO **(Suave e terno)** — Eu amo você, Sílvia.

SÍLVIA **(Numa angústia deslumbrada)** — Então é verdade!... É verdade!...

(Está abraçada a êle, chorando. GERALDO se desprende dela, suavemente, desce pela escadinha e vai saindo pela platéia enquanto ela torna a perguntar).

SÍLVIA — Então é verdade?...

GERALDO **(De longe, afastando-se, diz parando por um momento e virando-se para o palco).**

É verdade, SÍLVIA.

(Neste momento ela começa a olhar deslumbrada o infinito, como em êxtase. A alma de SÍLVIA parece ir se iluminando gradativamente).

SÍLVIA — Ah, meus Deus! Tôda essa vida! Todo êsse tempo! Deve ser isto!... Esta angústia... esta ternura... estas lágrimas... êste mêdo... Deve ser isto... **(no auge do deslumbramento, chorando).** Então o amor é isto?!... Obrigada, meu Deus... Então o amor é ISTO!

(Sua fisionomia, neste momento, consegue ser quase bela. Ri e chora, docemente, feliz, enquanto a música chega ao auge e a peça chega ao

FIM

Esta peça só poderá ser representada, no todo ou em parte, seja por que processo fôr, mediante autorização expressa da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.308

SOCIEDADES ESTRANGEIRAS REPRESENTADAS PELA "SBAT"

ALEMANHA — Verband Deutscher Bühnenschriftsteller und Bühnenkomponisten

ARGENTINA — Sociedad General de Autores de la Argentina (Argentores)

BÉLGICA — Société Belge des Auteurs, Compositeurs e Editeurs (SABAM)

BOLÍVIA — Sociedad Boliviana de Autores y Compositores de Música (SOBODAICOM)

CHILE — Sociedad de Autores Teatrales de Chile (SATCH)

COLOMBIA — Sociedad de Autores y Compositores de Colombia.

ESPANHA — Sociedad General de Autores de España (SGAE)

ESTADOS UNIDOS — Incorporated Society of Authors Representatives (grande direito)

ESTADOS UNIDOS — Broadcast Music Inc (B.M.I.) (pequeno direito)

FINLANDIA — Svomen Näytelmäkirjailijaliitto

FRANÇA — Société des Auteurs et Compositeurs Dramatiques (SACD)

HOLANDA — Stichting Tot Exploitatie En Bescherming Van Auteursechten (SEBA)

HUNGRIA — A Mayar Népköztarsaság Irodalmi Alapja

INGLATERRA — The League of British Dramatists

ISRAEL — Société des Auteurs, Compositeurs et Editeurs en Israel (ACUM)

ITÁLIA — Societá Italiana Degli Autori ed Editori (SIAE)

IUGOSLÁVIA — Uudruzenje Jugoslavenskih Musikin Autores (UJMA)

MÉXICO — Sociedad de Autores y Compositores (SACM)

MÉXICO — União Nacional de Autores

PARAGUAI — Autores Paraguayos Asociados (APA)

PERU — Círculo Peruano de Autores

POLÔNIA — Stewarzyszenie Autorów i Wydawców (ZAIKS)

PORTUGAL — Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portuguêses (SECTP)

RUMÂNIA — Societatea Autorilor Dramatici Români

SUÉCIA — Föreningen Svenska Tonsättares Internationella Musikbyra, U.P.A. (STIM)

TCHECO-SLOVAQUIA — Ochranné Sduzeni Autorske Ssi Skaladatelu (OSA)

TURQUIA — SR. LUTFI AY — 8, Sokak 3-3 — BAHÇELIEVLER — ANCARA

URUGUAI — Associación General de Autores del Uruguay (AGADU)

VENEZUELA — Sociedad de Autores y Compositores de Venezuela (SACVEN)

SUCURSAIS E AGÊNCIAS DA "SBAT" NAS CAPITAIS

ALAGOAS: Bráulio Leite Júnior — Teatro Deodoro — MACEIÓ.

AMAZONAS: Afonso Ferreira Lopes — Trav. Comendador Clementino, 37 — MANÁUS.

BAHIA: Nino Guimarães — Edifício Labras — Conjunto 302 — SALVADOR.

BRASÍLIA (D.F.): **Edson Falbo** — Av. W 3 — 3CS — Edifício Carioca, Conj. 414 — Tels.: 43-0305 e 42-5445.

CEARÁ: Dr. Lauro Ramos Tôrres de Mello — Rua Floriano Peixoto, 479 — FORTALEZA

ESPÍRITO SANTO: Hilton Pinheiro Novais — Edif. Banco Mineiro da Produção — Sala 514 — VITÓRIA.

ESTADO DO RIO: Dr. Rubens de Carvalho — Rua da Conceição, 128 — Tel. 2-4434 — NITERÓI.

GOIÁS: Edson Falbo — Av. Anhanguera, 94, Conj. 510 — Tel. 2-1501 — GOIÂNIA.

MARANHÃO — Apolinário Sousa dos Anjos — Travessa Carvalho Branco, 107 — Vila Iolanda — Gamboa do Mato — SÃO LUÍS.

MINAS GERAIS: Grover Ferreira — Rua dos Carijós, 424 - 11.º - s/1.101 — Tel. 22-9072 — BELO HORIZONTE.

PARÁ: Dr. Edgar Proença — Rádio Clube do Pará — BELÉM.

PARANÁ: Alberto Guarneli da Cunha — Rua 15 de Novembro, 266 — Conj. 73 — CURITIBA.

PARAÍBA — Euclides Dias de Sá — Rua Duque de Caxias, 557 — sala 301 — JOÃO PESSOA.

PERNAMBUCO: Dr. Waldemar de Oliveira — Rua Miguel Couto, 68 — RECIFE.

PIAUÍ: Dr. Waldimir Elias Hidd — Rua Paissandu, 1.191 — TERESINA.

RIO GRANDE DO SUL: Dr. Aron Menda — Rua dos Andradas, 1.234 - Conj. 1.407 — Ed. Santa Cruz — Tel. 24-2958 — PÔRTO ALEGRE.

RIO GRANDE DO NORTE — João Gibson — Travessa Venezuela, 35 — sala 3 — NATAL.

SANTA CATARINA: Walter Boppré — Praça 15 de Novembro, 21 — Sala 402 — FLORIANÓPOLIS.

SERGIPE: João Moreira da Silva — Rua Itabaiana, 615 — Aracajú

SÃO PAULO: Manoel de Oliveira Proença Filho — Avenida Ipiranga, 1.123, 8.º andar — Tels. 34-1607 e 33-6346 — SÃO PAULO.

Compôsto e Impresso na
Impressora POLAR Livros e Revistas
Rua Sotero dos Reis, 1-A — GB

FLÁVIO CORDEIRO e **SAMARITANA SANTOS**, criadores de "Os Inimigos não Mandam Flores", no Rio de Janeiro; e **ARMANDO COUTO** e **LUDY VELLOSO**, seus intérpretes em São Paulo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.310.

161/77-SCTC/SC/DCDP 27 janeiro 77

São Paulo

409/77-SCDP/SR/SP

"OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES"

Pedro Bloch

247

14 anos.

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 311

De ordem ao Arquivo em 12.9.77

MJ-DPF-SRA/BSB

-9 SET 1052 027842

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S.PAULO

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

SRA/FICHADO

OF.

Nº 7.054/77-SCDP/SR/SP Em, 06 de setembro de 1977.

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que deternina a Portaria nº 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto, relatórios de texto e relatório de ensaio geral das peças teatrais "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES" original de Pedro Bloch; "FAMILIA PACAS" original de André Luiz Piva de Carvalho; "A PENA E A LEI" original de Ariano Suassuna; "CHÁ E SIMPATIA" original de Robert Anderson; "AUTO DA COMPADECIDA" original de Ariano Suassuna; "DE CORDEL A BORDEL" original de Alvaro Guimarães e Fernando Lona; "O CASAMENTO SUSPEITOSO" original de Ariano Suassuna; "O MARTIR DO CALVÁRIO" original de Eduardo Garrido; "A FLAUTA MÁGICA" original de Fernando Lopes Cardoso; "ORDEM, MORAL E DIGNIDADE, PÔ!" original de Mauro Celso Knorich e Sidney Saraiva Apocalipse; "VIAGEM AO FAZ DE CONTA" original de Walter Quaglia e "VIVA OLEGÁRIO" original de Luiz Carlos Cardoso.

Outrossim, aproveitamos o ensejo para solicitar a V.S. a remessa dos certificados das peças teatrais acima mencionadas.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
BRASILIA/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412p-312

Federação de Teatro Amador da Alta Paulista

MARILIA - S. P.

C.G.C. nº 44.473.429/0001 - Dec. Ut. Publ. Mun. nº 2123/13/8/74

ILMO. SR .
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS SR/DR/
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SÃO PAULO

Ramis Pedro Boassali, residente em MARÍLIA, à Rua José Maria Souto, 92, Presidente da Federação de Teatro Amador da Alta Paulista, vem requerer a Vv.Ss. que se digne mandar expedir o certificado de censura para o texto " OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES " de autoria, de PEDRO BLOCH.

O espetáculo é de responsabilidade do COMUNIDADE ESPERIMENTAL DE TEATRO AMADOR - CETA, da cidade de Marília, nosso, filiado, e será apresentado a partir do dia 20 de agosto, no Teatro da Arena de Marília. Juntamos ao presente requerimento três (03) cópias de texto.

Certo de sua atenção renovo os votos de estima e apreço, ao tempo em que solicito deferimento.

Marília, 11 de julho de 1977

Ramis Pedro Boassali
presidente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412, p. 313.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES"-PEDRO BLOCH

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 anos

De acordo c/ o Parecer
Ch SCDP/SR/DPF

Em atendimento a determinação desta Chefia,no dia 20 de agosto,procedemos ao exame do ensaio geral da peça "Os inimigos não mandam flores"original de Pedro - Bloch,realizado na cidade de Marília.

Trata-se de um espetáculo teatral em três - atos,enfocando o relacionamento entre os seguintes protagonistas:Silvia,a esposa dominadora,calculista que - sob a capa da compreensão procura exercer controle so-- bre todos os atos do marido tanto dentro como fora do - lar,e Geraldo,o marido displicente,indiferente robotizado pelas ações da mulher.

Silvia vive constantemente em clima de angústia por se considerar uma mulher sem atrativos físicos. Crê,no entanto que foi reconpensada com sua inteligência,principalmente no relacionamento com seu marido.

Corroída pelo ciúme,procura cercear o marido- em todos os aspectos,através de uma falsa compreensão e interesse pelo mesmo,conseguindo em troca apenas a indiferença.

Há no final,um momento de verdade,com um diálogo franco onde ambos se areependem de seus atos,procurando encontrar um novo caminho.

Quanto ao cenário representada por uma sala de visitas anexada a uma sala de jantar,onde transcorre toda a ação,ao guarda-roupa constituído de roupas convencionais,marcação,iluminação,nada há que possa objetar _ em termos censórios.

Opinamos pela liberação do espetáculo em apreço com representação proíbida para menores de 14 anos - sem restrições.

São Paulo,23 de agosto de 1.977

Mª Glória Brasil de Souza

DPF-742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 314.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "Os inimigos não mandam flores" - Pedro Bloch

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 anos

De acordo. E. Geral
[signature]
Ch. SCDP/Sn/SP.

O telefone, as cartas, até os pensamentos do marido Sílvia controla, fingindo não controlar. Encurrala-o dentro de sua amabilidade, sua tolerância e não o deixa respirar.

Vive angustiada. Geraldo não lhe dá atenção. Faz o que ela quer, comportando-se como um robô. Ele concorda que a argumentação desenvolvida pela esposa está sempre certa, errados são os sentimentos dela.

Sílvia reconhece não ser o protótipo da beleza feminina. Casara-se com Geraldo porque nenhum outro homem a quis. Corroída pelo ciúme, ela necessita vingar-se daquelas mulheres que são amadas como mulheres mesmo:"carne, sexo e amor". Consegue apenas a indiferença do marido. Nem os ramalhetes que o florista diariamente entrega, com um cartão de um admirador, à Sílvia, não altera o ânimo de Geraldo. O "admirador" é a própria Sílvia que compra as flores e as envia com um nome masculino.

Geraldo adoece. Delineia-se uma face de sua personalidade até então desconhecida. O suspense do diagnóstico médico o atemoriza. Só os exames de laboratório darão a certeza - câncer?. Enquanto aguarda a resposta, a sentença de vida ou morte, Geraldo se revela um ser de extrema fragilidade. Tomado por um acesso de bondade, resolve ser generoso Modifica o tratamento que dispensava a Sílvia. Roga a ela que não o abandone no leito, que cuide dele até o fim. Desculpa-se por não ter permanecido um minuto em casa quando Sílvia contraíra uma pneumonia. Desculpa- se dizendo que desde pequeno lhe ensinaram a pensar em si próprio. Para sua mãe ele era o centro do mundo. Sílvia esforça-se; mantém-se compreensiva.

Geraldo recupera-se, entretanto, rapidamente da crise filantrópica. Os resultados acusaram apenas um distúrbio

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 315.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "Os inimigos não mandam flores" - Pedro Bloch

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 anos

nervoso, curável. Retorna à vida de sempre - ao cultivo do desprezo pela esposa. Recorrendo a um analista, este o aconselha a viajar, afastar-se daquilo que lhe provoca tensão = nervosa.

Ao tomar conhecimento da resolução do marido, Sílvia, irremediavelmente ferida pelo sofrimento, denuncia-o à polícia como contrabandista. Essa, sua vingança pelos anos de = renúncia mal vividos e agora jogados fora de vez. Crê que o esposo partirá com alguma meretriz.

Com essa atitude extremista e desesperada, ela põe = por terra a única esperança de um recomeço de vida. Geraldo comprara passagem também para ela e pretendia ao seu lado = iniciar vida nova. Pela primeira vez, o diálogo entre eles = se abriu. Sílvia descobriu que Geraldo se casara por amor e continuou amando-a. O medo de não ser amada a impedia de ver a realidade. O monopólio que ela exercia sobre ele sufocava--lhes a vida. Sílvia sente pela primeira vez a felicidade. = Feliz, lampeja-lhe a beleza pelo rosto...

Opino pela liberação da presente peça teatral para = maiores de 14 anos, sem cortes.

São Paulo, 9 de agosto de 1977

Elisabeth Csernik Costa
TC

DPF-742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 316

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES" - Autor: Pedro Bloch

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Liberado para maiores de 10(dez) anos.

De acordo. E. geral
[signature]
Ch. SLDP/Sul/SP

Sílvia é uma mulher insensível e calculista, todavia não passa de uma mulher frustrada e complexada por não ser bonita. Procura superar esse problema de beleza com uma falsa compreensão pelo marido. Com medo de perdê-lo finge um interesse que chega a um cerseamento total das atitudes dele. Tentando provar que pode conseguir a atenção de outro homem, manda flores para si mesma com cartões assinados com nome masculino. Quando percebe estar o marido agindo de forma mais livre, por ter se submetido a um tratamento psicanálítico, denuncia-o à polícia, acusando-o de contrabandista. Geraldo, entretanto estava decidido a mudar de vida e havia, inclusive, comprado duas passagens para que juntos pudessem esquecer todos os momentos infelizes, viajando para outros países. Silvia que havia pensado que ele partiria com outra mulher, finalmente se convence do amor do marido arrependendo-se dos seus atos.

Opino pela liberação do drama acima mencionado para maiores de dez anos.

São Paulo, 02 de julho de 1977.

[signature]
Dalva Radicce Marinho
Téc. de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412,p.317

TEATRO

TÍTULO Os INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

1) ~~S.C.T.C.~~ ARQUIVO

Clas. Anterior 14 anos

Praça SÃO PAULO - SP

Obs.:

DF. 19/09/77/

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de quatorze anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censura, condicionada ao exame de ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 19 de Set. de 1977

Maria Arlete P. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: quatorze anos
sem cortes
Brasília-DF, 20 / Set / 77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 318.

1427/77 DF, 19/09/77

em São Paulo

7054/77-SCDP/SR/SP

"OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES" de Pedro Bloch.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412.p.319

247/77

OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

PEDRO BLOCH

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

25 JUNHO 79

20 SETEMBRO 77

ROGERIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412,p-320.

OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

PEDRO BLOCH

COMUNIDADE ESPERIMENTAL DE TEATRO AMADOR-CETA - SP

RAMIS PEDRO BOASSELI.

19 SETEMBRO 77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

20 SETEMBRO 77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

OFB:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 042 p. 321

MJ - DPF - SRA/BSB
21 OUT 10 54 77 031561

PICHADO
S. A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S.PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.
Nº 7.121/77-SCDP/SR/SP

S. Em, 19 de outubro de 1977.

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., os relatórios de textos e ensaios gerais das peças teatrais "PINÓQUIO E O GRILO FALANTE" ORIGINAL DE Fausto T.Rocha; "O HOMEM, A MULHER E A FLÓR" original de Ana G.Talon e Vânia Cristina C.Pereira; "LAMBE BEIÇOS E SEU CRIADO CATA FARELOS" original de Fabio Gaia; "A FRONTEIRA" original de Menotti del Pichia; "O FEITICEIRO" ou "AS BATATINHAS GIGANTES" original de C.Moraes; "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES" original de Sidney Carlos Lilla; "TEATRO DOS ESTUDANTES" original de Gill Camargo; "QUARTO DE EMPREGADA" original de Roberto Freire; "A FLOR DESABROCHOU" original de Antonio Toro; "DO OUTRO LADO DO ESPELHO" original de Gai Sang Oliveira Cheung; "A GRANDE ESTIAGEM" original de Isaac Gondim Filho; "COMO É CHATO SER DEUS" original de Giovanni Romano e "PRIMA DONA" original de José Maria Monteiro.

Outrossim, aproveitamos o ensejo para solicitar a V.S. a remessa dos certificados das peças teatrais acima mencionadas.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo.Sr.
DR. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
BRASILIA/DF

a/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 322

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: Os inimigos não mandam flores - Ensaio geral

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Impróprio para menores de 14 anos

De acordo com o parecer.
[illegible]
Subst. Chefe SCDP/SP.

Procedi ao exame do ensaio geral da peça "Os inimigos não mandam flores" de autoria de Pedro Bloch, encenada por Sidney Carlos Lilla.

Trata-se de texto que pretende colocar os problemas de um casamento, através da análise de diferentes situações reais. Assim, a esposa usando de mil artimanhas / tenta transformar seu parceiro em verdadeiro fantoche, pensando encontrar nesta aparente submissão, a verdadeira felicidade.

A peça teve uma montagem bastante convencional, limitando-se o cenário a uma sala de visitas comum, com iluminação geral.

Os atores apresentaram-se com roupas atuais e maquillagem normal.

O texto foi obedecido, tendo sido suprimidas algumas falas, que ao diretor pareceram desnecessárias.

Pelo que me foi apresentado, opino pela liberação, com impropriedade para menores de 14 anos, sem qualquer restrição.

São Paulo, 10 de fevereiro de 1 977

Maria Inês Rolim Cauchioli
Téc. de Censura 294

DPF-742

DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412,p. 323

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº ______ / ______

TÍTULO: PEÇA TEATRAL-" OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES" de Pedro Bloch

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 ANOS

De acordo com o parecer.

O texto não está absolutamente igual ao anteriormente apresentado. Há algumas modificações que podem ser toleradas e que também não prejudicam a impropriedade já atribuida.

Somos de parecer, portanto, que poderá ser liberada para maiores de 14 anos.

São Paulo, 20 de janeiro de 1977

Avelita Barreto

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p. 324

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES" (Peça Teatral)

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 ANOS

De acordo com o parecer.
Subst. chefe SCDP/SP

A peça teatral "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES", de autoria de Pedro Bloch, já possui certificado expedido por Brasília, sob nº 247/75, válido até 19/08/80.

A ação desenrola-se na cidade do Rio de Janeiro, na época atual. Apresenta os problemas decorrentes de um casal em que:ela muita feia, ciumenta e temerosa / de perder seu marido prepara várias artimanhas para descobrir se existe outra. Êle um homem jovem, elegante dá/ a impressão de ser totalmente dominado por sua esposa.

Tendo verificado o confronto, constatei que não está absolutamente igual ao anterior. Há pequenas modificações que não prejudicam a impropriedade já atribuida. Assim sendo, opino pela liberação para maiores de 14 anos.

São Paulo, 24 de janeiro de 1 977

ARLETE APARECIDA CORRÊA
Téc. de Cens. nº 290

DPF-742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 325.

TEATRO

TÍTULO Os Inimigos não mandam Flores

Sidney Carlos Rocha

1) ~~S.C.T.C.~~ Arquivo

Clas. Anterior 14

Praça São Paulo - SP

Obs.:

DF. 04 / 11 / 77 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Brasília – DF de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 326.

MJ - DPF - SR/SP/BSB
27 OUT 1977 032029

FICHADO
S. A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ/DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S.PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.
Nº 7.127/77-SCDP/SR/SP

Em, 25 de outubro de 1977.

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto das peças teatrais "O CAVALINHO AZUL" original de M.Clara Machado; "NÃO VOU MAIS BRINCAR DE CABRA CEGA" original de Vicente Galvão Parizi; "A ILHA DO ARCO IRIS" original de Ione Prado; "ONDE CANTA O SABIÁ" original de Gastão Tojeiro; "O CORONEL DOS CORONÉIS" original de Maurício Segall; "UMA CONSULTA" original de Arthur Azevedo; "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES" original de Pedro Bloch; "LUZIA" ou "O AMOR DE LUZIA" e outros títulos, original de Carlos Meceni; "A GUERRA MAIS OU MENOS SANTA" original de Mário Brasini; "O ENVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU" original de César Vieira e "O GALINHEIRO" original de Darcy José Pedroso.

Outrossim, informamos que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa a DCDP.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
BRASILIA/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 327

MJ-DPF SR/SP
17 OUT 1555 38759

Ilmo,Sr.
DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA FEDERAL
(DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL)
SÃO PAULO-SP

O Grupo Experimental Qorpo Santo,através de seu representante sr;Jefferson Zanchi portador do RG 5.864.887 e abaixo-assinado vem requerer a V,Sa que se digne mandar censurar a peça "Os inimigos não mandam flores" de autoria de Pedro Bloch,que será representada a partir do dia 15 de Dezembro,no Teatro Municipal de Mococa.

Para tanto junta a este requerimento,tres cópias do referido texto.

Nestes termos,

P.Deferimento.

Jefferson Zanchi
Rg-5.864.887

De acordo c/a Port nº 42/75:
1) remeter um texto para a DCDP;
2) designar ~~texto~~ TC para a leitura
Em 20/10/77
[illegible]
Ch SCDP/SR/SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p. 328.

TEATRO

TÍTULO Os Inimigos não Mandam Flores ✓

1) ~~S.C.T.C.~~ Arquivo

Clas. Anterior 14 anos

Praça São Paulo - SP ✓

Obs.:

DF. 03 / 11 / 77 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: ~~impróprio para menores~~ de quatorze anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de Cens., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 24 de nov. de 1977

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: quatorze (14) anos.
Brasília-DF, 28 nov. 1977
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p. 329.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 5014 / 77

TÍTULO: " OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 (QUATORZE) ANOS

AUTOR: PEDRO BLOCH

O texto examinado corresponde ao original, podendo, assim, receber a mesma classificação etária, que é para maiores de 14 anos.

Brasília, 23 de novembro de 1977.

Laura Bastos

Laura Bastos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 330.

247/77

: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

: PEDRO BLOCH

25 JUNHO 79

25 NOVEMBRO 77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO - SUBST.

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p-331

: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

: PEDRO BLOCH

GRUPO EXPERIMENTAL CORPO SANTO - SP

24 NOVEMBRO 77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Arésio Tavares Peixoto

25 NOVEMBRO 77 ARÉSIO T. PEIXOTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p - 332.

1965/77-

BSB, 23/11/77

em São Paulo

7127/77-SCDP/SR/SP

"OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES" de Pedro Bloch.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412, p.333.

DPF-SRA/BSB
DEZ 1046 77 035811
RECEBIDO POR:

DPF-SRA
fl. n.º 01
Rub.

FICHADO
S. A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA, 06/ 12 / 1977

Of. nº 941/77 -SCDP/SR/DPF/ES

Do: Sr. Superintendente Regional do DPF/ES

Ao: Sr. Diretor da DCDP/DPF

Assunto: Peça teatral (encaminha)

Arquivo verif. e provid. 14/12/77

Sr. Diretor:

Com o presente passo as mãos de V. Sa., o texto da peça teatral intitulada, "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES" do autor Pedro Bloch, solicitando mandar proceder um competente exame censório de acordo com a legislação em vigor.

Na oportunidade renovamos a V. Sa., os protestos de consideração e apreço.

Roberto Carneiro Pinheiro

Bel. Roberto Carneiro Pinheiro

Sup. Reg. do DPF/ES

em exercício

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412p.334

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESPÍRITO SANTO

Ilmo. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
de Brasilia - D.F.

ROGÉRIO RIBEIRO COIMBRA, solteiro, funcionário desta FUNDAÇÃO, chefe da Seção de Promoções, portador da Cédula de Identidade nº 120.956, expedida pelo Departamento de Polícia Técnica - Secretaria de Segurança Pública do Estado do Espírito Santo, em data de 10 de novembro de 1975 e CPF. nº.. 159.629.977, vem, mui respeitosamente, requerer a V.Sª, conforme determinação em Lei, aprovação do script da peça teatral intitulada "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES", do autor Pedro Bloch.

Nestes Termos
P. Deferimento

Vitória, 29 de novembro de 1977

Fundação Cultural do Espírito Santo
p/ ROGÉRIO RIBEIRO COIMBRA
CHEFE DE SEÇÃO - S. E. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.335.

TEATRO

TÍTULO OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 14 anos

Praça VITÓRIA - ES

Obs.:

DF. 12 / 12 / 77 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de quatorze anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de Censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 03 de Jan. de 1978

Maria Arlete P. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: 14 (catorze)

Brasília-DF 04 / 01 / 78

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412.p.326.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 29 / 78

TÍTULO: "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES"- confronto

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 (catorze) anos

Procedendo o confronto da peça teatral em epígrafe com o texto anteriormente liberado, constatei que se são idênticos, razão pela qual sugiro a liberação com a faixa etária já estipulada, 14 (catorze) anos.

Brasília-DF, 28 de dezembro de 1977.

Cleusa Maria Ferreira Barros.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.337

012/78-SCTC/SC/DCDP 03.janeiro. 8

Superintendente Regional do DPF/SR/ES

OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

PEDRO BLOCH

Superintendente,

nesse Estado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.338.

: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

: PEDRO BLOCH

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESPÍRITO SANTO - ES

03 JANEIRO 78

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

CARLOS A. MOLINARI DE CARVA

06 JANEIRO 78

mbf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 339.

247/78

: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

: PEDRO BLOCH

25 JUNHO 79

06 JANEIRO 78

ROGÉRIO NUNES

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.340

FICHADO
S. A. DCDP

JUN 10 09 78 016670

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S.PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.
Nº 152/78-SCDP/SR/SP

Em, 18 de junho de 1978.

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto das peças teatrais "A ARVORE QUE ANDAVA" de Oscar V.Pfhull; "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES" de Pedro Block; "NINGUEM SEGURA O SEGURA ELE" de Felip Wagner; "A GUERRA MAIS OU MENOS SANTA" de Mário Brasini; "UMA VISITA" de Guilherme Figueiredo; "FAZ DE CONTA QUE É VERDADE" de Alceu Nunes; "JUDAS NO TRIBUNAL" de Godofredo Tinoco; "EM MOEDA CORRENTE NO PAÍS" de Abilio P. de Almeida; "O ARQUITETO EO IMPERADOR DA ASSÍRIA" de Arrabal; "ANTES DA MISSA" de Machado de Assis; "PLITIBUM" de Edson Roberto Santana; "PEDRO MICO" de Antonio Callado.

Outrossim, informamos a V.S., que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos para posterior remessa a DCDP.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

p/ JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da DCDP
BRASILIA/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p.34

16 JUN 14 12 78 11918
DPF

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de CENSURA DE DIVERSOES PUBLICAS DO DPF/SR/SP- Departamento de Policia Fed. Superintendencia Regional em São Paulo.

of. 153/78

O TEATRO ARTISTICO PAULISTANO -(agremiação amadora) - sito a R.Guaicurus, 437- 1º and. -Agua Branca, vem pelo presente solicitar possa V.Sa. autorizar o exame de CENSURA da peça teatral, "OS INIMIGOS NAO MANDAM FLORES - de PEDRO BLOCK- peça em 3 atos, sob a direção de WANDA BARCELLOS, com seu elenco amador permanente.

Nestes termos
P.E.

Wanda Barcellos

WANDA BARCELLOS
R.Guaicurus, 437- 1º and.
fone 62-3386

São Paulo, 16 de junho de 1978.

EM TEMPO :-

Para o espetáculo de mês de julho-
1a. quinzena.

Proceder de acordo com a Port.042/75.
S. 16/06/78

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.342

TEATRO

TÍTULO Os Inimigos não mandam flores

1) S.C.T.C. Arquivo

Clas. Anterior 14 anos

Praça São Paulo - SP

Obs.:

DF. 06 / 07 / 78 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de quatorze anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de fls., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 26 de julho de 1978

Maria Arlete P. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: 14 anos.
sem cortes.
Brasília-DF, 27 / 07 / 78

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 343

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 2607 / 78

TÍTULO: "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES", peça de Pedro Bloch

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: QUATORZE ANOS, sem cortes.

Considerando a identidade dos textos e o certificado de nº 247/78 com validade até 25/06/79 DCDP, opino pela manutenção da classificação anterior, ou seja, liberado com impropriedade para menores de QUATORZE ANOS, sem cortes.

Brasília, 24 de julho de 1978.

L. Fernando

Técnico de Censura

DPF—742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412.p-344

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

1085/78 - BSB, 25/7/78.

em São Paulo

152/78-SCDP-SR/SP

"OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES", de Pedro Bloch.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.345.

247/78

: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

PEDRO BLOCH

25 JULHO 79

27 JULHO 78

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 346

OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

PEDRO BLOCH

TEATRO ARTISTICO PAULISTANO - SP

WANDA BARCELLOS - SP

26 JULHO 78

IMPRÓPRIO P/ MENORES DE 14(QUATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

27 JULHO 78

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

mf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412p.347

ILMO.SR.DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MJ - D.P.F. - DCDP - BSB
13 SET 14 25 006888
RECEBIDO POR

Eneide Aguiar dos Santos
Requerente

brasileira, Orientadora Educacional
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade 19.980 - Estado Espírito Santo
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Rua Brumadinho, 601

vem, mui respeitosamente, requerer de V.Sª que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, o(s) textos abaixo
Espécie

relacionado (s), de autoria de: Pedro Bloch

"Os inimigos não mandam flores"
Título (s)

Nestes termos

Pede deferimento

Belo Horizonte, 20/07/82
Local e Data

Eneide Aguiar dos Rts
Requerente

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.348.

1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: Grupo Mineiro de Comédia C.G.C.: —

Sede: Brumadinho, 601 —

CEP: 30.000

Diretor ou Responsável: Italo Mudado

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: Pedro Bloch

Pseudômino: Filiação:

Na cionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Profissão: Estado Civil:

Endereço:

CEP:

3 - PARCERIA

Nome:

Pseudômino: Filiação:

Na cionalidade: Identificação:

Data do Nasc.: Naturalidade:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Nome:

Pseudômino: Filiação:

Na cionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço: CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada foi submetida à apreciação dessa DCDP (exetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aquí prestadas.

DATA: Belo Horizonte 20/07/82

Ass: Eneida Aguiar do Couto

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 349.

Censura de Diversões Públicas D. P. F. SRVMR

"OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES"

(Pedro Bloch)

PERSONAGENS: Geraldo - Um homem jovem, belo e elegante. Dá a impressão de ser totalmente dominado por sua esposa Sílvia.

Sílvia - Uma mulher feia e deselegante. De comum com Geraldo só parece ter a juventude, mas a amargura lhe aumenta a idade implacavelmente. Sua fealdade não é bem física. Não se poderia localizá-la. Ela dá a impressão de que sua alma, derramando-se pelo rosto, é que lhe empresta aquela máscara.

ÉPOCA: Atualidade. O conflito, porém, é de qualquer tempo.

AÇÃO: Rio de Janeiro. Poderia acontecer em outro lugar qualquer.

PRIMEIRO ATO

Música expressiva durante dois minutos

Antes de abrir-se o pano Sílvia aparece no proscênio e recebe uma "corbeille" de flores que um mensageiro, vindo da platéia, lhe traz. Faz um sinal para que ele espere e quando volta para o palco o pano vai se abrindo lentamente. O cenário nos dá idéia de um teatro de marionetes, graças a uma concepção moderna de fios que se cruzam e que a luz ressalta. Ali no palco está Geraldo como que paralizado, como se fosse um boneco' sem vida. Sílvia deposita numa cômoda as flores e dirige-se a Geraldo. Tira-lhe a carteira do bolso, gratifica o mensageiro que se retira e quando vai repô-la percebe que o público deve estar admirado com o que vê.

SILVIA - (À Platéia) - Meus senhores! Senhoras! Este aqui é o meu marido. Um belo homem conforme vêem. (a uma expectadora) A senhora não acha? Saudável, (mostra-lhe os dentes como que movesse a cabeça de um manequim) trinta dentes, (bate-lhe no abdome) sem banhas excessivas e funcionando perfeitamente com certificado de garantia. Anda, respira, come, bebe e fala. Para que um homem como este goste de uma criatura como eu é necessário, antes de mais nada, cultivar-lhe o orgulho como quem cultiva orquídeas. Cultivar-lhe a vaidade com chuva apropriada, sol apropriado, tudo no seu devido momento. Ele olha tanto, para dentro de sua imensa vaidade, que não me vê. Por isso ainda não descobriu que eu sou tão feia. Bom, não é? Estas flores quem comprou fui eu. O florista, de vez em quando, manda uma "corbeille" que eu pago com um cartão apaixonado que eu mesma escrevo. Quero ver se consigo lhe despertar ciúme. Mas qual! Ele não repara nas flores, nem repara nos cartões. Mal tem tempo para alisar o cabelo. (Ela ordena estalando os dedos) Alisa o cabelo, Geraldo! (ele alisa o cabelo como se fosse um autômato). Para ajeitar a gravata e o lenço. (Diante de dois estalos, ele endireita a gravata e o lenço). Vocês, naturalmente, ainda não compreenderam porque ele está assim, como hipnotizado, Qualquer mulher é capaz de fazer isto com qualquer homem. Não é verdade madame? O homem nas mãos da mulher é um marionete, um fantoche, um boneco de dar corda. E nas mãos de uma mulher inteligente!... Oh-oh-oh-oh!... Nas mãos de uma mulher inteligente! (A campainha do telefone soa. Geraldo, faz menção de ir atender, pois o ruído o acorda. Ela torna a hipnotizá-lo e atende o telefone) - Alô, Juliana querida! Ele está aqui, sim. Não, ainda não foi para o escritório... Sei. Esteja tranquila. Ele vai já, já. Outro p'ra você. (Desliga o telefone. Ao público). Juliana é a secretária de meu marido. Ela pensa que eu não sei que ela foi escolhida por certas qualidades estéticas independentes de seus predores taquigráficos e poliglóticos. A essa bonequinhas de porcelana eu sei aparar as asinhas. É só dizer displicentemente: - "É Geraldo. Ela é bonitinha. Pena ser tão burrinha!" - Aí ele muda, completamente, porque sua vaidade só lhe permite ser amado por mulheres bonitas e INTELIGENTES. Simples, não é? (Estala os dedos diante de Geraldo que acorda. Ele senta e folheia uma revista).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.350.

SILVIA - As Flores chegaram.
GRALDO - Que flores! (repara indiferentemente) Ah, sim! (pausa). Telefonaram para mim?
SILVIA - Não. Ah, sim!... Juliana.
GERALDO - A esta hora?
SILVIA - Você prometeu serão no escritório, hoje.
GERALDO - Foi o que ela disse?
SILVIA - Foi.
GERALDO - Então ela deve saber. Ela toma conta de tudo que é meu.
SILVIA - Eu já havia notado isso.
GERALDO - Juliana é muito eficiente. Muito boa menina.
SILVIA - Sem a menor dúvida! E bonitinha (pausa). Pena ser tão burrinha!
GERALDO - (Desnorteado) - Você acha?
SILVIA - Não vai me dizer que você, Geraldo, conhecendo as mulheres como conhece, ainda não tinha percebido isso! Ela é de uma vulgaridade assustadora! Para a próxima vez arranje uma secretária que seja bonita e inteligente. Classe, Geraldo!
GERALDO - Pois olhe que eu...
SILVIA - Avalio o que você deve ter pensado. Você só lhe analisou a superfície... Não lhe conheceu a alma... a maneira de ser...
GERALDO - Confesso que não. Pois olhe que assim, à primeira vista...
SILVIA - (Impaciente) - À primeira vista. Hoje em dia tudo é maravilhoso à primeira vista. Analisando-as bem elas usam uma verdadeira máscara de "pancake", fazem plástica, tingem os cabelos e moldam o corpo com cintas apropriadas.
GERALDO - Ela não usa.
SILVIA - (Espantadíssima) - Cinta?!
GERALDO - (manso) - "Pancake".
SILVIA - Por favor, Geraldo! Eu só queria pedir uma coisa a você. Nunca se apaixone por suas secretárias. Apaixone, aliás, é força de expressão. Um homem como você...
GERALDO - (com falsa modéstia) - Oh, por favor!
SILVIA - Há tantas mulheres caídas por você! Imagine se elas descobrem, de um momento para outro, que você tem um "caso" com uma secretária burrinha qualquer.
GERALDO - É verdade. Mas pelo amor de Deus, Sílvia!... Não vá, agora, imaginar que seria capaz de enganá-la com uma...
SILVIA - Deus me livre e guarde! Seria tão repugnante.. tão... que eu prefiro nem... Possuir essas criaturinhas deve ser o mesmo que brincar com um objeto, uma coisa... Talvez uma gata angorá. Elas transpiram sexo por todos os poros. Mas você sabe que sexo não é isso, Geraldo! Sexo só se valoriza associado à riqueza espritual, à ternura, ao calor humano verdadeiro. Claro que você não pode querer a criaturas assim. Por favor, Geraldo! Nunca ame a um mulher vulgar. Você sabe por que eu me apaixonei por você?
GERALDO - ?!
SILVIA - (Cultivando-lhe a vaidade)- Porque você é um homem raro, Geraldo! A gente vê em seus olhos o seu caráter, a sua embridade, a sua classe de homem fino e de bom gosto! É essa força que você irradia, essa confiança... esse olhar... Um homem como você Geraldo, jamais trocaria uma esposa por uma gata. (Aproxima-se da "corbeille"). São bonitas estas flores, não é verdade?
GERALDO - Que flores? Ah, sim!
SILVIA - Parece que vêm acompanhadas de um cartão... (pausa) azul...
GERALDO - Por falar em cartões... Você me lembra que amanhã é aniversário do Pimentel? Juliana sempre esquece.
SILVIA -(Triunfante) - Há pouco ela era muito eficiente, não era? (Cautelosa). Você, às vezes, é uma criança (cautelosa). Aliás foi bom falar nisso! Há dias que eu estou pensando numa solução interessante.
GERALDO - Que solução Sílvia?
SILVIA - Geraldo, você não acha que devia mudar de secretária?
GERALDO - E onde é que eu vou descobrir uma outra Juliana?
SILVIA - Você precisa de alguém em quem possa confiar totalmente.
GERALDO - Não vejo quem...
SILVIA - Por você eu faria qualquer sacrifício. Eu seria até capaz de trabalhar com você, Geraldo.

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F. SR/DG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.351

Censura de Diversões Públicas - Serviço

GERALDO - (como quem tivesse tomado óleo de rícino) No escritório?!
SILVIA - No escritório. Não se pode confiar nessas secretárias de hoje.
GERALDO - Por Juliana eu ponho a mão no fogo.
SILVIA - Elas ficam armadas contra nós. Tomam conhecimento de tudo. Lêem cartas. Expedem telegramas. Podem até descobrir o gênero de negócios a que você se dedica ultimamente.
GERALDO - Juliana seria incapaz de...
SILVIA - Não confiemos em excesso. De idiota é que ela não tem nada.
GERALDO - Foi você mesma quem disse.
SILVIA - As mulheres só são idiotas para aquilo que lhes convém. Imagine se a pol... se descobrem o gênero de negócios a que você se dedica. É preciso despedir Juliana o mais depressa possível. Eu não poderia mais dormir descansada. Eu teria medo, Geraldo!
GERALDO - Mas despedi-la como! A título de quê?
SILVIA - (rápida) - A título de tudo! Se você não quiser eu mesma a despeço (pausa) - (transição). Eu estou ficando mais magra?
GERALDO - (amolado) - Sei lá!
(transição musical)
(Toda vez que Sílvia se dirige ao público e o marido fica paralizado, hipnotizado, a música faz uma passagem rápida e expressiva e as luzes se modificam. Quando a cena recomeça, as luzes voltam).
SILVIA - (ao público) - Como é estranha, por vezes, a vida de um casal, não é mdame? As cenas aqui em casa acontecem de maneira curiosa, Imaginemos por exemplo, uma cena depois de jantar. Acabamos de comer e nos sentamos, aqui, cada qual em sua poltrona. (Ela estala os dedos e Geraldo senta. De repente ele começa a caminhar agitado).
GERALDO - Eu acho que aquele peixe me fez mal (pausa). Onde é que estão meus comprimidos?
SILVIA - Estavam na mesa, ao lado do seu prato. Você não reparou?
GERALDO - Mas se estavam na mesa, ao lado do meu prato, é porque você já sabia que ia me fazer mal.
SILVIA - Que absurdo, Geraldo!
GERALDO - Você tem a mania de mandar preparar peixe sabendo que eu sou alérgico.
SILVIA - Mas, querido, foi você mesmo quem pediu!
GERALDO - (comprando briga) - E que tem isso? Não é motivo pra viver satisfazendo todos os meus caprichos. Você parece que já faz essas coisas de propósito, só pra me irritar.
SILVIA - (cândida) - Oh, meu bem! Você sabe que eu seria incapaz de...
GERALDO - Há dois meses que eu pedi a você para mandar fazer o doce de pêssegos que mamãe fazia. Você fez?
SILVIA - O doce de pêssegos que sua mamãe fazia está pronto. Eu propus a você agorinha mesmo. Você disse que não queria.
GERALDO - (explodindo) - Não ouvi direito! Estava pensando em outra coisa! Aliás, aqui nesta casa, estou sempre pensando em outras coisas. Porque será que em casa do Pimentel as coisas andam sempre bem? Lá sim! A gente sente o pulso de uma dona de casa.
SILVIA - Aquilo tudo vem pronto de fora meu amor. A madame Pimentel só conhece cozinha de fotografia de revista americana.
GERALDO - (desesperado, caminhando a passos largos) - Com os nervos no estado em que eu ando não se pode trabalhar, não se pode produzir. Um dia destes mando tudo às favas e vou construir pontes, edifícios, fazer alguma coisa.
SILVIA - Você acha que não tem feito nada?
GERALDO - Tenho. Tenho feito uma série de coisas que não deveria ter feito.
SILVIA - Como... por exemplo...
GERALDO - Casar.
SILVIA - Comigo?
GERALDO - Sim, Silvia. Com você. Não vê que isto não dá certo! Que isto não pode dar certo! Não vê?!
SILVIA - Não vi jamais um casamento mais certo que o nosso. Não somos felizes?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412,p.352.

Censura de Diversões Públicas - Serviço de D. P. F. SR/MG

GERALDO – (com asco) – Nós?!
SILVIA – O que chama voce de felácidade?
GERALDO – (com desprezo) – Felicidade!
SILVIA – (agarra-se ao desprezo como se fosse ignorância) – Está vendo? Você nem sabe o que é felicidade!
(transição musical. Ao público) – Outras vezes lhe dá a mania das viagens. Eu já sei. É quando ele acende um cigarro... (ele acende)... solta uma baforada... (ele solta) e se põe a olhar o infinito com um ar sonhador.
GERALDO – Todo mundo está indo aos Estados Unidos e à Europa.
SILVIA – (ao público) – Eu não disse? (a Geraldo). É verdade, meu bem.
GERALDO – E pensar que, com todo o dinheiro que nós juntamos, não fui, ainda, nem aos Estados Unidos nem à Europa.
SILVIA – É verdade, Geraldo. Com todo o dinheiro que nós juntamos você ainda não foi nem aos Estados Unidos nem à Europa.
GERALDO – Você não acha que eu devia viajar?
SILVIA – Acho.
GERALDO – Paris!
SILVIA – Paris. Você passaria momentos maravilhosos (pausa). Pena os seus negócios.
GERALDO – O que é que tem os meus negócios?
SILVIA – (cortando loto) – Aliás não tem nada demais. Eu poderia tomar conta deles. Você iria a Paris... Salvo... (silabando)... se fôsse descoberto o gênero de negócios a que você se dedica.
GERALDO – (exaltado) – Você ultimamente anda falando muito, em descoberto-descoberto-descoberto. Você soube de alguma coisa? Alguém procurou...
SILVIA – Não é preciso ficar nervoso! É que, de vez em quando, surgem umas ameaças.
GERALDO – Ameaça, como?
SILVIA – Pelo telefone.
GERALDO – Ameaças?! Como é que para mim nunca telefonaram?
SILVIA – Para mim telefonaram.
GERALDO – E, depois, ninguém, a não ser pessoas de absoluta confiança, sabem a história desses negócios.
SILVIA – Ninguém a não ser algumas daquelas bonecas empoadas que cercam você, e que vivem querendo roubar você de mim. Naturalmente abrem a sua correspondência...
GERALDO – Isso é mentira!
SILVIA – Com certeza mexem em seus livros, verificam certas coisas...
GERALDO – Ninguém conseguiria nada daquela sala. Eu ponho a minha mão no fogo. (Sílvia como por um passe de mágica, faz surgir uma carta na mão). Que é isso?
SILVIA – Esta é uma das cartas que ninguém poderia... Eu a consegui mesmo sem ir ao seu escritório. Já vê que não é tão difícil assim.
GERALDO – Como foi que voce encontrou esta carta?
SILVIA – Não importa. Serve apenas para alertar você... num momento em que você está pensando em viajar...

transição musical.

(Ao público). E assim, geralmente, eu consigo acalmar seus arroubos de caixeiro-viajante. E a vida continua. Mas será isto vida? Para mim é. Que posso esperar mais? Amor? Como? Felicidade? É um palavra vaga e sem sentido. Pode-se ser confortavelmente infeliz. Se elas usam a beleza para conseguirem o que querem por que não poderia eu usar as outras armas? Mas o triste, é quando ele começa a ter inveja dos outros casais.
GERALDO – O Ramos é tão feliz!
SILVIA – (ao público) – Estão vendo?
GERALDO – O Novais vive tão alegre!
SILVIA – (ao público) – Eu não disse?
GERALDO – Tão satisfeito da vida.
SILVIA – Agora só falta o casal Pimentel.
GERALDO – (sonhador) – E o casal Pimentel!
SILVIA – (ao público) – Vocês vão ver só uma coisa. (rompe num risinho).
GERALDO – De que é que você está rindo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412p.353.

Censura de Diversões Públicas - Serviço D. P. F. SP

SILVIA - (fazendo o risinho crescer) - De nada.
GERALDO - (irritado) - Ninguém ri de nada.
SILVIA - (rindo, agora francamente) - Estou rindo da felicidade do casal Pimentel. Ele, por um lado, tem duas amantes conhecidas. Ela já passou pelas mãos de todos os homens do Rio de Janeiro. E dizem até que... (explosão de riso).
GERALDO - (desnorteado) - Pois olhe que à primeira vista...
SILVIA - Você precisa convencer-se de uma coisa, Geraldo:-O mundo está perdido. Felizes mesmo, só nós dois. Entre nós há sinceridade.
GERALDO - Há o que?!
SILVIA - Há humanidade, sentimento. Você não vê que os outros casais se detestam, se entredevoram, sem calor nem piedade? Nós somos diferentes, graças a Deus!
GERALDO - É... Nós somos diferentes graças a Deus.
SILVIA - Eu quero dizer que a vida de um casal resulta de um equilíbrio consciente, de um equilíbrio inteligente. É preciso colaboração. Reúncias mútuas. Eu, por exemplo, renuncio a uma série de coisas (cautelosa). Você renuncia à sua viagem... à Europa... De fato, muitas vezes, é penoso, mas daí resultam a compreensão, o equilíbrio...
GERALDO - Mas basta o equilíbrio?
SILVIA - Claro que basta!
GERALDO - E o amor?!
SILVIA - Equilíbrio é amor, Geraldo! Equilíbrio é prudência, cuidade, resistência, amor. Você é um homem, Geraldo. Você precisa compreender a vida. Você não pode ser, eternamente, aquele garoto, filho único, ridicularizado na escola...
GERALDO - (num grito) - Sílvia!
SILVIA - Colado à saia da mãe! Objeto de zombaria!
GERALDO - (manso) - Sílvia!
SILVIA - Fico tão feliz quando você me compreende. Geraldo, prometa-me que seremos felizes e que você me amará sempre.
GERALDO - (arrazado) - Sempre (noutro tom). Amanhã devo ir a São paulo.
SILVIA - Amanhã não podemos.
GERALDO - (pirracento) - Você é que não pode. Eu posso.
SILVIA - E você pretende ir só?
GERALDO - Pretendo.
SILVIA - (com simulada indiferença) - Que quer que eu ponha na mala?
GERALDO - (assombrado) - Você não está zangada?
SILVIA - (plácida) - Zangada por quê?
GERALDO - Com a minha viagem.
SILVIA - Seria ridículo.
GERALDO - Você sabe, perfeitamente, o que eu vou fazer em São Paulo.
SILVIA - Um homem como você, Geraldo, deve descansar, de vez em quando até da Própria esposa. Quantas camisas?
GERALDO - Mas você não vai protestar, não vai gritar, não vai dizer nada?!
SILVIA - Você me julga igual a essas mulheres ridículas que você conhece?
GERALDO - (fulo) - Pois eu quero que você seja ridícula! Eu quero que você seja igual a elas. Você me encurrala dentro de sua amabilidade, dentro de sua tolerância e não me deixa respirar. Eu preciso ser livre, Sílvia! Eu preciso fazer o que quero, o que tenho vontade. Você não pode estar de acordo com a minha viagem a São Paulo. Qualquer mulher normal protestaria.
SILVIA - (a estátua da placidez)- Eu não sou uma mulher qualquer.
GERALDO - Qualquer mulher gritaria, faria escândalo, proibiria.
SILVIA - Eu não sei fazer escândalo.
GERALDO - (desesperado)- Pois eu vou a São Paulo para respirar. Não há nada, nada me esperando em São Paulo. Nem a amante, nem a mulher que você pensa que me espera. É de ar que eu preciso! De ar! Respirar! Respirar!
SILVIA - Que quer que eu ponha na mala?
GERALDO - (no auge do desespero e da indignação) - Mas você não pode estar aí parada fazendo esta pergunta idiota! Você não pode estar sentindo o que finge que está sentindo!
SILVIA - Eu não estou fingindo nada.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 354

com raiva) - Está. Eu sei que está. Você tem vontade de explodir, de gritar, de acabar com essas viagens, mas tem medo. Medo de brigar, medo de criar uma situação que me faça deixar esta casa para sempre.

- As portas estão abertas.

O - (alucinado) - As portas estão abertas mas eu não posso sair por elas. Com que pretexto? Eu preciso de um motivo para fazer as coisas. Você não me dá esse motivo! Você está sempre de acordo! Como eu gostaria que você um dia sentisse de verdade. Proteste! Grite! Condene! Fale! Vamos! Vamos!

Transição musical.

SILVIA - (ao público) - Não se preocupem, senhores. Estas coisas se repetem, quase diariamente, desde a nossa lua de mel. Até a nossa lua de mel foi diferente. Eu tive de usar de sutilezas sem fim para convencê-lo de que era feliz. O método da auto-sugestão consciente... Eu sou feliz. Eu sou feliz (com raiva) Eu sou feliz... (com riso amargo). Simples, não é?

GERALDO - (acorda diante de um estalar de dedos de Sílvia. Creio inútil frisar que cada vez que Silvia se dirige ao público Geraldo é hipnotizado) - Vamos! Proteste! Grite! condene! Fale! Vamos!

SILVIA - (nova técnica. Humilde, chorosa). Geraldo, eu sei que não mereço você. Eu sei que não faço a sua felicidade, mas, por favor, não me humilhe dessa maneira! A única coisa que me resta de consolo é a minha sinceridade. Eu sou capaz, até, de lhe dar um pretexto pra você deixar esta casa. Que é que você quer que eu faça? Eu já não peço mais que você me ame. Basta que me tolere.

GERALDO - Você pensa que me ilude com suas palavras? Eu não suporto mais esse controle. Você controla o telefone, controla as cartas, controla até meus pensamentos. E o pior é que você concorda comigo mesmo quando eu não tenho razão, mesmo quando você sabe que eu sei que não tenho razão. E não sente nada, Silvia. Que é que você tem contra a vida? O que é que você tem contra as outras mulheres?

SILVIA - Não tenho nada contra ninguém.

GERALDO - Então não fique me perseguindo, não fique me torturando, me controlando, fingindo que não controla e que não persegue. Afinal, de que é feita a nossa vida?

SILVIA - (angélica) - No nosso amor.

GERALDO - Amor?! Oh, Silvia! Um dia nos encontramos e você me venceu com os seus argumentos. Eu não precisava deles, Silvia. O amor não vive de demonstrações matemáticas, de cálculos. Você provou por A mais B, matematicamente, que eu devia casar com você. A cada ameaça de rompimento você lança mão de novos teoremas, de novos argumentos. Sua argumentação está sempre certa. Seus sentimentos é que não estão.

SILVIA - Então, Geraldo, o que é amor?

GERALDO (sufocado de desesperto) - Eu sei, Silvia. Eu sei o que é amor para mim. Mas também sei que você vai vencer com os seus argumentos. Você vai provar que amor é aquilo que você quer que ele seja e vai me convencer de que é exatamente isso que eu sinto por você.

SILVIA - Mas claro!

GERALDO - E você sabe, perfeitamente, que você não me ama.

SILVIA - É você quem diz isso.

GERALDO - Você sabe, perfeitamente, que não casou comigo por amor. Eu gostaria de saber por que foi que você casou comigo. (Grita) Por que você casou comigo, Silvia?!

SILVIA - É. Hoje, meus amigos, ele está perigoso, sabem? Toda vez que lhe dá essa crise de liberdade, preciso envaidecê-lo, estimulá-lo, desenhar-lhe tudo em tecnicolor. Vivemos, realmente, num inferno. Mas um inferno colorido. Eu controlo o telefone, controlo as cartas, controlo até seus pensamentos. Ontem estive analisando meus sentimentos. Por que teria eu casado com um homem como Geraldo? E cheguei a duas conclusões. Em primeiro lugar porque nenhum dos outros homens quis casar comigo. Depois... eu precisava vingar-me, vingar-me das outras mulheres, daquelas que são amadas como mulheres mesmo, das que são amadas como carne, como sexo, como amor.

GERALDO - (acorda com o estalar dos dedos de Sílvia) - Por que você casou comigo?

SILVIA - Porque eu amava você.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 355.

GERALDO - Não se ama assim.
SILVIA - Cada qual ama como sabe.
GERALDO - (acabrunhado após longa pausa). Perdoe, Silvia. Tendo essas explosões, de vez em quando, mas a minha intenção não é feri-la, nunca, compreende?
SILVIA - Compreendo, Geraldo.
GERALDO - Não guarde rancor, Silvia.
SILVIA - Não guardarei nada.
GERALDO - Obrigado.
SILVIA - (num tom sem cor) - Que é que você quer que eu ponha na mala?
GERALDO - (desalentado)- Já não vou mais a São Paulo.
SILVIA - (meiga, doce, terna, humilde) - Mas você deve ir, meu bem! A viagem vai fazer um bem enorme a você.
GERALDO - Não acho.
SILVIA - Estou certa disso.
GERALDO - Não tenho mais vontade.
SILVIA - Deixe por minha conta. Providenciarei tudo. Arrumarei a mala, reservarei passagem, tudo. Está vendo? Eu aceito ser sua nova secretária.
GERALDO - !?
SILVIA - Já sem falar na economia que isto representa, sendo sua nova secretária podemos estar juntos o dia inteiro...
GERALDO - (com amargura)- o dia inteiro.
SILVIA - (Aproxima-se a a cada "juntos" que profere aperta-lhe mais a gravata que está quase aberta a princípio) - Poderei afastar de você os importunos e aquelas idiotinhas que infestam o seu escritório. Vais ser uma maravilha! (ela saboreia com sadismo). Iremos "juntos" de automóvel... Almoçaremos "juntos".. sempre "juntos"... Vai ser uma maravilha.
GERALDO - (alarmado) - Vai?!
SILVIA - (aproxima-se das flores)- São lindas estas flores, não é verdade? (tira o cartão) Você conhece algum Reinaldo?
GERALDO - (seco)- Não.
SILVIA - Foi ele quem mandou as flores.
GERALDO - (amolado e indiferente) - Deve ser algum amigo.
SILVIA - Mas hoje não é nenhuma data especial. Não é a primeira vez que eu recebo flores desse indivíduo. Isto já está se tornando desagradável.
GERALDO - Só pode ser um imbecil qualquer.
SILVIA - Nenhum imbecil se atreveria a cortejar-me.
GERALDO - Ora, Silvia! Flores! Não vejo nada demais.
SILVIA - Pois eu vejo. Então você acha natural uma coisa dessas, Geraldo?
GERALDO - Quem sabe se não é algum parente?
SILVIA - Não temos nenhum parente com esse nome.
GERALDO - (alheio, depois de uma pausa) - Você comprou pasta de dentes?
SILVIA - (desalentada) - Está no banheiro.
GERALDO - Bem.
TRANSIÇÃO MUSICAL.
SILVIA - (à plateia, enquanto Geraldo se mantém alheio) -Vocês estão vendo? Nada em comum. Dois enxadristas. Uma ótima jogadora como eu e um péssimo jogador como ele. Sem nada. Sem fé. Sem esperança. Eu poderia renunciar a tudo isto. Seria o único caminho. Mas não. Agora isto irá até o fim. Também sou gente, também tive um coração terno e doce como o de todos vocês. Também sonhei com tudo que as outras mulheres sonham, não sonhei? As gatas são donas do mundo, com suas pláticas, seus "Pancakes". seus vestidos colantes, suas curvas, seu sexo. Elas tomaram conta do amor.Mas consegui mais do que todas elas. Todas as gatas andaram tentando envolvê-lo e eu o consegui para mim, só para mim.Agora eu só espero uma coisa, só anseio por uma coisa, com toda a minha alma, com todo o meu coração:- Eu quero envelhecer depressa. A velhice será a paz, a tranquilidade, o sossego definitivo, quase a felicidade, a libertação destes sustos permanentes, destas angústias sem fim. A velhice será minha, só minha. Sem sustos sem temores, sem ódios, sem receios, sem rancores. Eu gostaria que os anos passassem num dia, num minuto. E então ele será meu, definitivamente. Para sempre...(com angústia).Para sempre!

(FIM DO PRIMEIRO ATO)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.356.

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F.

SEGUNDO ATO

Música durante meio minuto.

Ao erguer-se o pano Silvia está pondo a mesa para dois. Parece que algo está para ser comemorado. Pratos, talheres, taças e até champanha. Um candelabro ao centro da mesa. Esta mesa ela a põe, aos poucos, enquanto dialoga com Geraldo, até o início do seu grande monólogo. O desinteresse de Silvia se acentua com esse vaivém, pois Geraldo quer por força que ela sinta, que ela participe de seu drama. Geraldo acabou de entrar abatido, alquebrado. Senta-se desalentado.

GERALDO - (quase suplicante, depois de uma longa pausa) - Sílvia!
SILVIA - (sempre preparando a mesa) - Sim?
GERALDO - Você não pergunta nada?
SILVIA - Você não sabe que dia é hoje?
GERALDO - Quarta-feira, 15 de outubro. (pausa). Você não sabe onde eu fui?
SILVIA - Sei.
GERALDO - E não tem, ao menos, a curiosidade de saber em que pé estão as coisas?
SILVIA - Tenho.
GERALDO - (explodindo) - Então pergunte!
SILVIA - (a tranquilidade em pessoa) - Em que pé estão as coisas?
GERALDO - Sílvia, como você mudou!
SILVIA - Eu era diferente?
GERALDO - Era (pausa). Sílvia, você sabe que eu sou um covarde?
SILVIA - Sei.
GERALDO - Nunca me julguei um imbecil. Você sabe que...
SILVIA - Também sei.
GERALDO - Silvia!
SILVIA - Que é?
GERALDO - Você ainda não me perguntou nada.
SILVIA - (sereníssima) - Estou esperando que você fale.
GERALDO - Mas em outros tempos você estaria desesperada por saber!
SILVIA - O desespero cansa.
GERALDO - Você estaria ansiosa, esperando na porta a minha chegada, para saber o que ele disse.
SILVIA - Em outros tempos.
GERALDO - (analisando-a)- Então quer dizer que você tambem sabe disso!
SILVIA - Você acha?
GERALDO - Você quer parar com essa calma idiota?! Não é possível que ele não lhe tenha dito nada. Que não tenha, ao menos, telefonado (pausa-transição). O Dr. Castro me examinou. Eu devo estar muito mal, Silvia.
SILVIA - Sim?...
GERALDO - Você não está aflita por saber o que ele disse?
SILVIA - (placidíssima) - Estou.
GERALDO - (numa explosão) - Então pergunte!
SILVIA - (sereníssima) - O que foi que ele disse?
GERALDO - (como quem vai ditar uma sentença de morte) - Ele não disse nada! (ela abana a cabeça num sorriso irônico). Não disse nada, mas quando me examinou ele franziu a testa.
SILVIA - Os médicos franzem sempre a testa.
GERALDO - Custou a fazer o diagnóstico e... depois um silêncio de morte.
SILVIA - Lógico, não é?
GERALDO - Aí tirou minha pressão.
SILVIA - Natural, não é?
GERALDO - Ficou pálido quando viu a pressão. Pensei que ele ia desmaiar...
SILVIA - (irônica)- Então vai ver que ele é quem está doente. (pausa). Quanto deu a pressão?
GERALDO - Não quis dizer. Só murmurou "muito bem"! (olhar de Silvia). E os médicos só dizem "muito bem" quando querem esconder alguma coisa. Você não vai imaginar que ele vai me dizer na cara que eu estou com um cân... Saí dali com o coração doendo. Já nem conseguia mais andar sem sentir palpitações...
SILVIA - Está vendo? Quando você entrou no consultório não tinha nada.
GERALDO - É diferente. Quando entrei eu não sabia o que tinha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p 357

Serviço de Censura de Diversões Públicas D.P.F.

SILVIA - E agora você sabe?

GERALDO - Não. Mas você não percebe a diferença entre uma pessoa que não sabe de nada e uma pessoa que "sabe que não sabe"? Qualquer esforço, agora, para mim é uma tortura... E nem receitou... Disse que só depois dos exames de laboratório.

SILVIA - Hmmmmmmmmmmmmmm!

GERALDO - Talvez seja necessário arrancar todos os dentes.

SILVIA - (feliz) - Ah, sim?!

GERALDO - Tenho a impressão de um desmoronamento. Uma coisa dessas não acontece com o Pimentel. Tinha eur ser comigo. E tudo tão de repente! Tudo tão inesperado. Eu não mereço um castigo desses, Silvia. Mereço? Sempre fui um sujeito correto... decente.

SILVIA - Decente, Geraldo?

GERALDO - Não tenho culpa que os negócios não tenham dado certo, tenho?

SILVIA - Não tem culpa como? Você quase levou todo mundo a falência.

GERALDO - Ora, Silvia, você sabe perfeitamente, que o risco era todo meu.

SILVIA - Desde quando, Geraldo?

GERALDO - Sempre (pausa). Telefonaram do escritório?

SILVIA - Não.

GERALDO - (voltando ao tema) - Curioso é que de repente me deu assim... uma vontade... vontade não. Uma necessidade de ser bom, entende?

SILVIA - Mais ou menos.

GERALDO - Eu que não sou dessas coisa, hoje dei uma esmola.

SILVIA - É grave...

GERALDO - De cinco contos.

SILVIA - Gravíssimo.

GERALDO - Quando aquele mendigo se aproximou de mim eu me senti mais pobre do que ele. Nós éramos companheiros de uma infelicidade comum. A minha miséria orgânica... O Dr. Castro está me escondendo alguma coisa. Ele já começou a preparar o meu espírito. Sílvia, eu estou perdido! (pausa). Você seria capaz de se dedicar a mim... Se eu ficasse... inválido?

SILVIA - Quem sabe, não é? Essas coisas... só vendo.

GERALDO - É verdade, Silvia, que eu não lhe tenho proporcionado grandes alegrias.

SILVIA - É. Não tem.

GERALDO - Às vezes tenho sido até egoísta.

SILVIA - Ah, sim?!

GERALDO - Mas será que eu tenho culpa, Silvia? Eu sou o que sou, assim como sou. Porque desde pequeno só me ensinaram a pensar em mim. Pra mamãe eu era o centro do mundo.

SILVIA - Cada qual é centro de seu próprio mundo.

GERALDO - Mas eu queria ser o centro do mundo de todo mundo. Em casa era fácil, mas na escola... Sílvia telefone para o Dr. Castro. Pergunte a ele a verdade. Toda a verdade.

SILVIA - Eu já telefonei, Geraldo.

GERALDO - (ansioso) - E o que foi que ele disse?

SILVIA - Ainda não sabe. Está esperando os resultados. Está esperando, Geraldo.

GERALDO - (desesperado)- Mas eu não posso esperar. Você não vê, que eu não posso esperar?!

SILVIA - Eu poderia lhe dar um curso completo da arte de esperar. Um curso de especialização. Passei a minha vida inteira esperando... Noites inteiras esperando que você viesse, Geraldo. Noites inteiras olhando o despertador. Noites inteiras adivinhando seus passos. Eu esperei anos, Geraldo! Você vai esperar apenas alguns minutos. O Dr. Castro vai telefonar-me o resultado.

GERALDO - (apavorado)- Olhe, se o que eu tiver for muito grave não me diga, não me diga nada. Prefiro não saber. Você promete?

SILVIA - Prometo.

GERALDO - Você não vai me deixar, não é Silvia? Cuida de mim, não cuida? Eu preciso de alguém em quem possa depositar toda a minha confiança.

SILVIA - Você confia em mim, Geraldo?

GERALDO - Cegamente. Por favor, Silvia. Dentro de alguns minutos o Dr. Castro lhe dirá o que tenho, mas você só me diga a verdade se ela for boa.

SILVIA - Está bem.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 358.

GERALDO – Agora, se você me disser que estou bem, como é que eu vou saber se estou mesmo bem?

SILVIA – Não pode, não é?

GERALDO – Eu sei que tenho sido egoísta, Sílvia! Mas eu juro, eu prometo! Se sair desta, você não vai se arrepender. Você precisa me ajudar. Precisa me tratar. Preciso ser minha amiga.

SILVIA – Eu sou sua amiga, Geraldo.

GERALDO – Mas ainda será minha amiga quando eu estiver estendido num leito de hospital?

SILVIA – Não sei.

GERALDO – As mulheres são diferentes. Quando você teve aquela pneumonia... eu não parei um minuto em casa.

SILVIA – É verdade.

GERALDO – Bem, mas o seu caso era diferente! Você sabia o que tinha... ao passo que o meu ~~mistério~~ destino está sobre a lâmina de um microscópio e... Você não é como eu, Silvia. Você é feita de outra massa. Você jamais cometeria a baixeza de me deixar sozinho num momento de dor, num momento difícil. Cometeria?

SILVIA – Só na hora a gente sabe as reações que tem.

GERALDO – (vai deixar a sala. Para diante da mesa posta sem vê-la e diz ao sair) – 15 de outubro. Hoje, Sílvia, não é um dia como os outros. (Sai).

SILVIA – Ele se lembrou! Ele se leimbrou! Hoje não é um dia como os outros. Hoje é aniversário do nosso casamento. Para nós este é o dia em que se comemora a ausência, do amor, bem pior que o ódio. Ele me odeia. Eu sei que ele me odeia, mas eu o odeio, também. (Quase feliz em seu rancor). Agora ele está doente. Agora ele precisa de mim. E como esse ódio vai crescer! Os próximos anos de nossa vida em comum serão os da minha vingança. Vingança nas palavras, nos gestos, nas atitudes. (Ela pegou de uma taça de cristal). Ele não poderá mover-se não poderá reagir. Não poderá protestar. Ele se limitará a cubir e obedecer... a ~~cuvir~~ e obedecer... a OUVIR E OBEDECER! (Rompe a taça de encontro à mesa com ódio. A campainha da porta soa. Ela se dirige para lá e traz uma "corbeille"◊ Hoje esta "corbeille vai dar resultado. Hoje com certeza ele notará que chegou uma corbeille para mim... (Ajeita as flores) – Assim... Assim... O cartão bem visível! Assim... Perfeito! Oh, meu Deus! Se ele, ao menos hoje, se lembrasse da minha existência! Se ele, num dia qualquer, se lembrasse de que eu existo e me mandasse uma "corbeille"! Nem seria necessário que fosse uma "corbeille". Poderia ser um ramos de rosas comuns. E nem seria necessário que fossem rosas. Poderia ser um flor qualquer... Uma única flor... Uma única flor talvez bastasse... Uma única flor! (Alarmada de repente). Meu Deus, aconteceu uma coisa tremenda! Uma coisa tremenda, senhores! Essas flores... Essas flores... Mas eu não encomendei essas flores!... (Agita-se nervosíssima de um lado para outro). Será que... Oh, meu Deus! Qeu bom se isso acontecesse! Que bom se um dia alguém... Ele se lembrasse de mim! Vem com um cartão... Não. Eu não tenho a coragem de abri o envelope. (A uma espectadora). A senhora faria isto para mim! A senhora sobe... Lê o cartão... Não sendo dle não me diga nada, por favor... Não... Não me dizendo nada eu já saberia que não foi dele... Eu advinharia... É melhor deixar assim... Irrevelado... È melhor... (Ri nervosa. O riso cresce). Ah, mas está tudo calro!... E eu me iludindo desta maneira!... Está tudo cãaro! O florista mandou estas flores por engano. Como eu encomento flores quase todos os dias... (Disca o telefone ansiosa, angustiada). Alô!... Alô!... Florista? Por obséquio... O senhor terá mandado, por acaso, hoje, as flores para dona Silvia?... Não?... Tem certeza?... Pergunte ao gerente, por favor. Não mandou? Obrigada... (Desliga o telefone alagada de felicidade). Então foi ele mesmo... (Ri muito, quase como louca). Então foi ele mesmo... Quem mandou as flores!... Eu sabia que um dia isto ia acontecer... Um dia... Ele se lembrou... Hoje ele deu uma esmola porque sentiu a necessidade de ser bom. Esta "corbeille" ele a comprou para mim porque sentiu a necessidade de um apego, uma amiga, uma companheira, num momento em que está caindo, num momento em que está descendo. Mas por que estou tão nervosa? OH! Que idiota que sou! Está tudo tão claro! Ele hoje mandou estas flores porque está doente, porque precisa de mim. Não da mulher, mas da enfermeira, da imbecil que vai cuidar dele, da idiota que criou esta ratoeira de luxo para sofrer, pra se torturar entre pesadelos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 359.

Mandou as flores porque foi ao médico e descobriu que... (Toca o telefone. Ela atende). Alô... Sim, Dr. Castro... Sim. Compreendo... Sei... Hmmmm... Hmmmmm... Sei... (Desliga o telefone, enquanto Geraldo entra temeroso e aflito).

GERALDO - Era o Dr. Castro?

SILVIA - Era.

GERALDO - Que foi que ele disse?

SILVIA - Que você vai ficar bom. Depende só de cuidado, dedicação.

GERALDO - Silvia, você está me enganando.

SILVIA - Estou não, Geraldo. Você fica bom.

GERALDO - Mas o que foi que ele disse?

SILVIA - Sistema nervoso.

GERALDO - Sistema nervoso! Jura.

SILVIA - É, Geraldo. Você vai ficar bom.

GERALDO - (quase feliz) - Distúrbio neurovegetativo. Distonia? Sistema nervoso, heim? Sistema nervoso!... E eu que já tinha começado a dar esmolas de cinco contos! (Esfregando as mãos, já dono de si novamente). Sistema nervoso... Então é uma coisa simples! Curável...

SILVIA - É, Geraldo.

GERALDO - Veja você que absurdo! Ainda há pouco parecia que o mundo ia desabar. (ri). Sistema nervoso!... (Bem humorado, olhando a mesa posta). Temos festa hoje?

SILVIA - Temos.

GERALDO - Eu não sabia que você havia convidado os Pimentel.

SILVIA - É para nós.

GERALDO - Para nós!?

SILVIA - Comemoração.

GERALDO - Ah, sim! Comemoração. Comemoração... de que?

SILVIA - Geraldo, que dia é hoje?

GERALDO - Quarta-feira.

SILVIA - Estamos em outubro, Geraldo.

GERALDO - E daí?

SILVIA - 15 de outubro.

GERALDO - E daí?

SILVIA - Aniversário do nosso casamento.

GERALDO - Nós casamos em outubro?

SILVIA - Sim, Geraldo. Eu casei em outubro. Felicidades, meu bem.

GERALDO - Obrigado. E champanha! Muito bem!

SILVIA - Eu sei que você está brincando. Eu sei que você não está falando sério. Você se lembra, perfeitamente, que hoje é o nosso dia. E obrigada!

GERALDO - Obrigada por quê?

SILVIA - Pelas flores.

GERALDO - (sem perceber)- Que flores? (repara nas flores). Ah, sim!

SILVIA - (percebendo a verdade)- Geraldo! Então... não foi...

GERALDO - Desculpe, Sílvia, mas eu não mandei flores.

SILVIA - Geraldo, não brinque assim, por favor!

GERALDO - Claro que não mandei flores! Você acha, então, que num dia em que o médico me diz... eu vou me preocupar com...

SILVIA - (desolada dirige-se à "corbeille" abre o envelope e lê o cartão) - Miguel. Você conhece algum Miguel?

GERALDO - (irônico) - Claro que conheço! Miguel Ângelo... Miguel de Cervants... Miguel Strogoff... Olhe, você seria uma belíssima atriz! Você tem todos os requisitos: voz, gestos, atitufes, comunicação...

SILVIA - O que é que você quer dizer, Geraldo?

GERALDO - Deixe de representar! Então você pensa que eu não sei que é você mesma quem compra as flores e escreve os cartões? O florista já me contou sua idéia genial. Perguntou se você era louca.

SILVIA - Mas, desta vez, você está enganado. Desta vez estamos ambos surpresos. Não fui eu quem encomendou as flores. Estas flores vieram para cá e não foram compradas, por mim. Você pode perguntar ao florista.

GERALDO - Naturalmente você arranjou outro florista.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p-360.

SILVIA – Não, Geraldo. Parece incrível, mas alguém, neste mundo, me quer. Alguém, neste mundo se lembrou da minha existência. Existe alguém no mundo que perdeu tempo em entrar num florista por mim, comprar flores para mim, escrever um cartão para mim. Sentir... Talvez, quem sabe, sentir algo, por mim. Você sabe o que isto significa? Você sabe o que isto significa para mim? Para uma mulher como eu? Você sabe o que isto representa de emoção e sensibilidade? Eu estou sentindo gratidão, Geraldo. Gratidão por uma pessoa que se lembrou da minha existência.

GERALDO – Você não espera que eu acredite nisso. Espera?

SILVIA – Não. Agora eu não preciso mais que você acredite. Agora eu não preciso mais que ninguém acredite.

GERALDO – Você, agora, Deu para isso, Sílvia?

SILVIA – Não, Geraldo. Não vou fazer nada. O gesto me basta. Não quero conhecê-lo. Nem quero vê-lo. Quero apenas guardar a lembrança deste momento, a recordação destas flores que deveriam ser suas. Alguém se lembrou de mim. Alguém entre milhões de seres humanos se lembrou de mim. Não importa quem seja. Alguém. Um ser vivo! Um ser que sofre, que sente, que ri, que chora, que fala, que anda! Alguém!

(Toca a campainha da porta. Ela se dirige para lá e volta acabrunhada. Pega a "corbeille" e arrasta-a até a porta ficando com uma única flor, que arrancou, na mão. Enquanto Geraldo permanece alheio a tudo, ela ri e chora amargamente).

SILVIA – Você pode rir, Geraldo! Ria, Geraldo... Vamos; Ria! (Ri amargamente, muitíssimo nervosa). As flores não eram para mim!...

(O riso e as lágrimas crescem e ela se deixa cair numa cadeira, deixa pender a cabeça, deixa pender o braço, deixa cair a flor... e o pano também cai porque aqui termina o "Segundo Ato").

FIM DO SEGUNDO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 361

Censura de Diversões Públicas - Serviço D. P. F. SR/MG

TERCEIRO ATO

Música durante um minuto.
Ela, entretanto, a critério do diretor, pode prosseguir até que termine toda a cena muda inicial. Ao abrir-se o pano Silvia está caminhando, de um lado para outro, muito nervosa, torcendo as mãos aflitas e olhando em torno, assustada. Soa o telefone e Silvia corre a atender, como temendo que Geraldo pudesse surgir, de repente, para fazê-lo antes.

SILVIA - (falando baixo, assustada, furtivamente)- Alô!... Sim... Sei... Duas passagens, não é? Trancou onde? Sei. E os passaportes? Sim o outro? Não posso. (com ênfase desesperada). Mas se estou deizendo que não posso! (Desliga e caminha, enquanto o telefone, quase imediatamente, soa de novo. Agarra-o frenética). Alô!... (Ela ouve e fica cada vez mias inquieta. Geraldo, neste momento, entra e observa-a. Está de "robe de chambre", surpreendentemente calmo e diferente. Silvia lentamente, repõe o fone no gancho).

GERALDO - ~~Era~~ Era pra mim!

SILVIA - (faz que não com a cabeça)- Engano.

GERALDO - (pausa. Depois com tranquilidade)- Curioso que ainda não me tenham telefonado do escritório. (Dirige-se com naturalidade para o telefone, mas Silvia se antepoe).

SILVIA - Pode deixar. (Geraldo a olha admirado enquanto ela faz a ligação e pouco depois desliga dizendo) Está ocupado.

GERALDO - (depois de observar sua estranha agitação que ela procura controlar sem resultado)- Você está bem?

SILVIA - (brusca, como se tivesse sido ferida)- Por que é que você pergunta?

GERALDO - (placidíssimo, quase risonho) - Pra saber se você está bem.

SILVIA - (entre áspera e irônica)- Desde quando é que você se preocupa com o meu bem estar?

GERALDO - (calmíssimo, analisa-a e não responde à pergunta)- Estive pensando, Silvia. Essa tensão permanente em que vivemos... a agitação em que você anda... (reação brusca de Silvia). Insônias... Nervos à flor da pele... Tenho pensado muito em fugir de tudo. Uma viagem não seria mau...

SILVIA - (angustiada)- Agora?!

GERALDO - E por que não? Uma viagem não seria mau. Curioso quando a gente começa... Tenho tido longas conversas com o analista que o Dr. Castro me recomendou. É como se a gente mergulhasse na infância e encontrasse os fios que nos movem mais tarde. De repente tanta coisa começou a vir à tona! (Silvia reaciona com mãos e olhos). Veja bem, Silvia... Um homem como eu... A vida que eu tenho levado... Então entra na cabeça de alguém que um homem formado esteja metido nisso?!... (Silvia só reage com os olhos e as mãos aflitas). Agora vejo que parece inerível que só depois desse tempo todo, tenho que abandonar tudo.

SILVIA - (como num eco)- Abandonar... (ligeira pausa. Áspera e brusca)- Você vive pretendendo mudar, mas a única coisa que muda em sua vida são os produtos. Eletrônica... peças de automóveis... Pérolas cultivadas... (irônica e cheia de intenções). Agora são produtos de beleza, não são, Geraldo?

GERALDO - Que diferença faz?

SILVIA - (com ironia amarga)- Nenhuma. (riso amargo). Produtos de beleza!...

GERALDO - Já estou farto desta vida... Palavra de honra, Silvia! Há momentos em que penso nos negócios em que...

SILVIA - (corta)- Negócios?!... (quase num grito). Contrabando!

GERALDO - (num protesto)- Mas Sílvia!

SILVIA - (agressiva)- Não é isso que você faz? Não é disso que temos vivido?

GERALDO - Contrabando, agora. No começo era um negócio como outro qualquer. Mas não é razão para continuar a... Então você não precebe que eu seria cada vez menos livre?... Mais preso? (compreendendo de repente). Mas, então é isto que você... O Dr. Castro me...

SILVIA - (irritada)- Pare duma vez com esse Dr. Castro, o que foi que ele andou metendo em sua cabeça?

GERALDO - Nada, Silvia. só pôs um espelho diante de mim para que eu olhasse de frente aquilo que a vida inteira tive medo de encarar:-a mim mesmo.

SILVIA - Ele não lhe mostrou que você está querendo é comprar sua paz de consciência?

GERALDO - Talvez.

SR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412.p-362-

SÍLVIA- (com crescente revolta) - Eu é que sou o seu espelho, Geraldo. Quando quiser saber algo a seu respeito pergunte a mim. Então foi êste o momento que você escolheu para sonhar com viagens?... Para fugir de que, Geraldo? Para comprar o quê? " As portas estão abertas mas você não pode sair por elas" lembra? Precisa, como qualquer criança idiota, de apaziguar seus escrúpulos. E eu conheço seus planos, Geraldo.

GERALDO-Mas Sílvia!

SÍLVIA- Então você pensa que isto não entra pelos olhos? Essas atenções... êsses cuidados... Porque você mudou comigo de repente?

GERALDO-Eu mudei?

SÍLVIA -Eu sei. É assim que se trata a um condenado, Geraldo. No último dia de vida êle pode escolher sua última refeição... com direito a champanha. Você, preocupado com seus "grandes" problemas, com certeza nunca pensou no homem que vai executar um condenado à morte. Ele está com a consciência tranquila porque pensa que cumpre a lei. O juiz está com a consciência tranquila porque pensa que obedeceu o código...Até o religioso está com a consciência tranquila porque fêz o condenado arrepender-se de crimes que jamais cometeu... Todos estão com a consciência, todos compraram a paz de consciência, mas acontece que um homem inocente vai morrer, compreende?

GERALDO-Não, Sílvia. E que diabo tem um condenado a morte a ver com ...

SÍLVIA -Tudo, Geraldo. Cada qual se escuda nos erros alheios, transfere suas culpas e seus pecados... para alcançar a paz. Não é o contrabando que você esta querendo deixar. Não é de você mesmo que você está tentando fugir. É de mim Geraldo!... De mim! (Soa o telefone. Sílvia corre a atendê-lo).

SILVIA- Alô...Não...Não...(Geraldo olhou quando ela agarrou o fone, mas, neste momento, não a fita e ela, percebendo isto, deixa o fone fora do gancho furtivamente).

GERALDO-(sem encará-la) - Quem era?

SÍLVIA- (rapidamente) -Ninguém.

GERALDO-Mas você estava falando!

SÍLVIA -Era engano.

GERALDO-Outra vêz!...(analisa-a surprêso). Afinal de contas o que há com você? .... (ela tortura as maõs aflitas). Que é que você tem? De que é que você tem mêdo?

SÍLVIA -Mêdo?!...

GERALDO-Então você não percebe o absurdo de tudo isso?... Corre para atender o telefone... parace que vê fantasmas em todos os cantos. (Percebe que o telefone está desligado). Por que é que o telefone está fora do gancho, mas SÍLVIA se antecede e o faz apavaroda). Não sei bem se tudo isso é doloroso ou ridículo.

SILVIA- Você me considera ridícula!

GERALDO-Não transforme minhas palavras! Eu só quis dizer que não esperava isso de você.

SILVIA- Isso o quê?

GERALDO-Mas se transparece em tudo que você diz, em tudo que você faz! Então você tem a ingenuidade de imaginar que ainda me pode iludir com ... Primeiro eram as flores... Agora o telefone, Sílvia? A quem VOCÊ pagou, desta vez para viver telefonando dia inteiro? Para que essa representação ridicula de adolescente apaixonada?

SÍLVIA- (de repente percebe e começa a rir, pois a suspeita dêle parece tirar-lhe um grande pêso)- Então é disso que você...Adoles...Adolescente apaixonada !

GERALDO-(irritando-se gradativamente)- Que é que você quer que eu acredite agora? De que é que você quer que eu suspeite? Esses telefonemas misteriosos, essa inquietação que não convence... êsses olhares fingindo de assustados... Falo em mudar de vida... e você me vem com uma absurda conversa de condenados? Que condenados, Sílvia? (O telefonesoa. Ela atende, mais uma vez, desesperada, enquanto êle a analisa).

SÍLVIA- Alô...Não!...Agora não sei (desliga e diz quase num sôpro). Não sei.

GERALDO-Da primeira vez que êsse telefone tocar eu quero atender.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412, p. 363.

Serviço de Censura de Diversões Públicas D.F.C. SR/MG

SILVIA – Mas se é para mim!...

GERALDO – Como é que você sabe que será para você? Que é que você está escondendo? Que é que você está procurando esconder? (toca o telefone. Ela corre a atender, mas Geraldo tenta arrancar-lhe o fone das mãos. Lutam pelo fone, enquanto ela grita).

SILVIA – É para mim! Deixe! Por favor, Geraldo! É para mim... Não. Não... Eu juro... largue... Laaaaaarrrrgue! ... Não... Não... (Geraldo a esta altura, já lhe arrancou o fone). Silvia repete desalentada com a voz sumida) – Não.

GERALDO – (Lentamente leva o fone ao ouvido enquanto a analisa espantado. A cada palavra de geraldo ela vai recuando um pouco atemorizada) – Alô!... Sou eu... Sim... Sim... Sei... E os passaportes... (assombradíssimo) Como!... (longa pausa. Fica com o fone na mão, alguns segundos, como que sopesando a veracidade do que acabou de ouvir. Depois, repondo o fone no gancho, quase maquinalmente, analisa Silvia como se esta fosse um marciano. Olha-a com um misto de incredulidade).

GERALDO – Silvia você fez Isso?!

SILVIA – (recuando e clamando) – Sim, Geraldo. Eu o fiz. E o faria outra vez. Mil vezes mais.

GERALDO – (é todo incredulidade e assombro) – Mas porque Silvia? O que foi que eu lhe fiz?

SILVIA – (a intensidade de sua revolta vai crescendo) – Você acha que foi para isso que eu lutei toda a minha vida? Foi para isso que perdi minhas noites e renunciei a tudo? Foi para isso que me isolei do mundo inteiro e afastei você dos seus falsos amigos para não dividir você com ninguém?

GERALDO – Silvia, eu juro que eu não entendo.

SILVIA – Você sabe o que é o desespero... o desespero que fecha todos os caminhos, o desespero que encurrala, que estrangula, que enlouquece... que mata!

GERALDO – (estarrecido) – Você... Silvia...

SILVIA – Sabe a vida que eu tenho levado? Dia e noite sufocando todas as angustias... Dia e noite cultivando sua ridícula vaidade... e quando penso que você compreendeu todo êsse sacrifício, você se agarra às explicações do primeiro psicanalista barato que aparece e começa a fugir, a me escapar... a mudar... a ter seus proprios pensamentos, seus proprios sonhos, seus segredos sórdidos. "O Dr. Castro", o analista. Pergunte ao analista se ele sabe o que é sofrer, mas sofrer até transbordar o sofrimento que não cabe mais nos porões imundos da mente. Pergunte a ele, ocupado em pescar e farejar sexo em todos os cantos, se ele sabe o que significam as noites vazias em que até os pesadelos nos abandonam... Pergunte a ele se já ouviu falar do que está acima dos instintos e dos sentimentos... Pergunte a ele se bastam duas palavras de explicação sem nexo para destruir toda a alma que eu pus em você, toda essa transfusão de sentimentos que tentei durante toda a minha vida. Pergunte a ele, Geraldo. Pergunte!

GERALDO – Pare duma vez com esse absurdo, Silvia!... Você tem consciência do que fez?

SILVIA – Tenho, Geraldo. Eu denunciei você!

GERALDO – Mas porque Silvia? Por que?

SILVIA – Sei de tudo, Geraldo. As passagens... as reservas nos hotéis... o empréstimo no banco... os passaportes. Tudo para fugir com aquela prostituta.

GERALDO – (num grito) Com quem?!

SILVIA – (repisando com desespero) Prostituta, Geraldo! Todas umas prostitutas... Você não enxerga a lama que elas tem no rosto porque elas se cobriram com os seus produtos de beleza, Geraldo... Você não vê o pântano que elas tem na alma porque a alma delas está invadida de amor-barato, de amor-sexo de amor vendido. Sim, Geraldo. Eu denunciei você. Você será preso, encarcerado. Você ficará só e não poderá mais olhar nenhuma outra mulher. Você só terá tempo par cultivar seu ódio... mas odiar a mim. Só a mim!

GERALDO – (depois de analisar aquele monstro) – As passagens, Silvia, eram para nós.

SILVIA – Todos os seus pensamentos estarão ocupados comigo. Eu estarei com você e você não terá memória para mais nada, para mais ninguém...

GERALDO – As passagens eram pra nós, Silvia, pra nós.

SILVIA – Elas não me arrancarão você nunca. Ouviu bem, Geraldo? Nunca! Nunca!

GERALDO – (alucinado) – Elas quem, Silvia?... Vamos! Fale!... Você me denunciou por que? Por que, Silvia? Mas diga um nome!... Um nome, Silvia!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p-364.

Serviço de Censura de Diversões Públicas D.P.F. SP/MG

SILVIA - As outras mulheres...

GERALDO - Que mulheres, Silvia?... Eu não posso lutar com os fantasmas que você inventa!... Um nome, Silvia!... Você me denunciou justamente quando eu procuro mudar de vida, no momento em que procuro escapar desse becom sem saída em que me meti para lhe dar a vida que você queria?... Então você não percebe até que ponto a minha vida sempre esteve em suas mãos?

SILVIA - E em minhas mãos você vivia sonhando com as outras.

GERALDO - Decididamente Silvia, você está louca!

SILVIA - Sim, Geraldo. Estou louca... mas esta louca dedicou a você toda a sua vida. Perdeu toda a sua vida por ~~xxxxx~~ você.

GERALDO - (sem querer acreditar naquelas palavras) - Você... perdeu sua vida... comigo?... Quando foi que você me deu algo de você mesma? Quando foi que você me deu algo de sua vida?... Em suas mãos eu não passei de um fantoche, que você pensava manipular como se manipula um marionete. Mas você esqueceu de que até os donos do marionetes sem alma tornam-se escravos deles para tratá-los, para cuidá-los, transferindo-lhes uma parcela de sua própria vida. Não é a mim que você teme perder. Eu poderia ser um outro homem qualquer e você só sofreria no momento em que não pudesse mais ter em suas mãos o controle de todos os fios. Você se preocupa mais com os fios do que com as palavras e os sentimentos. A gente sempre se esquece do que uma palavra, um sorriso, um olhar, podem fazer às almas alheias. Até à minha. Alguma vez já passou por sua cabeça que até fantoches como eu podem possuir uma alma de verdade?

SILVIA - Você nunca me falou assim.

GERALDO - Porque você nunca me quis ouvir. Você jamais perderia o seu precioso tempo, o tempo em que vivia alimentando esse ódio cego, para ouvir o que eu pudesse pensar ou sentir. Passei uma vida inteira, a seu lado, como um estranho. Você se preocupou tanto em fiscalizar meus passos que esqueceu de analisar o que eu sentia. Eu só devia sentir aquilo que você queria. Só devia falar com as suas próprias palavras. Oh! Silvia! O que a nossa vida poderia ter sido! Não era preciso que fôssemos felizes. Poderíamos até ser desgraçados, mas unidos na desgraça por uma desgraça comum. E você me denunciou! Você a quem dediquei toda a minha vida! Você que se vingava de todos os seres do mundo, torturando-se e só tendo alma para destruir!

SILVIA - (tentanto interrompê-lo) - Elas sempre...

GERALDO - (corta) - Você vivia forjando novos mundos em que não precisasse ser bela, sem perceber que para mim... eu lhe juro, Silvia! quando a conheci, para mim, você era tudo o que eu procurava numa companheira, numa esposa, numa amiga, numa amante. Mas você nunca percebeu isso porque nunca pode dedicar alguns minutos sequer à minha vida insignificante. Você estava ocupada com uma "grande tragédia" (irônico) Você era feia. Toda a tragédia do mundo se resumia em três palavras: você era feia.

SILVIA - Geraldo, eu...

GERALDO - Se você tivesse saído por um instante sequer do seu abismo egoísta, teria percebido que essas mesmas mulheres, que você considerava feias como você, tinham sido as grandes mulheres da História do Mundo. Por que, Silvia? É que elas tinham algo dentro de si. Elas eram amadas pelo que delas irradiava. Elas permaneceram ao lado do homem amado. Sofriam juntos, sentiam juntos, riam juntos e juntos choravam. Só não traíam, não denunciavam, não delatavam.

SILVIA - Por que você casou comigo?

GERALDO - É isso , justamente, que eu queria que você respondesse. Porque, Silvia? Porque?

SILVIA - As outras mulh...

GERALDO - (corta) Então você não percebe que elas nunca representaram nada para mim? Que as outras criaturas, certas de sua beleza, confiantes em seu poder, nunca existiram para mim e nda significavam? Quando você surgiu tão humilhada consigo mesma, tão humilde, tão certa de que ninguém no mundo poderia querê-la, eu a quis, Silvia. Pra mim. Entede? Você despertou em mim uma ternura infinita.

SILVIA - (como num eco) - Ternura infinita! (com surda revolta) Ternura onde, Geraldo? Quando? Você já esqueceu de como nos conhecemos...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.365.

Censura do Divertimento Público D.D.P.F. SANTOS

GERALDO-Por acaso...Foi...

Silvia -Quando é que voce começa a enxergar, Geraldo? Que acaso? Jamais ocorreu a voce que quem armou esse acaso foi eu?

GERALDO-Mas, Silvia.

SILVIA- E o resto foi mais fácil ainda. Era só cultivar a sua vaidade... "Voce é um homem tão diferente, Geraldo."..."Voce é um grande homem, Geraldo ".Bastava isso para que voce quisesse provar a sua grandeza.É assim que nós mulheres lidamos com voces. Em nossa lua de mel apesar de tudo...você estava tão longe que as suas carícias pareciam torturas...vinham diluídas na distancia...

GERALDO-(dorido e surpreso)-Foi ~~assim que~~ que aqueles dias significaram para você, Silvia?...Foi assim que voce sentiu nossa lua de mel? Voce sabe porque eu me casei com voce?

SILVIA-(alheia)-Depois vieram as nossa comemorações...que nunca significaram nada para voce.

GERALDO-Foi assim que voce compreendeu o meu protesto...os meus silencios? As comemorações...os aniversários...É claro que não podia, eu não queria participar deles.

SILVIA- Porque eram nossos.

GERALDO-Porque eram seus,sómente seus.Comemorar o que, se voce nada sentia? Se voce só estava esperando a primeira oportunidade para me denunciar, para se vingar do que nunca lhe fiz?...As comemorações...Muitas vezes chorei sózinho.

SILVIA- (espantada) Voce?

GERALDO-Muitas vezes chorei sózinho, comemorei sózinho.É a coisa mais triste do mundo: um homem chorando sózinho.Foi sómente você,Silvia,quem me fez descobrir que não era bela como sempre a vi,desde o primeiro instante.Eu a via bela porque tinha medo,compreende? O garoto acovardado de ontem,de quem todos riam, depois de homem, tinha medo de competir com os outros homens.Uma mulher que todos querem é uma ameaçaconstante.É preciso disputar,lutar dominar,vencer...Eu tinha medo, Silvia.Medo de competir.Justamente porque ninguém a queria é que eu quis tanto a voce...mas você nunca sentiu...Voce só queria flores Não, não era a flor que você queria.Não,Silvia.Você só queria as homenagens que elas representam, porque se elas significassem alguma coisa para você, uma prova de amor, eu lhe mandaria todas as "Corbeilles" do mundo, todas as flores da terra.

SILVIA- E você espera que eu acredite nisso, Geraldo?

GERALDO-Agora compreendo até a loucura infantil dos contrabandos dos cheques sem fundo, das falências.Eu precisava provar a mim mesmo que era capaz de ludibriar todo o resta da humanidade...Se construisse pontes, edifícios...eu continuaria a ser o mesmo menino assustado...eu continuaria a ouvir aqueles risos..,Mas ninguém ri de um escroque nem de um contrabandista.(pausa).Voce save por que eu me casei com você?

SILVIA- Por que, Geraldo?

GERALDO-Por amor,Silvia.

SILVIA- É mentira.

GERALDO-Por amor.

SILVIA- (Analisa-o, de repente começa a rir um riso que se tranforma em histérico).

GERALDO- De que é que você está rindo?(Desesperado).Por que é que voce está rindo?

SILVIA- (Sempre rindo amargamente)-É que eu já estava começando acreditar em suas palavras.Por um momento cheguei a pensar que isso fosse verdade.

GERALDO- Mas é verdade,Silvia.

SILVIA- Não minta,Geraldo.Não minta. Eu o denunciei.Pode me torturar, pode me matar, pode fazer comigo o que quiser, mas não minta não use essa palavras comigo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p-366.

Censura de Diversões Públicas - Serviço de D.P.F. SR/MG

GERALDO-Mas se essas são as palavras que eu sempre usei quando me permitia falar.

SILVIA -(No auge da fúria)-E você queria que eu acreditasse nela?...Quem ensinou você a sentir dessa maneira fui eu.Você está usando minhas próprias palavras. Eu nunca fui humilde nem humilhada.Você diz isso porque precisa de mim...porque está doente.

GERALDO-Está enganada, Sílvia.Agora já não preciso mais de você,de nada.

SÍLVIA- Então você diz isso por pena...Mas pena não,Geraldo.Eu não quero que ninguém tenha pena de mim! Ninguém! E não creio numa palavra de que você diz!...

GERALDO-(Vai se retirar para dentro de casa)-Agora já não importa,Sílvia,que ninguém acredite!...(Sái).

SILVIA- (Fica só e começa a torturar-se numa estranha dúvida.Fala consigo mesma e com o público,ao mesmo tempo).

Vocês acreditam no que ele disse? Eu não.Deve haver alguma razão. Deve haver algum motivo.Mas evidente! Vejam bem do que um homem é capaz! Envolve-nos com palavras e se a gente não percebe a verdadeira intenção de cada uma...

Tudo o que ele diz soa falso.Tudo aquilo s'tem, só pode ter um motivo.Ele precisa de mim.Entre nós só existe uma comunhão:- a comunhão de bens. E ELE PRECISA DE MIM!

Mas a mim não se engan assim.Vejo sempre o que se esconde por detrás das palavras.

Como se alguém pudesse acreditar que ele sente alguma coisa...que ele sente alguma coisa por mim...(ri histéricamente).Amor...Casou comigo por amor...Como se eu pudesse crer num absur...Como se eu não conhecesse o amor...êsse amor vendido...esse amor abjeto...Como se eu soubesse que as pessoas só fingem querer-se quando estão diante dos outros...diante de todo mundo...para que todos pensem que são felizes para que ninguém possa advinhar o que se passa,realmente,entre as quaparedes...quando estão a sós...Não.Ninguém sente nada por ninguém!Sentir...Sentir...Mas...se pudesse ser verdade.Será que alguém sente mesmo algo por alguém?

As pessoas sentem mesmo ou fingem que sentem? E se fosse verdade, tudo o que ele acaba de dizer? Nem seria preciso que tudo fosse verdade.Bastaria uma frase...Uma palavra...Uma palavra qualquer.Mas porque esses nervos? Por que estou tão nervosa?...

E as passagens? A fuga...(Telefona). uer me chamar a Dulce? As passagens minha querida,estão em nome de quem? COMO??! Obrigada.(desligando).Prá nós! (pausa).Já sei.Quer me comprar com uma viagem e depois...

E se fosse verdade? E se, sendo verdade, eu tivesse deixado passar a minha vida toda, sem perceber que o amor estava tão perto de mim? E se eu tivesse vivido esperando flores sem perceber que as flo-

"as por que teria casado comigo um homem como Geraldo? Dinheiro! Dinheiro! eu não tinha.

Beleza?(Um sorriso de amargura)...Inteligência...Mas será que alguém se casa por...Mas então...(gostaria de deixar-se envolver por aquela idéia, mas não permite). Não. É a fortuna.

(Geraldo entrou vestido para sair).

Ele precisa de alguém que lhe guarde a fortuna enquanto está preso. Ele precisa de mim.Comunhão de bens.O dinheiro!

Geraldo-Que dinheiro,Silvia? Já não existe mais nenhuma fortuna.De tudo o qu eu possuía só me resta voce.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.367

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F. - SP/MG

SILVIA- Você mente.
GERALDO-Agora já não me importa mais que você acredite. Adeus, Silvia.
SILVIA -Espere,Geraldo.Espere.Onde você vai?
GERALDO-Entregar-me.
(Faz menção de sair pela platéia como se fosse projetar-se para fora do palco, mas ela o impede em meio do caminho).
SILVIA -(Desesperada)-Não,Geraldo.Espere.(Rsvivem a cena inicial da peça, Ele parado como um boneco).
SILVIA -Minhas senhoras! Senhores! Este aqui é o meu marido.Um belo homem conforme veem(vai engasgando com as lágrimas). Saudaável, trinta dentes e funcionando perfeitamente com certificado de garantia.Anda, respira,come,bebe e fala.Para que um homem como este goste de uma mulher como eu...(Abraça-ochorando)
SILVIA -(Tentando acreditar)-Mas então é verdade?...É verdade mesmo?...As pessoas sentem mesmo? Sentem de verdade?...(Ela parece pescar o impossível e o inacreditável do mais profundo do seu próprio ser). Então você me quer mesmo? A mim,Geraldo?...(Ela faz a pergunta como se fosse a coisa mais impossível deste mundo). (A música-tema da peça- vem vindo,suavemente, e colabora até o final, quando cresce,violentamente, com as últimas palavras de Sílvia.Nas frases seguintes, os dois,que estão separados, vão se aproximando muito lentamente).
GERALDO-A você, Silvia.
SILVIA -(ainda incrédula, com angústia). E você sente falta de mim? Eu lhe faço falta?
GERALDO-Muita, Silvia.
SILVIA -(Querendo acreditar à força)-E você precisa de mim? Precisa mesmo de mim?
GERALDO-Mesmo, Silvia.
SILVIA -(Referindo-se ao seu físico)-E você não importa que eu seja assim como sou?
GERALDO-Eu quero que você seja assim.
SILVIA -(Numa angústia desesperada-) Oh, meu Deus!...E você não me odeia?... (Abraça-o chorando convulsivamente). O que eu fiz!..O que eu disse!.
GERALDO-(Suave e terno)- Eu amo você Silvia.
(Ela está abraçada a ele, chorando.Geraldo se desprende dela, suavemente, desce pela platéia e vai saindo, enquanto ela torna a perguntar).
SILVIA -Então é verdade?...
GERALDO-É verdade,Silvia.

(Neste momento ela começa a olhar deslumbrada o infinito, como em êxtase. A alma de Silvia parece ir se iluminando gradativamente).
SILVIA -Ah, meu Deus! Toda essa vida! Todo esse tempo! Deve ser isso!...Esta angústia...esta ternura...estas lágrimas...este medo...Deve ser isto...(no auge do deslumbramento, chorando). Então o amor é isto?..

FIM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412,p-368.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Relatório Nº 047/82 SCDP/MG

Do: Chefe da Seção de Coordenação e Controle

Ao: Chefe do SCDP/SR/MG

Assunto: Relatório de ensaio geral (Encaminha)

Cumprindo Ordem de Missão Nº 131/82 SCDP, compareci no dia 08/09/82, às 20 horas ao Teatro DCE Federal para assistir ao ensaio geral da peça teatral: " OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLO - RES ", de autoria de Pedro Bloch.

Trata-se de uma peça de cunho psicológico onde marido e mulher se degladiam dentro de um casamento inteiramente neurótico, onde a mulher possessiva e dominadora, programa a vida do marido, que se torna em suas mãos uma autêntica marionete, até que resolve enfrentar seus problemas, suas fraquezas, sua dependência, começa a frequentar um analista, conseguindo se soltar, tornando-se a mulher inteiramente desorganizada com a mudança do marido.

Ao final, num desatino, pensando estar sendo abandonada, ela o entrega à Polícia por contrabando, quando então descobre que ele de fato a amava.

É uma peça onde se sobrepõem mensagens positivas e negativas. O casamento é mostrado como algo inteiramente castrador e neurotizante. Estas mensagens são entretanto diluídas pelo desfecho da peça, onde o amor supera o ódio e o desamor.

Cenário e figurino de acordo com as normas censórias.

Ratifico a faixa etária dada ao texto: 14 anos.

Belo Horizonte, 09 de setembro de 1982

Ana Maria Coelho Montes

Ana Maria Coelho Montes

Téc. de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 369.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SUP. REG. M. GERAIS

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 096 / 82

TÍTULO: " OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES "

A U T O R: PEDRO BLOCH

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 ANOS (COND. AO ENSAIO GERAL)

TEMA COMPLEXO

" Os inimigos não mandam flores " é um texto de conteúdo nitidamente psicológico. É a abordagem de um casamento neurótico, onde a mulher, possessiva e dominadora, comanda totalmente a vida do marido, consciente dos embustes que usa, aos quais ele, dependente totalmente dela, que personifica a figura materna, se submete inteiramente, como se fôra um boneco.

No 1º ato, nota-se o domínio total do personagem feminino, que se desnuda psicológicamente. É uma mulher inteiramente frustrada, complexada por se julgar feia, e, que compensa esta fraqueza planejando seu casamento com Geraldo, um homem bonito e atraente, porém inseguro e dependente, que no último ato, revela o porquê da sua escolha daquela mulher como esposa. Pela insegurança que sentia, o fato dela ser feia era um pré-requisito fundamental para a sua estabilidade emocional, por saber que não temeria a concorrência de outros homens.

A única coisa que Sílvia deseja são as atenções de Geraldo, mas que com a sua prepotência não dá chance a que venham à tona.Todo dia, ela própria se manda uma corbeille de flores, com cartão e tudo, como se fôra de um admirador anônimo, para despertar os ciúmes do marido. No último ato, também este detalhe fica claro, pois Geraldo revela que já tinha conhecimento da manobra da mulher.

Ao final, totalmente obcecada por seu ciúme doentio, seu desejo de atenções do marido, que está enredado com contra

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.370.

bandos, ao saber que ele comprara duas passagens aéreas, forja uma terrível estória na sua cabeça, e por pensar que ele planejava fugir com uma amante, o denuncia à polícia.

Quando fica esclarecido que ele de fato a amava e planejava uma viagem de férias para ambos, pois após iniciar uma terapia, muita coisa se esclarecera na cabeça de Geraldo, resolvendo ele abandonar os negócios excusos e assumir a sua vida de outra maneira, inclusive Sílvia como esposa, encerra-se o texto, com ela no auge da felicidade, por se sentir amada por ele, que era o que ela mais desejara na vida e ele indo se entregar à Polícia.

As mensagens negativas iniciais, onde o casamento é colocado como algo neurotizante, massacrante, sem saída possível, se sobrepõem as mensagens finais, vindas de Geraldo, de capacidade de recuperação e evolução da pessoa humana, quando se conscientiza de seus erros mesmo que inconscientes, localiza-os e parte para uma vida renovada, cuja tônica é o amor verdadeiro, tentando levantar consigo o objeto de seu amor, no caso o renascimento de Sílvia ao se sentir amada.

Pelo teor da mensagem sugiro liberação para maiores de 14 anos.

Belo Horizonte, 02 de agosto de 1982

Ana Maria Coelho Montes

Ana Maria Coelho Montes

Téc. de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.371

MINISTÉRIO DA JUSTIÇO
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL /MG

CENSURA FEDERAL

CERTIFICADO PROVISÓRIO

D E C L A R A Ç Ã O

DECLARO, PARA FINS DE PROVA A QUEM INTERESSAR POSSA, QUE OS "SCRIPTS" DA PEÇA TEATRAL: " OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES ", DE AUTORIA DE PEDRO BLOCH XXXXXXX, TRADUZIDA POR XXXXXXX XXXXXX, SOLICITADO PELO (A) GRUPO MINEIRO DE COMÉDIA de B. HTE., FOI SUBMETIDO A EXAME PELA CEN - SURA FEDERAL EM MINAS GERAIS, FICANDO COM RESTRIÇÃO ETÁRIA: 14 (QUATORZE) ANOS, E VALIDADE ATÉ 09 / 11 / 82 XXXXXXX, TENDO A PRESENTE DECLARAÇÃO VALOR IDÊNTICO AO CERTIFICADO PROVISÓRIO, QUE SERÁ EXPEDIDO, OPORTUNAMENTE.

ESTE DOCUMENTO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SERVIÇO DE CENSURA DO DPFXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX XXXXXXXXX

BHte/MG 09 / SETEMBRO /1982

Dacíger de Moraes

DACÍGER DE MORAES
CHEFE DO SCDP/SR/DPF/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0912 p. 372.

TEATRO

TÍTULO OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

AUTOR: PEDRO BLOCH

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 14 anos

Praça SCDP/SR/MG

Obs.:

DF. 16 / 09 / 82 /

Consolação
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: impróprio para menores de 14 (quatorze) anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio.

Obs.: Cert. provisório - SR/MG

Brasília 16 de 09 de 19 82

Nelly Prudente Carvalhedo
Mat. 2 415 791

Brasília – DF de de 1.97

Complexidade do tema

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de P/T. para o qual os censores propõem a classificação etária de 14 anos

Brasília-DF, 17 de set de 19 82

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 17 / 09 19 82

Solange M. T. Hernandes
Diretora da DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.373.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 247

PEÇA "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES"

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO
"COMPLEXIDADE DO TEMA"

14 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

VÁLIDO ATÉ 17 de SETEMBRO de 19 87

Brasília, 17 de SETEMBRO de 19 82

Solange M. F. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412p.374.

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por GRUPO MINEIRO DE COMÉDIA DE BELO HORIZONTE/MG

Tendo sido censurada em 17 de SETEMBRO de 1982 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14(CATORZE) ANOS, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 17 de SETEMBRO de 1982

NEI DE OLIVEIRA

Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.04/2,p.375.

2245/82-SE/DCDP

1º out

Minas Gerais

"OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLO - RES" de Pedro Bloch e "PLUFT, O FANTASMINHA" de Maria Clara Machado.

Atenciosamente,

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 376.

56/56.
DCDP

DEP. DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
SC - CLIO

F

- 8 DEZ 2059 87 000000

ENCAMINHADO A
RUBRICA

FLA/CE 040 38 081642P

DCDP/BSA

1678/SCDP/SR/CE DE 081287 PT SOL INFO QUE CONSTA PEÇA TEATRAL ABRASPAS OS INIMIGOS NAO MANDAM FLORES FECHASPAS OU ABRASPAS OS INIMIGOS FECHASPAS AUT PEDRO BLOCH PT REIT RD NR 1584/18NOV87 / REL PEÇA TEATRAL ABRASPAS A OUTRA VIDA DE JUCA TIMOTEO FECHAS-PAS PT

Arquivo/DCDP
nada consta ref. à peça:
- A outra vida.

SR/CE

NNNN
TR POR:
RC POR:

Márcia Monteiro L. Macêdo
Mat. 6.190.167
Chefe - Subst. do ARQUIVO/DCDP

Recebi em 10/12/87,
às 11:40 h.
mat. 6.190.500

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.377

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº 11 DEZ 0908 S 000639

ENCAMINHADO A
RUBRICA
POSIÇÃO:

QUITAÇÃO
HRS: OPR:

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL	Número.....	Data:.....
Origem.....	Palavras.....	Hora:.....

ENDEREÇO

SCDP/SR/FLA/CE

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 665/DCDP de 10_12_87___ RERA NR 1678/SCDP/CE 081287 VG INFO PEÇA " OS INIMIGOS NAO MANDAM FLORES" LIB 14 ANOS CERT VENC 170987 F. F.I. COMPLEXIDADE DO TEMA PT NADA CONSTA PEÇA " A OUTRA VIDA DE JUCA TIMOTEO" PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor Vilma Helena Sanan Domingos
Chefe do SC - DCDP
Substituto

DPF—84

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.378.

DPF/MJ
DIV. DE CENSURA
DIVERSÕES PUB.

SERPRO
NUMERO DE IDENTIFICAÇÃO
--- SENAPRO ---
08202.000828/88-81

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL/SR/CE
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Ofício nº03/88-SCDP/SR/CE — Fortaleza, 02 de fevereiro de 1988.
Do Chefe do SCDP/SR/CE
Ao Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Assunto: Encaminhamento (FAZ)

Senhor Diretor:

Encaminho a V. Sa. o Mapa Estatístico do SCDP/SR/CE, referente ao mês de janeiro/88, período de 04 a 31, acompanhado dos processos de liberação das peças teatrais OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES (script, cópia de certificado, 3 relatórios de leitura de script e 1 de ensaio geral; A OUTRA VIDA DE JUCA TIMÓTEO (cópia do certificado, script, 3 relatórios de leitura de script e 1 de ensaio geral); A INQUISIÇÃO (script, cópia do certificado, 3 relatórios de leitura de script e 1 de ensaio geral), bem como o complemento do processo de liberação da peça teatral CANTARIM DE CANTARÀ ou PASSA PASSA PASSARINHO (script e 1 relatório de ensaio geral) referente ao ofício nº 105/87-SCDP/SR/CE de 11.12.87.

Outrossim, encaminho anexo cópias dos ofícios nº 01 e 02/88-SCDP/SR/CE que remete expedientes ao CNDA, a fim de dar cumprimento à Ordem de Serviço nº 09/85-DCDP de 02.12.85.

À oportunidade renovo a V. Sa. protestos de consideração e apreço.

Maria Iranilde da Silva Batista
Chefe do SCDP/SR/CE-em exercício

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 042 p. 379.

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Gisele Natale de Paula Pessoa
REQUERENTE

Brasileira, Produtora
NACIONALIDADE PROFISSÃO

Carteira de Identidade 138.55.32-87
Nº E ÓRGÃO EXPEDIDOR

residente e domiciliado à Av. Presidente Kennedy 2550 apto 702 (Meireles),

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as nor
censórias vigentes, a(s) Peça Teatral abaixo relacionada
ESPÉCIE

de autoria de: Pedro Bloch

Os Inimigos Os inimigos não mandam flores
TITULO(S)

Nestes termos,

Pede deferimento

Fortaleza 08 de Dezembro de 1987
LOCAL E DATA

Gisele Natale de Paula Pessoa
REQUERENTE

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412p.380

— EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: TEATRO NOVO ..... CGC: .....

Sede: .....

..... CEP: .....

Diretor ou Responsável: MARCOS MIRANDA .....

— DADOS DO AUTOR

Nome: Pedro Bloch (Filiado ao SBAT) .....

Pseudônimo : ..... Filiação: .....

.....

Nacionalidade: ..... Naturalidade: .....

Data do Nasc.: ..... Identificação: .....

..... Estado Civil: .....

Profissão: .....

Endereço: .....

..... CEP: .....

— PARCEIRA

Nome: .....

Pseudônimo : ..... Filiação: .....

.....

Nacionalidade: ..... Naturalidade: .....

Data do Nasc.: ..... Identificação: .....

..... Estado Civil: .....

Profissão: .....

Endereço: .....

..... CEP: .....

Nome: .....

Pseudônimo : ..... Filiação: .....

.....

Nacionalidade: ..... Naturalidade: .....

Data do Nasc.: ..... Identificação: .....

..... Estado Civil: .....

Profissão: .....

Endereço: .....

..... CEP: .....

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à aprecia-
dessa DCDP (exetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira
onsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: 08 de dezembro de 1987 .....

Ass.: Guilherme de Paula Pessoa .....

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 381

"OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES"

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
S C P F

PERSONAGENS

GERALDO — Um homem jovem, belo e elegante. Dá a impressão de ser totalmente dominado por sua espôsa SÍLVIA.

SÍVIA — Uma mulher feia e deselegante. De comum com GERALDO só parece ter a juventude, mas a amargura lhe aumenta a idade implacàvelmente. Sua fealdade não é bem física. Não se poderia localizá-la. Ela dá a impressão de que sua alma, derramando-se pelo rosto, é que lhe empresta aquela máscara.

ÉPOCA:

Atualidade. O conflito, porém, é de qualquer tempo.

AÇÃO:

Rio de Janeiro. Poderia acontecer em outro lugar qualquer.

PRIMEIRO ATO

Música expressiva durante dois minutos

Antes de abrir-se o pano SÍLVIA aparece no proscênio e recebe uma "corbeille" de flôres que um mensageiro, vindo da platéia, lhe traz. Faz um sinal para que êle espere e quando volta para o palco o pano vai se abrindo lentamente. O cenário nos dá idéia de um teatro de marionetes, graças a uma concepção moderna de fios que se cruzam e que a luz ressalta. Ali no palco está GERALDO como que paralisado, como se fôsse um boneco sem vida. SÍLVIA deposita numa cômoda as flôres e dirige-se a GERALDO. Tira-lhe a carteira do bôlso, gratifica o mensageiro que se retira e quando vai repô-la percebe que o público deve estar admirado com o que vê.

SÍLVIA **(A platéia)** — Meus senhores! Senhoras! Êste aqui é o meu marido. Um belo homem conforme vêem. **(a uma espectadora)** A senhora não acha? Saudável, **(mostra-lhe os dentes como quem movesse a cabeça de um manequim)** trinta dentes, **(bate-lhe no abdome)** sem banhas excessivas e funcionando perfeitamente com certificado de garantia. Anda, respira, come, bebe e fala. Para que um homem como êste goste de uma criatura como eu é necessário, antes de mais nada, cultivar-lhe o orgulho como quem cultiva orquídeas. Cultivar-lhe a vaidade com chuva apropriada, sol apropriado, tudo no seu devido momento. Êle olha tanto, para dentro de sua imensa vaidade, que não me vê. Por isso ainda não descobriu que eu sou tão feia. Bom, não é?

Estas flôres quem comprou fui eu. O florista, de vez em quando, manda uma "corbeille" que eu pago com um cartão apaixonado que eu mesma escrevo. Quero ver se consigo lhe despertar ciúme. Mas qual! Êle não repara nas flôres, nem repara nos cartões. Mal tem tempo para alisar o cabelo. **(Ela ordena estalando os dedos) Alisa o cabelo, Geraldo!** (êle **alisa o cabelo como se fôsse um autômato).** Para ajeitar a gravata e o lenço. **(Diante de dois estalos, êle endireita a gravata e o lenço).** — Vocês, naturalmente, ainda não compreenderam porque êle está assim, como hipnotizado. Qualquer mulher é capaz de fazer isto com qualquer homem. Não é verdade madame? O homem nas mãos da mulher é um marionete, um fantoche, um boneco de dar corda. E nas mãos de uma mulher inteligente!... Oh-oh-oh-oh!... Nas mãos de uma mulher inteligente! **(A campainha do telefone soa. GERALDO, faz menção de ir atender, pois o ruído o acorda. Ela torna a hipnotizá-lo e atende o telefone) — Alô! Juliana querida!** Êle está aqui, sim. Não, ainda não foi para o escritório... Sei. Esteja tranqüila. Êle vai já, já. Outro p'ra você. **(Desliga o telefone. Ao público).** Juliana é a secretária de meu marido. Ela pensa que eu não sei que ela foi escolhida por certas qualidades estéticas independentes de seus pendores taquigráficos e poliglóticos. A essas bonequinhas de porcelana eu sei aparar as asinhas. É só dizer displicentemente: — "É Geraldo. Ela é bonitinha. Pena ser tão burrinha!" — Aí êle muda, completamente, porque sua vaidade só lhe permite ser amado por mulheres bonitas E INTELIGENTES. Simples, não é? **(Estala os dedos diante de Geraldo que acorda. Êle senta e folheia uma revista).**

SÍLVIA — As flôres chegaram.

GERALDO — Que flôres! **(repara indiferente).** Ah, sim! **(pausa).** Telefonaram para mim?

SÍLVIA — Não. Ah, sim!... Juliana.

GERALDO — A esta hora?

SÍLVIA — Você prometeu serão no escritório, hoje

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p-382

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SR/CE

GERALDO — Foi o que ela disse?

SÍLVIA — Foi.

GERALDO — Então ela deve saber. Ela toma conta de tudo que é meu.

SÍLVIA — Eu já havia notado isso.

GERALDO — Juliana é muito eficiente. Muito boa menina.

SÍLVIA — Sem a menor dúvida! E bonitinha **(pausa)**. Pena ser tão burrinha!

GERALDO **(Desnorteado)** — Você acha?

SÍLVIA — Não vai me dizer que você, Geraldo, conhecendo as mulheres como conhece, ainda não tinha percebido isso! Ela é de uma vulgaridade assustadora! Para a próxima vez arranje uma secretária que seja bonita e inteligente. Classe, Geraldo!

GERALDO — Pois olhe que eu...

SÍLVIA — Avalio o que você deve ter pensado. Você só lhe analisou a superfície... Não lhe conheceu a alma... a maneira de ser...

GERALDO — Confesso que não. Pois olhe que assim, à primeira vista...

SÍLVIA **(Impaciente)** — À primeira vista. Hoje em dia tudo é maravilhoso à primeira vista. Analisando-as bem elas usam uma verdadeira máscara de "pancake", fazem plástica, tingem os cabelos e moldam o corpo com cintas apropriadas.

GERALDO — Ela não usa.

SÍLVIA **(Espantadíssima)** — Cinta?!

GERALDO **(Manso)** — "Pancake".

SÍLVIA — Por favor, Geraldo! Eu só queria pedir uma cousa a você. Nunca se apaixone por suas secretárias. Apaixone, aliás, é fôrça de expressão. Um homem como você...

GERALDO **(Com falsa modéstia)** — Oh, por favor!

SÍLVIA — Há tantas mulheres caídas por você! Imagine se elas descobrem, de um momento para outro, que você tem um "caso" com uma secretária burrinha qualquer.

GERALDO — É verdade. Mas pelo amor de Deus, Sílvia!... Não vá, agora, imaginar que seria capaz de enganá-la com uma...

SÍLVIA — Deus me livre e guarde! Seria tão repugnante... tão... que eu prefiro nem... Possuir essas criaturinhas deve ser o mesmo que brincar com um objeto, uma coisa... Talvez uma gata Angorá. Elas transpiram sexo por todos os poros. Mas você sabe que sexo não isso, Geraldo! Sexo só se valoriza associado à riqueza espiritual, à ternura, ao calor humano verdadeiro. Claro que você não pode querer a criaturas assim. Por favor, Geraldo! Nunca ame a uma mulher vulgar. Você sabe por que eu me apaixonei por você?

GERALDO — ?!

SÍLVIA **(Cultivando-lhe a vaidade)** — Porque você é um homem raro, Geraldo! A gente vê em seus olhos o seu caráter, a sua cordialidade, a sua classe de homem fino e de bom gôsto! É essa fôrça que você irradia, essa confiança... êsse olhar... Um homem como você Geraldo, jamais trocaria uma espôsa por uma gata. **(Aproxima-se da "corbeille").** São bonitas estas flôres, não é verdade?

GERALDO — Que flôres? Ah, sim!

SÍLVIA — Parece que vêm acompanhadas de um cartão... **(pausa)** azul...

GERALDO — Por falar em cartões... Você me lembra que amanhã é aniversário do Pimentel? Juliana sempre esquece.

SÍLVIA **(Triunfante)** — Há pouco ela era muito eficiente, não era? **(Cautelosa).** Você, às vêzes, é uma criança **(cautelosa).** Aliás foi bom falar nisso! Há dias que eu estou pensando numa solução interessante.

GERALDO — Que solução Sílvia?

SÍLVIA — Geraldo, você não acha que devia mudar de secretária?

GERALDO — E onde é que eu vou descobrir uma outra Juliana?

SÍLVIA — Você precisa de alguém em quem possa confiar totalmente.

GERALDO — Não vejo quem...

SÍLVIA — Por você eu faria qualquer sacrifício. Eu seria até capaz de trabalhar com você, Geraldo.

GERALDO **(como quem tivesse tomado óleo de rícino)**

No escritório?!

SÍLVIA — No escritório. Não se pode confiar nessas secretárias de hoje.

GERALDO — Por Juliana eu ponho a mão no fogo.

SÍLVIA — Elas ficam armadas contra nós. Tomam conhecimento de tudo. Lêem cartas. Expedem telegramas. Podem até descobrir o gênero de negócios a que você se dedica ùltimamente.

GERALDO — Juliana seria incapaz de...

SÍLVIA — Não confiemos em excesso. De idiota é que ela não tem nada.

GERALDO — Foi você mesma quem disse.

SÍLVIA — As mulheres só são idiotas para aquilo que lhes convém. Imagine se a pol... se descobrem o gênero de negócios a que você se dedica. É preciso despedir Juliana o mais depressa possível. Eu não poderia mais dormir descansada. Eu teria mêdo, Geraldo!

GERALDO — Mas despedi-la como! A título de quê?

SÍLVIA **(rápida)** — A título de tudo! Se você não quiser eu mesma a despeço **(pausa)** — **(transição).** Eu estou ficando mais magra?

GERALDO **(amolado)** — Sei lá!

Transição musical.

(Tôda vez que SÍLVIA se dirige ao público e o marido fica paralisado, hipnotizado, a

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.383.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SR/CE

música faz uma passagem rápida e expressiva e as luzes se modificam. Quando a cena recomeça, as luzes voltam).

SÍLVIA **(ao público)** — Como é estranha, por vêzes, a vida de um casal, não é madame? As cenas aqui em casa acontecem de maneira curiosa. Imaginemos ,por exemplo, uma cena depois de jantar. Acabamos de comer e nos sentamos, aqui, cada qual em sua poltrona. **(Ela estala os dedos e GERALDO senta. De repente êle começa a caminhar agitado).**

GERALDO — Eu acho que aquêle peixe me fêz mal **(pausa).** Onde é que estão meus comprimidos?

SÍLVIA — Estavam na mesa, ao lado do seu prato. Você não reparou?

GERALDO — Mas se estavam na mesa, ao lado do meu prato, é porque você já sabia que ia me fazer mal.

SÍLVIA — Que absurdo, Geraldo!

GERALDO — Você tem a mania de mandar preparar peixe sabendo que eu sou alérgico.

SÍLVIA — Mas, querido, foi você mesmo quem pediu!

GERALDO **(Comprando briga)** — E que tem isso? Não é motivo para viver satisfazendo todos os meus caprichos. Você parece que já faz essas coisas de propósito, só para me irritar.

SÍLVIA **(cândida)** — Oh, meu bem! Você sabe que eu seria incapaz de...

GERALDO — Há dois meses que eu pedi a você para mandar fazer o doce de pêssegos que mamãe fazia. Você fêz?

SÍLVIA — O doce de pêssegos que sua mamãe fazia está pronto. Eu propus a você agorinha mesmo. Você disse que não queria.

GERALDO **(explodindo)** — Não ouvi direito! Estava pensando em outra coisa! Aliás, aqui nesta casa, estou sempre pensando em outras coisas. Porque será que em casa do Pimentel as coisas andam sempre bem? Lá sim! A gente sente o pulso de uma dona de casa.

SÍLVIA — Aquilo tudo vem pronto de fora, meu amor. A madame Pimentel só conhece cozinha de fotografia de revista americana.

GERALDO **(desesperado, caminhando a passos largos)** — Com os nervos no estado em que eu ando não se pode trabalhar, não se pode produzir. Um dia destes mando tudo às favas e vou construir pontes, edifícios, fazer alguma coisa.

SÍLVIA — Você acha que não tem feito nada?

GERALDO — Tenho. Tenho feito uma série de coisas que não deveria ter feito.

SÍLVIA — Como... por exemplo...

GERALDO — Casar.

SÍLVIA — Comigo?

GERALDO — Sim, Sílvia. Com você. Não vê que isto não dá certo! Que isto não pode dar certo? Não vê?!

SÍLVIA — Não vi jamais um casamento mais certo que o nosso. Não somos felizes?

GERALDO **(com asco)** — Nós?!

SÍLVIA — O que chama você de felicidade?

GERALDO **(com desprêzo)** — Felicidade!

SÍLVIA **(agarra-se ao desprêzo como se fôsse ignorância)** — Está vendo? Você nem sabe o que é felicidade!

(Transição musical. Ao público) — Outras vêzes lhe dá a mania das viagens. Eu já sei. É quando êle acende um cigarro... **(êle acende)**... solta uma baforada... **(êle solta)** e se põe a olhar o infinito com um ar sonhador.

GERALDO — Todo mundo está indo aos Estados Unidos e à Europa.

SÍLVIA **(ao público)** — Eu não disse? **(a Geraldo).** É verdade, meu bem.

GERALDO — E pensar que, com todo o dinheiro que nós juntamos, não fui, ainda, nem aos Estados Unidos nem à Europa.

SÍLVIA — É verdade, Geraldo. Com todo o dinheiro que **nós** juntamos **você** ainda não foi nem aos Estados Unidos nem à Europa.

GERALDO — Você não acha que eu devia viajar?

SÍLVIA — Acho.

GERALDO — Paris!

SÍLVIA — Paris. Você passaria momentos maravilhosos **(pausa).** Pena os seus negócios.

GERALDO — O que é que têm os meus negócios?

SÍLVIA **(cortando logo)** — Aliás não tem nada demais. Eu poderia tomar conta dêles. Você iria a Paris... Salvo... **(silabando)**... se fôsse descoberto o gênero de negócios a que você se dedica.

GERALDO **(exaltado)** — Você ùltimamente anda falando muito, em descoberto-descoberto-descoberto. Você soube de alguma coisa? Alguém procurou...

SÍLVIA — Não é preciso ficar nervoso! É que, de vez em quando, surgem umas ameaças.

GERALDO — Ameaça, como?

SÍLVIA — Pelo telefone.

GERALDO — Ameaças?! Como é que para mim nunca telefonaram?

SÍLVIA — Para mim telefonam.

GERALDO — E, depois, ninguém, a não ser pessoa de absoluta confiança, sabe a história dêsses negócios.

SÍLVIA — Ninguém a não ser algumas daquelas bonecas empoadas que cercam você, e que vivem querendo roubar você de mim. Na-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412p-384.

turalmente abrem a sua correspondência...

GERALDO — Isso é mentira!

SÍLVIA — Com certeza mexem em seus livros, verificam certas coisas...

GERALDO — Ninguém conseguiria nada daquela sala. Eu ponho a minha mão no fogo. (SÍLVIA, **como por um passe de mágica, faz surgir uma carta na mão**). Que é isso?

SÍLVIA — Esta é uma das cartas que ninguém poderia... Eu a consegui mesmo sem ir ao seu escritório. Já vê você que não é tão difícil assim.

GERALDO — Como foi que você encontrou esta carta?

SÍLVIA — Não importa. Serve apenas para alertar você... num momento em que você está pensando em viajar...

Transição musical.

(Ao público). E assim, geralmente, eu consigo acalmar seus arroubos de caixeiro-viajante. E a vida continua. Mas será isto vida? Para mim é. Que posso esperar mais? Amor? Como? Felicidade? É uma palavra vaga e sem sentido. Pode-se ser confortàvelmente infeliz. Se elas usam a beleza para conseguirem o que querem por que não poderia eu usar as outras armas? Mas o triste, o realmente triste, é quando êle começa a ter inveja dos outros casais.

GERALDO — O Ramos é tão feliz!

SÍLVIA **(ao público)** — Estão vendo?

GERALDO — O Novais vive tão alegre!

SÍLVIA **(ao público)** — Eu não disse?

GERALDO — Tão satisfeito da vida.

SÍLVIA — Agora só falta o casal Pimentel.

GERALDO **(sonhador)** — E o casal Pimentel!

SÍLVIA **(ao público)** — Vocês vão ver só uma coisa **(rompe num rizinho)**.

GERALDO — De que é que você está rindo?

SÍLVIA **(fazendo o risinho crescer)** — De nada.

GERALDO **(irritado)** — Ninguém ri de nada.

SÍLVIA **(rindo, agora francamente)** — Estou rindo da felicidade do casal Pimentel. Êle, por um lado, tem duas amantes conhecidas. Ela já passou pelas mãos de todos os homens do Rio de Janeiro. E dizem até que... **(explosão de riso)**.

GERALDO **(desnorteado)** — Pois olhe que à primeira vista...

SÍLVIA — Você precisa convencer-se de uma coisa, Geraldo: — O mundo está perdido. Felizes, mesmo, só nós dois. Entre nós há sinceridade.

GERALDO — Há o que?!

SÍLVIA — Há humanidade, sentimento. Você não vê que os outros casais se detestam, se entredevoram, sem calor nem piedade? Nós somos diferentes, graças a Deus!

GERALDO — É... Nós somos diferentes graças a Deus.

SÍLVIA — Eu quero dizer que a vida de um casal resulta de um equilíbrio consciente, de um equilíbrio inteligente. É preciso colaboração. Renúncias mútuas. Eu, por exemplo, renuncio a uma série de coisas **(cautelosa)**. Você renuncia à sua viagem... a Europa... De fato, muitas vêzes, é penoso, mas daí resultam a compreensão, o equilíbrio...

GERALDO — Mas basta o equilíbrio?

SÍLVIA — Claro que basta!

GERALDO — **E o amor?!**

SÍLVIA — Equilíbrio é amor, Geraldo! Equilíbrio é prudência, cuidado, resistência, amor. Você é um homem, Geraldo. Você precisa compreender a vida. Você não pode ser, eternamente, aquêle garôto, filho único, ridicularizado na escola...

GERALDO **(num grito)** — Sílvia!

SÍLVIA — Colado à saia da mãe! Objeto de zombaria!

GERALDO **(manso)** — Sílvia!

SÍLVIA — Fico tão feliz quando você me compreende. Geraldo, prometa-me que seremos felizes e que você me amará sempre.

GERALDO **(arrazado)** — Sempre **(noutro tom)**. Amanhã devo ir a São Paulo.

SÍLVIA — Amanhã não podemos.

GERALDO **(pirracento)** — Você é que não pode. Eu posso.

SÍLVIA — E você pretende ir só?

GERALDO — Pretendo.

SÍLVIA **(com simulada indiferença)** — Que quer que eu ponha na mala?

GERALDO **(assombrado)** — Você não está zangada?

SÍLVIA **(plácida)** — Zangada por quê?

GERALDO — Com a minha viagem.

SÍLVIA — Seria ridículo.

GERALDO — Você sabe, perfeitamente, o que eu vou fazer em São Paulo.

SÍLVIA — Um homem como você, Geraldo, deve descansar, de vez em quando, até da própria espôsa. Quantas camisas?

GERALDO — Mas você não vai protestar, não vai gritar, não vai dizer nada?!

SÍLVIA — Você me julga igual a essas mulheres **ridículas** que você conhece?

GERALDO **(fulo)** — Pois eu quero que você seja ridícula? Eu quero que você seja igual a elas. Você me encurrala dentro de sua amabilidade, dentro de sua tolerância e não me deixa respirar. Eu preciso ser livre, Sílvia! Eu preciso fazer o que quero, o que tenho von-

BR DFANBSB.NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p 385

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

tade. Você não pode estar de acôrdo com a minha viagem a São Paulo. Qualquer mulher normal protestaria.

SÍLVIA **(a estátua da placidez)** — Eu não sou uma mulher qualquer.

GERALDO — Qualquer mulher gritaria, faria escândalo, proibiria.

SÍLVIA — Eu não sei fazer escândalo.

GERALDO **(desesperado)** — Pois eu vou a São Paulo para respirar. Não há nada, nada me esperando em São Paulo. Nem a amante, nem a mulher que você pensa que me espera. É de ar que eu preciso! De ar! Respirar! Respirar!

SÍLVIA — Que quer que eu ponha na mala?

GERALDO **(no auge do desespêro e da indignação)** — Mas você não pode estar aí parada fazendo esta pergunta idiota! Você não pode estar sentindo o que finge que está sentindo!

SÍLVIA — Eu não estou fingindo nada.

GERALDO **(com raiva)** — Está. Eu sei que está. Você tem vontade de explodir, de gritar, de acabar com essas viagens, mas tem mêdo. Mêdo de brigar, mêdo de criar uma situação que me faça deixar esta casa para sempre.

SÍLVIA — As portas estão abertas.

GERALDO **(alucinado)** — As portas estão abertas mas eu não posso sair por elas. Com que pretêxto? Eu preciso de um motivo para fazer as coisas. Você não me dá êsse motivo! Você está sempre de acôrdo! Como eu gostaria que você um dia sentisse de verdade. Proteste! Grite! Condene! Fale! Vamos! Vamos!

Transição musical.

SÍLVIA **(ao público)** — Não se preocupem, senhores. Estas coisas se repetem, quase diàriamente, desde a nossa lua de mel. Até a nossa lua de mel foi diferente. Eu tive de usar de sutilezas sem fim para convencê-lo de que era feliz. O método da auto-sugestão consciente... Eu sou feliz. Eu sou feliz, **(com raiva)**. Eu sou feliz... **(com riso amargo)**. Simples, não é?

GERALDO **(Acorda diante de um estalar de dedos de Sílvia. Creio inútil frisar que cada vez que Sílvia se dirige ao público GERALDO é hipnotizado).** — Vamos! Proteste! Grite! Condene! Fale! Vamos!

SÍLVIA **(nova técnica. Humilde, chorosa).** — Geraldo, eu sei que não mereço você Eu sei que não faço a sua felicidade, mas, por favor, não me humilhe dessa maneira! A única coisa que me resta de consôlo é a minha sinceridade. Eu sou capaz, até, de lhe dar um pretêxto para você deixar esta casa. Que é que você quer que eu faça? Eu já não peço mais que você me ame. Basta que me tolere.

GERALDO — Você pensa que me ilude com suas palavras? Eu não suporto mais êsse contrôle. Você controla o telefone, controla as cartas, controla até meus pensamentos. E o pior é que você concorda comigo mesmo quando eu não tenho razão, mesmo quando você sabe que eu sei que não tenho razão. E não sente nada, Sílvia. Que é que você tem contra a vida? O que é que você tem contra as outras mulheres?

SÍLVIA — Não tenho nada contra ninguém.

GERALDO — Então não fique me perseguindo, não fique me torturando, me controlando, fingindo que não controla e que não persegue. Afinal, de que é feita a nossa vida?

SÍLVIA **(angélica)** — No nosso amor.

GERALDO — Amor?! Oh, Sílvia! Um dia nos encontramos e você me venceu com os seus argumentos. Eu não precisava dêles, Sílvia. O amor não vive de demonstrações matemáticas, de cálculos. Você provou por **A** mais **B**, matemàticamente, que eu devia casar com você. A cada ameaça de rompimento você lança mão de novos teoremas, de novos argumentos. Sua argumentação está sempre certa. Seus sentimentos é que não estão.

SÍLVIA — Então, Geraldo, o que é amor?

GERALDO **(sufocado de desespêro)** — Eu sei, Sílvia. Eu sei o que é amor para mim. Mas também sei que você vai vencer com os seus argumentos. Você vai provar que amor é aquilo que você quer que êle seja e vai me convencer de que é exatamente isso que eu sinto por você

SÍLVIA — Mas claro!

GERALDO — E você sabe, perfeitamente, que você não me ama.

SÍLVIA — É você quem diz isso.

GERALDO — Você sabe, perfeitamente, que não casou comigo por amor. Eu gostaria de saber por que foi que você casou comigo. **(Grita)** Por que você casou comigo, Sílvia?!

SÍLVIA — É. Hoje, meus amigos, êle está perigoso, sabem? Tôda vez que lhe dá essa crise de liberdade, preciso envaidecê-lo, estimulá-lo, desenhar-lhe tudo em tecnicolor. Vivemos, realmente, num inferno. Mas um inferno colorido. Eu controlo o telefone, controlo as cartas, controlo até seus pensamentos. Ontem estive analisando meus sentimentos. Por que teria eu casado com um homem como Geraldo? E cheguei a duas conclusões. Em primeiro lugar porque nenhum dos outros homens quis casar comigo. Depois... eu precisava vingar-me, vingar-me das outras mulheres, daquelas que são amadas como mulheres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412, p.386.

mesmo, das que são amadas como carne, como sexo, como amor.

GERALDO **(acorda com o estalar dos dedos de Sílvia)** — Por que você casou comigo?

SÍLVIA — Porque eu amava você.

GERALDO — Não se ama assim.

SÍLVIA — Cada qual ama como sabe.

GERALDO **(acabrunhado após longa pausa).** Perdoe, Sílvia. Tenho essas explosões, de vez em quando, mas a minha intenção não é feri-la, nunca, compreende?

SÍLVIA — Compreendo, Geraldo.

GERALDO — Não guarde rancor, Sílvia.

SÍLVIA — Não guardarei nada.

GERALDO — Obrigado.

SÍLVIA **(num tom sem côr)** — Que é que você quer que eu ponha na mala?

GERALDO **(desalentado)** — Já não vou mais a São Paulo.

SÍLVIA **(meiga, doce, terna, humilde)** — Mas você deve ir, meu bem! A viagem vai fazer um bem enorme a você.

GERALDO — Não acho.

SÍLVIA — Estou certa disso.

GERALDO — Não tenho mais vontade.

SÍLVIA — Deixe por minha conta. Providenciarei tudo. Arrumarei a mala, reservarei passagem, tudo. Está vendo? Eu aceito ser sua nova secretária.

GERALDO — ! ?

SÍLVIA — Já sem falar na economia que isto representa, sendo sua nova secretária poderemos estar juntos o dia inteiro...

GERALDO **(com amargura)** — O dia inteiro.

SÍLVIA **(Aproxima-se e a cada "juntos" que profere aperta-lhe mais a gravata que está quase aberta a princípio).** — Poderei afastar de você os importunos e aquelas idiotinhas que infestam o seu escritório. Vai ser uma maravilha! **(ela saboreia com sadismo).** Iremos "juntos" de automóvel... Almoçaremos "juntos"... Sempre "juntos"... Vai ser uma maravilha.

GERALDO **(alarmado)** — Vai?!

SÍLVIA **(aproxima-se das flôres)** — São lindas estas flôres, não é verdade? **(tira o cartão).** Você conhece algum Reinaldo?

GERALDO **(sêco)** — Não

SÍLVIA — Foi êle quem mandou as flôres.

GERALDO **(amolado e indiferente)** — Deve ser algum amigo.

SÍLVIA — Mas hoje não é nenhuma data especial. Não é a primeira vez que eu recebo flôres dêsse indivíduo. Isto já está se tornando desagradável.

GERALDO — Só pode ser um imbecil qualquer.

SÍLVIA — Nenhum imbecil se atreveria a cortejar-me.

GERALDO — Ora, Sílvia! Flôres! Não vejo nada demais.

SÍLVIA — Pois eu vejo. Então você acha natural uma coisa dessas, Geraldo?

GERALDO — Quem sabe se não é algum parente?

SÍLVIA — Não temos nenhum parente com êsse nome.

GERALDO **(alheio, depois de uma pausa)** — Você comprou pasta de dentes?

SÍLVIA **(desalentada)** — Está no banheiro.

GERALDO — Bem.

Transição musical.

SÍLVIA **(à platéia, enquanto GERALDO se mantém alheio)** — Vocês estão vendo? Nada em comum. Dois enxadristas. Uma ótima jogadora como eu e um péssimo jogador como êle. Sem nada. Sem fé. Sem esperança. Eu poderia renunciar a tudo isto. Seria o único caminho. Mas não. Agora isto irá até o fim. Também sou gente, também tive um coração terno e doce como o de todos vocês. Também sonhei com tudo que as outras mulheres sonham, não sonhei? As gatas são donas do mundo, com suas plásticas, seus "pancakes", seus vestidos colantes, suas curvas, seu sexo. Elas tomaram conta do amor. Mas consegui mais do que tôdas elas. Tôdas as gatas andaram tentando envolvê-lo e eu o consegui para mim, só para mim. Agora eu só espero uma coisa, só anseio por uma coisa, com tôda a minha alma, com todo o meu coração: — Eu quero envelhecer depressa. A velhice será a paz, a tranqüilidade, o sossêgo definitivo, quase a felicidade, a libertação dêstes sustos permanentes, destas angústias sem fim. A velhice será minha, só minha. Sem sustos, sem temores, sem ódios, sem receios, sem rancôres. Eu gostaria que os anos passassem num dia, num minuto. E então êle será meu, definitivamente. Para sempre... **(com raiva)**... Para sempre... **(com angústia).** Para sempre!

FIM DO PRIMEIRO ATO

Ele será meu definitivamente. Para sempre... Para sempre. Para sempre.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.412.p-387
BIBLIOTECA MARCUS MIRANDA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SR/CE

SEGUNDO ATO

Música durante meio minuto.

Ao erguer-se o pano SÍLVIA está pondo a mesa para dois. Parece que algo está para ser comemorado. Pratos, talheres, taças e até champanha. Um candelabro ao centro da mesa. Esta mesa ela a põe, aos poucos, enquanto dialoga com GERALDO, até o início do seu grande monólogo. O desinterêsse de SÍLVIA se acentua com êsse vaivém, pois GERALDO quer por fôrça que ela sinta, que ela participe de seu drama. GERALDO acabou de entrar abatido, alquebrado. Senta-se desalentado.

GERALDO **(quase suplicante, depois de uma longa pausa)** — Sílvia!

SÍLVIA **(sempre preparando a mesa)** — Sim?

GERALDO — Você não pergunta nada?

SÍLVIA — Você não sabe que dia é hoje?

GERALDO — Quarta-feira, 15 de outubro. **(Pausa).** Você não sabe onde eu fui?

SÍLVIA — Sei.

GERALDO — E não tem, ao menos, a curiosidade de saber em que pé estão as coisas?

SÍLVIA — Tenho.

GERALDO **(explodindo)** — Então pergunte!

SÍLVIA **(a tranqüilidade em pessoa)** — Em que pé estão as coisas?

GERALDO — Sílvia, como você mudou!

SÍLVIA — Eu era diferente?

GERALDO — Era **(pausa).** Sílvia, você sabe que eu sou um covarde?

SÍLVIA — Sei.

GERALDO — Nunca me julguei um imbecil. Você sabe que...

SÍLVIA — Também sei.

GERALDO — Sílvia!

SÍLVIA — Que é?

GERALDO — Você ainda não me perguntou nada.

SÍLVIA **(sereníssima)** — Estou esperando que você fale.

GERALDO — Mas em outros tempos você estaria desesperada por saber!

SÍLVIA — O desespêro cansa.

GERALDO — Você estaria ansiosa, esperando na porta a minha chegada, para saber o que êle disse.

SÍLVIA — Em outros tempos.

GERALDO **(analisando-a)** — Então quer dizer que você também sabe disso!

SÍLVIA — Você acha?

GERALDO — Você quer parar com essa calma idiota?! Não é possível que êle não lhe tenha dito nada. Que não tenha, ao menos, telefonado **(pausa — transição).** O Dr. Castro me examinou. Eu devo estar muito mal, Sílvia.

SÍLVIA — Sim?...

GERALDO — Você não está aflita por saber o que êle disse?

SÍLVIA **(placidíssima)** — Estou.

GERALDO **(numa explosão)** — Então pergunte!

SÍLVIA **(sereníssima)** — O que foi que êle disse?

GERALDO **(como quem vai ditar uma sentença de morte)**

Êle não disse nada! **(ela abana a cabeça num sorriso irônico).** Não disse nada, mas quando me examinou êle franziu a testa.

SÍLVIA — Os médicos franzem sempre a testa.

GERALDO — Custou a fazer o diagnóstico e... depois um silêncio de morte.

SÍLVIA — Lógico, não é?

GERALDO — Aí tirou minha pressão.

SÍLVIA — Natural, não é?

GERALDO — Ficou pálido quando viu a pressão. Pensei que êle ia desmaiar...

SÍLVIA **(irônica)** — Então vai ver que êle é quem está doente **(pausa).** Quanto deu a pressão?

GERALDO — Não quis dizer. Só murmurou "muito bem!" **(olhar de Sílvia).** E os médicos só dizem "muito bem" quando querem esconder alguma coisa. Você não vai imaginar que êle vai me dizer na cara que eu estou com um câncer. Saí dali com o coração doendo. Já nem conseguia mais andar sem sentir palpitações...

SÍLVIA — Está vendo? Quando você entrou no consultório não tinha nada.

GERALDO — É diferente. Quando entrei eu não sabia o que tinha.

SÍLVIA — E agora você sabe?

GERALDO — Não. Mas você não percebe a diferença entre uma pessoa que não sabe de nada e uma pessoa que "sabe que não sabe"? Qualquer esfôrço, agora, para mim é uma tortura... E nem receitou... Disse que só depois dos exames de laboratório.

SÍLVIA — Hmmmmmmmmmmm!

GERALDO — Talvez seja necessário arrancar todos os dentes.

SÍLVIA **(feliz)** — Ah, sim?!

GERALDO — Tenho a impressão de um desmoronamento. Uma coisa dessas não acontece com o Pimentel. Tinha que ser comigo. E tudo tão de repente! Tudo tão inesperado. Eu não mereço um castigo dêsses, Sílvia. Mereço? Sempre fui um sujeito correto... decente.

SÍLVIA — Decente, Geraldo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412p. 388.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

GERALDO — Não tenho culpa que os negócios não tenham dado certo, tenho?

SÍLVIA — Não tem culpa como? Você quase levou todo mundo a falência.

GERALDO — Ora, Sílvia, você sabe perfeitamente, que o risco era todo meu.

SÍLVIA — Desde quando, Geraldo?

GERALDO — Sempre **(pausa)**. Telefonaram do escritório?

SÍLVIA — Não.

GERALDO **(voltando ao tema)** — Curioso é que de repente me deu assim... uma vontade... vontade não. Uma necessidade de ser bom, entende?

SÍLVIA — Mais ou menos.

GERALDO — Eu que não sou dessas coisas, hoje dei uma esmola.

SÍLVIA — É grave...

GERALDO — De cinco contos.

SÍLVIA — Gravíssimo.

GERALDO — Quando aquêle mendigo se aproximou de mim eu me senti mais pobre do que êle. Nós eramos companheiros de uma infelicidade comum. A minha miséria orgânica... O Dr. Castro está me escondendo alguma coisa. Êle já começou a preparar o meu espírito. Sílvia, eu estou perdido! **(pausa)**. Você seria capaz de se dedicar a mim... se eu ficasse... inválido?

SÍLVIA — Quem sabe, não é? Essas coisas... só vendo.

GERALDO — É verdade, Sílvia, que eu não lhe tenho proporcionado grandes alegrias.

SÍLVIA — É. Não tem.

GERALDO — Às vêzes tenho sido até egoísta.

SÍLVIA — Ah, sim?!

GERALDO — Mas será que eu tenho culpa, Sílvia? Eu sou o que sou, assim como sou. porque deste pequeno só me ensinaram a pensar em mim. Pra mamãe eu era o centro do mundo.

SÍLVIA — Cada qual é centro de seu próprio mundo.

GERALDO — Mas eu queria ser o centro do mundo de todo mundo. Em casa era fácil, mas na escola... Sílvia telefone para o Dr. Castro. Pergunte a êle a verdade. Tôda a verdade.

SÍLVIA — Eu já telefonei, Geraldo.

GERALDO **(ansioso)** — E o que foi que êle disse?

SÍLVIA — Ainda não sabe. Está esperando os resultados. Está esperando, Geraldo.

GERALDO **(desesperado)** — Mas eu não posso esperar. Você não vê, que eu não posso esperar?!

SÍLVIA — Eu poderia lhe dar um curso completo da arte de esperar. Um curso de especialização. Passei a minha vida inteira esperando... Noites inteiras esperando que você viesse, Geraldo. Noites inteiras olhando o despertador. Noites inteiras adivinhando seus passos. Eu esperei anos, Geraldo! Você vai esperar apenas alguns minutos. O Dr. Castro vai telefonar-me o resultado.

GERALDO **(apavorado)** — Olhe, se o que eu tiver fôr muito grave não me diga, não me diga nada. Prefiro não saber. Você promete?

SÍLVIA — Prometo.

GERALDO — Você não vai me deixar, não é Silvia? Cuida de mim, não cuida? Eu preciso de alguém em quem possa depositar tôda a minha confiança.

SÍLVIA — Você confia em mim, Geraldo?

GERALDO — Cegamente. Por favor, Sílvia. Dentro de alguns minutos o Doutor Castro lhe dirá o que tenho, mas você só me diga a verdade se ela fôr boa.

SÍLVIA — Está bem.

GERALDO — Agora, se você me disser que estou bem, como é que eu vou saber se estou mesmo bem?

SÍLVIA — Não pode, não é?

GERALDO — Eu sei que tenho sido egoísta, Sílvia! Mas eu juro, eu prometo! Se sair desta, você não vai se arrepender. Você precisa me ajudar. Precisa me tratar. Precisa ser minha amiga.

SÍLVIA — Eu sou sua amiga, Geraldo.

GERALDO — Mas ainda será minha amiga quando eu estiver estendido num leito de hospital?

SÍLVIA — Não sei.

GERALDO — As mulheres são diferentes. Quando você teve aquela pneumonia... eu não parei um minuto em casa.

SÍLVIA — É verdade.

GERALDO — Bem, mas o seu caso era diferente! Você sabia o que tinha... ao passo que o meu destino está sôbre a lâmina de um microscópio e... Você não é como eu, Sílvia. Você é feita de outra massa. Você jamais cometeria a baixeza de me deixar sòzinho num momento de dor, num momento difícil. Cometeria?

SÍLVIA — Só na hora a gente sabe as reações que tem.

GERALDO **(vai deixar a sala. Pára diante da mesa posta sem vê-la e diz ao sair)** — 15 de outubro. Hoje, Sílvia, não é um dia como os outros. **(Sai).**

SÍLVIA — Êle se lembrou! Êle se lembrou! Hoje não é um dia como os outros. Hoje é aniversário do nosso casamento. Para nós êste é o dia em que se comemora a ausência do amor, bem pior que o ódio. Êle me odeia. Eu sei que êle me odeia, mas eu o odeio, também. **(Quase feliz em seu rancor).** Agora êle

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 389.

está doente. Agora êle precisa de mim. E como êsse ódio vai crescer! Os próximos anos de nossa vida em comum serão os da minha vingança. Vingança nas palavras, nos gestos, nas atitudes. **(Ela pegou de uma taça de cristal).** Êle não poderá mover-se, não poderá reagir. Não poderá protestar. Êle se limitará a ouvir e obedecer... a ouvir e obedecer... a OUVIR E OBEDECER! **(Rompe a taça de encontro à mesa com ódio. A campainha da porta soa. Ela se dirige para lá e traz uma "corbeille")** Hoje esta "corbeille" vai dar resultado. Hoje com certeza êle notará que chegou uma "corbeille" para mim... **(Ajeita as flôres)** — Assim... Assim... O cartão bem visível! Assim... Perfeito! Oh, meu Deus! Se êle, ao menos hoje, se lembrasse da minha existência! Se êle, num dia qualquer, se lembrasse de que eu existo e me mandasse uma "corbeille"! Nem seria necessário que fôsse uma "corbeille". Poderia ser um ramo de rosas comuns. E nem seria necessário que fôssem rosas. Poderia ser uma flor qualquer . . . Uma única flor... Uma única flor talvez bastasse... Uma única flor! **(Alarmada de repente).** Meu Deus, aconteceu uma coisa tremenda! Uma coisa tremenda, senhores! Essas flôres... Essas flôres... Mas eu não encomendei essas flôres!... **(Agita-se nervosíssima de um lado para outro).** Será que... Oh, meu Deus! Que bom se isso acontecesse! Que bom se um dia alguém... êle se lembrasse de mim! Vêm com um cartão... Não. Eu não tenho a coragem de abrir (o envelope). **(A uma espectadora).** A senhora faria isto para mim! A senhora sobe... Lê o cartão... Não sendo dêle não me diga nada, por favor... Não . . . Não me dizendo nada eu já saberia que não foi dêle... Eu adivinharia. É melhor deixar assim... Irrevelado... É melhor... **(Ri nervosa. O riso cresce).** Ah, mas está tudo claro!... E eu me iludindo desta maneira!... Está tudo claro! O florista mandou estas flôres por engano. Como eu encomendo flôres quase todos os dias... **(Disca o telefone ansiosa, angustiada).** Alô!... Alô!... Florista?... Por obséquio... O senhor terá mandado, por acaso, hoje, as flôres para dona Sílvia?... Não?... Tem certeza?... Pergunte ao gerente, por favor. Não mandou? Obrigada... **(Desliga o telefone alagada de felicidade).** Então foi êle mesmo... **(Ri muito, quase como louca).** Então foi êle mesmo... quem mandou as flôres!... Eu sabia que um dia isto ia acontecer... Um dia... Êle se lembrou. Hoje êle deu uma esmola porque sentiu a necessidade de ser bom. Esta "corbeille" êle a comprou para mim porque sentiu a necessidade de um apêgo, uma amiga, uma companheira, num momento em que está caindo, num momento em que está descendo. Mas por que estou tão nervosa? Oh! Que idiota que sou! Está tudo tão claro! Êle hoje mandou estas flôres porque está doente, porque precisa de mim. Não da mulher, mas da enfermeira, da imbecil que vai cuidar dêle, da idiota que criou esta ratoeira de luxo para sofrer, para se torturar entre pesadelos. Mandou as flôres porque foi ao médico e descobriu que... **(Toca o telefone. Ela atende).** Alô... Sim, Dr. Castro . . . Sim. Compreendo... Sei... Hmmmmmmm... Hmmmmmmm... Sei... **(Desliga o telefone, enquanto Geraldo entra temeroso e aflito).**

GERALDO — Era o Dr. Castro?

SÍLVIA — Era.

GERALDO — Que foi que êle disse?

SÍLVIA — Que você vai ficar bom. Depende só de cuidado, dedicação.

GERALDO — Sílvia, você está me enganando.

SÍLVIA — Estou não, Geraldo. Você fica bom.

GERALDO — Mas o que foi que êle disse?

SÍLVIA — Sistema nervoso.

GERALDO — Sistema nervoso! Jura.

SÍLVIA — É, Geraldo. Você vai ficar bom.

GERALDO **(quase feliz)** — Distúrbio neurovegetativo. Distonia? Sistema nervoso, hein? Sistema nervoso!... E eu que já tinha começado a dar esmolas de cinco contos! **(Esfregando as mãos, já dono de si novamente).** Sistema nervoso... Então é uma coisa simples! Curável...

SÍLVIA — É, Geraldo.

GERALDO — Veja você que absurdo! Ainda há pouco parecia que o mundo ia desabar **(ri).** Sistema nervoso!... **(Bem humorado, olhando a mesa posta).** Temos festa hoje?

SÍLVIA — Temos

GERALDO — Eu não sabia que você havia convidado os Pimentel.

SÍLVIA — É para nós.

GERALDO — Para nós!?

SÍLVIA — Comemoração.

GERALDO — Ah, sim! Comemoração. Comemoração... de que?

SÍLVIA — Geraldo, que dia é hoje?

GERALDO — Quarta-feira.

SÍLVIA — Estamos em outubro, Geraldo.

GERALDO — E daí ?

SÍLVIA — 15 de outubro.

GERALDO — E daí?

SÍLVIA — Aniversário do nosso casamento.

GERALDO — Nós casamos em outubro?

SÍLVIA — Sim, Geraldo. Eu casei em outubro. Felicidades, meu bem.

GERALDO — Obrigado. E champanha ! Muito bem !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 390.

SÍLVIA — Eu sei que você está brincando. (Eu sei que você não está falando a sério.) Você se lembra, perfeitamente, que hoje é o nosso dia. E obrigada!

GERALDO — Obrigada por quê?

SÍLVIA — Pelas flôres.

GERALDO **(sem perceber)** — Que flôres? **(repara nas flôres).** Ah, sim!

SÍLVIA **percebendo a verdade)** — Geraldo! Então... não foi...

GERALDO — Desculpe, Sílvia, mas eu não mandei flôres.

SÍLVIA — Geraldo, não brinque assim, por favor!

GERALDO — Claro que não mandei flôres! Você acha, então, que num dia em que o médico me diz... eu vou me preocupar com...

SÍLVIA **(desolada dirige-se à "corbeille", abre o envelope e lê o cartão).** — Miguel. Você conhece algum Miguel?

GERALDO **(irônico)** — Claro que conheço! Miguel Ângelo... Miguel de Cervantes... Miguel Strogoff... Olhe, você seria uma belíssima atriz! Você tem todos os requisitos, (voz, gestos, atitudes, comunicação).

SÍLVIA — O que é que você quer dizer, Geraldo?

GERALDO — Deixe de representar! Então você pensa que eu não sei que é você mesma quem compra as flôres e escreve os cartões? O florista já me contou sua idéia genial. Perguntou se você era louca.

SÍLVIA — Mas, desta vez, você está enganado. Desta vez estamos ambos surpresos. Não fui eu quem encomendou as flôres. Estas flôres vieram para cá e não foram compradas por mim. Você pode perguntar ao florista.

GERALDO — Naturalmente você arranjou outro florista.

SÍLVIA — Não, Geraldo. Parece incrível, mas alguém, neste mundo, me quer. Alguém, neste mundo, se lembrou da minha existência. Existe alguém no mundo que perdeu tempo em entrar num florista por mim, comprar flôres para mim, escrever um cartão para mim. Sentir... Talvez, quem sabe, sentir algo, por mim. Você sabe o que isto significa? Você sabe o que isto significa para mim? Para uma mulher como eu? Você sabe o que isto representa de emoção e sensibilidade? Eu estou sentindo gratidão, Geraldo. Gratidão por uma pessoa que se lembrou da minha existência.

GERALDO — Você não espera que eu acredite nisso. Espera?

SÍLVIA — Não. Agora eu não preciso mais que você acredite. Agora eu não preciso mais que ninguém acredite.

GERALDO — Você, agora, deu para isso, Sílvia?

SÍLVIA — Não, Geraldo. Não vou fazer nada. O gesto me basta. Não quero conhecê-lo. Nem quero vê-lo. Quero apenas guardar a lembrança dêste momento, a recordação destas flôres que deveriam ser suas. Alguém se lembrou de mim. Alguém entre bilhões de seres humanos se lembrou de mim. Não importa quem seja. Alguém. Um ser vivo! Um ser que sofre, que sente, que ri, que chora, que fala, que anda! Alguém!

(Toca a campainha da porta. Ela se dirige para lá e volta acabrunhada. Pega da "corbeille" e arrasta-a até a porta ficando com uma única flor, que arrancou, na mão. Enquanto Geraldo permanece alheio a tudo, ela ri e chora amargamente).

SÍLVIA — Você pode rir, Geraldo! Ria, Geraldo... Vamos! Ria! **(Ri amargamente, muitíssimo nervosa).** As flôres não eram para mim!...

(O riso e as lágrimas crescem e ela se deixa cair numa cadeira, deixa pender a cabeça, deixa pender o braço, deixa cair a flor... e o pano também cai porque aqui termina o "Segundo Ato").

FIM DO SEGUNDO ATO

BIBLIOTECA MARCUS MIRANDA

BR·DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412p.391

Música durante um minuto.

Ela, entretanto, a critério do diretor, pode prosseguir até que termine tôda a cena muda inicial. Ao abrir-se o pano SÍLVIA está caminhando, de um lado para outro, muito nervosa, torcendo as mãos aflitas e olhando em tôrno, assustada. Soa o telefone e SÍLVIA corre a atender, como temendo que GERALDO pudesse surgir, de repente, para fazê-lo antes.

SÍLVIA **(falando baixo, assustada, furtivamente)** — Alô!... Sim... Sei... Duas passagens, não é? Trancou onde? Sei. E os passaportes? Sim, o outro? Não posso. **(Com ênfase desesperada).** Mas se estou dizendo que não posso! **(Desliga e caminha, enquanto o telefone, quase imediatamente, soa de nôvo. Agarra-o, frenética).** Alô!... **(Ela ouve e fica cada vez mais inquieta. GERALDO, neste momento, entra e observa-a. Está de "robe de chambre", surpreendemente calmo e diferente. SÍLVIA, lentamente, repõe o fone no gancho).**

GERALDO — Era pra mim!

SÍLVIA **(faz que não com a cabeça)** — Engano.

GERALDO **(pausa. Depois, com tranqüilidade)** — Curioso que ainda não me tenham telefonado do escritório. **(Dirige-se com naturalidade para o telefone, mas SÍLVIA se antepõe).**

SÍLVIA — Pode deixar. **(Geraldo a olha admirado enquanto ela faz a ligação e, pouco depois, desliga dizendo)** Está ocupado.

GERALDO **(depois de observar sua estranha agitação que ela procura controlar sem resultado)** — Você está bem?

SÍLVIA **(brusca, como se tivesse sido ferida)** — Por que é que você pergunta?

GERALDO **(placidíssimo, quase risonho)** — Pra saber se você está bem.

SÍLVIA **(entre áspera e irônica)** — Desde quando é que você se preocupa com o meu bem-estar?

GERALDO **(calmíssimo, analisa-a e não responde à pergunta)** — Estive pensando, Sílvia. Essa tensão permanente em que vivemos... A agitação em que você anda... **(reação brusca de SÍLVIA).** Insônias. Nervos à flor da pele... Tenho pensado muito em fugir de tudo. Uma viagem não seria mau...

SÍLVIA **(angustiada)** — Agora?!

GERALDO — E por que não? Uma viagem não seria mau. Curioso quando a gente começa... Tenho tido longas conversas com o analista que o Dr. Castro me recomendou. É como se a gente mergulhasse na infância e encontrasse os fios que nos movem mais tarde. De repente tanta coisa começou a vir à tona! **(SÍLVIA reaciona com mãos e olhos).** Veja bem, Sílvia—... Um homem como eu...! A vida que eu tenho levado... Então entra na cabeça de alguém que um homem formado esteja metido nisso?!... **(SÍLVIA só reage com os olhos e as mãos aflitas).** Agora vejo que parece incrível, que só depois desse tempo todo, tenho que abandonar tudo.

SÍLVIA **(como num eco)** — Abandonar... **(ligeira pausa. Áspera e brusca).** Você vive pretendendo mudar, mas a única coisa que muda em sua vida são os produtos. Eletrônica... peças de automóveis... Pérolas cultivadas... **(Irônica e cheia de intenções).** Agora são produtos de beleza, não são, Geraldo?

GERALDO — Que diferença faz?

SÍLVIA **(com ironia amarga)** — Nenhuma. **(Riso amargo).** Produtos de beleza!...

GERALDO — Já estou farto desta vida... Palavra de honra, Sílvia! Há momentos em que penso nos negócios em que...

SÍLVIA **(corta)** — Negócios?!... **(quase num grito).** Contrabando!

GERALDO **(num protesto)** — Mas Sílvia!

SÍLVIA **(agressiva)** — Não é isso que você faz? Não é disso que temos vivido?

GERALDO — Contrabando, agora. No comêço era um negócio como outro qualquer. Mas não é razão para continuar a... Então você não percebe que eu seria cada vez menos livre?... mais prêso? **(compreendendo de repente)** Mas, então é isto que você... O dr. Castro me...

SÍLVIA **(Irritada)** — Pare duma vez com êsse dr. Castro, o que foi que êle andou metendo em sua cabeça?

GERALDO — Nada, Sílvia. Só pôs um espelho diante de mim para que eu olhasse de frente aquilo que a vida inteira tive mêdo de encarar: — a mim mesmo.

SÍLVIA — Êle não lhe mostrou que você está querendo é comprar sua paz de consciência ?

GERALDO — Talvez.

SÍLVIA **(com crescente revolta)** — Eu é que sou o seu espelho, Geraldo. Quando quiser saber algo a seu respeito pergunte a mim. Então foi êste o momento que você escolheu para sonhar com viagens?... Para fugir de que, Geraldo? Para comprar o quê? "As portas estão abertas mas você não pode sair por elas", lembra? Precisa, como qualquer criança idiota, de apaziguar seus escrúpulos. E eu conheço seus planos, Geraldo.

GERALDO — Mas Sílvia!...

SÍLVIA — Então você pensa que isto não entra pelos olhos? Essas atenções... êsses

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412,p.392.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP

cuidados... Porque você mudou comigo de repente?

GERALDO — Eu mudei?

SÍLVIA — Eu sei. É assim que se trata a um condenado, Geraldo. No último dia de vida êle pode escolher sua última refeição... com direito a champanha. Você, preocupado com seus "grandes" problemas, com certeza nunca pensou no homem que vai executar um condenado à morte. Êle está com a consciência tranqüila porque pensa que cumpre a lei. O juiz está com a consciência tranqüila porque pensa que obedeceu o código... Até o religioso está com a consciência tranqüila porque fêz o condenado arrepender-se de crimes que jamais cometeu... Todos estão com a consciência tranqüila, todos compraram a paz de consciência, mas acontece que um homem inocente vai morrer, compreende?

GERALDO — Não, Sílvia. E que diabo tem um condenado a morte a ver com...

SÍLVIA — Tudo, Geraldo. Cada qual se escuda nos erros alheios, transfere suas culpas e seus pecados... para alcançar a paz. Não é o contrabando que você está querendo deixar. Não é de você mesmo que você está tentando fugir. É de mim, Geraldo!... De mim! **(Soa o telefone. SÍLVIA corre a atendê-lo).**

SÍLVIA — Alô... Não... Não... **(GERALDO olhou quando ela agarrou o fone, mas, neste momento, não a fita e ela, percebendo isto, deixa o fone fora do gancho, furtivamente).**

GERALDO **(sem encará-la)** — Quem era?

SÍLVIA **(ràpidamente)** — Ninguém.

GERALDO — Mas você estava falando!

SÍLVIA — Era engano.

GERALDO — Outra vez?!... **(analisa-a surprêso).** Afinal de contas o que há com você?!... **(ela tortura as mãos aflitas).** Que é que você tem? De que é que você tem mêdo?

SÍLVIA — Mêdo?!...

GERALDO — Então você não percebe o absurdo de tudo isso?... Corre para atender o telefone... parece que vê fantasmas em todos os cantos. **(Percebe que o telefone está desligado).** Por que é que o telefone está fora do gancho? **GERALDO se dirige para repor o fone no gancho, mas SÍLVIA se antecede e o faz apavorada).** Não sei bem se tudo isso é doloroso ou ridículo.

SÍLVIA — Você me considera ridícula!

GERALDO — Não transforme minhas palavras! Eu só quis dizer que não esperava isso de você

SÍLVIA — Isso o quê?

GERALDO — Mas se transparece em tudo que você diz, em tudo que você faz! Então você tem a ingenuidade de imaginar que ainda me pode iludir com... Primeiro eram as flôres... Agora o telefone, Sílvia? A quem você pagou, desta vez, para viver telefonando o dia inteiro? Para que essa representação ridícula de adolescente apaixonada?

SÍVIA (de repente percebe e começa a rir, pois a suspeita dêle parece tirar-lhe um grande pêso) — Então é disso que você... Adoles ... Adolescente apaixonada!

GERALDO **(irritando-se gradativamente)** — Que é que você quer que eu acredite agora? De que é que você quer que eu suspeite? Esses telefonemas misteriosos, essa inquietação que não convence... êsses olhares fingindo de assustados... Falo em mudar de vida... e você me vem com uma absurda conversa de condenados? Que condenados, Sílvia? **(o telefone soa. Ela atende, mais uma vez, desesperada, enquanto êle a analisa).**

SÍLVIA — Alô!... Não!... Agora não sei. **(desliga e diz quase num sôpro).** Não sei.

GERALDO — Da primeira vez que êsse telefone tocar eu **quero** atender.

SÍLVIA — Mas se é para mim!...

GERALDO — Como é que você sabe que **será** para você? Que é que você está me ocultando?... Que é que você está procurando esconder? **(Toca o telefone. Ela corre a atender, mas GERALDO tenta arrancar-lhe o fone das mãos. Lutam pelo fone, enquanto ela grita).**

SÍLVIA — É pra mim!... Deixe!... Por favor, Geraldo!... É pra mim... Não. Não... Eu juro... largue... LAAAAARRRRGUE!... Não... Não... **(GERALDO, a esta altura, já lhe arrancou o fone).**

SÍLVIA **(repete desalentada com a voz sumida)** — Não.

GERALDO **(Lentamente leva o fone ao ouvido, enquanto a analisa espantado. A cada palavra de GERALDO ela vai recuando um pouco atemorizada).** — Alô!... Sou eu... Sim... Sim... Sei... E os passaportes..... **(assombradíssimo).** COMO?!... **(Longa pausa. Fica com o fone na mão, alguns segundos, como que sopesando a veracidade do que acabou de ouvir. Depois, repondo o fone no gancho, quase maquinalmente, analisa SÍLVIA como se esta fôsse um marciano, algum fenômeno estranho da natureza. Olha-a com um misto de incredulidade e pavor).**

GERALDO — Sílvia, você fêz isso?!

SÍLVIA **(recuando e clamando)** — Sim, Geraldo. Eu o fiz. E o faria outra vez. Mil vêzes mais.

GERALDO **(é todo incredulidade e assombro)** — Mas porque, Sílvia? O que foi que eu lhe fiz? Por quê?!

SÍLVIA **(a intensidade de sua revolta vai crescendo)** — Você acha que foi para isso que eu lutei tôda a minha vida? Foi para isso que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 ip-393.

eu perdi minhas noites e renunciei a tudo? Foi para isso que me isolei do mundo inteiro e afastei você dos seus falsos amigos, para não dividir você com ninguém?

GERALDO — Sílvia, eu juro que não entendo.

SÍLVIA — Você não sabe o que é o desespêro... o desespêro que fecha todos os caminhos, o desespêro que encurrala, que estrangula, que enlouquece... que mata!

GERALDO **(estarrecido)** — Você... Sílvia...

SÍLVIA — Sabe a vida que eu tenho levado? Dia e noite sufocando tôdas as angústias... Dia e noite cultivando sua ridícula vaidade... E quando penso que você compreendeu todo êsse sacrifício, você se agarra às explicações do primeiro psicanalista barato que aparece e começa a fugir, a me escapar... a mudar... a ter seus próprios pensamentos, seus próprios sonhos, seus segredos sordidos. "O Dr. Castro", o analista. Pergunte ao analista se êle sabe o que é sofrer, mas sofrer até transbordar o sofrimento que não cabe mais nos porões imundos da mente. Pergunte a êle, ocupado em pescar e farejar sexo em todos os cantos, se êle sabe o que significam as noites vazias em que até os pesadelos nos abandonam... Pergunte a êle se já ouviu falar do que está acima dos instintos e dos sentimentos. Pergunte a êle se bastam duas palavras de explicação sem nexo para destruir tôda a alma que eu pus em você, tôda essa transfusão de sentimentos que tentei durante tôda a minha vida. Pergunte a êle, Geraldo. Pergunte!

GERALDO — Pare duma vez com êsse absurdo, Sílvia!... Você tem consciência do que fêz?

SÍLVIA — Tenho, Geraldo. EU DENUNCIEI VOCÊ!

GERALDO — Mas porque, Sílvia? Por quê?

SÍLVIA — Sei de tudo, Geraldo. As passagens... as reservas nos hotéis... o empréstimo no banco... os passaportes. Tudo para fugir com aquela prostituta.

GERALDO **(num grito)** — Com quem?!

SÍLVIA **(repisando com desespêro)** — Prostituta, Geraldo! Tôdas umas prostitutas... Você não enxerga a lama que elas têm no rosto porque elas se cobriram com os seus produtos de beleza, Geraldo... Você não vê o pântano que elas têm na alma porque a alma delas está invadida de amor-barato, de amor-sexo, de amor vendido? Sim, Geraldo. Eu denunciei você. Você será prêso, encarcerado. Você ficará só e não poderá mais olhar nenhuma outra mulher. Você só terá tempo para cultivar seu ódio... mas odiar a mim. Só a mim!

GERALDO **(depois de analisar aquêle "monstro")** — As passagens, Sílvia, eram para nós.

SÍLVIA — Todos os seus pensamentos estarão ocupados comigo. Eu estarei com você e você não terá memória para mais nada, para mais ninguém...

GERALDO — As passagens eram pra nós, Sílvia. Pra nós.

SÍLVIA — Elas não me arrancarão você nunca. Ouviu bem, Geraldo? Nunca! Nunca!

GERALDO **(alucinado)** — Elas quem, Sílvia?... Vamos! Fale!... Você me denunciou por quê?... Por que, Sílvia?... Mas diga um nome!... Um nome, Sílvia!

SÍLVIA — As outras mulheres...

GERALDO — Que mulheres, Sílvia?!... Eu não posso lutar com os fantasmas que você inventa!... Um nome, Sílvia!... Você me denunciou justamente quando eu procuro mudar de vida, no momento em que procuro escapar dêsse beco sem saída em que me meti para lhe dar a vida que você queria?... Então você não percebe até que ponto a minha vida sempre estêve em suas mãos?

SÍLVIA — E em minhas mãos você vivia sonhando com as outras.

GERALDO — Decididamente Sílvia, você está louca!

SÍLVIA — Sim, Geraldo. Estou louca... mas esta louca dedicou a você tôda a sua vida. Perdeu tôda a sua vida por você.

GERALDO **(sem querer acreditar naquelas palavras)** — Você... perdeu sua vida... comigo?... Quando foi que você meu deu algo de você mesma? Quando foi que você me deu algo de sua vida?... Em suas mãos eu não passei de um fantoche, que você pensava manipular como se manipula um marionete. Mas você esqueceu de que até os donos dos marionetes sem alma tornam-se escravos dêles para tratá-los, para cuidá-los, transferindo-lhes uma parcela de sua própria vida. Não é a mim que você teme perder. Eu poderia ser um outro homem qualquer e você só sofreria no momento em que não pudesse mais ter em suas mãos o contrôle de todos os fios. Você se preocupa mais com os fios do que com as palavras e os sentimentos. A gente sempre se esquece do que uma palavra, um sorriso, um olhar, podem fazer às almas alheias. Até à minha. Alguma vez já passou por sua cabeça que até fantoches como eu podem possuir uma alma de verdade?

SÍLVIA — Você nunca me falou assim.

GERALDO — Porque você nunca me quis ouvir. Você jamais perderia o seu precioso tempo, o tempo em que vivia alimentando êsse ódio cego, para ouvir o que eu pudesse pensar ou sentir. Passei uma vida inteira, a seu

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.394.

lado, como um estranho. Você se preocupou tanto em fiscalizar meus passos que esqueceu de analisar o que eu sentia. Eu só devia sentir aquilo que você queria. Só devia falar com as suas próprias palavras. Oh! Sílvia! O que a nossa vida poderia ter sido! Não era preciso que fôssemos felizes. Poderíamos, até, ser desgraçados, mas unidos na desgraça por uma desgraça comum. E você me denunciou! Você a quem dediquei tôda a minha vida! Você que se vingava de todos os sêres do mundo, torturando-se e só tendo alma para destruir!

SÍLVIA **(tenta interrompê-lo)** — Elas sempre...

GERALDO **(corta)** — Você vivia forjando novos mundos em que não precisasse ser bela, sem perceber que para mim... eu lhe juro, Sílvia!... quando a conheci, para mim, você era tudo o que eu procurava numa companheira, numa espôsa, numa amiga, numa amante. Mas você nunca percebeu isso porque nunca pôde dedicar alguns minutos à minha vida insignificante. Você estava ocupada com uma "grande tragédia" **(irônico)**. Você era feia. Tôda a tragédia do mundo se resumia em três palavras: você era feia.

SÍLVIA — Geraldo, eu...

GERALDO — Se você tivesse saído, por um instante sequer do seu abismo egoísta, teria percebido que essas mesmas mulheres, que você considerava feias como você, tinham sido as grandes mulheres da História do Mundo. Por que, Sílvia? É que elas tinham algo dentro de si. Elas eram amadas pelo que delas irradiava. Elas permaneceram ao lado do homem amado. Sofriam juntos, sentiam juntos, riam juntos e juntos choravam. Só não denunciavam, não traíam, não delatavam.

SÍLVIA — Por que você casou comigo?

GERALDO — É isso, justamente, que eu queria que você respondesse. Porque, Sílvia? Por quê?

SÍLVIA — As outras mulh...

GERALDO **(corta)** — Então você não percebe que elas nunca representaram nada para mim? Que as outras criaturas, certas de sua beleza, confiantes em seu poder, nunca existiram para mim e nada significavam? Quando você surgiu tão humilhada consigo mesma, tão humilde, tão certa de que ninguém no mundo poderia querê-la, eu a quis, Sílvia. Pra mim. Entende? Você despertou em mim uma ternura infinita.

SÍLVIA **(como num eco)** — Ternura infinita! **(com surda revolta)**. Ternura onde, Geraldo? Quando? Você já esqueceu de como nos conhecemos...

GERALDO — Por acaso... Foi...

SÍLVIA — Quando é que você começa a enxergar, Geraldo? Que acaso? Jamais ocorreu a você que quem armou êsse acaso fui eu?

GERALDO — Mas, Sílvia!

SÍLVIA — E o resto foi mais fácil ainda. Era só cultivar a sua vaidade... "Você é um homem tão diferente, Geraldo!" "Você é um grande homem, Geraldo". Bastava isso para que você quisesse logo provar a sua grandeza. É assim que nós mulheres lidamos com vocês. Em nossa lua de mel... apesar de tudo... você estava tão longe que as suas carícias pareciam torturas. Vinham diluídas na distância...

GERALDO **(dorido e surprêso)** — Foi isso que aquêles dias significaram para você, Sílvia?!... Foi assim que você sentiu nossa lua de mel? Você sabe porque eu casei com você?

SÍLVIA **(alheia)** — Depois vieram as nossas comemorações... que nunca significaram nada para você.

GERALDO — Foi assim que você compreendeu o meu protesto... os meus silêncios? As comemorações... os aniversários... É claro que não podia, eu não queria participar dêles.

SÍLVIA — Porque eram nossos.

GERALDO — Porque eram seus, sòmente seus. Comemorar o que, se você nada sentia? Se você só estava esperando a primeira oportunidade para me denunciar, para se vingar do que nunca lhe fiz?... As comemorações... Muitas vêzes chorei sòzinho.

SÍLVIA **(espantada)** — Você?!

GERALDO — Muitas vêzes chorei sòzinho, comemorei sòzinho. É a coisa mais triste do mundo: um homem chorando sòzinho. Foi sòmente você, Sílvia, quem me fêz descobrir que não era bela como sempre a vi, desde o primeiro instante. Eu a via bela porque tinha mêdo, compreende? O garôto acovardado de ontem, de quem todos riam, depois de homem, tinha mêdo de competir com os outros homens. Uma mulher que todos querem é uma ameaça constante. É preciso disputar, lutar, dominar, vencer... Eu tinha mêdo, Sílvia. Mêdo de competir. Justamente porque ninguém a queria é que eu quis tanto a você... mas você nunca sentiu... Você queria flôres... Não era a flor que você queria. Não, Sílvia. Você só queria as homenagens que elas representam, porque se elas significassem alguma coisa para você, uma prova de amor, eu lhe mandaria tôdas as "corbeilles" do mundo, tôdas as flôres da terra.

SÍLVIA — E você espera que eu acredite nisso, Geraldo?

GERALDO — Agora compreendo até a loucura infantil do contrabandos dos cheques sem fundo, das falências. Eu precisava pro-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412.p-395.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

var a mim mesmo que era capaz de ludibriar todo o resto da humanidade... Se construísse pontes, edifícios... eu continuaria a ser o mesmo menino assustado... eu continuaria a ouvir aqueles risos... Mas ninguém ri de um escroque nem de um contrabandista! **(pausa).** Você sabe por que eu casei com você?

SÍLVIA — Por que, Geraldo?!

GERALDO — Por amor, Sílvia!

SÍLVIA — É mentira!

GERALDO — Por amor!

SÍLVIA **(Analisa-o, de repente começa a rir um riso que se transforma em histérico)**

GERALDO — De que é que você está rindo? **(desesperado).** Por que é que você está rindo?

SÍLVIA **(Sempre rindo amargamente)** — É que eu já estava começando a acreditar em suas palavras. Por um momento cheguei a imaginar que isso fôsse verdade.

GERALDO — Mas é verdade, Sílvia!

SÍLVIA — Não minta Geraldo! Não minta. Eu o denunciei. Pode me torturar, pode me matar, pode fazer comigo o que quiser, mas não minta. Não use essas palavras comigo.

GERALDO — Mas se essas são as palavras que eu sempre usei quando você me permitia falar!

SÍLVIA **(No auge da fúria)** — E você queria que eu acreditasse nelas?... Quem ensinou você a sentir dessa maneira fui eu. Você está usando minhas próprias palavras. Eu nunca fui humilde nem humilhada. Você diz isso porque precisa de mim... porque está doente.

GERALDO — Está enganada, Sílvia. Agora já não preciso de nada.

SÍLVIA — Então você diz isso por pena... Mas pena, não, Geraldo! Eu não quero que ninguém tenha pena de mim! Ninguém! E não creio numa palavra do que você diz!...

GERALDO **(Vai se retirar para dentro de casa)** — Agora já não importa, Sílvia, que ninguém acredite!... **(Sai).**

SÍLVIA **(Fica só e começa a torturar-se numa estranha dúvida. Fala consigo mesma e com o público, ao mesmo tempo).**

Vocês acreditam no que êle disse? Eu não. Deve haver algum motivo. Deve existir alguma razão. Mas evidente! Vejam bem do que um homem é capaz! Envolve-nos com palavras e se a gente não percebe a verdadeira intenção de cada uma...

Tudo que êle diz soa falso. Tudo aquilo só tem, só pode ter um motivo. Êle precisa de mim. Entre nós só existe uma comunhão: — a comunhão de bens. E ÊLE PRECISA DE MIM!

Mas a mim não se engana assim. Vejo sempre o que se esconde por detrás das palavras.

Como se alguém pudesse acreditar que êle sente alguma coisa... que êle sente alguma coisa... por mim... **(ri histèricamente).** Amor... Casou comigo por amor... Como se eu pudesse crer num absur... Como se eu não conhecesse o amor... êsse amor vendido... êsse amor abjeto... Como se eu não soubesse que as pessoas só fingem querer-se quando estão diante dos outros... diante de todo mundo... para que todos pensem que são felizes... para que ninguém possa adivinhar o que se passa, realmente, entre as quatro paredes... quando estão sós... Não. Ninguém sente nada... Ninguém sente nada por ninguém. Sentir... Sentir... Mas... se pudesse ser verd... Será que alguém sente mesmo algo por alguém?

As pessoas sentem mesmo ou fingem que sentem? E se fôsse mesmo verdade tudo o que êle acaba de dizer? Nem seria preciso que tudo fôsse verdade. Bastaria uma frase... Uma palavra... Uma palavra qualquer. Mas por que êsses nervos? Por que estou tão nervosa?... E as passagens? A fuga... **(Telefona).** Quer me chamar a Dulce? As passagens minha querida, estão em nome de quem? COMO??! Obrigada. **(Desligando).** Prá nós! As passagens eram prá nós! **(Pausa).** Já sei. Quer me comprar com uma viagem e depois...

E se fôsse verdade? E se, sendo verdade, eu tivesse deixado passar a minha vida tôda sem perceber que o amor estava tão perto de mim? E se eu tivesse vivido esperando flôres sem perceber que as flô...

Mas por que terá casado comigo um homem como Geraldo! Dinheiro! Dinheiro! eu não tinha.

Beleza? **(Um sorriso de amargura)**... Inteligência... Mas será que alguém se casa por... Mas então... **(gostaria de deixar-se envolver por aquela idéia, mas não permite).** Não. E a fortuna.

(Geraldo entrou vestido para sair).

Êle precisa de alguém que lhe guarde a fortuna enquanto está prêso. Êle precisa de mim. Comunhão de bens. O dinheiro!

GERALDO — Que dinheiro, Sílvia? Já não existe mais nenhuma fortuna. De tudo o que eu possuía só me resta você.

SÍLVIA — Você mente.

GERALDO — Agora já não me importa mais que você acredite. Adeus, Sílvia.

SÍLVIA — Espere, Geraldo. Espere. Onde você vai?

GERALDO — Entregar-me.

(Faz menção de sair pela platéia como se fôsse projetar-se para fora do palco, mas ela o impede em meio do caminho).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.396.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SÍLVIA **(Desesperada)** — Não, Geraldo. Espere. **(Revivem a cena inicial da peça, Ele fica parado como um boneco).**

SÍLVIA — Minhas Senhoras! Senhores? Êste aqui é o meu marido. Um belo homem conforme vêem **(vai engasgando com as lágrimas).** Saudável, trinta dentes e funcionando perfeitamente com certificado de garantia. Anda, respira, come, bebe e fala. Para que um homem como êste goste de uma mulher como eu... **(Abraça-o chorando).**

SÍLVIA **(Tentando acreditar)** — Mas então é verdade?... É verdade mesmo?... As pessoas sentem mesmo? Sentem de verdade?... **(Ela parece pescar o impossível e o inacreditável do mais profundo do seu próprio ser).** Então você me quer mesmo? A mim, Geraldo?... **(Ela faz a pergunta como se fôsse a coisa mais impossível dêste mundo).**

(A música — tema da peça — vem vindo, suavemente, e colabora até o final, quando cresce, violentamente, com as últimas palavras de SÍLVIA. Nas frases seguintes, os dois, que estão separados, vão se aproximando muito lentamente).

GERALDO — A você, Sílvia.

SÍLVIA **(ainda incrédula, com augústia).**

E você sente falta de mim? Eu lhe faço falta?

GERALDO — Muita, Sílvia.

SÍLVIA **(Querendo acreditar à fôrça)** — E você precisa de mim?! Precisa mesmo de mim?

GERALDO — Mesmo, Sílvia.

SÍLVIA **(Referindo-se ao seu físico)** — E você não se importa que eu seja assim como sou?

GERALDO — Eu quero que você seja assim.

SÍLVIA **(Numa angústia desesperada)** — Oh, meu Deus!... E você não me odeia!... **(Abraça-o chorando convulsivamente).** O que eu fiz!... O que eu disse!...

GERALDO **(Suave e terno)** — Eu amo você, Sílvia.

SÍLVIA **(Numa angústia deslumbrada)** — Então é verdade!... É verdade!...

(Está abraçada a êle, chorando. GERALDO se desprende dela, suavemente, desce pela escadinha e vai saindo pela platéia enquanto ela torna a perguntar).

SÍLVIA — Então é verdade?...

GERALDO **(De longe, afastando-se, diz parando por um momento e virando-se para o palco).**

É verdade, SÍLVIA.

(Neste momento ela começa a olhar deslumbrada o infinito, como em êxtase. A alma de SÍLVIA parece ir se iluminando gradativamente).

SÍLVIA — Ah, meus Deus! Tôda essa vida! Todo êsse tempo! Deve ser isto!... Esta angústia... esta ternura... estas lágrimas... êste mêdo... Deve ser isto... **(no auge do deslumbramento, chorando).** Então o amor é isto?!... Obrigada, meu Deus... Então o amor é ISTO!

(Sua fisionomia, neste momento, consegue ser quase bela. Ri e chora, docemente, feliz, enquanto a música chega ao auge e a peça chega ao

FIM

BIBLIOTECA MARCUS MIRANDA

Esta peça só poderá ser representada, no todo ou em parte, seja por que processo fôr, mediante autorização expressa da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412. p. 397.

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada á Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

São Paulo , 10 de Janeiro de 19 77

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasilia D F

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, tres copias da peça
"OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLOR ES"

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Próxima apresentação de SIDNEY CARLOS LILLA

Teatro Cidade SÃO PAULO

Estado

A estréia está prevista para 12 DE FEVEREIRO DE 1977.

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração,

Pela SBAT,

MARIA ELIZA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 398

TEATRO

TÍTULO Os Inimigos Não Usam Flores

Pedro Bloch

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 14 anos

Praça São Paulo — SP

Obs.:

DF. 27 / 01 / 77 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.399

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Título: "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES"

Autor: PEDRO BLOCH

Class. etária: 14 ANOS

Assunto: LEITURA DE "SCRIPT"

Justificativa de impropriedade: "CONFLITO CONJUGAL"

Sílvia, mulher dominadora e Geraldo, narcisista, levam uma vida conjugal de artimanhas e acusações mútuas, e após a separação, descobrem que ainda se amam.

Peça em três atos e com apenas dois personagens que dialogam de modo tenso e dramático durante todo o espetáculo sobre o amor.

A linguagem é simples, correta e isenta de termos grosseiros.

Apesar de enfocar o conflito entre um casal, a obra não apresenta cenas ou situações referentes a sexo.

Destina-se, presumivelmente, a um público com faixa etária acima de catorze anos.

Face ao exposto, sugiro a liberação sem restrições da presente peça para maiores de 14 anos, condicionada a ensaio geral e tendo por justificativa de impropriedade "CONFLITO CONJUGAL".

Fortaleza, 10 de dezembro de 1987

Antônio Leitão Correia
Censor Federal - Mat. 082.2.324.357

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 400.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Título: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES
Autor: PEDRO BLOCK
Classificação etária: 14 ANOS
Justificativa de impropriedade: CONFLITO CONJUGAL
Assunto: LEITURA DE "SCRIPT"

Casal com desvio de personalidade sofre a vida inteira para descobrir, após se separarem, que se amam.

Peça para teatro, composta de 3 atos, com apenas 2 personagens enfocando forte conflito conjugal e existencial.

O final feliz contribue para suavizar a temática abordada. A mensagem é positiva já que mostra o amor como o mais importante dos sentimentos.

A linguagem é correta, clara, prolixa e de fácil entendimento.

Isenta de cenas de relação sexual e de termos pornográficos e considerando o final feliz como culminância da peça, esta sugere um público maior de 14 anos.

Pelo exposto, opinamos pela sua liberação na íntegra com a impropriedade para menores de 14 anos, justificativa acima mencionada e condicionada ao ensaio geral.

Fortaleza, 11 de dezembro de 1987

Maria Lucia Holanda Gurgel do Amaral - TC
Matrícula 2.417.045

SR/DPF/CE - Cód. 12.144 - Papel 24 kg Champion Bond. 10.000 Fls. Dim. 297x210 mm 02/87

SR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p. 401

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Título: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES
Autor: PEDRO BLOCK
Classificação etária 14 ANOS
Just. de Impropriedade: CONFLITO CONJUGAL
Assunto: Leitura de "SCRIPT"

Cumprindo determinação desta chefia analisei a peça em epígrafe e constatei que:

- o enredo mostra que Geraldo e Sílvia vivem agredindo-se mutuamente, cada qual buscando algo em comum e, após se separarem descobrem que se amam.

Mesmo versando sobre briga de casal, a peça apresenta diálogos densos mas isentos de termos grosseiros, de situações de sexo e de insinuações libidinosas. A linguagem é correta e clara. Sua mensagem é positiva, já que mostra em seu decorrer a busca constante pelo verdadeiro amor e o final é feliz.

Poderia ter a chancela LIVRE, mas o grau de tensão dos diálogos sugere um público com razoável grau de amadurecimento para sua compreensão.

Considerando o que foi exposto, sugiro sua liberação para maiores de 14 anos, justificativa : Conflito Conjugal, condicionada ao ensaio geral.

Fortaleza, 11 de dezembro de 1987.

Maria [illegible] Almeida Lima
Técnica de Censura - Matr. 2.417.070

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 04/2, p. 402.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

TÍTULO: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES
AUTOR : PEDRO BLOCK
CLASS.ETÁRIA: 14 ANOS
JUST.IMPROPRIEDADE: CONFLITO CONJUGAL
ASSUNTO: ENSAIO GERAL

Senhora Chefe:

Cumprindo determinação de V.Sa., compareci ao Teatro Universitário onde foi feito o ensaio geral geral da peça "Os inimigos não mandam flores".

Trata-se da vida de um casal, onde os conflitos são constantes. Sílvia, bem mais velha do que Geraldo e desprovida de beleza física, tenta agradar o marido, demonstrando não ser ciumenta e satisfazendo-o nos mínimos detalhes, chegando a irrita-lo. Ela tenta ser amavel, para nao perde-lo, pois acredita que por ser feia, a maneira certa de agir é assim. Para chamar atenção dele, compra flores e envia para ela, como se fosse de um fã, satisfazendo seu ego e ao mesmo tempo, tentando atrair a atenção do marido para ela. Depois de discursões, descobrem que se amam.

Encontramos no teor da peça algo de positivo, a tentativa de sobrevivência do amor, para que atraves de sua existência o casal possa ser feliz.

A linguagem é clara e correta.

O cenario é composto de duas salas com mesas, cadeiras, telefone, jarro com flores e objetos decorativos.

A indumentaria é comum: vestidos, calças e camisas.

A iluminação é dirigida.

Por ser a peça gerada e produzida num clima dramático, sou de parecer que permaneça a faixa etaria estabelecida por esse Serviço, para maiores de 14 anos, considerando que seu público alvo tenha capacidade de discernimento. A esta classificação. o condicionamento ao ensaio geral.

Era o que me cumpria relatar.

Fortaleza, 18 de janeiro de 1988.

Mário Eli Almeida Lima
Agente de Censura - Mat. 2.417.07

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.403

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Título: OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES
Autor: PEDRO BLOCK
Class. etária: 14 ANOS
Just. de impropriedade: CONFLITO CONJUGAL
Assunto: ENSAIO GERAL
Data e hora: 13.01.88, às 16:00 horas, TEATRO UNIVERSITÁRIO

Peça em três atos com apenas dois personagens: Geraldo e Sílvia, um casal em permanente conflito devido ao choque de personalidade de ambos. Ao se separarem, no final, descobrem que se amam.

A linguagem é correta, sóbria e clara com toques de dramaticidade.

A mensagem é positiva já que mostra a luta individual do casal para chegar à perfeição do amor.

A peça é desenvolvida em clima dramático, onde, no seu decorrer, aflora as emoções do casal em conflito, pressupondo um público com razoável grau de amadurecimento para sua compreensão.

O cenário é formal e elegante, composto de duas salas de apartamento da classe média, com mesas, cadeiras, conjunto de sofá, estante com jarro de flores, objetos decorativos e telefone.

O vestuário é normal, elegante e de bom gosto.

As marcações são precisas e corretas e há o recurso de iluminação dirigida.

Considerando o exposto, sugerimos sua liberação na íntegra com a impropriedade para maiores de 14 anos e a justificativa acima mencionada.

Fortaleza, 14 de janeiro de 1988

Maria Lucia Holanda Gurgel do Amaral - TC
Matrícula 2.417.045

SR/DPF/CE - Cód. 12.144 - Papel 24 Kg Champion Bond. 5.000 Fls. Dim. 297x210 mm 11/87

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412, p 404.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

TÍTULO: "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES"
AUTOR: PEDRO BLOCH
CLASS. ETÁRIA: 14 ANOS
JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: "CONFLITO CONJUGAL"
ASSUNTO: ENSAIO GERAL
DATA E LOCAL: 13.01.88 - TEATRO PASCHOAL CARLOS MAGNO

A peça mostra a vida íntima de um casal de boas condições financeiras, cuja união já está abalada por um misto de amor e ódio presente no seu relacionamento e que só vão perceber que realmente se amam após a separação.

O cenário representa uma sala-de-jantar típica de apartamento de classe média alta, com móveis finos e arranjos florais.

Os personagens apresentam-se elegantemente trajados durante todo o transcorrer do espetáculo.

Os diálogos desenvolvem-se num linguajar formal, havendo sempre um respeito mútuo mesmo durante as discussões do casal.

A peça conta com alguns recursos de iluminação, principalmente através de penumbra e jogos de luzes.

Ante o exposto e face a mensagem do texto exigir um certo grau de amadurecimento para a sua compreensão, sugerimos a liberação irrestrita do presente espetáculo para maiores de 14 ANOS, com a seguinte justificativa de impropriedade: "Conflito Conjugal".

Fortaleza, 19 de janeiro de 1988

Antônio Leitão Correia
Censor Federal - Mat. 022.2.324.357

SR/DPF/CE - Cód. 12.144 - Papel 24 Kg Champion Bond. 5.000 Fls. Dim. 297x210 mm 11/87

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0412 p. 405

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 01/88-SCDP/SR/CE

VALIDO EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL

PEÇA " OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES "

ORIGINAL DE PEDRO BLOCK

APROVADO PELA D. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

14 ANOS

" CONFLITO CONJUGAL "

VÁLIDO ATÉ 13 de JANEIRO de 19 93

Fortaleza, ~~Brasília~~, 13 de JANEIRO de 19 88

MARIA IRANILDE DA SILVA BATISTA ETC
Mat. nº. 2 397 403
p/ Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412.p.406

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

Original de PEDRO BLOCK

Tradução de

Adaptação de

Produção de GISELLE MOTA DE PAULA PESSOA

Requerida por GISELLE MOTA DE PAULA PESSOA

Tendo sido censurada em 13 de JANEIRO de 19 88 e recebido a seguinte classificação: 14 ANOS C/JUSTIFICATIVA: " CONFLITO CONJUGAL ". IMPROPRIEDADE CONDICIONADA AO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP/SR/CE.

ENSAIO GERAL
EM 13/01/88

Fortaleza, 13 de JANEIRO de 19 88

Brasília, 13 de JANEIRO de 19 88

SR/CE

MARIA IRANILDE DA SILVA BATISTA - TC
Mat. nº. 2 397 403

p/ Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.407/407

TEATRO

TÍTULO* OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÔRES *

AUTOR DA PEÇA: * PEDRO BLOCH *

1) ARQUIVO

Clas. Anterior * 14 ANOS *

Praça * SCDP/SR/CE *

Obs.:

DF. 22 / FEV... / DE / 1988

Resp. pela elaboração do Processo
Adilson ***

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

1. Em Ordem.

2. ARQUIVE-SE!

Bsb, 02/03/88

Luiz Pedro de Souza
CF - Mat. 2.407.803
Chefe do SCTC/DCDP

Brasília – DF de de 1.9

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.